

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Equivalência e substituição de palavras, locuções, expressões e trechos.

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2024 / Prefeitura de Tabuleiro do Norte - CE / Agente Administrativo / Questão: 1

1. [Q3303270]

TEXTO 1

Até 2050, quase metade da Floresta Amazônica pode entrar num processo de colapso sem chance de recuperação. O motivo para a catástrofe vai muito além do desmatamento: o aumento das temperaturas, secas extremas e incêndios têm causado um estresse sem precedentes à maior floresta tropical do mundo.

O alerta está estampado na capa da renomada revista Nature e vem de um estudo liderado por cientistas brasileiros. A pesquisa, publicada dia 14 de fevereiro de 2024, estima que, nos próximos 25 anos, de 10% a 47% da Amazônia estarão tão impactados que a floresta pode atingir o chamado “ponto de não retorno” — quando ela perde a capacidade de se recuperar em sua totalidade.

"Nosso estudo mostra que, por causa desses distúrbios sobrepostos, parcela de até 47% da Amazônia pode sofrer uma mudança abrupta. A floresta tropical entra num processo de transição para um estado de vegetação diferente", diz Bernardo Flores, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), primeiro autor do estudo.

Mesmo que os distúrbios considerados na pesquisa — aquecimento global, volume de chuvas anuais, intensidade da sazonalidade das chuvas, duração da estação seca e desmatamento — afetem 10% da floresta existente, o cenário seria devastador.

“Se somarmos isso aos 15% de vegetação nativa que já foi perdida, chegaríamos a um total de 25% de destruição. Ou seja, ultrapassaríamos a cota estimada lá atrás pelos estudos de Carlos Nobre, que previa que o ponto de não retorno seria alcançado com 20% de degradação da Amazônia”, ressalta Flores.

Os impactos vão além da perda irreversível de biodiversidade. Na Amazônia brasileira vivem cerca de 25 milhões de pessoas, incluindo povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas. A perda da floresta traria um impacto direto nos meios de subsistência, modos de vida e conhecimentos tradicionais que essas populações acumularam em equilíbrio com a natureza.

A pujança da Floresta Amazônica tem tudo a ver com a oferta de água. Toda a umidade que chega à região vinda do Oceano Atlântico é aproveitada ao máximo: as árvores reciclam com muita eficiência a chuva que cai ali.

Dentre tantos papéis, o de bombear a água para a atmosfera é vital para outros estados do Brasil, já que a umidade “viaja” pelos chamados “rios voadores” e abastece com água zonas importantes para a economia, principalmente para o agronegócio.

Quando a Amazônia perde vegetação, ela passa a produzir menos chuva — e menos chuva significa mais seca, mais estresse, mais perda de floresta. É desta conexão entre a floresta e a chuva que a saúde da Amazônia é altamente dependente.

“A floresta produz chuva, e a chuva mantém a floresta resiliente. Se você enfraquece esse feedback, ou círculo virtuoso, a floresta fica menos resiliente a outros distúrbios e com mais chance de morrer, ou de mudar. É como se ela se reorganizasse rumo ao colapso”, afirma Flores.

Neste contexto de distúrbios, o estudo focou em cinco fatores que provocam estresse hídrico e procurou estimar quais seriam seus limites. Os resultados mostram que um aumento na temperatura média global acima de 1,5° C, volume de chuvas abaixo de 1.800 mm, duração da estação seca superior a cinco meses e desmatamento superior a 10% da cobertura original da floresta, somada à falta de restauração de pelo menos 5% do bioma, seriam os limiares seguros para evitar o ponto de não retorno.

“Outra inovação deste trabalho é que a gente consegue indicar onde estão as áreas que podem sofrer o ponto de não retorno. O pior de tudo é que essa região está no arco do desmatamento, onde a situação é mais grave porque a floresta está mais sensível por, há décadas, ser forçada no limite”, diz Natália Nascimento, única autora da Amazônia, pesquisadora ligada ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP).

As áreas com alta probabilidade estão no norte do Mato Grosso e em Rondônia. A região central do estado do Amazonas também merece muita atenção, alerta Nascimento.

Há 30 anos, o climatologista brasileiro Carlos Nobre e o americano Thomas Lovejoy foram os primeiros a calcular o quanto de desmatamento a Amazônia suportaria sem perder sua capacidade de se regenerar. À época, a estimativa era de que se o corte das árvores chegasse a 40%, o centro, o sul e o leste da Amazônia teriam menos chuvas e uma estação seca mais longa — o que levaria ao ponto de não retorno.

Anos depois, com apoio de mais tecnologia, eles revisaram esse número e chegaram a uma nova estimativa em 2018: se 20-25% da floresta tropical for cortada, o temido ponto crítico pode ser alcançado.

“Houve sem dúvida um grande avanço no entendimento dos riscos do ponto de não retorno. Eu iniciei estas pesquisas, e a publicação dos dois primeiros artigos científicos foi em 1990 e 1991. Era um estudo olhando para o risco do alto desmatamento”, afirma Nobre, que também assina o artigo recente da Nature.

Segundo Flores, a nova pesquisa que ganhou a capa da revista, que teve apoio do Instituto Serrapilheira, inovou ao combinar informações de modelos teóricos, dados empíricos coletados em diferentes regiões da Amazônia, observações de satélite e dados sobre a dinâmica de milhares de anos atrás da vegetação por meio da paleoecologia.

Os registros do passado deixados na vegetação mostram que a floresta tem reinado na Amazônia pelos últimos 65 milhões de anos. A resiliência da vegetação começou a entrar em xeque no começo dos anos 2000, apontam observações feitas via satélite.

Com o desmatamento em cerca de 15% da área original e o aumento médio da temperatura global em 1,5° C registrado em 2023 em comparação com a média pré-Revolução Industrial, a preocupação dos cientistas é grande.

“A continuação do aquecimento global que induz secas severas na Amazônia, como as de 2005, 2010, 2015-16 e a seca recorde de 2023-24, é um elemento-chave do ponto de inflexão. Isso está sinergicamente associado ao desmatamento em grande escala”, comenta Nobre, citando as regiões leste e sul da Amazônia, cobertas por pastagens degradadas.

Maior bioma do país, a Amazônia é abrigo para mais de 10% da biodiversidade terrestre do planeta. Só de plantas, são cerca de 15 mil espécies. Dados de campo mostram que em um hectare pode haver 300 espécies de árvores, segundo Flores.

Quando Nobre iniciou os estudos sobre o ponto de não retorno da floresta, o termo “savanização” da Amazônia foi adotado para indicar que a mata densa sumiria e daria lugar a uma vegetação mais pobre. Com o avanço dos estudos, os cientistas preferem abolir esse termo.

“É importante não usar mais 'savanização’ na Amazônia. Grande parte da mudança deve gerar ecossistemas degradados, e não se pode chamar isso de savana. As pessoas que trabalham com savanas ficam incomodadas. Temos que chamar de degradação da Amazônia, é mais apropriado”, sugere Flores, lembrando que a savana mais biodiversa do mundo também está no Brasil, o bioma Cerrado.

Carlos Nobre concorda. “Eu criei o termo há cerca de 30 anos, mas as savanas tropicais ao sul e ao norte da Floresta Amazônica são muito ricas em biodiversidade e grande quantidade de armazenamento de carbono”, afirma.

Os novos ecossistemas degradados, que dominarão o cenário caso o ponto de não retorno seja atingido. terão pouca cobertura de copas de árvores, baixa biodiversidade e pouco armazenamento de carbono, indica o estudo da Nature.

PONTES, Nádía. Amazônia pode entrar em colapso em 2050, diz pesquisa. In: Deutsche Welle. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/amazônia-pode-entrar-em-colapso-em-2050-diz-pesquisa-na-revista-nature/a-68255773/>>. Último acesso em 15 de fevereiro de 2024, (Adaptado)

Em “Nosso estudo mostra que, por causa desses distúrbios sobrepostos, parcela de até 47% da Amazônia pode sofrer uma mudança abrupta”, a palavra destacada pode ser substituída, sem prejuízo semântico, por:

- a) Grave.
- b) Repentina.
- c) Inimaginável.
- d) Sem precedente.

2. [Q3303273]

TEXTO 1

Até 2050, quase metade da Floresta Amazônica pode entrar num processo de colapso sem chance de recuperação. O motivo para a catástrofe vai muito além do desmatamento: o aumento das temperaturas, secas extremas e incêndios têm causado um estresse sem precedentes à maior floresta tropical do mundo.

O alerta está estampado na capa da renomada revista Nature e vem de um estudo liderado por cientistas brasileiros. A pesquisa, publicada dia 14 de fevereiro de 2024, estima que, nos próximos 25 anos, de 10% a 47% da Amazônia estarão tão impactados que a floresta pode atingir o chamado “ponto de não retorno” — quando ela perde a capacidade de se recuperar em sua totalidade.

"Nosso estudo mostra que, por causa desses distúrbios sobrepostos, parcela de até 47% da Amazônia pode sofrer uma mudança abrupta. A floresta tropical entra num processo de transição para um estado de vegetação diferente", diz Bernardo Flores, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), primeiro autor do estudo.

Mesmo que os distúrbios considerados na pesquisa — aquecimento global, volume de chuvas anuais, intensidade da sazonalidade das chuvas, duração da estação seca e desmatamento — afetem 10% da floresta existente, o cenário seria devastador.

“Se somarmos isso aos 15% de vegetação nativa que já foi perdida, chegaríamos a um total de 25% de destruição. Ou seja, ultrapassaríamos a cota estimada lá atrás pelos estudos de Carlos Nobre, que previa que o ponto de não retorno seria alcançado com 20% de degradação da Amazônia”, ressalta Flores.

Os impactos vão além da perda irreversível de biodiversidade. Na Amazônia brasileira vivem cerca de 25 milhões de pessoas, incluindo povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas. A perda da floresta traria um impacto direto nos meios de subsistência, modos de vida e conhecimentos tradicionais que essas populações acumularam em equilíbrio com a natureza.

A pujança da Floresta Amazônica tem tudo a ver com a oferta de água. Toda a umidade que chega à região vinda do Oceano Atlântico é aproveitada ao máximo: as árvores reciclam com muita eficiência a chuva que cai ali.

Dentre tantos papéis, o de bombear a água para a atmosfera é vital para outros estados do Brasil, já que a umidade “viaja” pelos chamados “rios voadores” e abastece com água zonas importantes para a economia, principalmente para o agronegócio.

Quando a Amazônia perde vegetação, ela passa a produzir menos chuva — e menos chuva significa mais seca, mais estresse, mais perda de floresta. É desta conexão entre a floresta e a chuva que a saúde da Amazônia é altamente dependente.

“A floresta produz chuva, e a chuva mantém a floresta resiliente. Se você enfraquece esse feedback, ou círculo virtuoso, a floresta fica menos resiliente a outros distúrbios e com mais chance de morrer, ou de mudar. É como se ela se reorganizasse rumo ao colapso”, afirma Flores.

Neste contexto de distúrbios, o estudo focou em cinco fatores que provocam estresse hídrico e procurou estimar quais seriam seus limites. Os resultados mostram que um aumento na temperatura média global acima de 1,5° C, volume de chuvas abaixo de 1.800 mm, duração da estação seca superior a cinco meses e desmatamento superior a 10% da cobertura original da floresta, somada à falta de restauração de pelo menos 5% do bioma, seriam os limiares seguros para evitar o ponto de não retorno.

“Outra inovação deste trabalho é que a gente consegue indicar onde estão as áreas que podem sofrer o ponto de não retorno. O pior de tudo é que essa região está no arco do desmatamento, onde a situação é mais grave porque a floresta está mais sensível por, há décadas, ser forçada no limite”, diz Natália Nascimento, única autora da Amazônia, pesquisadora ligada ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP).

As áreas com alta probabilidade estão no norte do Mato Grosso e em Rondônia. A região central do estado do Amazonas também merece muita atenção, alerta Nascimento.

Há 30 anos, o climatologista brasileiro Carlos Nobre e o americano Thomas Lovejoy foram os primeiros a calcular o quanto de desmatamento a Amazônia suportaria sem perder sua capacidade de se regenerar. À época, a estimativa era de que se o corte das árvores chegasse a 40%, o centro, o sul e o leste da Amazônia teriam menos chuvas e uma estação seca mais longa — o que levaria ao ponto de não retorno.

Anos depois, com apoio de mais tecnologia, eles revisaram esse número e chegaram a uma nova estimativa em 2018: se 20-25% da floresta tropical for cortada, o temido ponto crítico pode ser alcançado.

“Houve sem dúvida um grande avanço no entendimento dos riscos do ponto de não retorno. Eu iniciei estas pesquisas, e a publicação dos dois primeiros artigos científicos foi em 1990 e 1991. Era um estudo olhando para o risco do alto desmatamento”, afirma Nobre, que também assina o artigo recente da Nature.

Segundo Flores, a nova pesquisa que ganhou a capa da revista, que teve apoio do Instituto Serrapilheira, inovou ao combinar informações de modelos teóricos, dados empíricos coletados em diferentes regiões da Amazônia, observações de satélite e dados sobre a dinâmica de milhares de anos atrás da vegetação por meio da paleoecologia.

Os registros do passado deixados na vegetação mostram que a floresta tem reinado na Amazônia pelos últimos 65 milhões de anos. A resiliência da vegetação começou a entrar em xeque no começo dos anos 2000, apontam observações feitas via satélite.

Com o desmatamento em cerca de 15% da área original e o aumento médio da temperatura global em 1,5° C registrado em 2023 em comparação com a média pré-Revolução Industrial, a preocupação dos cientistas é grande.

“A continuação do aquecimento global que induz secas severas na Amazônia, como as de 2005, 2010, 2015-16 e a seca recorde de 2023-24, é um elemento-chave do ponto de inflexão. Isso está sinergicamente associado ao desmatamento em grande escala”, comenta Nobre, citando as regiões leste e sul da Amazônia, cobertas por pastagens degradadas.

Maior bioma do país, a Amazônia é abrigo para mais de 10% da biodiversidade terrestre do planeta. Só de plantas, são cerca de 15 mil espécies. Dados de campo mostram que em um hectare pode haver 300 espécies de árvores, segundo Flores.

Quando Nobre iniciou os estudos sobre o ponto de não retorno da floresta, o termo “savanização” da Amazônia foi adotado para indicar que a mata densa sumiria e daria lugar a uma vegetação mais pobre. Com o avanço dos estudos, os cientistas preferem abolir esse termo.

“É importante não usar mais 'savanização’ na Amazônia. Grande parte da mudança deve gerar ecossistemas degradados, e não se pode chamar isso de savana. As pessoas que trabalham com savanas ficam incomodadas. Temos que chamar de degradação da Amazônia, é mais apropriado”, sugere Flores, lembrando que a savana mais biodiversa do mundo também está no Brasil, o bioma Cerrado.

Carlos Nobre concorda. “Eu criei o termo há cerca de 30 anos, mas as savanas tropicais ao sul e ao norte da Floresta Amazônica são muito ricas em biodiversidade e grande quantidade de armazenamento de carbono”, afirma.

Os novos ecossistemas degradados, que dominarão o cenário caso o ponto de não retorno seja atingido, terão pouca cobertura de copas de árvores, baixa biodiversidade e pouco armazenamento de carbono, indica o estudo da Nature.

PONTES, Nádia. Amazônia pode entrar em colapso em 2050, diz pesquisa. In: Deutsche Welle. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/amazônia-pode-entrar-em-colapso-em-2050-diz-pesquisa-na-revista-nature/a-68255773/>>. Último acesso em 15 de fevereiro de 2024, (Adaptado)

No texto, a expressão 'floresta resiliente' significa:

- a) Floresta desgastada pelo desmatamento.
- b) Floresta na fase de colapso.
- c) Floresta que tem a capacidade de voltar à sua forma original.
- d) Floresta onde o homem não penetrou.

Até 2050, quase metade da Floresta Amazônica pode entrar num processo de colapso sem chance de recuperação. O motivo para a catástrofe vai muito além do desmatamento: o aumento das temperaturas, secas extremas e incêndios têm causado um estresse sem precedentes à maior floresta tropical do mundo.

O alerta está estampado na capa da renomada revista Nature e vem de um estudo liderado por cientistas brasileiros. A pesquisa, publicada dia 14 de fevereiro de 2024, estima que, nos próximos 25 anos, de 10% a 47% da Amazônia estarão tão impactados que a floresta pode atingir o chamado “ponto de não retorno” — quando ela perde a capacidade de se recuperar em sua totalidade.

"Nosso estudo mostra que, por causa desses distúrbios sobrepostos, parcela de até 47% da Amazônia pode sofrer uma mudança abrupta. A floresta tropical entra num processo de transição para um estado de vegetação diferente", diz Bernardo Flores, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), primeiro autor do estudo.

Mesmo que os distúrbios considerados na pesquisa — aquecimento global, volume de chuvas anuais, intensidade da sazonalidade das chuvas, duração da estação seca e desmatamento — afetem 10% da floresta existente, o cenário seria devastador.

“Se somarmos isso aos 15% de vegetação nativa que já foi perdida, chegaríamos a um total de 25% de destruição. Ou seja, ultrapassaríamos a cota estimada lá atrás pelos estudos de Carlos Nobre, que previa que o ponto de não retorno seria alcançado com 20% de degradação da Amazônia”, ressalta Flores.

Os impactos vão além da perda irreversível de biodiversidade. Na Amazônia brasileira vivem cerca de 25 milhões de pessoas, incluindo povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas. A perda da floresta traria um impacto direto nos meios de subsistência, modos de vida e conhecimentos tradicionais que essas populações acumularam em equilíbrio com a natureza.

A pujança da Floresta Amazônica tem tudo a ver com a oferta de água. Toda a umidade que chega à região vinda do Oceano Atlântico é aproveitada ao máximo: as árvores reciclam com muita eficiência a chuva que cai ali.

Dentre tantos papéis, o de bombear a água para a atmosfera é vital para outros estados do Brasil, já que a umidade “viaja” pelos chamados “rios voadores” e abastece com água zonas importantes para a economia, principalmente para o agronegócio.

Quando a Amazônia perde vegetação, ela passa a produzir menos chuva — e menos chuva significa mais seca, mais estresse, mais perda de floresta. É desta conexão entre a floresta e a chuva que a saúde da Amazônia é altamente dependente.

“A floresta produz chuva, e a chuva mantém a floresta resiliente. Se você enfraquece esse feedback, ou circulo virtuoso, a floresta fica menos resiliente a outros distúrbios e com mais chance de morrer, ou de mudar. É como se ela se reorganizasse rumo ao colapso”, afirma Flores.

Neste contexto de distúrbios, o estudo focou em cinco fatores que provocam estresse hídrico e procurou estimar quais seriam seus limites. Os resultados mostram que um aumento na temperatura média global acima de 1,5° C, volume de chuvas abaixo de 1.800 mm, duração da estação seca superior a cinco meses e desmatamento superior a 10% da cobertura original da floresta, somada à falta de restauração de pelo menos 5% do bioma, seriam os limiares seguros para evitar o ponto de não retorno.

“Outra inovação deste trabalho é que a gente consegue indicar onde estão as áreas que podem sofrer o ponto de não retorno. O pior de tudo é que essa região está no arco do desmatamento, onde a situação é mais grave porque a floresta está mais sensível por, há décadas, ser forçada no limite”, diz Natália Nascimento, única autora da Amazônia, pesquisadora ligada ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP).

As áreas com alta probabilidade estão no norte do Mato Grosso e em Rondônia. A região central do estado do Amazonas também merece muita atenção, alerta Nascimento.

Há 30 anos, o climatologista brasileiro Carlos Nobre e o americano Thomas Lovejoy foram os primeiros a calcular o quanto de desmatamento a Amazônia suportaria sem perder sua capacidade de se regenerar. À época, a estimativa era de que se o corte das árvores chegasse a 40%, o centro, o sul e o leste da Amazônia teriam menos chuvas e uma estação seca mais longa — o que levaria ao ponto de não retorno.

Anos depois, com apoio de mais tecnologia, eles revisaram esse número e chegaram a uma nova estimativa em 2018: se 20-25% da floresta tropical for cortada, o temido ponto crítico pode ser alcançado.

“Houve sem dúvida um grande avanço no entendimento dos riscos do ponto de não retorno. Eu iniciei estas pesquisas, e a publicação dos dois primeiros artigos científicos foi em 1990 e 1991. Era um estudo olhando para o risco do alto desmatamento”, afirma Nobre, que também assina o artigo recente da Nature.

Segundo Flores, a nova pesquisa que ganhou a capa da revista, que teve apoio do Instituto Serrapilheira, inovou ao combinar informações de modelos teóricos, dados empíricos coletados em diferentes regiões da Amazônia, observações de satélite e dados sobre a dinâmica de milhares de anos atrás da vegetação por meio da paleoecologia.

Os registros do passado deixados na vegetação mostram que a floresta tem reinado na Amazônia pelos últimos 65 milhões de anos. A resiliência da vegetação começou a entrar em xeque no começo dos anos 2000, apontam observações feitas via satélite.

Com o desmatamento em cerca de 15% da área original e o aumento médio da temperatura global em 1,5° C registrado em 2023 em comparação com a média pré-Revolução Industrial, a preocupação dos cientistas é grande.

“A continuação do aquecimento global que induz secas severas na Amazônia, como as de 2005, 2010, 2015-16 e a seca recorde de 2023-24, é um elemento-chave do ponto de inflexão. Isso está sinergicamente associado ao desmatamento em grande escala”, comenta Nobre, citando as regiões leste e sul da Amazônia, cobertas por pastagens degradadas.

Maior bioma do país, a Amazônia é abrigo para mais de 10% da biodiversidade terrestre do planeta. Só de plantas, são cerca de 15 mil espécies. Dados de campo mostram que em um hectare pode haver 300 espécies de árvores, segundo Flores.

Quando Nobre iniciou os estudos sobre o ponto de não retorno da floresta, o termo “savanização” da Amazônia foi adotado para indicar que a mata densa sumiria e daria lugar a uma vegetação mais pobre. Com o avanço dos estudos, os cientistas preferem abolir esse termo.

“É importante não usar mais 'savanização’ na Amazônia. Grande parte da mudança deve gerar ecossistemas degradados, e não se pode chamar isso de savana. As pessoas que trabalham com savanas ficam incomodadas. Temos que chamar de degradação da Amazônia, é mais apropriado”, sugere Flores, lembrando que a savana mais biodiversa do mundo também está no Brasil, o bioma Cerrado.

Carlos Nobre concorda. “Eu criei o termo há cerca de 30 anos, mas as savanas tropicais ao sul e ao norte da Floresta Amazônica são muito ricas em biodiversidade e grande quantidade de armazenamento de carbono”, afirma.

Os novos ecossistemas degradados, que dominarão o cenário caso o ponto de não retorno seja atingido. terão pouca cobertura de copas de árvores, baixa biodiversidade e pouco armazenamento de carbono, indica o estudo da Nature.

PONTES, Nádia. Amazônia pode entrar em colapso em 2050, diz pesquisa. In: Deutsche Welle. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/amazonia-pode-entrar-em-colapso-em-2050-diz-pesquisa-na-revista-nature/a-68255773/>>. Último acesso em 15 de fevereiro de 2024, (Adaptado)

No trecho: “A pujança da Floresta Amazônica tem tudo a ver com a oferta de água”, o termo destacado se refere à:

- a) Riqueza da Floresta Amazônica.
- b) Complexidade da Floresta Amazônica.
- c) Problemática da Floresta Amazônica.
- d) Singularidade da Floresta Amazônica.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Valores semânticos das preposições > Preposição

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2024 / Prefeitura de Tabuleiro do Norte - CE / Agente Administrativo / Questão: 5

4. [Q3303297]

TEXTO 1

Até 2050, quase metade da Floresta Amazônica pode entrar num processo de colapso sem chance de recuperação. O motivo para a catástrofe vai muito além do desmatamento: o aumento das temperaturas, secas extremas e incêndios têm causado um estresse sem precedentes à maior floresta tropical do mundo.

O alerta está estampado na capa da renomada revista Nature e vem de um estudo liderado por cientistas brasileiros. A pesquisa, publicada dia 14 de fevereiro de 2024, estima que, nos próximos 25 anos, de 10% a 47% da Amazônia estarão tão impactados que a floresta pode atingir o chamado “ponto de não retorno” — quando ela perde a capacidade de se recuperar em sua totalidade.

"Nosso estudo mostra que, por causa desses distúrbios sobrepostos, parcela de até 47% da Amazônia pode sofrer uma mudança abrupta. A floresta tropical entra num processo de transição para um estado de vegetação diferente", diz Bernardo Flores, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), primeiro autor do estudo.

Mesmo que os distúrbios considerados na pesquisa — aquecimento global, volume de chuvas anuais, intensidade da sazonalidade das chuvas, duração da estação seca e desmatamento — afetem 10% da floresta existente, o cenário seria devastador.

“Se somarmos isso aos 15% de vegetação nativa que já foi perdida, chegaríamos a um total de 25% de destruição. Ou seja, ultrapassaríamos a cota estimada lá atrás pelos estudos de Carlos Nobre, que previa que o ponto de não retorno seria alcançado com 20% de degradação da Amazônia”, ressalta Flores.

Os impactos vão além da perda irreversível de biodiversidade. Na Amazônia brasileira vivem cerca de 25 milhões de pessoas, incluindo povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas. A perda da floresta traria um impacto direto nos meios de subsistência, modos de vida e conhecimentos tradicionais que essas populações acumularam em equilíbrio com a natureza.

A pujança da Floresta Amazônica tem tudo a ver com a oferta de água. Toda a umidade que chega à região vinda do Oceano Atlântico é aproveitada ao máximo: as árvores reciclam com muita eficiência a chuva que cai ali.

Dentre tantos papéis, o de bombear a água para a atmosfera é vital para outros estados do Brasil, já que a umidade “viaja” pelos chamados “rios voadores” e abastece com água zonas importantes para a economia, principalmente para o agronegócio.

Quando a Amazônia perde vegetação, ela passa a produzir menos chuva — e menos chuva significa mais seca, mais estresse, mais perda de floresta. É desta conexão entre a floresta e a chuva que a saúde da Amazônia é altamente dependente.

“A floresta produz chuva, e a chuva mantém a floresta resiliente. Se você enfraquece esse feedback, ou círculo virtuoso, a floresta fica menos resiliente a outros distúrbios e com mais chance de morrer, ou de mudar. É como se ela se reorganizasse rumo ao colapso”, afirma Flores.

Neste contexto de distúrbios, o estudo focou em cinco fatores que provocam estresse hídrico e procurou estimar quais seriam seus limites. Os resultados mostram que um aumento na temperatura média global acima de 1,5° C, volume de chuvas abaixo de 1.800 mm, duração da estação seca superior a cinco meses e desmatamento superior a 10% da cobertura original da floresta, somada à falta de restauração de pelo menos 5% do bioma, seriam os limiares seguros para evitar o ponto de não retorno.

“Outra inovação deste trabalho é que a gente consegue indicar onde estão as áreas que podem sofrer o ponto de não retorno. O pior de tudo é que essa região está no arco do desmatamento, onde a situação é mais grave porque a floresta está mais sensível por, há décadas, ser forçada no limite”, diz Natália Nascimento, única autora da Amazônia, pesquisadora ligada ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP).

As áreas com alta probabilidade estão no norte do Mato Grosso e em Rondônia. A região central do estado do Amazonas também merece muita atenção, alerta Nascimento.

Há 30 anos, o climatologista brasileiro Carlos Nobre e o americano Thomas Lovejoy foram os primeiros a calcular o quanto de desmatamento a Amazônia suportaria sem perder sua capacidade de se regenerar. À época, a estimativa era de que se o corte das árvores chegasse a 40%, o centro, o sul e o leste da Amazônia teriam menos chuvas e uma estação seca mais longa — o que levaria ao ponto de não retorno.

Anos depois, com apoio de mais tecnologia, eles revisaram esse número e chegaram a uma nova estimativa em 2018: se 20-25% da floresta tropical for cortada, o temido ponto crítico pode ser alcançado.

“Houve sem dúvida um grande avanço no entendimento dos riscos do ponto de não retorno. Eu iniciei estas pesquisas, e a publicação dos dois primeiros artigos científicos foi em 1990 e 1991. Era um estudo olhando para o risco do alto desmatamento”, afirma Nobre, que também assina o artigo recente da Nature.

Segundo Flores, a nova pesquisa que ganhou a capa da revista, que teve apoio do Instituto Serrapilheira, inovou ao combinar informações de modelos teóricos, dados empíricos coletados em diferentes regiões da Amazônia, observações de satélite e dados sobre a dinâmica de milhares de anos atrás da vegetação por meio da paleoecologia.

Os registros do passado deixados na vegetação mostram que a floresta tem reinado na Amazônia pelos últimos 65 milhões de anos. A resiliência da vegetação começou a entrar em xeque no começo dos anos 2000, apontam observações feitas via satélite.

Com o desmatamento em cerca de 15% da área original e o aumento médio da temperatura global em 1,5° C registrado em 2023 em comparação com a média pré-Revolução Industrial, a preocupação dos cientistas é grande.

“A continuação do aquecimento global que induz secas severas na Amazônia, como as de 2005, 2010, 2015-16 e a seca recorde de 2023-24, é um elemento-chave do ponto de inflexão. Isso está sinergicamente associado ao desmatamento em grande escala”, comenta Nobre, citando as regiões leste e sul da Amazônia, cobertas por pastagens degradadas.

Maior bioma do país, a Amazônia é abrigo para mais de 10% da biodiversidade terrestre do planeta. Só de plantas, são cerca de 15 mil espécies. Dados de campo mostram que em um hectare pode haver 300 espécies de árvores, segundo Flores.

Quando Nobre iniciou os estudos sobre o ponto de não retorno da floresta, o termo “savanização” da Amazônia foi adotado para indicar que a mata densa sumiria e daria lugar a uma vegetação mais pobre. Com o avanço dos estudos, os cientistas preferem abolir esse termo.

“É importante não usar mais 'savanização’ na Amazônia. Grande parte da mudança deve gerar ecossistemas degradados, e não se pode chamar isso de savana. As pessoas que trabalham com savanas ficam incomodadas. Temos que chamar de degradação da Amazônia, é mais apropriado”, sugere Flores, lembrando que a savana mais biodiversa do mundo também está no Brasil, o bioma Cerrado.

Carlos Nobre concorda. “Eu criei o termo há cerca de 30 anos, mas as savanas tropicais ao sul e ao norte da Floresta Amazônica são muito ricas em biodiversidade e grande quantidade de armazenamento de carbono”, afirma.

Os novos ecossistemas degradados, que dominarão o cenário caso o ponto de não retorno seja atingido, terão pouca cobertura de copas de árvores, baixa biodiversidade e pouco armazenamento de carbono, indica o estudo da Nature.

PONTES, Nádia. Amazônia pode entrar em colapso em 2050, diz pesquisa. In: Deutsche Welle. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/amazônia-pode-entrar-em-colapso-em-2050-diz-pesquisa-na-revista-nature/a-68255773/>>. Último acesso em 15 de fevereiro de 2024, (Adaptado)

Leia o seguinte trecho:

“O pior de tudo é que essa região está no arco do desmatamento, onde a situação é mais grave porque a floresta está mais sensível por, há décadas, ser forçada no limite”

A preposição destacada no trecho acima denota:

- a) Tempo, duração.
- b) Modo.
- c) Meio.
- d) Causa, motivo.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Orações subordinadas adverbiais comparativas > Orações subordinadas adverbiais finais > Orações subordinadas adverbiais consecutivas > Orações coordenadas adversativas > Orações subordinadas adverbiais condicionais

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Motorista / Questão: 7

5. [Q3125974]

TEXTO

Consegue imaginar uma superfície bidimensional com apenas um lado? Esse estranho objeto que desafia o senso comum existe e é a fita de Möbius. Pode parecer absurdo, mas, se uma formiga caminhasse ao longo dessa fita, percorreria tanto a parte interna quanto a externa sem precisar saltar de um lado para outro. Não acredita? Siga o passo a passo em algum tutorial para montar a fita de Möbius, passe o dedo pela superfície dela e vai perceber que seu dedo vai voltar ao lugar de partida sem que seja preciso levantá-lo da fita.

Esse objeto surpreendente foi descrito, de forma independente, porém no mesmo ano de 1858, por dois matemáticos alemães, August Ferdinand Möbius e Johann Benedict Listing. De fato, Listing descreveu a fita alguns meses antes de Möbius, mas sua pesquisa foi publicada apenas em 1861. Além disso, Möbius era um cientista de maior prestígio naquela época, e seu nome prevaleceu na história.

Möbius e Listing foram pioneiros do campo da topologia, uma disciplina que estuda as propriedades dos objetos geométricos e suas características frente a forças que causam deformações, ou seja, como esses objetos podem ser torcidos, esticados, amassados e dobrados. O grande matemático Leonhard Euler foi o fundador da topologia, mas o estudo da fita de Möbius e suas curiosas características promoveu grandes avanços nessa área. As fitas de Möbius recebem uma classificação exclusiva na topologia, elas são objetos não-orientáveis. Explicando de forma simples, isso quer dizer que se desenharmos uma seta sobre ela, não podemos concluir se a seta está apontando para cima ou para baixo.

Möbius era filho de um professor de dança, que faleceu quando o menino tinha apenas 3 anos. Sua mãe era descendente direta de Martinho Lutero e educou o futuro matemático em casa até os 13 anos. A partir daí, Möbius começou a frequentar a escola no famoso monastério de Pforta, na Saxônia. Desde cedo, demonstrou afinidade pela matemática, mas, como sua família o pressionava para que seguisse uma carreira no Direito, iniciou seus estudos nessa área na prestigiosa Universidade de Leipzig. Foi lá que conheceu o matemático e astrônomo Karl Mollweide, e não teve dúvidas: trocou seu curso de estudos para astronomia e matemática. Mollweide era um cientista brilhante e foi grande influência na carreira de Möbius. Após se formar, ainda teve a fortuna de trabalhar na Universidade de Göttingen com ninguém menos que Carl Friedrich Gauss, o “Príncipe da Matemática”.

A carreira acadêmica de Möbius teve altos e baixos, em grande parte devido a sua timidez. Apesar de receber ofertas de instituições menos prestigiosas, ele almejava uma posição de professor titular na Universidade de Leipzig, mas as coisas não aconteceram como planejava. Ele não era visto como um orador talentoso, e suas palestras e cursos não atraíam muitos alunos. Apesar de trabalhar na Universidade de Leipzig desde 1816, ele foi nomeado professor titular apenas em 1844. Möbius também era astrônomo do Observatório de Leipzig, onde fez inúmeras contribuições para a astronomia, no ramo que estuda os movimentos dos corpos celestes. Por isso, o cientista tem seu nome associado a diversas contribuições na matemática, como a Fórmula de Inversão de Möbius e a Função de Möbius, mas sua mais famosa descoberta, a fita de Möbius foi feita enquanto trabalhava em um outro desafio proposto pela “Académie des Sciences” da França: sobre a teoria geométrica dos poliedros.

Apesar de ser um matemático brilhante, a coincidência acerca da descoberta da fita ter sido feita por Möbius e Listing com apenas alguns meses de diferença pode não ter sido fruto do acaso. Os dois cientistas haviam sido alunos de Gauss, que por sua vez tinha o hábito de não publicar ou desenvolver todas as suas ideias. Em relação aos seus resultados, seu lema era *Pauca sed matura* (Poucos, mas maduros), ou seja, ele só publicava quando estava inteiramente satisfeito. Assim, uma grande parte dos seus trabalhos só foi descoberta após a sua morte. Muitos autores e historiadores atuais acreditam que a ideia original da fita veio de Gauss, e os dois cientistas desenvolveram o conceito.

Hoje em dia as aplicações da fita de Möbius vão muito além do que Möbius e Listing poderiam ter imaginado. Esse conceito pode ser usado não só em esteiras de aeroportos mas também em escadas rolantes de shoppings, para garantir que o desgaste aconteça de maneira uniforme e aumente a vida útil do equipamento; em fitas magnéticas que permitem a gravação e reprodução contínua de áudio; fitas de impressora ou de máquinas de datilografar; em resistores que não geram interferência magnética; na pesquisa de supercondutores; em estruturas de grafeno para componentes de nanoeletrônica, etc. A topologia também já esteve presente em pesquisas agraciadas com o prêmio Nobel, sendo o mais recente o Nobel da Física em 2016, que descreveu novos estados da matéria, com implicações importantes para o desenvolvimento de supercondutores e superfluidos.

Além das aplicações tecnológicas, essa estranha fita tem servido de inspiração para artistas, como o artista gráfico holandês M.C. Escher, com suas obras que desafiam nossa percepção. E para casais apaixonados, que veem a fita de Möbius como um símbolo do amor eterno, um caminho sem fim, que aparenta ter dois lados, mas só tem um.

“Apesar de ser um matemático brilhante, a coincidência acerca da descoberta da fita ter sido feita por Möbius e Listing com apenas alguns meses de diferença pode não ter sido fruto do acaso”.

No fragmento acima, a oração em destaque introduz uma relação de:

- a) Oposição.
- b) Condição.
- c) Comparação.
- d) Finalidade.
- e) Consequência.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Mecanismos de coesão textual

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Motorista / Questão: 10

6. [Q3125977]

TEXTO

Consegue imaginar uma superfície bidimensional com apenas um lado? Esse estranho objeto que desafia o senso comum existe e é a fita de Möbius. Pode parecer absurdo, mas, se uma formiga caminhasse ao longo dessa fita, percorreria tanto a parte interna quanto a externa sem precisar saltar de um lado para outro. Não acredita? Siga o passo a passo em algum tutorial para montar a fita de Möbius, passe o dedo pela superfície dela e vai perceber que seu dedo vai voltar ao lugar de partida sem que seja preciso levantá-lo da fita.

Esse objeto surpreendente foi descrito, de forma independente, porém no mesmo ano de 1858, por dois matemáticos alemães, August Ferdinand Möbius e Johann Benedict Listing. De fato, Listing descreveu a fita alguns meses antes de Möbius, mas sua pesquisa foi publicada apenas em 1861. Além disso, Möbius era um cientista de maior prestígio naquela época, e seu nome prevaleceu na história.

Möbius e Listing foram pioneiros do campo da topologia, uma disciplina que estuda as propriedades dos objetos geométricos e suas características frente a forças que causam deformações, ou seja, como esses objetos podem ser torcidos, esticados, amassados e dobrados. O grande matemático Leonhard Euler foi o fundador da topologia, mas o estudo da fita de Möbius e suas curiosas características promoveu grandes avanços nessa área. As fitas de Möbius recebem uma classificação exclusiva na topologia, elas são objetos não-orientáveis. Explicando de forma simples, isso quer dizer que se desenharmos uma seta sobre ela, não podemos concluir se a seta está apontando para cima ou para baixo.

Möbius era filho de um professor de dança, que faleceu quando o menino tinha apenas 3 anos. Sua mãe era descendente direta de Martinho Lutero e educou o futuro matemático em casa até os 13 anos. A partir daí, Möbius começou a frequentar a escola no famoso monastério de Pforta, na Saxônia. Desde cedo, demonstrou afinidade pela matemática, mas, como sua família o pressionava para que seguisse uma carreira no Direito, iniciou seus estudos nessa área na prestigiosa Universidade de Leipzig. Foi lá que conheceu o matemático e astrônomo Karl Mollweide, e não teve dúvidas: trocou seu curso de estudos para astronomia e matemática. Mollweide era um cientista brilhante e foi grande influência na carreira de Möbius. Após se formar, ainda teve a fortuna de trabalhar na Universidade de Göttingen com ninguém menos que Carl Friedrich Gauss, o “Príncipe da Matemática”.

A carreira acadêmica de Möbius teve altos e baixos, em grande parte devido a sua timidez. Apesar de receber ofertas de instituições menos prestigiosas, ele almejava uma posição de professor titular na Universidade de Leipzig, mas as coisas não aconteceram como planejava. Ele não era visto como um orador talentoso, e suas palestras e cursos não atraíam muitos alunos. Apesar de trabalhar na Universidade de Leipzig desde 1816, ele foi nomeado professor titular apenas em 1844. Möbius também era astrônomo do Observatório de Leipzig, onde fez inúmeras contribuições para a astronomia, no ramo que estuda os movimentos dos corpos celestes. Por isso, o cientista tem seu nome associado a diversas contribuições na matemática, como a Fórmula de Inversão de Möbius e a Função de Möbius, mas sua mais famosa descoberta, a fita de Möbius foi feita enquanto trabalhava em um outro desafio proposto pela “Académie des Sciences” da França: sobre a teoria geométrica dos poliedros.

Apesar de ser um matemático brilhante, a coincidência acerca da descoberta da fita ter sido feita por Möbius e Listing com apenas alguns meses de diferença pode não ter sido fruto do acaso. Os dois cientistas haviam sido alunos de Gauss, que por sua vez tinha o hábito de não publicar ou desenvolver todas as suas ideias. Em relação aos seus resultados, seu lema era *Pauca sed matura* (Poucos, mas maduros), ou seja, ele só publicava quando estava inteiramente satisfeito. Assim, uma grande parte dos seus trabalhos só foi descoberta após a sua morte. Muitos autores e historiadores atuais acreditam que a ideia original da fita veio de Gauss, e os dois cientistas desenvolveram o conceito.

Hoje em dia as aplicações da fita de Möbius vão muito além do que Möbius e Listing poderiam ter imaginado. Esse conceito pode ser usado não só em esteiras de aeroportos mas também em escadas rolantes de shoppings, para garantir que o desgaste aconteça de maneira uniforme e aumente a vida útil do equipamento; em fitas magnéticas que permitem a gravação e reprodução contínua de áudio; fitas de impressora ou de máquinas de datilografar; em resistores que não geram interferência magnética; na pesquisa de supercondutores; em estruturas de grafeno para componentes de nanoeletrônica, etc. A topologia também já esteve presente em pesquisas agraciadas com o prêmio Nobel, sendo o mais recente o Nobel da Física em 2016, que descreveu novos estados da matéria, com implicações importantes para o desenvolvimento de supercondutores e superfluidos.

Além das aplicações tecnológicas, essa estranha fita tem servido de inspiração para artistas, como o artista gráfico holandês M.C. Escher, com suas obras que desafiam nossa percepção. E para casais apaixonados, que veem a fita de Möbius como um símbolo do amor eterno, um caminho sem fim, que aparenta ter dois lados, mas só tem um.

LOBO, L. Como a fita de Möbius desafia o senso comum. In: Revista Ciência Hoje [CH 395]. Último acesso: 13 de junho de 2023. (Adaptado). Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/como-a-fita-de-mobius-desafia-o-senso-comum/>>.

“E para casais apaixonados, que veem a fita de Möbius como um símbolo do amor eterno, um caminho sem fim, que aparenta ter dois lados, mas só tem um.”

Assinale a alternativa que apresenta CORRETAMENTE uma palavra subentendida recuperável, considerando o trecho acima.

- a) A palavra “casais” é recuperada em “veem a fita”.
- b) A palavra “lado” é recuperada em “mas só tem um”.
- c) A palavra “apaixonados” é recuperada em “um símbolo do amor”.
- d) A palavra “fim” é recuperada em “que aparenta ter dois lados”.
- e) A palavra “símbolo” é recuperada em “amor eterno”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Interpretação de Texto > Sentidos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Carnaubeira da Penha - PE / Agente de Combate a Endemias / Questão: 18

7. [Q3165306]

A RESPOSTA DA CHINA APÓS EUA DERRUBAREM SUPOSTO BALÃO ESPÃO

Os Estados Unidos derrubaram neste fim de semana um balão chinês gigante que, segundo eles, estava espionando importantes locais militares. O Departamento de Defesa confirmou que seus caças derrubaram o balão sobre as águas territoriais dos EUA. Depois disso, o Ministério das Relações Exteriores da China expressou "forte insatisfação e protesto contra o uso da força pelos EUA para atacar aeronaves civis não tripuladas". Oficiais de defesa disseram à imprensa dos EUA que os destroços caíram perto de Myrtle Beach, Carolina do Sul. Os militares agora estão tentando recuperar os destroços espalhados por 11 quilômetros. Dois navios de guerra, incluindo um com guindaste pesado para recuperação, estão na área.

Em uma declaração do Pentágono, um alto funcionário da defesa dos EUA disse que "embora tenhamos tomado todas as medidas necessárias para proteção contra a coleta de informações confidenciais do balão de vigilância da RPC [China], o sobrevoo do balão de vigilância do território dos EUA foi importante para nossa inteligência". "Podemos estudar e escrutinar o balão e seus equipamentos, o que foi valioso", acrescentou o

oficial. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse: "Eles derrubaram com sucesso e quero elogiar nossos aviadores que o fizeram". Biden estava sob pressão para derrubar o balão desde que as autoridades de defesa anunciaram pela primeira vez que estavam rastreando o dispositivo, na quinta-feira (2/2).

Em um comunicado algumas horas depois, o Ministério das Relações Exteriores da China disse: "O lado chinês informou repetidamente o lado dos EUA após verificação de que o dirigível é para uso civil e entrou nos EUA devido a força maior - foi completamente um acidente".

A descoberta do balão desencadeou uma crise diplomática. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, cancelou imediatamente a viagem que faria à China este fim de semana devido ao que classificou como "ato irresponsável".

As autoridades chinesas negaram que se trate de uma aeronave de espionagem e, em vez disso, disseram que era um navio meteorológico que se extraviou. Antes da derrubada do balão, a China havia pedido que fosse tratada com "cabeça fria" a disputa sobre um balão chinês gigante que se dirige para o leste dos Estados Unidos. Em um comunicado no sábado (4), o Ministério das Relações Exteriores da China disse que Pequim "nunca violou o território e o espaço aéreo de qualquer país soberano".

Neste fim de semana, a Força Aérea da Colômbia confirmou o avistamento de um globo em seu espaço aéreo - após o anúncio do Pentágono sobre a existência de um segundo suposto dispositivo espião chinês que sobrevoava a América Latina. "O objeto entrou no espaço aéreo colombiano no setor norte do país, movendo-se a uma velocidade média de 25 nós, identificando características semelhantes às de um balão", diz o comunicado. A Força Aérea Colombiana informou que acompanhou o objeto até sua saída do espaço aéreo. E declararam que o objeto não representava uma ameaça à segurança e defesa nacional e que a partir de agora serão iniciadas as investigações pertinentes, com diferentes países e instituições, para estabelecer a origem do objeto.

Os recursos do balão neste caso em particular não estão claros, mas especialistas dizem que pode ser mais um "sinal" do governo de Pequim do que uma ameaça à segurança. "Pequim provavelmente está tentando enviar um sinal a Washington: 'Embora queiramos melhorar nossos laços, também estamos sempre prontos para uma competição sustentada, por qualquer meio necessário', sem inflamar severamente as tensões", disse o analista He Yuan Ming à BBC. "E que melhor ferramenta para isso do que um balão aparentemente inócuo", acrescentou.

Os balões são uma das formas mais antigas de tecnologia de vigilância. Os militares japoneses os usaram para bombardear os EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Eles também foram amplamente utilizados pelos EUA e pela União Soviética durante a Guerra Fria. Mais recentemente, os EUA têm considerado adicionar balões de alta altitude à rede de vigilância do Pentágono. Balões modernos normalmente flutuam entre 24 e 37 quilômetros acima da superfície da Terra. O Departamento de Defesa dos EUA disse na quinta-feira que o balão chinês estava "significativamente acima de onde passa o tráfego aéreo civil".

O especialista em China Benjamin Ho disse que Pequim tem disponível tecnologia de vigilância mais sofisticada que balões. "Eles têm outros meios para espionar a infraestrutura americana, ou qualquer informação que queiram obter. O balão era para enviar um sinal aos americanos e também para ver como os americanos reagiriam", disse Ho, coordenador do programa da China na Escola de Estudos Chineses na Escola de Estudos Internacionais S. Rajaratnam de Cingapura. Pode até ser que a China quisesse que os EUA detectassem o balão. "É possível que ser descoberto fosse o ponto principal. A China poderia estar usando o balão para demonstrar que tem uma capacidade tecnológica sofisticada para penetrar no espaço aéreo dos EUA sem arriscar uma escalada séria. Nesse sentido, um balão é uma escolha bastante ideal", disse Arthur Holland Michel, da instituição *Carnegie Council for Ethics in International Affairs*.

No entanto, alguns especialistas apontam que os balões podem ser equipados com tecnologia moderna, como câmeras espiãs e sensores de radar, e seu uso para vigilância tem algumas vantagens, sendo a principal delas o fato de serem mais baratos e fáceis de usar do que os drones ou satélites. A velocidade mais lenta do balão também permite que ele demore mais e monitore a área-alvo por períodos mais longos. O movimento de um satélite, por outro lado, é restrito à velocidade de sua órbita.

(Adaptado de: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/05/a-resposta-da-china-apos-eua-derrubarem-suposto-balao-espiao.ghml>. Acesso em: 08/02/2023)

Assinale a alternativa que aponta CORRETAMENTE o tempo transcorrido desde a detecção do balão chinês no espaço aéreo norte-americano e a sua destruição.

a) Entre duas e três horas,

b) Entre dois e três dias.

c) Uma semana.

d) Um dia.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sinônimos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Pacajus - CE / Agente Administrativo / Questão: 2

8. [Q3144606]

BELAS E PERIGOSAS: AS DIFERENTES

LENDAS EM TORNO DAS SEREIAS

Parcialmente humana e parcialmente peixe, a sereia é uma popular criatura fantástica que já apareceu nas lendas de diversas culturas através da História, seja como objeto de desejo devido à sua beleza e aura misteriosa, ou como um ser que inspira terror por enfeitiçar marinheiros com seu canto irresistível a fim de atraí-los para o fundo do mar, onde eles inevitavelmente se afogariam.

As civilizações do passado, é claro, imaginaram toda uma variedade de criaturas fictícias extravagantes, mas poucas se mantiveram tão vivas em nosso imaginário quanto as sereias, que ainda povoam diversos de nossos produtos artísticos. Um exemplo recente disso é justamente o filme live-action de "A Pequena Sereia", que chegou oficialmente aos cinemas brasileiros na última quinta-feira, 25 de maio, após uma longa espera.

A produção da Disney usa atores em carne e osso — incluindo a jovem Halle Bailey no papel da protagonista — para fazer uma releitura de sua bem-sucedida animação de 1989, que contava a história de Ariel, uma sereia que passou a desejar ser humana ao se apaixonar por um príncipe.

Na Grécia Antiga, essas mulheres com cauda de peixe teriam aparecido, por exemplo, na Odisseia, um clássico poema épico responsável por narrar as desventuras vividas pelo herói Ulisses e sua tripulação enquanto eles tentam voltar para casa após lutar na Guerra de Troia.

Um dos obstáculos vividos pelo general é justamente um perigoso encontro com um grupo de sereias que enlouquecem os homens através de sua voz. Para impedi-los de pular no oceano, é necessário encher os ouvidos dos marinheiros com pedaços de cera de abelha a fim de abafar os chamados hipnóticos das criaturas.

Já Ulisses, para saciar sua curiosidade de conhecer os poderosos cantos, é acorrentado ao mastro da embarcação — e, assim que começa a ouvi-los, implora para ser liberto, apenas voltando a si após o navio abandonar as águas infestadas de sereias.

Por outro lado, existia também na mitologia grega a figura do poderoso Tritão, filho de Poseidon (o deus do oceano), que era metade homem e metade peixe, sendo responsável por governar os mares. Nos filmes da Disney sobre Ariel, , aliás, ele aparece como o pai da jovem.

Conforme lembrado por Peter Goggin, professor associado de inglês na Universidade do Estado do Arizona (EUA), em artigo publicado no The Conversation, a civilização síria também possuía crenças sagradas que incluíam esses seres míticos. Sua deusa Atargátis, que era uma entidade de grande importância, possuía a forma de uma sereia, e, neste caso, era vista como uma força do bem, protegendo aqueles que a cultuavam.

Entre os povos celtas, as chamadas "merrows" possuíam um artefato mágico que lhes permitiam habitar tanto o oceano quanto a terra firme, com sua forma de metamorfoseando de acordo com o ambiente, segundo informou o portal Beach Combing. Caso alguém roubasse esse artefato, porém, elas ficavam presas em uma forma só.

Outro detalhe curioso é que existiam homens merrow, entretanto eles eram descritos como muito feios, e, por isso, rejeitados por suas contrapartes femininas, que possuíam uma beleza estonteante.

Mais para frente na trajetória da humanidade, existem também os mitos que eram nutridos no Japão feudal a respeito dessas criaturas, batizadas por eles de "ningyo"s. Diferente da maioria das representações, essas possuíam uma aparência mais próxima de um mostro marinho. Sua carne, no entanto, seria capaz de conceder a juventude eterna para aqueles que a consumissem.

Assim, seja quais forem os detalhes que envolvem os folclores acerca dessas figuras mitológicas, o que persiste é a continuidade do interesse humano nelas, de forma que o mito das sereias prossegue inspirando a criação de novas histórias.

(Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/belas-e-perigosas-as-diferentes-lendas-em-torno-das-sereias.phtml>>

Assinale o item que NÃO contém um sinônimo para a palavra sublinhada em “Já Ulisses, para saciar sua curiosidade de conhecer os poderosos cantos, é acorrentado ao mastro da embarcação — e, assim que começa a ouvi-los, implora para ser liberto, apenas voltando a si após o navio abandonar as águas infestadas de sereias”.

- a) Agrilhado.
- b) Amarrado.
- c) Preso.
- d) Emancipado

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Interpretação de Texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Inspeção - Área: Serviços Públicos / Questão: 1

9. [Q3111884] TEXTO

O QUE É UM CAFÉ ARÁBICA? CONHEÇA SUAS CARACTERÍSTICAS E COMO É CLASSIFICADO

Você que ama tomar aquele cafezinho já sabe que a bebida é feita com os grãos torrados da fruta do cafeeiro, certo? No entanto, também é importante saber que nem toda fruta é igual.

Assim como existem diferentes espécies de uvas – como *pinot noir*, *malbec* e *cabernet sauvignon* – que dão características distintas aos variados tipos de vinhos, o café também possui variadas espécies de frutas de diferentes aspectos, influenciando diretamente no sabor e na qualidade do café que tomamos.

No Brasil, as espécies mais usadas para a produção do café são robusta – também conhecido como **conilon** – e arábica, de que falaremos.

O **café arábica** foi catalogado por volta de 1750 e é originário da Etiópia. A espécie corresponde a aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos grãos produzidos em todo o mundo e é tida como a mais nobre da família dos cafés devido à sua complexidade de sabor e aroma.

O cultivo de seus grãos é feito entre 600 e 2 mil metros de altitude. A escolha de altitude impacta diretamente nas características do café, pois, quanto mais alto, maior a concentração de minerais nos grãos e mais ameno é o clima para o seu desenvolvimento, o que ajuda na acentuação de sabor, acidez e aroma do café.

O café arábica possui um sabor suave, ligeiramente ácido e naturalmente adocicado. Isso porque seus grãos possuem uma concentração de açúcares muito maior do que a do robusta. Além disso, o café arábica também possui um aroma mais suave e frutado e a concentração de cafeína em seus grãos é bem menor do que a de outras espécies de café.

Os *blends* são misturas entre diferentes espécies e variedades de grãos. Devido aos aspectos distintos encontrados no café robusta e no café arábica – e em suas variedades –, é muito comum que os produtores façam *blends* entre grãos tanto para combinar propriedades quanto para baratear os custos de produção, já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

Um café 100% arábica é produzido unicamente com variedades de grãos da espécie arábica. Esses cafés recebem a classificação de *gourmets* ou especiais pela **ABIC (Associação Brasileira de Indústria do Café)**, que atesta o nível de pureza e qualidade dos cafés.

(Adaptado de: <https://blog.grancoffee.com.br/o-que-e-cafe-arabica/>. Acesso em: 26/07/2023.)

Os três enunciados abaixo (I, II e III) contêm afirmações sobre os objetivos comunicativos do texto acima. Analise-os e, em seguida, assinale a alternativa CORRETA. Considere, para a resolução da questão, os conteúdos explícitos e implícitos dos enunciados do texto.

I- O autor do texto almeja descrever e diferenciar duas espécies típicas de café produzidas no cerrado brasileiro e, para isso, aponta algumas características de ambas.

II- O autor do texto almeja convencer o leitor a formular uma opinião favorável ou contrária ao sabor do café arábica.

III- O autor do texto discorre sobre os efeitos positivos e negativos do clima da região que se escolhe para o plantio do café do tipo arábica.

- a) Apenas a afirmação em I está correta.
- b) As afirmações II e III estão corretas.
- c) Apenas a afirmação em III está correta.
- d) Nenhuma das afirmações está correta.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Reorganização e reescrita de orações e períodos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Inspecor - Área: Serviços Públicos / Questão: 3

10. [Q3111886] TEXTO

O QUE É UM CAFÉ ARÁBICA? CONHEÇA SUAS CARACTERÍSTICAS E COMO É CLASSIFICADO

Você que ama tomar aquele cafezinho já sabe que a bebida é feita com os grãos torrados da fruta do cafeeiro, certo? No entanto, também é importante saber que nem toda fruta é igual.

Assim como existem diferentes espécies de uvas – como *pinot noir*, *malbec* e *cabernet sauvignon* – que dão características distintas aos variados tipos de vinhos, o café também possui variadas espécies de frutas de diferentes aspectos, influenciando diretamente no sabor e na qualidade do café que tomamos.

No Brasil, as espécies mais usadas para a produção do café são robusta – também conhecido como **conilon** – e arábica, de que falaremos.

O **café arábica** foi catalogado por volta de 1750 e é originário da Etiópia. A espécie corresponde a aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos grãos produzidos em todo o mundo e é tida como a mais nobre da família dos cafés devido à sua complexidade de sabor e aroma.

O cultivo de seus grãos é feito entre 600 e 2 mil metros de altitude. A escolha de altitude impacta diretamente nas características do café, pois, quanto mais alto, maior a concentração de minerais nos grãos e mais ameno é o clima para o seu desenvolvimento, o que ajuda na acentuação de sabor, acidez e aroma do café.

O café arábica possui um sabor suave, ligeiramente ácido e naturalmente adocicado. Isso porque seus grãos possuem uma concentração de açúcares muito maior do que a do robusta. Além disso, o café arábica também possui um aroma mais suave e frutado e a concentração de cafeína em seus grãos é bem menor do que a de outras espécies de café.

Os *blends* são misturas entre diferentes espécies e variedades de grãos. Devido aos aspectos distintos encontrados no café robusta e no café arábica – e em suas variedades –, é muito comum que os produtores façam *blends* entre grãos tanto para combinar propriedades quanto para baratear os custos de produção, já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

Um café 100% arábica é produzido unicamente com variedades de grãos da espécie arábica. Esses cafés recebem a classificação de *gourmets* ou especiais pela **ABIC (Associação Brasileira de Indústria do Café)**, que atesta o nível de pureza e qualidade dos cafés.

(Adaptado de: <https://blog.grancoffee.com.br/o-que-e-cafe-arabica/>. Acesso em: 26/07/2023.)

No texto, a sentença “já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo” tem o mesmo significado da sentença da alternativa:

- a) Portanto, o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.
- b) Pois o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.
- c) Como o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.
- d) Sem contar que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Regras de acentuação > Acentuação gráfica

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Inspetor - Área: Serviços Públicos / Questão: 5

11. [Q3111889] TEXTO

O QUE É UM CAFÉ ARÁBICA? CONHEÇA SUAS CARACTERÍSTICAS E COMO É CLASSIFICADO

Você que ama tomar aquele cafezinho já sabe que a bebida é feita com os grãos torrados da fruta do cafeeiro, certo? No entanto, também é importante saber que nem toda fruta é igual.

Assim como existem diferentes espécies de uvas – como *pinot noir*, *malbec* e *cabernet sauvignon* – que dão características distintas aos variados tipos de vinhos, o café também possui variadas espécies de frutas de diferentes aspectos, influenciando diretamente no sabor e na qualidade do café que tomamos.

No Brasil, as espécies mais usadas para a produção do café são robusta – também conhecido como **conilon** – e arábica, de que falaremos.

O **café arábica** foi catalogado por volta de 1750 e é originário da Etiópia. A espécie corresponde a aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos grãos produzidos em todo o mundo e é tida como a mais nobre da família dos cafés devido à sua complexidade de sabor e aroma.

O cultivo de seus grãos é feito entre 600 e 2 mil metros de altitude. A escolha de altitude impacta diretamente nas características do café, pois, quanto mais alto, maior a concentração de minerais nos grãos e mais ameno é o clima para o seu desenvolvimento, o que ajuda na acentuação de sabor, acidez e aroma do café.

O café arábica possui um sabor suave, ligeiramente ácido e naturalmente adocicado. Isso porque seus grãos possuem uma concentração de açúcares muito maior do que a do robusta. Além disso, o café arábica também possui um aroma mais suave e frutado e a concentração de cafeína em seus grãos é bem menor do que a de outras espécies de café.

Os *blends* são misturas entre diferentes espécies e variedades de grãos. Devido aos aspectos distintos encontrados no café robusta e no café arábica – e em suas variedades -, é muito comum que os produtores façam *blends* entre grãos tanto para combinar propriedades quanto para baratear os custos de produção, já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

Um café 100% arábica é produzido unicamente com variedades de grãos da espécie arábica. Esses cafés recebem a classificação de *gourmets* ou especiais pela **ABIC (Associação Brasileira de Indústria do Café)**, que atesta o nível de pureza e qualidade dos cafés.

(Adaptado de: <https://blog.grancoffee.com.br/o-que-e-cafe-arabica/>. Acesso em: 26/07/2023.)

Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas conforme o mesmo critério.

- a) Café – espécie – cafeína – também.
- b) Arábica – favorável – originário – açúcares.
- c) Espécie – indústria – Etiópia – família.

d) Grão – concentração – também – café.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Relação letra-fonema

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Pacajus - CE / Guarda Municipal / Questão: 3

12. [Q2905828]

TEXTO

NOVA PLANTA COMESTÍVEL DA FAMÍLIA DAS CEBOLAS É DESCOBERTA POR INDIANOS

Cebola, alho, cebolinha e alho-poró. O que esses vegetais têm em comum além de serem temperos deliciosos na culinária de diversos países (principalmente do Brasil)? Simples: todos eles são espécies de plantas pertencentes à mesma família (*Liliaceae*) e ao mesmo gênero (*Allium*).

Agora, a família cresceu (para alegria dos paladares apaixonados por um bom tempero). Pesquisadores da Índia descobriram no Himalaia uma nova espécie do gênero (*Allium*).

De acordo com um estudo publicado na revista científica *PhytoKeys* e conduzido por cientistas do *National Bureau of Plant Genetic Resources* (ICAR – Escritório Nacional de Recursos Genéticos de Plantas, em tradução livre) em Nova Déli, a nova planta, chamada *Allium negianum*, foi descoberta na área de fronteira indo-tibetana da Vila de Malari, que fica no Vale Niti, em Chamoli, no estado indiano de Uttarakhand.

A planta cresce de 3 mil a 4 mil metros acima do nível do mar e pode ser encontrada em solos arenosos ao longo de rios e riachos que se formam em pastagens de neve em prados alpinos (conhecidos localmente como “*bugyal*” ou “*bugial*”). Nesses locais, o degelo da neve ajuda a transportar as sementes de *negianum* para áreas mais favoráveis.

Com uma distribuição bastante limitada, essa espécie recém-descrita está restrita à região oeste do Himalaia e ainda não foi relatada em nenhum outro lugar do mundo. O nome científico homenageia Kuldeep Singh Negi, um eminente explorador e colecionador de *Allium* da Índia.

Embora nova para a ciência, a espécie é conhecida há muito tempo sob cultivo doméstico pelas comunidades locais. Enquanto trabalhava na pesquisa, a equipe ouviu falar de *phran*, *jambu* (não confundir com a planta comum na culinária paraense), *sakua*, *sungdung* e *kacho* – diferentes nomes locais para essa planta.

Até agora conhecida apenas na região do Himalaia ocidental, ela pode estar sob pressão de pessoas que desejam prová-la, e, por isso, os pesquisadores temem que a colheita indiscriminada de suas folhas e bulbos para tempero possa representar uma ameaça para a espécie na natureza.

Adaptado (<https://olhardigital.com.br/2021/10/18/ciencia-e-espaco/nova-planta-comestivel-da-familia-das-cebolas-e-descoberta-por-indianos/>)

O vocabulo Himalaia:

- a) Possui oito letras e oito fonemas.
- b) Possui oito letras e sete fonemas.
- c) Possui sete letras e sete fonemas.
- d) Possui sete letras e oito fonemas.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Inferência Textual

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor Bilíngue / Questão: 1

13. [Q3029375]

TEXTO

O QUE É UM CAFÉ ARÁBICA?

CONHEÇA SUAS CARACTERÍSTICAS E

COMO É CLASSIFICADO

Você que ama tomar aquele cafezinho já sabe que a bebida é feita com os grãos torrados da fruta do cafeeiro, certo? No entanto, também é importante saber que nem toda fruta é igual.

Assim como existem diferentes espécies de uvas – como *pinot noir*, *malbec* e *cabernet sauvignon* – que dão características distintas aos variados tipos de vinhos, o café também possui variadas espécies de frutas de diferentes aspectos, influenciando diretamente no sabor e na qualidade do café que tomamos.

No Brasil, as espécies mais usadas para a produção do café são robusta – também conhecido como *conilon* – e arábica, de que falaremos.

O **café arábica** foi catalogado por volta de 1750 e é originário da Etiópia. A espécie corresponde a aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos grãos produzidos em todo o mundo e é tida como a mais nobre da família dos cafés devido à sua complexidade de sabor e aroma.

O cultivo de seus grãos é feito entre 600 e 2 mil metros de altitude. A escolha de altitude impacta diretamente nas características do café, pois, quanto mais alto, maior a concentração de minerais nos grãos e mais ameno é o clima para o seu desenvolvimento, o que ajuda na acentuação de sabor, acidez e aroma do café.

O café arábica possui um sabor suave, ligeiramente ácido e naturalmente adocicado. Isso porque seus grãos possuem uma concentração de açúcares muito maior do que a do robusta. Além disso, o café arábica também possui um aroma mais suave e frutado e a concentração de cafeína em seus grãos é bem menor do que a de outras espécies de café.

Os *blends* são misturas entre diferentes espécies e variedades de grãos. Devido aos aspectos distintos encontrados no café robusta e no café arábica – e em suas variedades -, é muito comum que os produtores façam *blends* entre grãos tanto para combinar propriedades quanto para baratear os custos de produção, já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

Um café 100% arábica é produzido unicamente com variedades de grãos da espécie arábica. Esses cafés recebem a classificação de *gourmets* ou *especiais* pela **ABIC (Associação Brasileira de Indústria do Café)**, que atesta o nível de pureza e qualidade dos cafés.

(Adaptado de: <https://blog.grancoffee.com.br/o-que-e-cafe-arabica/>. Acesso em: 26/07/2023.)

Os três enunciados abaixo (I, II e III) contêm afirmações sobre os objetivos comunicativos do texto acima. Analise-os e, em seguida, assinale a alternativa CORRETA. Considere, para a resolução da questão, os conteúdos explícitos e implícitos dos enunciados do texto.

I- O autor do texto almeja descrever e diferenciar duas espécies típicas de café produzidas no cerrado brasileiro e, para isso, aponta algumas características de ambas.

II- O autor do texto almeja convencer o leitor a formular uma opinião favorável ou contrária ao sabor do café arábica.

III- O autor do texto discorre sobre os efeitos positivos e negativos do clima da região que se escolhe para o plantio do café do tipo arábica.

- a) Apenas a afirmação em I está correta.
- b) As afirmações II e III estão corretas.
- c) Apenas a afirmação em III está correta.
- d) Nenhuma das afirmações está correta.

14. [Q3029377]

TEXTO

**O QUE É UM CAFÉ ARÁBICA?
CONHEÇA SUAS CARACTERÍSTICAS E
COMO É CLASSIFICADO**

Você que ama tomar aquele cafezinho já sabe que a bebida é feita com os grãos torrados da fruta do cafeeiro, certo? No entanto, também é importante saber que nem toda fruta é igual.

Assim como existem diferentes espécies de uvas – como *pinot noir*, *malbec* e *cabernet sauvignon* – que dão características distintas aos variados tipos de vinhos, o café também possui variadas espécies de frutas de diferentes aspectos, influenciando diretamente no sabor e na qualidade do café que tomamos.

No Brasil, as espécies mais usadas para a produção do café são robusta – também conhecido como *conilon* – e arábica, de que falaremos.

O **café arábica** foi catalogado por volta de 1750 e é originário da Etiópia. A espécie corresponde a aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos grãos produzidos em todo o mundo e é tida como a mais nobre da família dos cafés devido à sua complexidade de sabor e aroma.

O cultivo de seus grãos é feito entre 600 e 2 mil metros de altitude. A escolha de altitude impacta diretamente nas características do café, pois, quanto mais alto, maior a concentração de minerais nos grãos e mais ameno é o clima para o seu desenvolvimento, o que ajuda na acentuação de sabor, acidez e aroma do café.

O café arábica possui um sabor suave, ligeiramente ácido e naturalmente adocicado. Isso porque seus grãos possuem uma concentração de açúcares muito maior do que a do robusta. Além disso, o café arábica também possui um aroma mais suave e frutado e a concentração de cafeína em seus grãos é bem menor do que a de outras espécies de café.

Os *blends* são misturas entre diferentes espécies e variedades de grãos. Devido aos aspectos distintos encontrados no café robusta e no café arábica – e em suas variedades -, é muito comum que os produtores façam *blends* entre grãos tanto para combinar propriedades quanto para baratear os custos de produção, já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

Um café 100% arábica é produzido unicamente com variedades de grãos da espécie arábica. Esses cafés recebem a classificação de *gourmets* ou *especiais* pela **ABIC (Associação Brasileira de Indústria do Café)**, que atesta o nível de pureza e qualidade dos cafés.

(Adaptado de: <https://blog.grancoffee.com.br/o-que-e-cafe-arabica/>. Acesso em: 26/07/2023.)

No texto, a sentença “já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo” tem o mesmo significado da sentença da alternativa:

- a) Portanto, o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.
- b) Pois o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.
- c) Como o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.
- d) Sem contar que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

O GLUTÃO, UM CARNÍVORO VORAZ

Apesar de ser de pequeno tamanho, o glutão é capaz de abater presas consideravelmente maiores que ele. Além disso, esse pequeno predador também come carniça e animais doentes. Se pensarmos em um animal com o nome de “glutão”, talvez pensemos que se trata de um espécime muito terno e doce. No entanto, o carcaju (outro dos nomes pelos quais ele é conhecido) não é tão doce assim. Embora pareça um urso pequeno, o glutão pertence à família dos mustelídeos, assim como as doninhas. Seu corpo é robusto e sua pelagem é marrom ou preta, longa e espessa, para suportar o frio. Além disso, os machos podem atingir até 20 quilos de peso. As fêmeas, por outro lado, têm quase a metade do tamanho e não excedem 12 quilos.

O carcaju habita o hemisfério norte, desde áreas remotas das florestas boreais até a tundra alpina e as florestas subárticas. As maiores populações são encontradas no norte do Canadá, no Alasca, nos países europeus nórdicos (Península Escandinava) e na Sibéria e na Rússia ocidental. Devido à redução do seu habitat natural e à caça, em muitas áreas ele foi extinto. No entanto, ainda está fora de perigo, pois não é fácil encontrá-lo.

É um animal solitário, exceto na época de reprodução. Seus territórios são fixos e os machos podem dominar até 1.000 km de comprimento. Ele está sempre se movendo (seja de dia ou à noite) em busca de comida. Quanto à sua dieta, embora seja um onívoro clássico, é mais comum consumir outros animais, incluindo carniça e espécimes doentes. Apropria-se das presas que caem nas armadilhas dos caçadores e “assalta” os armários de comida das cabanas na floresta. De acordo com a época do ano, o ‘menu’ deste mamífero voraz muda. No inverno, ele se alimenta de ungulados, animais mortos e presas ocasionais. No verão, ele prefere aves (e seus ovos), insetos, larvas, pequenos roedores, grãos oleaginosos e bagas. Para obter sua comida, o glutão tem várias técnicas: mantém o controle de sua presa e as ataca de surpresa. Além disso, também rouba as presas de outros carnívoros, como raposas, ou move grandes rochas ou troncos para criar armadilhas. Isso lhe deu a fama de ser um caçador muito obstinado.

Outra das características mais marcantes do Glutão é a sua ferocidade e força, que não correspondem ao seu tamanho. Há casos documentados de ataques a presas muito maiores em tamanho em que o carcaju ‘saiu vitorioso’. Seus principais inimigos são o lobo cinzento, o urso preto e o urso pardo, com quem ele luta bastante por comida.

Em termos de reprodução, um macho pode formar pares com duas ou três fêmeas, que visita ocasionalmente durante o ano. A estação de acasalamento ocorre no verão, embora “mantenham” os ovos fertilizados até o inverno. Após quase dois meses de gestação, dão à luz três filhotes, que são visitados pelos pais até as 10 semanas de idade.

As lendas canadenses (especificamente de Quebec e Labrador) acreditam que o glutão foi um dos criadores do mundo. Para os nativos Innu, do Canadá, esse animal é venerado. Em muitas cidades, equipes ou organizações, o carcaju foi escolhido como mascote ou símbolo. Por exemplo, o estado norte-americano de Michigan é conhecido como “o Glutão” e sua universidade incluiu este animal em sua insígnia. Algo que realmente chamou nossa atenção é que seu nome em inglês, Wolverine, é o mesmo que o do personagem da série *X-Men*.

(Adaptado de: <https://meusanimais.com.br/conheca-o-glutao-um-carnivoro-voraz/> . Acesso: 05/04/2023)

“Objeto ou animal muito estimado por uma pessoa ou por um grupo de pessoas” (fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro>).

O enunciado acima é a definição de uma palavra presente no texto. Essa palavra é:

- a) Espécime
- b) Ungulados
- c) Mascote.
- d) Wolverine.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Orações subordinadas adverbiais finais > Orações coordenadas aditivas > Orações subordinadas substantivas objetivas diretas > Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Fiscal de Tributos / Questão: 9

16. [Q2820899] “Na próxima semana, a autora da restauração, Cecilia Giménez, e a administração do santuário devem assinar um acordo para dividir os lucros de merchandising da imagem.”

A oração sublinhada no trecho acima é:

- a) Subordinada adverbial final.
- b) Subordinada substantiva objetiva direta.
- c) Subordinada substantiva objetiva indireta.
- d) Coordenada sindética aditiva.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Anáfora > Emprego dos elementos de referência (coesão referencial)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Fiscal de Tributos / Questão: 10

17. [Q2820900] “No dia da festa, a enorme ave negra foi visitar o sapo, que a havia convidado exatamente para poder executar seu plano.”

O vocábulo sublinhado no trecho acima remete a uma outra unidade linguística. Essa unidade está expressa em:

- a) A festa.
- b) Visitar.
- c) Seu plano.
- d) A enorme ave negra.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Indicativo > Emprego dos tempos verbais

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Agente da Mobilidade Urbana / Questão: 3

18. [Q2820893] TEXTO 1

TENSÃO ENTRE CHINA E EUA: POR QUE A DESTRUIÇÃO DO BALÃO CHINÊS AGRAVA AINDA MAIS A CRISE DIPLOMÁTICA ENTRE OS PAÍSES?

Governo chinês argumenta que balão tinha fins meteorológicos e teve a rota desviada por ventos. No entanto, americanos rebatem versão e afirmam que instrumento era usado para vigilância.

Um balão misterioso da China apareceu no céu dos EUA e acabou derrubado no mar pelos americanos. EUA alegaram tratar-se de um objeto de espionagem; China afirmou que o balão era um instrumento meteorológico. Especialistas ouvidos pelo G1 divergem sobre a possibilidade de o balão ter sido usado para espionagem, mas concordam que o caso eleva a crise entre as duas maiores potências mundiais.

Para Elias Khalil Jabbour, da UERJ, os EUA usaram o balão para fazer uma provocação, numa jogada de Biden. Tanguy Baghdadi, criador do podcast *Petit Journal*, acredita que o balão pode ter sido usado pela China para saber, por exemplo, qual o tempo de reação dos EUA e quem comanda o abatimento.

De um lado, os Estados Unidos alegam que o balão misterioso que apareceu nos céus do estado americano de Montana na última quinta-feira (2) tratava-se de um objeto chinês de espionagem. De outro, a China informa que o balão nada mais era que um instrumento meteorológico que desviou da sua rota e viajou até o território americano.

O vai e vem de declarações e acusações é mais um ponto de estresse de uma relação muito desgastada entre as duas maiores potências do mundo. E a derrubada do balão no mar no último sábado (4) pelos Estados Unidos, na costa dos estados da Carolina do Norte e do Sul, gerou insatisfação da China.

E para entender mais este capítulo de crise diplomática entre os Estados Unidos e a China, o G1 conversou com Elias Khalil Jabbour, professor da faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e com Tanguy Baghdadi, criador do podcast *Petit Journal*.

“Esse balão, na minha opinião, é tudo menos um balão espião. Eu, particularmente, acho que é uma provocação aberta dos Estados Unidos e, evidentemente, que isso vai mexer com as relações com a China. Até porque a China não precisa colocar um balão nos Estados Unidos para saber o que está acontecendo lá dentro”, defende Elias Khalil Jabbour.

Para ele, os americanos nada mais querem que dialogar com o seu público interno e reforçar, ainda mais, a ideia “de que existe uma ameaça à hegemonia americana”. Jabbour, além de achar uma piada a possibilidade de o balão ser um objeto de espionagem, acredita que a acusação faça parte de uma jogada do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden.

“Hoje, a China é cercada por 80 bases militares americanas”, comenta Jabbour. Com isso, diz o professor, “existe uma força desproporcional empregada pelos Estados Unidos nesse processo que passa essa imagem de que a China é uma ameaça ao mundo”.

Por outro lado, Tanguy Baghdadi discorda: “Meu palpite é que, sim, tenha algum elemento de coleta de informações”. Na opinião dele, ao lançar um balão, a China consegue obter uma série de informações, como, por exemplo: Quanto tempo os Estados Unidos vão demorar para abater aquele balão? Quem comanda o abatimento deste instrumento? Quanto tempo demora? É ágil a ação americana?

(Retirado de: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/07/tensao-entre-china-e-eua-por-que-a-destruicao-do-balao-chines-agrava-ainda-mais-a-crise-diplomatica-entre-os-paises.ghtml>. Acesso em: 08/02/2022)

“Um balão misterioso da China apareceu no céu dos EUA e acabou derrubado no mar pelos americanos.”

Os verbos sublinhados no trecho acima estão conjugados nos seguintes tempo e modo, respectivamente:

- a) Presente do indicativo.
- b) Pretérito perfeito do indicativo.
- c) Pretérito imperfeito do indicativo.
- d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Interpretação de Texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Agente de Desenvolvimento Infantil / Questão: 4

19. [Q2820846]

TEXTO I

TOADA

Vem, morena, ouvir comigo essa cantiga

Sair por essa vida aventureira.

Tanta toada eu trago na viola

Pra ver você mais feliz.
Escuta o trem de ferro alegre a cantar
Na reta da chegada pra descansar
No coração sereno da toada, bem querer.
Tanta saudade eu já senti, morena,
Mas foi coisa tão bonita,
Da vida nunca vou me arrepender.
(...)

(Compositores: Jose Renato Botelho Moschkovich/Claudio Jose Moore Nucci/Jose Lontra Fagundes Filho)

Um elemento vicário é uma unidade linguística que pode substituir uma palavra e até mesmo uma oração inteira, explícita ou implícita, atuando como um mecanismo de coesão textual, isto é, como um elemento responsável pela conexão entre as partes do texto, uma vez que o seu sentido está diretamente ligado ao sentido daquilo que substitui. O trecho abaixo, retirado do Texto I, apresenta um elemento vicário sublinhado:

“Tanta saudade eu já senti, morena,
Mas foi coisa tão bonita,
Da vida nunca vou me arrepender.”

Considerando os sentidos do texto, pode-se afirmar que a oração que melhor expressa o sentido desse elemento vicário é:

- a) O arrependimento não é bonito.
- b) Foi bom sentir saudades.
- c) A morena era bonita.
- d) A vida é um arrependimento.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Pronomes > Substantivos > Conjunções > Numerais > Adjetivos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Contador / Questão: 6

20. [Q3136230] “Estima-se que, até 1700, a população brasileira era de apenas 300 mil habitantes, em boa medida concentrados no litoral nordestino e nas regiões mineradoras, segundo aponta Celso Furtado em seu livro Formação Econômica Brasileira.”

O termo destacado no trecho acima deve ser classificado CORRETAMENTE como:

- a) Numeral.
- b) Substantivo.
- c) Adjetivo.
- d) Conjunção.
- e) Pronome.

21. [Q3136242] “A mesma operação pode ser realizada com declarações de posse que, mediante ação de um cartório conivente, podem ser transcritas como sendo registros de propriedade.”

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

- a) Pronome demonstrativo, Pronome relativo, Preposição.
- b) Pronome demonstrativo, Conjunção, Preposição.
- c) Adjetivo, Pronome relativo, Conjunção.
- d) Adjetivo, Conjunção, Conjunção.
- e) Pronome substantivo, Conjunção, Preposição.

22. [Q3014627] Sobre o gênero charge, é CORRETO afirmar que

- a) É um gênero literário que se utiliza do texto visual para apresentar, ironicamente, o posicionamento do veículo, representado por uma crítica ao governo ou que retrata o dia a dia.
- b) É um gênero jornalístico que se utiliza da imagem, a fim de expressar ao leitor o posicionamento do veículo que a produz, uma crítica repleta de ironia e que demonstra acontecimentos do cotidiano.
- c) É um gênero poético que se utiliza do texto verbal, a fim de representar situações cômicas do cotidiano, carregada de opinião do veículo e o reflexo das situações políticas do país.
- d) É um gênero literário que se utiliza da imagem, a fim de expressar ao leitor posicionamento humorístico, crítica repleta de ironia e que representa acontecimentos cotidianos.
- e) É um gênero jornalístico associado a fatos e textos atemporais, que tem como característica a crítica, de maneira breve e humorada, dos momentos que abrangem o dia a dia de uma sociedade.

23. [Q3014572] Leia o texto a seguir e responda as questões subsequentes.

TEXTO

Sem enfeite nenhum – Adaptado (Adélia Prado)

A mãe era desse jeito: só ia em missa das cinco, por causa de os gatos no escuro serem pardos. Cinema, só uma vez, quando passou os Milagres do padre Antônio em Urucânia. Desde aí, falava sempre, excitada nos olhos, apressada no cacoete dela de enrolar um cacho de cabelo: se eu fosse lá, quem sabe?

Sofria palpitação e tonteira, lembro dela caindo na beira do tanque, o vulto dobrado em arco, gente afobada em volta, cheiro de alcanfor.

Quando comecei a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, o pai chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom', danado de bom pra do Carmo. Ela foi logo emendando: tristeza, relógio de pulso e vestido de bolér. Nem bolero ela falou direito de tanta antipatia. Foi água na fervura minha e do pai.

Vivia repetindo que era graça de Deus se a gente fosse tudo pra um convento e várias vezes por dia era isto: meu Jesus, misericórdia! A senhora tá triste, mãe? eu falava. Não, tou só pedindo a Deus pra ter dó de nós.

Tinha muito medo da morte repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. De defunto não tinha medo, só de gente viva, conforme dizia. Agora, da perdição eterna, tinha horror, pra ela e pros outros.

Quando a Ricardina começou a morrer, no Beco atrás da nossa casa, ela me chamou com a voz alterada: vai lá, a Ricardina tá morrendo, coitada, que Deus perdoe ela, corre lá, quem sabe ainda dá tempo de chamar o padre, falava de arranco, querendo chorar, apavorada: que Deus perdoe ela, ficou falando sem coragem de aluir do lugar.

[...]

Era a mulher mais difícil a mãe. Difícil, assim, de ser agradada. Gostava que eu tirasse só dez e primeiro lugar. Pra essas coisas não poupava, era pasta de primeira, caixa com doze lápis e uniforme mandado plissar. Acho mesmo que meia razão ela teve no caso do relógio, luxo bobo, pra quem só tinha um vestido de sair.

Rodeava a gente estudar e um dia falou abrupto, por causa do esforço de vencer a vergonha: me dá seus lápis de cor. Foi falando e colorindo laranjado, uma rosa geométrica: cê põe muita força no lápis, se eu tivesse seu tempo, ninguém na escola me passava, inteligência não é estudar, por exemplo falar você em vez de cê, é tão mais bonito, é só acostumar. Quando o coração da gente dispara e a gente fala cortado, era desse jeito que tava a voz da mãe.

Achava estudo a coisa mais fina e inteligente era mesmo, demais até, pensava com a maior rapidez. Gostava de ler de noite, em voz alta, com tia Santa, os livros da Pia Biblioteca, e de um não esqueci, pois ela insistia com gosto no título dele, em latim: Máguina peccatris. Falava era antusiasmo e nunca tive coragem de corrigir, porque toda vez que tava muito alegre, feito naquela hora, desenhando, feito no dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou: coitado, até essa hora no serviço pesado.

Não estava gostando nem um pouquinho do desenho, mas nem que eu falava. Com tanta satisfação ela passava o lápis, que eu fiquei foi aflita, como sempre que uma coisa boa acontecia.

[...]

Dia ruim foi quando o pai entestou de dar um par de sapato pra ela. Foi três vezes na loja e ela botando defeito, achando o modelo jeca, a cor regalada, achando aquilo uma desgraça e que o pai tinha era umas bobagens. Foi até ele enfezar e arrebrantar com o trem, de tanta raiva e mágoa.

Mas sapato é sapato, pior foi com o crucifixo. O pai, voltando de cumprir promessa em Congonhas do Campo, trouxe de presente pra ela um crucifixo torneadinho, o cordão de pendurar, com bambolim nas pontas, a maior gracinha. Ela desembrolhou e falou assim: bonito, mas eu preferia mais se fosse uma cruz simples, sem enfeite nenhum.

Morreu sem fazer trinta e cinco anos, da morte mais agoniada, encomendando com a maior coragem: a oração dos agonizantes, reza aí pra mim, gente.

Fiquei hipnotizada, olhando a mãe. Já no caixão, tinha a cara severa de quem sente dor forte, igualzinho no dia que o João Antônio nasceu. Entrei no quarto querendo festejar e falei sem graça: a cara da senhora, parece que tá com raiva, mãe.

O Senhor te abençoe e te guarde, Volva a ti o Seu Rosto e se compadeça de ti, O Senhor te dê a Paz.

Esta é a bênção de São Francisco, que foi abrandando o rosto dela, descansando, descansando, até como ficou, quase entusiasmado.

Era raiva não. Era marca de dor.

(Texto publicado em Prosa Reunida, Editora Siciliano: São Paulo, 1999, incluído por Ítalo Moriconi no livro "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século", Editora Objetiva, RJ. Fonte: <http://contobrasileiro.com.br/sem-enfeitenenhum-conto-de-adelia-prado-2/>)

Leia o trecho a seguir:

“Quando comecei a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, o pai chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom’, danado de bom pra do Carmo.”

Assinale a CORRETA classificação da oração destacada no trecho supracitado.

- a) Oração subordinada substantiva objetiva direta.
- b) Oração subordinada adverbial consecutiva.
- c) Oração subordinada adverbial temporal.
- d) Oração subordinada adverbial conformativa.
- e) Oração subordinada substantiva completiva nominal.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Mas/mais

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Professor Anos Finais - Área: Língua Portuguesa / Questão: 26

24. [Q3014582] Leia o texto a seguir e responda as questões subsequentes.

TEXTO

Sem enfeite nenhum – Adaptado (Adélia Prado)

A mãe era desse jeito: só ia em missa das cinco, por causa de os gatos no escuro serem pardos. Cinema, só uma vez, quando passou os Milagres do padre Antônio em Urucânia. Desde aí, falava sempre, excitada nos olhos, apressada no cacoete dela de enrolar um cacho de cabelo: se eu fosse lá, quem sabe?

Sofria palpitação e tonteira, lembro dela caindo na beira do tanque, o vulto dobrado em arco, gente afobada em volta, cheiro de alcanfor.

Quando comecei a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, o pai chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom', danado de bom pra do Carmo. Ela foi logo emendando: tristeza, relógio de pulso e vestido de bolér. Nem bolero ela falou direito de tanta antipatia. Foi água na fervura minha e do pai.

Vivia repetindo que era graça de Deus se a gente fosse tudo pra um convento e várias vezes por dia era isto: meu Jesus, misericórdia! A senhora tá triste, mãe? eu falava. Não, tou só pedindo a Deus pra ter dó de nós.

Tinha muito medo da morte repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. De defunto não tinha medo, só de gente viva, conforme dizia. Agora, da perdição eterna, tinha horror, pra ela e pros outros.

Quando a Ricardina começou a morrer, no Beco atrás da nossa casa, ela me chamou com a voz alterada: vai lá, a Ricardina tá morrendo, coitada, que Deus perdoe ela, corre lá, quem sabe ainda dá tempo de chamar o padre, falava de arranco, querendo chorar, apavorada: que Deus perdoe ela, ficou falando sem coragem de aluir do lugar.

[...]

Era a mulher mais difícil a mãe. Difícil, assim, de ser agradada. Gostava que eu tirasse só dez e primeiro lugar. Pra essas coisas não poupava, era pasta de primeira, caixa com doze lápis e uniforme mandado plissar. Acho mesmo que meia razão ela teve no caso do relógio, luxo bobo, pra quem só tinha um vestido de sair.

Rodeava a gente estudar e um dia falou abrupto, por causa do esforço de vencer a vergonha: me dá seus lápis de cor. Foi falando e colorindo laranjado, uma rosa geométrica: cê põe muita força no lápis, se eu tivesse seu tempo, ninguém na escola me passava, inteligência não é estudar, por exemplo falar você em vez de cê, é tão mais bonito, é só acostumar. Quando o coração da gente dispara e a gente fala cortado, era desse jeito que tava a voz da mãe.

Achava estudo a coisa mais fina e inteligente era mesmo, demais até, pensava com a maior rapidez. Gostava de ler de noite, em voz alta, com tia Santa, os livros da Pia Biblioteca, e de um não esqueci, pois ela insistia com gosto no título dele, em latim: Máguina peccatris. Falava era antusiasmo e nunca tive coragem de corrigir, porque toda vez que tava muito alegre, feito naquela hora, desenhando, feito no dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou: coitado, até essa hora no serviço pesado.

Não estava gostando nem um pouquinho do desenho, mas nem que eu falava. Com tanta satisfação ela passava o lápis, que eu fiquei foi aflita, como sempre que uma coisa boa acontecia.

[...]

Dia ruim foi quando o pai entestou de dar um par de sapato pra ela. Foi três vezes na loja e ela botando defeito, achando o modelo jeca, a cor regalada, achando aquilo uma desgraça e que o pai tinha era umas bobagens. Foi até ele enfezar e arrebrantar com o trem, de tanta raiva e mágoa.

Mas sapato é sapato, pior foi com o crucifixo. O pai, voltando de cumprir promessa em Congonhas do Campo, trouxe de presente pra ela um crucifixo torneadinho, o cordão de pendurar, com bambolim nas pontas, a maior gracinha. Ela desembulhou e falou assim: bonito, mas eu preferia mais se fosse uma cruz simples, sem enfeite nenhum.

Morreu sem fazer trinta e cinco anos, da morte mais agoniada, encomendando com a maior coragem: a oração dos agonizantes, reza aí pra mim, gente.

Fiquei hipnotizada, olhando a mãe. Já no caixão, tinha a cara severa de quem sente dor forte, igualzinho no dia que o João Antônio nasceu. Entrei no quarto querendo festejar e falei sem graça: a cara da senhora, parece que tá com raiva, mãe.

O Senhor te abençoe e te guarde, Volva a ti o Seu Rosto e se compadeça de ti, O Senhor te dê a Paz.

Esta é a bênção de São Francisco, que foi abrandando o rosto dela, descansando, descansando, até como ficou, quase entusiasmado.

Era raiva não. Era marca de dor.

(Texto publicado em Prosa Reunida, Editora Siciliano: São Paulo, 1999, incluído por Ítalo Moriconi no livro “Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século”, Editora Objetiva, RJ. Fonte: <http://contobrasileiro.com.br/sem-enfeitenenhum-conto-de-adelia-prado-2/>)

Leia o trecho a seguir: Ela desembulhou e falou assim: bonito, MAS eu preferia MAIS se fosse uma cruz simples, sem enfeite nenhum.

Os marcadores coesivos destacados, no trecho anterior, revelam campo semântico de:

- a) Oposição e consequência.
- b) Causa e efeito.
- c) Comparação e oposição.
- d) Oposição e intensidade.
- e) Adversidade e comparação.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Professor Anos Finais - Área: Língua Portuguesa / Questão: 28

25. [Q3014584] Leia o texto a seguir e responda as questões subsequentes.

TEXTO

Sem enfeite nenhum – Adaptado (Adélia Prado)

A mãe era desse jeito: só ia em missa das cinco, por causa de os gatos no escuro serem pardos. Cinema, só uma vez, quando passou os Milagres do padre Antônio em Urucânia. Desde aí, falava sempre, excitada nos olhos, apressada no cacoete dela de enrolar um cacho de cabelo: se eu fosse lá, quem sabe?

Sofria palpitação e tonteira, lembro dela caindo na beira do tanque, o vulto dobrado em arco, gente afobada em volta, cheiro de alcanfor.

Quando comecei a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, o pai chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom', danado de bom pra do Carmo. Ela foi logo emendando: tristeza, relógio de pulso e vestido de bolér. Nem bolero ela falou direito de tanta antipatia. Foi água na fervura minha e do pai.

Vivia repetindo que era graça de Deus se a gente fosse tudo pra um convento e várias vezes por dia era isto: meu Jesus, misericórdia! A senhora tá triste, mãe? eu falava. Não, tou só pedindo a Deus pra ter dó de nós.

Tinha muito medo da morte repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. De defunto não tinha medo, só de gente viva, conforme dizia. Agora, da perdição eterna, tinha horror, pra ela e pros outros.

Quando a Ricardina começou a morrer, no Beco atrás da nossa casa, ela me chamou com a voz alterada: vai lá, a Ricardina tá morrendo, coitada, que Deus perdoe ela, corre lá, quem sabe ainda dá tempo de chamar o padre, falava de arranco, querendo chorar, apavorada: que Deus perdoe ela, ficou falando sem coragem de aluir do lugar.

[...]

Era a mulher mais difícil a mãe. Difícil, assim, de ser agradada. Gostava que eu tirasse só dez e primeiro lugar. Pra essas coisas não poupava, era pasta de primeira, caixa com doze lápis e uniforme mandado plissar. Acho mesmo que meia razão ela teve no caso do relógio, luxo bobo, pra quem só tinha um vestido de sair.

Rodeava a gente estudar e um dia falou abrupto, por causa do esforço de vencer a vergonha: me dá seus lápis de cor. Foi falando e colorindo laranjado, uma rosa geométrica: cê põe muita força no lápis, se eu tivesse seu tempo, ninguém na escola me passava, inteligência não é estudar, por exemplo falar você em vez de cê, é tão mais bonito, é só acostumar. Quando o coração da gente dispara e a gente fala cortado, era desse jeito que tava a voz da mãe.

Achava estudo a coisa mais fina e inteligente era mesmo, demais até, pensava com a maior rapidez. Gostava de ler de noite, em voz alta, com tia Santa, os livros da Pia Biblioteca, e de um não esqueci, pois ela insistia com gosto no título dele, em latim: Máguina peccatris. Falava era antusiasmo e nunca tive coragem de corrigir, porque toda vez que tava muito alegre, feito naquela hora, desenhando, feito no dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou: coitado, até essa hora no serviço pesado.

Não estava gostando nem um pouquinho do desenho, mas nem que eu falava. Com tanta satisfação ela passava o lápis, que eu fiquei foi aflita, como sempre que uma coisa boa acontecia.

[...]

Dia ruim foi quando o pai entestou de dar um par de sapato pra ela. Foi três vezes na loja e ela botando defeito, achando o modelo jeca, a cor regalada, achando aquilo uma desgraça e que o pai tinha era umas bobagens. Foi até ele enfezar e arrebentar com o trem, de tanta raiva e mágoa.

Mas sapato é sapato, pior foi com o crucifixo. O pai, voltando de cumprir promessa em Congonhas do Campo, trouxe de presente pra ela um crucifixo torneadinho, o cordão de pendurar, com bambolim nas pontas, a maior gracinha. Ela desembrulhou e falou assim: bonito, mas eu preferia mais se fosse uma cruz simples, sem enfeite nenhum.

Morreu sem fazer trinta e cinco anos, da morte mais agoniada, encomendando com a maior coragem: a oração dos agonizantes, reza aí pra mim, gente.

Fiquei hipnotizada, olhando a mãe. Já no caixão, tinha a cara severa de quem sente dor forte, igualzinho no dia que o João Antônio nasceu. Entrei no quarto querendo festejar e falei sem graça: a cara da senhora, parece que tá com raiva, mãe.

O Senhor te abençoe e te guarde, Volva a ti o Seu Rosto e se compadeça de ti, O Senhor te dê a Paz.

Esta é a bênção de São Francisco, que foi abrandando o rosto dela, descansando, descansando, até como ficou, quase entusiasmado.

Era raiva não. Era marca de dor.

(Texto publicado em Prosa Reunida, Editora Siciliano: São Paulo, 1999, incluído por Ítalo Moriconi no livro “Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século”, Editora Objetiva, RJ. Fonte: <http://contobrasileiro.com.br/sem-enfeitenenhum-conto-de-adelia-prado-2/>)

Leia o trecho a seguir:

“Esta é a bênção de São Francisco, que foi abrandando o rosto dela, descansando, descansando, até como ficou, quase entusiasmado.”

Conforme o fragmento retirado, é possível afirmar CORRETAMENTE que:

- a) O pronome ESTA, no trecho acima, tem função anafórica.
- b) A expressão DE SÃO FRANCISCO desempenha função sintática de termo integrante da oração.
- c) As duas primeiras vírgulas isolam a oração com valor adjetivo.
- d) O termo ENTUSIASMADO exerce a função de sujeito da oração principal.
- e) BÊNÇÃO exerce a função de núcleo do sujeito.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Complemento nominal versus adjunto adnominal > Adjunto Adnominal > Adjunto Adverbial

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Professor Anos Finais - Área: Língua Portuguesa / Questão: 34

26. [Q3014611] Leia o texto a seguir e responda as questões subsequentes.

TEXTO

Sem enfeite nenhum – Adaptado (Adélia Prado)

A mãe era desse jeito: só ia em missa das cinco, por causa de os gatos no escuro serem pardos. Cinema, só uma vez, quando passou os Milagres do padre Antônio em Urucânia. Desde aí, falava sempre, excitada nos olhos, apressada no cacoete dela de enrolar um cacho de cabelo: se eu fosse lá, quem sabe?

Sofria palpitação e tonteira, lembro dela caindo na beira do tanque, o vulto dobrado em arco, gente afobada em volta, cheiro de alcanfor.

Quando comecei a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, o pai chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom', danado de bom pra do Carmo. Ela foi logo emendando: tristeza, relógio de pulso e vestido de bolér. Nem bolero ela falou direito de tanta antipatia. Foi água na fervura minha e do pai.

Vivia repetindo que era graça de Deus se a gente fosse tudo pra um convento e várias vezes por dia era isto: meu Jesus, misericórdia! A senhora tá triste, mãe? eu falava. Não, tou só pedindo a Deus pra ter dó de nós.

Tinha muito medo da morte repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. De defunto não tinha medo, só de gente viva, conforme dizia. Agora, da perdição eterna, tinha horror, pra ela e pros outros.

Quando a Ricardina começou a morrer, no Beco atrás da nossa casa, ela me chamou com a voz alterada: vai lá, a Ricardina tá morrendo, coitada, que Deus perdoe ela, corre lá, quem sabe ainda dá tempo de chamar o padre, falava de arranco, querendo chorar, apavorada: que Deus perdoe ela, ficou falando sem coragem de aluir do lugar.

[...]

Era a mulher mais difícil a mãe. Difícil, assim, de ser agradada. Gostava que eu tirasse só dez e primeiro lugar. Pra essas coisas não poupava, era pasta de primeira, caixa com doze lápis e uniforme mandado plissar. Acho mesmo que meia razão ela teve no caso do relógio, luxo bobo, pra quem só tinha um vestido de sair.

Rodeava a gente estudar e um dia falou abrupto, por causa do esforço de vencer a vergonha: me dá seus lápis de cor. Foi falando e colorindo laranja, uma rosa geométrica: cê põe muita força no lápis, se eu tivesse seu tempo, ninguém na escola me passava, inteligência não é estudar, por exemplo falar você em vez de cê, é tão mais bonito, é só acostumar. Quando o coração da gente dispara e a gente fala cortado, era desse jeito que tava a voz da mãe.

Achava estudo a coisa mais fina e inteligente era mesmo, demais até, pensava com a maior rapidez. Gostava de ler de noite, em voz alta, com tia Santa, os livros da Pia Biblioteca, e de um não esqueci, pois ela insistia com gosto no título dele, em latim: *Máguina peccatrís*. Falava era antusiasmo e nunca tive coragem de corrigir, porque toda vez que tava muito alegre, feito naquela hora, desenhando, feito no dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou: coitado, até essa hora no serviço pesado.

Não estava gostando nem um pouquinho do desenho, mas nem que eu falava. Com tanta satisfação ela passava o lápis, que eu fiquei foi aflita, como sempre que uma coisa boa acontecia.

[...]

Dia ruim foi quando o pai entestou de dar um par de sapato pra ela. Foi três vezes na loja e ela botando defeito, achando o modelo jeca, a cor regalada, achando aquilo uma desgraça e que o pai tinha era umas bobagens. Foi até ele enfezar e arrebentar com o trem, de tanta raiva e mágoa.

Mas sapato é sapato, pior foi com o crucifixo. O pai, voltando de cumprir promessa em Congonhas do Campo, trouxe de presente pra ela um crucifixo torneadinho, o cordão de pendurar, com bambolim nas pontas, a maior gracinha. Ela desembrolhou e falou assim: bonito, mas eu preferia mais se fosse uma cruz simples, sem enfeite nenhum.

Morreu sem fazer trinta e cinco anos, da morte mais agoniada, encomendando com a maior coragem: a oração dos agonizantes, reza aí pra mim, gente.

Fiquei hipnotizada, olhando a mãe. Já no caixão, tinha a cara severa de quem sente dor forte, igualzinho no dia que o João Antônio nasceu. Entrei no quarto querendo festejar e falei sem graça: a cara da senhora, parece que tá com raiva, mãe.

O Senhor te abençoe e te guarde, Volva a ti o Seu Rosto e se compadeça de ti, O Senhor te dê a Paz.

Esta é a bênção de São Francisco, que foi abrandando o rosto dela, descansando, descansando, até como ficou, quase entusiasmado.

Era raiva não. Era marca de dor.

(Texto publicado em *Prosa Reunida*, Editora Siciliano: São Paulo, 1999, incluído por Ítalo Moriconi no livro "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século", Editora Objetiva, RJ. Fonte: <http://contobrasileiro.com.br/sem-enfeitenenhum-conto-de-adelia-prado-2/>)

Leia o fragmento a seguir:

Entre NO QUARTO querendo festejar e falei sem graça: a cara DA SENHORA, parece que tá com raiva, MÃE.

Está CORRETA a classificação sintática para os termos anteriormente destacados, respectivamente, em:

- a) Adjunto adnominal, adjunto adnominal e aposto.
- b) Adjunto adverbial, complemento nominal e vocativo.
- c) Objeto indireto, complemento nominal e aposto.
- d) Adjunto adverbial, complemento nominal e aposto.
- e) Adjunto adverbial, adjunto adnominal e vocativo.

27. [Q3014171]

TEXTO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 15 milhões de brasileiros que moram em áreas urbanas e 2,3 milhões de moradores rurais não têm acesso a fontes seguras de água para suas necessidades domésticas e pessoais. A má higienização causada pela falta de água potável é um fator de maior vulnerabilidade para doenças adquiridas através do consumo de alimentos e água contaminados. Esse é o caso da toxoplasmose, prevalente em todo Brasil.

Embora as autoridades não a reconheçam como doença negligenciada, o país ocupa o topo da lista de surtos e casos de toxoplasmose no mundo. Entre 2010 e 2018, foram registrados 14 surtos no Brasil, correspondendo a 56% dos 25 notificados nos últimos 50 anos.

Além de ser transmitido por via oral, o parasita *Toxoplasma gondii* é capaz de ultrapassar barreiras importantes do nosso organismo, como a placenta. [...] Nos bebês, a toxoplasmose congênita pode ser assintomática, além de provocar sintomas graves, como atraso no desenvolvimento, cegueira, hidrocefalia. Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado. [...]

Embora a maioria dos recém-nascidos com toxoplasmose congênita sejam assintomáticos, os sinais da tríade clássica da doença – retinocoroidite, calcificação intracraniana e hidrocefalia – ocorrem em mais de 10% dos indivíduos desse grupo. Há outros casos também em que a doença se manifesta com sinais não específicos de infecção aguda, como convulsões, aumento do baço e fígado, febre, anemia, entre outros.

Alguns dos recém-nascidos desse grupo podem desenvolver sintomas clínicos e deficiências na vida adulta, afetando, sobretudo, a visão. [...]

Mas não é apenas por causa do risco de infecção em bebês e pessoas imunossuprimidas que devemos ficar atentos a essa doença. A incidência de pessoas com problemas de visão no nosso território, tanto naquelas saudáveis quanto nas que têm algum tipo de comprometimento no sistema imunológico é alta.

No Sul, diversos grupos de pesquisadores e médicos da região mostraram que a alta incidência de quadros oculares no Brasil tem relação com a circulação de genótipos atípicos de *Toxoplasma gondii*, sendo que nenhum deles é mais dominante do que os outros. [...]

Os problemas de visão ocorrem pela infecção do *Toxoplasma gondii* na região mais interna do olho conhecida como úvea posterior; especificamente, nos tecidos coróide e retina. A coróide é bastante vascularizada, importante para a nutrição dos fotorreceptores localizados na parte mais externa da retina. A retina é responsável pela captação de luz que irá formar as imagens enviadas para interpretação no cérebro. Uma vez que a lesão alcança áreas da retina com maior número de fotorreceptores, como a mácula e a fóvea, o paciente pode apresentar baixa visão ou até desenvolver a cegueira. [...]

Um estudo publicado, em 2022, mostrou a importância da atenção à toxoplasmose ocular nos diagnósticos de uveítis posteriores. Após avaliar mais de 3 mil pacientes, os autores relataram que, atualmente, a toxoplasmose é a principal causa de retinocoroidite (inflamação da retina e da coróide), atingindo principalmente a população em idade mais produtiva, ou seja, inserida no mercado de trabalho. Essa constatação revela que o impacto da toxoplasmose ocular não se restringe apenas à qualidade de vida do paciente, inclui também perdas econômicas e sociais para o país.

Popularmente, a toxoplasmose é conhecida como a ‘doença do gato’. De forma equivocada, acredita-se que a transmissão da doença ocorra apenas através do contato da boca com as mãos contendo restos de fezes de gatos domésticos. A infecção ocorreria durante a limpeza das caixas de areia, onde se encontram as fezes contaminadas com o *Toxoplasma gondii*, na forma de oocistos. [...]

Estudo realizado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) mostrou que o consumo de água não-tratada adequadamente pode aumentar em até três vezes o risco de contrair essa infecção. [...]

A OMS classifica a toxoplasmose como “doença transmitida por alimentos contaminados”, uma vez que a via oral é a principal rota de transmissão. Nesse caso, a infecção ocorre pelo consumo de água, frutas e verduras contaminadas com oocistos ou de carnes cruas ou mal passadas (sobretudo, porcos, ovinos e bovinos) também contaminadas com cistos. [...]

Por conta da pressão do sistema imune para combater a infecção, o *Toxoplasma gondii* inicia o processo de ‘encistamento’ para se proteger. Durante esse processo, o parasita diminui o seu ritmo de replicação e permanece em estado ‘adormecido’ nos músculos, cérebro, coração e outros órgãos do hospedeiro, até ter condições de retornar à fase de multiplicação rápida e continuar sua disseminação pelo organismo, ou passar para outro animal que tenha ingerido partes do seu corpo contaminado. [...]

A transfusão de sangue, o transplante de órgãos e o compartilhamento de agulhas também são formas de transmissão dessa parasitose. Por isso, o controle de qualidade e da presença de *T. gondii*, principalmente em concentrado de linfócitos para determinadas transfusões, é fundamental. Esse parasito não infecta hemácias, mas pode infectar e ‘pegar carona’ em outras células do sangue.

Apesar de existir tratamento para a toxoplasmose, as medicações utilizadas são as mesmas descobertas na década de 1950, que têm ação apenas durante a fase aguda da doença, quando o parasito ainda não se transformou em cisto. O tratamento da toxoplasmose humana ainda conta com a combinação de dois medicamentos: sulfonamidas e derivados diaminopirimidínicos. Estes medicamentos são em sinergia à soma das ações de cada medicamento para inibir a síntese de folato.

Para evitar que apareçam efeitos adversos decorrentes do bloqueio da produção de folato, recomenda-se que o paciente tome suplementos de ácido fólico. Entre os efeitos adversos, estão a anemia megaloblástica [...], reações de hipersensibilidade às sulfonamidas e necrose hepática. Por causa disso e do tratamento ser longo, ao menos 30% das pessoas deixam de se tratar. [...]

ARAUJO, M. R. P. de; VOMMARO, R. C. *Toda a atenção para*

a toxoplasmose. In: Revista Ciência Hoje [CH 397]. Disponível

em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/toda-a-atencao-para-a-toxoplasmose/>>. Último acesso em 12 de junho de 2023.

(Adaptado)

“A má higienização causada pela falta de água potável é um fator de maior vulnerabilidade para doenças adquiridas através do consumo de alimentos e água contaminados. Esse é o caso da toxoplasmose, prevalente em todo Brasil.”

Assinale a alternativa que apresenta o significado CORRETO do termo destacado no trecho acima.

- a) O que é usado para suprir danos, falhas.
- b) Aquilo que se sobressai em relação aos demais.
- c) O que está por completo, inteiro.
- d) Aquilo que se encontra por todo lugar.
- e) O que é eliminado por um período e reaparece.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Classes de palavras (classes gramaticais)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Visitador / Questão: 3

28. [Q3014172]

TEXTO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 15 milhões de brasileiros que moram em áreas urbanas e 2,3 milhões de moradores rurais não têm acesso a fontes seguras de água para suas necessidades domésticas e pessoais. A má higienização causada pela falta de água potável é um fator de maior vulnerabilidade para doenças adquiridas através do consumo de alimentos e água contaminados. Esse é o caso da toxoplasmose, prevalente em todo Brasil.

Embora as autoridades não a reconheçam como doença negligenciada, o país ocupa o topo da lista de surtos e casos de toxoplasmose no mundo. Entre 2010 e 2018, foram registrados 14 surtos no Brasil, correspondendo a 56% dos 25 notificados nos últimos 50 anos.

Além de ser transmitido por via oral, o parasita *Toxoplasma gondii* é capaz de ultrapassar barreiras importantes do nosso organismo, como a placenta. [...] Nos bebês, a toxoplasmose congênita pode ser assintomática, além de provocar sintomas graves, como atraso no desenvolvimento, cegueira, hidrocefalia. Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado. [...]

Embora a maioria dos recém-nascidos com toxoplasmose congênita sejam assintomáticos, os sinais da tríade clássica da doença – retinocoroidite, calcificação intracraniana e hidrocefalia – ocorrem em mais de 10% dos indivíduos desse grupo. Há outros casos também em que a doença se manifesta com sinais não específicos de infecção aguda, como convulsões, aumento do baço e fígado, febre, anemia, entre outros.

Alguns dos recém-nascidos desse grupo podem desenvolver sintomas clínicos e deficiências na vida adulta, afetando, sobretudo, a visão. [...]

Mas não é apenas por causa do risco de infecção em bebês e pessoas imunossuprimidas que devemos ficar atentos a essa doença. A incidência de pessoas com problemas de visão no nosso território, tanto naquelas saudáveis quanto nas que têm algum tipo de comprometimento no sistema imunológico é alta.

No Sul, diversos grupos de pesquisadores e médicos da região mostraram que a alta incidência de quadros oculares no Brasil tem relação com a circulação de genótipos atípicos de *Toxoplasma gondii*, sendo que nenhum deles é mais dominante do que os outros. [...]

Os problemas de visão ocorrem pela infecção do *Toxoplasma gondii* na região mais interna do olho conhecida como úvea posterior; especificamente, nos tecidos coróide e retina. A coróide é bastante vascularizada, importante para a nutrição dos fotorreceptores localizados na parte mais externa da retina. A retina é responsável pela captação de luz que irá formar as imagens enviadas para interpretação no cérebro. Uma vez que a lesão alcança áreas da retina com maior número de fotorreceptores, como a mácula e a fóvea, o paciente pode apresentar baixa visão ou até desenvolver a cegueira. [...]

Um estudo publicado, em 2022, mostrou a importância da atenção à toxoplasmose ocular nos diagnósticos de uveítes posteriores. Após avaliar mais de 3 mil pacientes, os autores relataram que, atualmente, a toxoplasmose é a principal causa de retinocoroidite (inflamação da retina e da coróide), atingindo principalmente a população em idade mais produtiva, ou seja, inserida no mercado de trabalho. Essa constatação revela que o impacto da toxoplasmose ocular não se restringe apenas à qualidade de vida do paciente, inclui também perdas econômicas e sociais para o país.

Popularmente, a toxoplasmose é conhecida como a ‘doença do gato’. De forma equivocada, acredita-se que a transmissão da doença ocorra apenas através do contato da boca com as mãos contendo restos de fezes de gatos domésticos. A infecção ocorreria durante a limpeza das caixas de areia, onde se encontram as fezes contaminadas com o *Toxoplasma gondii*, na forma de oocistos. [...]

Estudo realizado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) mostrou que o consumo de água não-tratada adequadamente pode aumentar em até três vezes o risco de contrair essa infecção. [...]

A OMS classifica a toxoplasmose como “doença transmitida por alimentos contaminados”, uma vez que a via oral é a principal rota de transmissão. Nesse caso, a infecção ocorre pelo consumo de água, frutas e verduras contaminadas com oocistos ou de carnes cruas ou mal passadas (sobretudo, porcos, ovinos e bovinos) também contaminadas com cistos. [...]

Por conta da pressão do sistema imune para combater a infecção, o *Toxoplasma gondii* inicia o processo de ‘encistamento’ para se proteger. Durante esse processo, o parasita diminui o seu ritmo de replicação e permanece em estado ‘adormecido’ nos músculos, cérebro, coração e outros órgãos do hospedeiro, até ter condições de retornar à fase de multiplicação rápida e continuar sua disseminação pelo organismo, ou passar para outro animal que tenha ingerido partes do seu corpo contaminado. [...]

A transfusão de sangue, o transplante de órgãos e o compartilhamento de agulhas também são formas de transmissão dessa parasitose. Por isso, o controle de qualidade e da presença de *T. gondii*, principalmente em concentrado de linfócitos para determinadas transfusões, é fundamental. Esse parasito não infecta hemácias, mas pode infectar e ‘pegar carona’ em outras células do sangue.

Apesar de existir tratamento para a toxoplasmose, as medicações utilizadas são as mesmas descobertas na década de 1950, que têm ação apenas durante a fase aguda da doença, quando o parasito ainda não se transformou em cisto. O tratamento da toxoplasmose humana ainda conta com a combinação de dois medicamentos: sulfonamidas e derivados diaminopirimidínicos. Estes medicamentos são em sinergia à soma das ações de cada medicamento para inibir a síntese de folato.

Para evitar que apareçam efeitos adversos decorrentes do bloqueio da produção de folato, recomenda-se que o paciente tome suplementos de ácido fólico. Entre os efeitos adversos, estão a anemia megaloblástica [...], reações de hipersensibilidade às sulfonamidas e necrose hepática. Por causa disso e do tratamento ser longo, ao menos 30% das pessoas deixam de se tratar. [...]

Em “Alguns dos recém-nascidos desse grupo podem desenvolver sintomas clínicos e deficiências na vida adulta, afetando, sobretudo, a visão”, os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

- a) Pronome indefinido, substantivo, preposição.
- b) Advérbio, adjetivo, advérbio.
- c) Numeral, substantivo, preposição.
- d) Pronome relativo, adjetivo, preposição.
- e) Pronome indefinido, adjetivo, advérbio.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Predicativo do sujeito > Complemento Nominal > Adjunto Adnominal

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Visitador / Questão: 8

29. [Q3014177]

TEXTO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 15 milhões de brasileiros que moram em áreas urbanas e 2,3 milhões de moradores rurais não têm acesso a fontes seguras de água para suas necessidades domésticas e pessoais. A má higienização causada pela falta de água potável é um fator de maior vulnerabilidade para doenças adquiridas através do consumo de alimentos e água contaminados. Esse é o caso da toxoplasmose, prevalente em todo Brasil.

Embora as autoridades não a reconheçam como doença negligenciada, o país ocupa o topo da lista de surtos e casos de toxoplasmose no mundo. Entre 2010 e 2018, foram registrados 14 surtos no Brasil, correspondendo a 56% dos 25 notificados nos últimos 50 anos.

Além de ser transmitido por via oral, o parasita *Toxoplasma gondii* é capaz de ultrapassar barreiras importantes do nosso organismo, como a placenta. [...] Nos bebês, a toxoplasmose congênita pode ser assintomática, além de provocar sintomas graves, como atraso no desenvolvimento, cegueira, hidrocefalia. Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado. [...]

Embora a maioria dos recém-nascidos com toxoplasmose congênita sejam assintomáticos, os sinais da tríade clássica da doença – retinocoroidite, calcificação intracraniana e hidrocefalia – ocorrem em mais de 10% dos indivíduos desse grupo. Há outros casos também em que a doença se manifesta com sinais não específicos de infecção aguda, como convulsões, aumento do baço e fígado, febre, anemia, entre outros.

Alguns dos recém-nascidos desse grupo podem desenvolver sintomas clínicos e deficiências na vida adulta, afetando, sobretudo, a visão. [...]

Mas não é apenas por causa do risco de infecção em bebês e pessoas imunossuprimidas que devemos ficar atentos a essa doença. A incidência de pessoas com problemas de visão no nosso território, tanto naquelas saudáveis quanto nas que têm algum tipo de comprometimento no sistema imunológico é alta.

No Sul, diversos grupos de pesquisadores e médicos da região mostraram que a alta incidência de quadros oculares no Brasil tem relação com a circulação de genótipos atípicos de *Toxoplasma gondii*, sendo que nenhum deles é mais dominante do que os outros. [...]

Os problemas de visão ocorrem pela infecção do *Toxoplasma gondii* na região mais interna do olho conhecida como úvea posterior; especificamente, nos tecidos coróide e retina. A coróide é bastante vascularizada, importante para a nutrição dos fotorreceptores localizados na parte mais externa da retina. A retina é responsável pela captação de luz que irá formar as imagens enviadas para interpretação no cérebro. Uma vez que a lesão alcança áreas da retina com maior número de fotorreceptores, como a mácula e a fóvea, o paciente pode apresentar baixa visão ou até desenvolver a cegueira. [...]

Um estudo publicado, em 2022, mostrou a importância da atenção à toxoplasmose ocular nos diagnósticos de uveítes posteriores. Após avaliar mais de 3 mil pacientes, os autores relataram que, atualmente, a toxoplasmose é a principal causa de retinocoroidite (inflamação da retina e da coróide),

atingindo principalmente a população em idade mais produtiva, ou seja, inserida no mercado de trabalho. Essa constatação revela que o impacto da toxoplasmose ocular não se restringe apenas à qualidade de vida do paciente, inclui também perdas econômicas e sociais para o país.

Popularmente, a toxoplasmose é conhecida como a ‘doença do gato’. De forma equivocada, acredita-se que a transmissão da doença ocorra apenas através do contato da boca com as mãos contendo restos de fezes de gatos domésticos. A infecção ocorreria durante a limpeza das caixas de areia, onde se encontram as fezes contaminadas com o *Toxoplasma gondii*, na forma de oocistos. [...]

Estudo realizado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) mostrou que o consumo de água não-tratada adequadamente pode aumentar em até três vezes o risco de contrair essa infecção. [...]

A OMS classifica a toxoplasmose como “doença transmitida por alimentos contaminados”, uma vez que a via oral é a principal rota de transmissão. Nesse caso, a infecção ocorre pelo consumo de água, frutas e verduras contaminadas com oocistos ou de carnes cruas ou mal passadas (sobretudo, porcos, ovinos e bovinos) também contaminadas com cistos. [...]

Por conta da pressão do sistema imune para combater a infecção, o *Toxoplasma gondii* inicia o processo de ‘encistamento’ para se proteger. Durante esse processo, o parasita diminui o seu ritmo de replicação e permanece em estado ‘adormecido’ nos músculos, cérebro, coração e outros órgãos do hospedeiro, até ter condições de retornar à fase de multiplicação rápida e continuar sua disseminação pelo organismo, ou passar para outro animal que tenha ingerido partes do seu corpo contaminado. [...]

A transfusão de sangue, o transplante de órgãos e o compartilhamento de agulhas também são formas de transmissão dessa parasitose. Por isso, o controle de qualidade e da presença de *T. gondii*, principalmente em concentrado de linfócitos para determinadas transfusões, é fundamental. Esse parasito não infecta hemácias, mas pode infectar e ‘pegar carona’ em outras células do sangue.

Apesar de existir tratamento para a toxoplasmose, as medicações utilizadas são as mesmas descobertas na década de 1950, que têm ação apenas durante a fase aguda da doença, quando o parasito ainda não se transformou em cisto. O tratamento da toxoplasmose humana ainda conta com a combinação de dois medicamentos: sulfonamidas e derivados diaminopirimidínicos. Estes medicamentos são em sinergia à soma das ações de cada medicamento para inibir a síntese de folato.

Para evitar que apareçam efeitos adversos decorrentes do bloqueio da produção de folato, recomenda-se que o paciente tome suplementos de ácido fólico. Entre os efeitos adversos, estão a anemia megaloblástica [...], reações de hipersensibilidade às sulfonamidas e necrose hepática. Por causa disso e do tratamento ser longo, ao menos 30% das pessoas deixam de se tratar. [...]

ARAÚJO, M. R. P. de; VOMMARO, R. C. *Toda a atenção para a toxoplasmose*. In: Revista Ciência Hoje [CH 397]. Disponível

em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/toda-a-atencao-para-a-toxoplasmose/>>. Último acesso em 12 de junho de 2023.

(Adaptado)

Em “A retina é responsável pela captação de luz que irá formar as imagens enviadas para interpretação no cérebro”, o termo oracional está devidamente classificado como:

- a) Complemento nominal.
- b) Agente da passiva.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Predicativo do sujeito.
- e) Agente circunstancial.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 15 milhões de brasileiros que moram em áreas urbanas e 2,3 milhões de moradores rurais não têm acesso a fontes seguras de água para suas necessidades domésticas e pessoais. A má higienização causada pela falta de água potável é um fator de maior vulnerabilidade para doenças adquiridas através do consumo de alimentos e água contaminados. Esse é o caso da toxoplasmose, prevalente em todo Brasil.

Embora as autoridades não a reconheçam como doença negligenciada, o país ocupa o topo da lista de surtos e casos de toxoplasmose no mundo. Entre 2010 e 2018, foram registrados 14 surtos no Brasil, correspondendo a 56% dos 25 notificados nos últimos 50 anos.

Além de ser transmitido por via oral, o parasita *Toxoplasma gondii* é capaz de ultrapassar barreiras importantes do nosso organismo, como a placenta. [...] Nos bebês, a toxoplasmose congênita pode ser assintomática, além de provocar sintomas graves, como atraso no desenvolvimento, cegueira, hidrocefalia. Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado. [...]

Embora a maioria dos recém-nascidos com toxoplasmose congênita sejam assintomáticos, os sinais da tríade clássica da doença – retinocoroidite, calcificação intracraniana e hidrocefalia – ocorrem em mais de 10% dos indivíduos desse grupo. Há outros casos também em que a doença se manifesta com sinais não específicos de infecção aguda, como convulsões, aumento do baço e fígado, febre, anemia, entre outros.

Alguns dos recém-nascidos desse grupo podem desenvolver sintomas clínicos e deficiências na vida adulta, afetando, sobretudo, a visão. [...]

Mas não é apenas por causa do risco de infecção em bebês e pessoas imunossuprimidas que devemos ficar atentos a essa doença. A incidência de pessoas com problemas de visão no nosso território, tanto naquelas saudáveis quanto nas que têm algum tipo de comprometimento no sistema imunológico é alta.

No Sul, diversos grupos de pesquisadores e médicos da região mostraram que a alta incidência de quadros oculares no Brasil tem relação com a circulação de genótipos atípicos de *Toxoplasma gondii*, sendo que nenhum deles é mais dominante do que os outros. [...]

Os problemas de visão ocorrem pela infecção do *Toxoplasma gondii* na região mais interna do olho conhecida como úvea posterior; especificamente, nos tecidos coróide e retina. A coróide é bastante vascularizada, importante para a nutrição dos fotorreceptores localizados na parte mais externa da retina. A retina é responsável pela captação de luz que irá formar as imagens enviadas para interpretação no cérebro. Uma vez que a lesão alcança áreas da retina com maior número de fotorreceptores, como a mácula e a fóvea, o paciente pode apresentar baixa visão ou até desenvolver a cegueira. [...]

Um estudo publicado, em 2022, mostrou a importância da atenção à toxoplasmose ocular nos diagnósticos de uveítes posteriores. Após avaliar mais de 3 mil pacientes, os autores relataram que, atualmente, a toxoplasmose é a principal causa de retinocoroidite (inflamação da retina e da coróide), atingindo principalmente a população em idade mais produtiva, ou seja, inserida no mercado de trabalho. Essa constatação revela que o impacto da toxoplasmose ocular não se restringe apenas à qualidade de vida do paciente, inclui também perdas econômicas e sociais para o país.

Popularmente, a toxoplasmose é conhecida como a ‘doença do gato’. De forma equivocada, acredita-se que a transmissão da doença ocorra apenas através do contato da boca com as mãos contendo restos de fezes de gatos domésticos. A infecção ocorreria durante a limpeza das caixas de areia, onde se encontram as fezes contaminadas com o *Toxoplasma gondii*, na forma de oocistos. [...]

Estudo realizado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) mostrou que o consumo de água não-tratada adequadamente pode aumentar em até três vezes o risco de contrair essa infecção. [...]

A OMS classifica a toxoplasmose como “doença transmitida por alimentos contaminados”, uma vez que a via oral é a principal rota de transmissão. Nesse caso, a infecção ocorre pelo consumo de água, frutas e verduras contaminadas com oocistos ou de carnes cruas ou mal passadas (sobretudo, porcos, ovinos e bovinos) também contaminadas com cistos. [...]

Por conta da pressão do sistema imune para combater a infecção, o *Toxoplasma gondii* inicia o processo de ‘encistamento’ para se proteger. Durante esse processo, o parasita diminui o seu ritmo de replicação e permanece em estado ‘adormecido’ nos músculos, cérebro, coração e outros órgãos do hospedeiro, até ter condições de retornar à fase de multiplicação rápida e continuar sua disseminação pelo organismo, ou passar para outro animal que tenha ingerido partes do seu corpo contaminado. [...]

A transfusão de sangue, o transplante de órgãos e o compartilhamento de agulhas também são formas de transmissão dessa parasitose. Por isso, o controle de qualidade e da presença de *T. gondii*, principalmente em concentrado de linfócitos para determinadas transfusões, é fundamental. Esse parasito não infecta hemácias, mas pode infectar e ‘pegar carona’ em outras células do sangue.

Apesar de existir tratamento para a toxoplasmose, as medicações utilizadas são as mesmas descobertas na década de 1950, que têm ação apenas durante a fase aguda da doença, quando o parasito ainda não se transformou em cisto. O tratamento da toxoplasmose humana ainda conta com a combinação de dois medicamentos: sulfonamidas e derivados diaminopirimidínicos. Estes medicamentos são em sinergia à soma das ações de cada medicamento para inibir a síntese de folato.

Para evitar que apareçam efeitos adversos decorrentes do bloqueio da produção de folato, recomenda-se que o paciente tome suplementos de ácido fólico. Entre os efeitos adversos, estão a anemia megaloblástica [...], reações de hipersensibilidade às sulfonamidas e necrose hepática. Por causa disso e do tratamento ser longo, ao menos 30% das pessoas deixam de se tratar. [...]

ARAUJO, M. R. P. de; VOMMARO, R. C. *Toda a atenção para a toxoplasmose*. In: Revista Ciência Hoje [CH 397]. Disponível

em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/toda-a-atencao-para-a-toxoplasmose/>>. Último acesso em 12 de junho de 2023.

(Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta em destaque um termo oracional com a função de objeto indireto.

- a) “Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 15 milhões de brasileiros que moram em áreas urbanas e 2,3 milhões de moradores rurais não têm acesso a fontes seguras de água para suas necessidades domésticas e pessoais”.
- b) “Além de ser transmitido por via oral, o parasita *Toxoplasma gondii* é capaz de ultrapassar barreiras importantes do nosso organismo, como a placenta”.
- c) “Essa constatação revela que o impacto da toxoplasmose ocular não se restringe apenas à qualidade de vida do paciente, inclui também perdas econômicas e sociais para o país”.
- d) “Estudo realizado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), mostrou que o consumo de água não-tratada adequadamente pode aumentar em até três vezes o risco de contrair essa infecção”.
- e) “O tratamento da toxoplasmose humana ainda conta com a combinação de dois medicamentos.”

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Campo semântico

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 46

31. [Q3111080]

TEXTO II

Como contribuir com a formação de leitores nos Anos Finais do Fundamental?

É importante ouvir os interesses dos alunos, abrir espaço para debates e reflexões e colocar as obras em diálogo com a realidade dos estudantes

[...]

Michelli, atualmente com 36 anos, se formou em Letras e se especializou em Gestão de Bibliotecas Escolares pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Hoje, atua como docente de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental na EBM Paulina Wagner, em Blumenau, e na EEF Clara Donner, em Timbó, ambas no interior de Santa Catarina. Em 2020, ela foi uma das 50 finalistas do Prêmio Educador Nota 10 com o projeto *O podcast na sala de aula: oralidade, escrita e tecnologia*.

Mas, mesmo apreciando muito os livros e suas histórias, Michelli tinha dificuldade de inserir o trabalho com a leitura literária nas suas aulas. “Eu incentivava [*a leitura*] e conversava com os alunos, mas era difícil trabalhar um livro inteiro, especialmente por serem textos mais longos e pela questão do acesso às obras. Por mais que a gente tivesse biblioteca, não contávamos ainda com o PNLD [*Programa Nacional do Livro Didático*] Literário, que garantiria obras a todos os alunos. Isso era um entrave”, diz.

Contextualização, discussões e reflexões

Essa realidade começou a mudar em 2019, quando ela fazia mestrado em Letras na UFSC e teve a ideia de desenvolver um projeto literário a partir do livro *O menino do dedo verde*, clássico infanto-juvenil do escritor francês Maurice Druon. “Em uma das disciplinas do mestrado, nós estudamos alguns critérios de qualidade de uma obra infantojuvenil. Achei esse livro uma ótima escolha por ter também capítulos curtos e algumas ilustrações, adequado para turmas de 6º ano, com as quais trabalhei”, explica. Com isso, a professora partiu para a prática em sala de aula: primeiro, fez a apresentação do autor, contextualizando a época em que a obra foi escrita. Depois, para motivar a leitura, relacionou o livro com outros textos que dialogam com a história. Como o enredo aborda a temática da guerra, Michelli decidiu mostrar o trailer do filme *O menino do pijama listrado* — inspirado no livro homônimo, de John Boyne — a fim de ampliar o olhar dos alunos para um dos assuntos tratados. Os primeiros capítulos foram lidos em sala, e depois a professora combinou prazos para que os estudantes lessem e pudessem discutir alguns temas em grupo.

Para ela, a prática de sempre contextualizar algum assunto que aparecia na história e recorrer a materiais complementares foi essencial para engajar a turma, que se envolveu com a trama. Em um trecho da obra, o garoto visita uma cadeia, e esse foi o gancho para falar com os alunos sobre o sistema prisional brasileiro. Com o auxílio de um infográfico, a conversa rendeu um bom debate sobre direitos humanos. Em outra parte da história, o menino conhece uma favela e usa o poder de seu dedo para florir o lugar. Com isso, Michelli propôs uma discussão que partiu de uma reportagem sobre artistas plásticos que fizeram diversas pinturas nas casas de uma comunidade no México, ação que colaborou para melhorar a segurança das pessoas.

“São discussões que acontecem a partir da história, e não cobranças com questionários e fichas de leitura. A proposta é sempre ter conversas sobre algo que surgiu na narrativa, mas que vai mais a fundo em questões que nos fazem refletir, que é uma das coisas que a literatura provoca na gente”, comenta. Para encerrar o trabalho com *O menino do dedo verde*, as crianças plantaram mudinhas de flores em um vaso e o entregaram para alguém que estava precisando de um gesto de gentileza. Depois, escreveram um depoimento sobre esse momento.

[...]

(Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21390/como-contribuir-com-a-formacao-de-leitores-nos-anos-finais-do-fundamental>)

Ainda em relação ao trecho: “ Mas, mesmo apreciando muito os livros e suas histórias, Michelli tinha dificuldade de inserir o trabalho com a leitura literária nas suas aulas”, o conectivo MESMO tem a mesma carga semântica de:

- a) Também.
- b) Conquanto.
- c) Portanto.
- d) Já que.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Predicativo do objeto > Predicativo do sujeito > Objeto direto > Complemento Nominal

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 47

32. [Q3111081]

TEXTO II

Como contribuir com a formação de leitores nos Anos Finais do Fundamental?

É importante ouvir os interesses dos alunos, abrir espaço para debates e reflexões e colocar as obras em diálogo com a realidade dos estudantes

[...]

Michelli, atualmente com 36 anos, se formou em Letras e se especializou em Gestão de Bibliotecas Escolares pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Hoje, atua como docente de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental na EBM Paulina Wagner, em Blumenau, e na EEF Clara Donner, em Timbó, ambas no interior de Santa Catarina. Em 2020, ela foi uma das 50 finalistas do Prêmio Educador Nota 10 com o projeto *O podcast na sala de aula: oralidade, escrita e tecnologia*.

Mas, mesmo apreciando muito os livros e suas histórias, Michelli tinha dificuldade de inserir o trabalho com a leitura literária nas suas aulas. “Eu incentivava [*a leitura*] e conversava com os alunos, mas era difícil trabalhar um livro inteiro, especialmente por serem textos mais longos e pela questão do acesso às obras. Por mais que a gente tivesse biblioteca, não contávamos ainda com o PNLD [*Programa Nacional do Livro Didático*] Literário, que garantiria obras a todos os alunos. Isso era um entrave”, diz.

Contextualização, discussões e reflexões

Essa realidade começou a mudar em 2019, quando ela fazia mestrado em Letras na UFSC e teve a ideia de desenvolver um projeto literário a partir do livro *O menino do dedo verde*, clássico infanto-juvenil do escritor francês Maurice Druon. “Em uma das disciplinas do mestrado, nós estudamos alguns critérios de qualidade de uma obra infantojuvenil. Achei esse livro uma ótima escolha por ter também capítulos curtos e algumas ilustrações, adequado para turmas de 6º ano, com as quais trabalhei”, explica. Com isso, a professora partiu para a prática em sala de aula: primeiro, fez a apresentação do autor, contextualizando a época em que a obra foi escrita. Depois, para motivar a leitura, relacionou o livro com outros textos que dialogam com a história. Como o enredo aborda a temática da guerra, Michelli decidiu mostrar o trailer do filme *O menino do pijama listrado* — inspirado no livro homônimo, de John Boyne — a fim de ampliar o olhar dos alunos para um dos assuntos tratados. Os primeiros capítulos foram lidos em sala, e depois a professora combinou prazos para que os estudantes lessem e pudessem discutir alguns temas em grupo.

Para ela, a prática de sempre contextualizar algum assunto que aparecia na história e recorrer a materiais complementares foi essencial para engajar a turma, que se envolveu com a trama. Em um trecho da obra, o garoto visita uma cadeia, e esse foi o gancho para falar com os alunos sobre o sistema prisional brasileiro. Com o auxílio de um infográfico, a conversa rendeu um bom debate sobre direitos humanos. Em outra parte da história, o menino conhece uma favela e usa o poder de seu dedo para florir o lugar. Com isso, Michelli propôs uma discussão que partiu de uma reportagem sobre artistas plásticos que fizeram diversas pinturas nas casas de uma comunidade no México, ação que colaborou para melhorar a segurança das pessoas.

“São discussões que acontecem a partir da história, e não cobranças com questionários e fichas de leitura. A proposta é sempre ter conversas sobre algo que surgiu na narrativa, mas que vai mais a fundo em questões que nos fazem refletir, que é uma das coisas que a literatura provoca na gente”, comenta. Para encerrar o trabalho com *O menino do dedo verde*, as crianças plantaram mudinhas de flores em um vaso e o entregaram para alguém que estava precisando de um gesto de gentileza. Depois, escreveram um depoimento sobre esse momento.

[...]

(Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21390/como-contribuir-com-a-formacao-de-leitores-nos-anos-finais-do-fundamental>)

No trecho: “Achei esse livro uma ótima escolha”, a expressão destacada cumpre função sintática de:

- a) Objeto direto.
- b) Complemento nominal.
- c) Predicativo do sujeito.
- d) Predicativo do objeto.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Conjunções

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 25

33. [Q3111035]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista *Science* em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infelizmente não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àquelas que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

Considerando a relação semântica expressa no período abaixo pela conjunção subordinativa, analise as assertivas e assinale a alternativa CORRETA.

“Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos [...], as crianças expostas a esse sistema mudaram-no”

I- A conjunção subordinativa “embora” indica, em relação à oração principal, uma oposição.

II- Na oração subordinada introduzida pela conjunção subordinativa, contém um verbo no modo subjuntivo.

III- A conjunção “embora” pode ser substituída, sem prejuízo semântico, pela locução “posto que”.

- a) Apenas I está correta.
- b) I e II estão corretas.
- c) Apenas II está correta.
- d) I, II e III estão corretas.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Emprego do sinal indicativo de crase

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 28

34. [Q3111039]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista Science em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infelizes não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos

nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

SZCZESNIAK, K. *Nascimento de uma língua*. In: Revista Ciência Hoje [CH 210]. Último acesso: 09 de junho de 2023. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/nascimento-de-uma-lingua/>> (Adaptado).

Em “[...] as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema [...]”, o acento grave na palavra “àquelas” se justifica, CORRETAMENTE, por:

- a) Haver um verbo transitivo indireto na oração.
- b) Haver uma junção entre artigo feminino e pronome demonstrativo.
- c) Haver uma crase exigida pelo verbo “chegar”.
- d) Haver uma contração da preposição “a” com o “a” inicial do demonstrativo feminino plural “aquelas”.

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista Science em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infortunadas não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

SZCZESNIAK, K. *Nascimento de uma língua*. In: Revista Ciência Hoje [CH 210]. Último acesso: 09 de junho de 2023. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/nascimento-de-uma-lingua/>> (Adaptado).

Assinale a alternativa que apresenta CORRETAMENTE um fragmento em que se verificam conjunções correlatas aditivas em construções paralelas.

- a) “Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa”.
- b) “Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.”
- c) “O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana”.
- d) “Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Emprego dos modos verbais

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 37

36. [Q3111054]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista Science em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infortunadas não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

SZCZESNIAK, K. *Nascimento de uma língua*. In: Revista Ciência Hoje [CH 210]. Último acesso: 09 de junho de 2023. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/nascimento-de-uma-lingua/>> (Adaptado).

Em “As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto?”, a forma verbal destacada exprime:

- a) Um desejo.
- b) Um conselho.
- c) Uma hipótese.
- d) Um fato possível.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise das estruturas linguísticas do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Analista de Suporte em Tecnologia da Informação / Questão: 1

37. [Q3110866]

TEXTO

Leitora voraz desde a infância, Renata Pacheco Ventura sempre soube que seria escritora. Nascida no Rio de Janeiro, em 1985, morou por quatro anos nos Estados Unidos, onde começou a cursar comunicação social na Universidade de Houston. Formando-se em jornalismo pela PUC-Rio, escreveu a dissertação *100% Off – O*

Manual do colonizado, onde analisou a colonização cultural do brasileiro, tema que volta a abordar em *A arma escarlata*.

Trabalhou por três anos fazendo pesquisa e roteiro para cinema-documentário antes de decidir se dedicar exclusivamente ao seu primeiro livro. Nesse meio tempo, implementou uma forma de interação com seus leitores, em que eles podem conversar virtualmente com alguns dos personagens do livro através de redes sociais; fazendo-lhes perguntas, batendo um papo descompromissado ou até mesmo tentando descobrir segredos da trama. Seu objetivo como escritora é contar histórias que divirtam e, ao mesmo tempo, façam o leitor refletir sobre si mesmo e sobre o mundo a sua volta. “*Eu não poderia criar uma escola de bruxaria britânica no Rio de Janeiro. A não ser que ela houvesse sido construída e fosse dirigida, até os dias de hoje, por britânicos*”.

Boa Leitura!

Olá, Renata Ventura, é um prazer tê-la conosco no projeto Divulga Escritor. Você é um verdadeiro fenômeno: são poucos os escritores que fazem sucesso tendo apenas um livro publicado. Antes de tudo, parabéns. Conte-nos: quando e como surgiu o seu gosto pela escrita?

Renata Ventura: Eu sempre quis escrever. Na verdade, sempre gostei de criar histórias; eu pensava em muitas cenas e personagens, que ficavam todos na minha cabeça, mas que eu queria colocar no papel! Nunca gostei de escrever redação para a escola. A ideia de escrever um texto com um tema pré-escolhido pela professora, com um número determinado de páginas, em poucos minutos, nunca me agradou. Eu queria escrever livros gigantes! Com histórias superelaboradas! Haha. Sempre adorei ler e sempre adorei ver filmes. Para mim, os dois são muito parecidos, porque o que mais importa, para mim, é a história a ser contada. O veículo em que ela chega, às vezes, não é importante. Como, no entanto, fazer cinema é mil vezes mais complicado, ainda mais no Brasil, eu preferi a literatura, onde a gente sempre pode colocar mais detalhes e mais reflexões do que em três horas de filme.

Que temas você aborda em seu livro *A arma escarlata*?

Renata Ventura: Nossa! São muitos. Desigualdade social, abandono, analfabetismo, violência, *bullying*, impulsividade, arrogância, corrupção policial e política, mitologia e história brasileira, drogas, amizade, proteção dos animais, cidadania... é muita coisa.

Em quem você se inspirou para criar Hugo?

Renata Ventura: Ele é muito um produto do meio. Eu fui descobrindo Hugo à medida que ele ia reagindo às ameaçadas que o cercavam, com sua impulsividade, seu egoísmo, sua arrogância, sua raiva. Eu fui vendo que, sem essas características, Hugo provavelmente não teria sobrevivido até os 13 anos de idade.

Por que você quis criar a Korkovado tão diferente de Hogwarts? Acha mesmo que uma escola de bruxaria no Brasil seria tão diferente assim de uma na Grã-Bretanha?

Renata Ventura: Sim, sim. Tão diferente quanto as nossas escolas são das escolas britânicas. Com certeza. Nossos bruxos até tentam copiar o modo britânico de ser, porque a gente gosta de tudo que vem de fora, mas o brasileiro (inclusive o bruxo brasileiro) faz tudo meio nas coxas, não se importa muito com a qualidade, acha que vai dar certo apenas com um jeitinho, uma gambiarra, e aí fica uma coisa meio... desorganizada, sem muito planejamento. Eu não poderia criar uma escola de bruxaria britânica no Rio de Janeiro. A não ser que ela houvesse sido construída e fosse dirigida, até os dias de hoje, por britânicos.

Renata, onde podemos comprar o seu livro?

Renata Ventura: Ele está à venda nas melhores livrarias, mas pode ser comprado também pelo site da Saraiva, da Submarino... (na Submarino, eles se esqueceram de mudar a foto da capa do livro, mas é a capa nova que estão vendendo!) Também é possível comprar comigo autografado! Eu envio o livro pelo correio sem problemas! É só me enviar um e-mail: a.arma.escarlata@gmail.com, que eu passo as instruções.

De que forma você, hoje, divulga o seu trabalho?

Renata Ventura: Sempre pelas redes sociais (nossa salvação, hehe): *Skoob*, *Facebook* etc. E vou muito em eventos.

Eventos literários, eventos de RPG, de anime.... São sempre muito divertidos! Adoro conhecer todo mundo.

Quais seus próximos projetos literários? Ficamos sabendo que vem nova publicação, dá para nos adiantar sobre seu novo livro?

Renata Ventura: Sim, sim, é a continuação de *A arma escarlata*. Irá se chamar *A comissão chapeleira* e vai ser mais político do que o primeiro. O vilão principal da série aparece nesse e eu sou apaixonada por ele.

A série do Hugo Escarlata será composta de quantos livros?

Renata Ventura: Serão 5 livros, com um sexto a respeito do vilão principal.

Quais os principais objetivos do projeto *Potter em Orfanatos*? Como fazer para conhecer melhor o projeto e participar?

Renata Ventura: O principal objetivo é incentivar o gosto pela leitura nas crianças carentes em orfanatos e casas de acolhimento. Mostrar como a leitura pode ser algo muito divertido e pode levá-las a mundos extraordinários. Para participar, é só procurar pelo projeto *Potter em Orfanatos no Facebook* e encontrar o grupo de seu estado!

Quais as melhorias que você citaria para o mercado literário no Brasil?

Renata Ventura: Os leitores brasileiros estão aceitando melhor autores nacionais. Ainda há preconceito, especialmente porque as livrarias e as próprias editoras preferem comprar livros estrangeiros traduzidos do que apostar em novos talentos brasileiros, mas o cenário está mudando! Cada vez surgem mais jovens autores nacionais que lançam livros de fantasia, terror, romance, policial, tudo! E aquela velha noção de que “livro brasileiro” é sinônimo de “Machado de Assis” está, aos poucos, caducando. Não que Machado de Assis seja ruim, muito pelo contrário! É ótimo! Mas precisamos ver que a literatura brasileira não parou no dia em que esses autores clássicos morreram! Mesmo que a maioria das escolas insistam em dizer que sim.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista, agradecemos sua participação no projeto *Divulga Escritor*, muito bom conhecer melhor a escritora Renata Ventura, que mensagem você deixa para nossos leitores?

Renata Ventura: Leiam cada vez mais! E leiam de tudo!!!!

(Adaptado de: <https://www.divulgaescritor.com/products/renataventura-entrevista/>. Acesso em: 14/07/2023).

Em relação ao emprego da língua portuguesa no texto acima, é CORRETO afirmar:

- a) Emprega-se a variedade padrão, obedecendo rigorosamente as prescrições da gramática normativa, sem usar estruturas típicas da oralidade informal.
- b) Emprega-se a variedade padrão, apresentando, todavia, diversas formas e expressões e estruturas típicas da oralidade informal.
- c) Emprega-se uma variedade regional específica, contaminando o texto com regionalismos e marcas dialetais destoantes das regras gramaticais tradicionais.
- d) Emprega-se uma variedade culta e um registro estritamente formal.

O Ministério da Saúde decretou situação de emergência na região da Terra Indígena Yanomami, a maior reserva indígena do Brasil, com 100 mil quilômetros quadrados distribuídos pela floresta amazônica entre os estados do Amazonas e de Roraima. O motivo? A morte de crianças por desnutrição.

A área ocupada pelos yanomami conta com grandes reservas de ouro, o que é um atrativo enorme para a mineração. Nísia Trindade, ministra da saúde, afirmou que o garimpo ilegal (que usa mercúrio, um metal tóxico), é a principal causa da crise sanitária que afeta os yanomami.

De 2016 a 2020, o garimpo em terras yanomami cresceu 3350%. E as consequências foram sentidas no ambiente: um laudo da Polícia Federal feito em meados de 2022 constatou que quatro rios da região tinham contaminação por mercúrio 8600% superior à concentração máxima para consumo.

Líquido à temperatura ambiente, o mercúrio é um metal cuja liberação indevida na natureza vem da atividade humana: usinas elétricas a carvão, processos industriais, incineradores de resíduos e, principalmente, na mineração de ouro.

O mercúrio é usado no garimpo para facilitar a separação. Ele se liga aos pequenos pedaços de ouro e forma uma amálgama, o que ajuda os garimpeiros a recolher o metal que interessa.

O processo tem um preço: para cada quilo de ouro extraído, são usados até oito de mercúrio, e a maior parte desse metal tóxico é jogado nos rios. Estima-se que esse descarte represente cerca de 38% das emissões de mercúrio no mundo. E a contaminação pela substância traz fortes efeitos negativos para o meio ambiente e para a saúde dos garimpeiros e das pessoas que vivem por perto.

Uma vez no ambiente, o mercúrio pode ser transformado por bactérias em metilmercúrio. Essa forma orgânica do metal é acumulada pelos organismos do rio – e a concentração aumenta conforme a cadeia alimentar avança.

Imagine que muitos plânctons contaminados por mercúrio virarão jantar de um único peixe. A carga de mercúrio, então, vai se acumular nesse animal. Na sequência, um grande predador que tenha esse peixe no cardápio vai se alimentar dele e de vários outros peixes que comeram plânctons contaminados. A dose de mercúrio vai ficando cada vez mais alta.

Essa é, justamente, uma das principais formas de exposição ao mercúrio. Cozinhar os peixes e mariscos não basta para se livrar do metal, e quem se alimenta desses animais torna-se mais um elo na cadeia de acúmulo da substância.

Diversas variáveis determinam se a contaminação vai ocasionar problemas de saúde e qual será a sua gravidade. Entre elas estão a dose de mercúrio, a idade da vítima, por quanto tempo ela ficou exposta e a via de exposição (inalação, ingestão ou contato com a pele).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), dois grupos são mais sensíveis aos efeitos do mercúrio. O primeiro são fetos que, geralmente, são expostos ao metilmercúrio no útero graças ao consumo de peixes e mariscos pela mãe. Eles podem ter o desenvolvimento neurológico prejudicado, afetando cognição, memória, atenção, linguagem e habilidades motoras da criança.

O segundo grupo são pessoas frequentemente expostas a altos níveis de mercúrio – por exemplo, populações que dependem da pesca de subsistência em regiões de garimpo. O metilmercúrio afeta os sistemas nervoso central e periférico, causando tremores, insônia, perda de memória, efeitos neuromusculares, dores de cabeça e disfunção cognitiva e motora.

Em doses elevadas, o envenenamento por mercúrio pode causar disfunção renal, insuficiência respiratória e até morte. No século 20, no que ficou conhecido como o Desastre de Minamata, uma indústria dessa cidade japonesa descartava materiais com mercúrio próximo a uma baía. 1.700 pessoas morreram por intoxicação ao consumir a pesca da região.

CAPARROZ, Leo. Intoxicação por mercúrio: entenda como o metal age no corpo. Disponível em: . Último acesso em 20 fev. 2023. (Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta um dífono.

- a) Peixes.
- b) Exemplo.

c) Próximo.

d) Intoxicação.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Classes de palavras (classes gramaticais)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Técnico Administrativo / Questão: 5

39. [Q2802209]

Texto

O Ministério da Saúde decretou situação de emergência na região da Terra Indígena Yanomami, a maior reserva indígena do Brasil, com 100 mil quilômetros quadrados distribuídos pela floresta amazônica entre os estados do Amazonas e de Roraima. O motivo? A morte de crianças por desnutrição.

A área ocupada pelos yanomami conta com grandes reservas de ouro, o que é um atrativo enorme para a mineração. Nísia Trindade, ministra da saúde, afirmou que o garimpo ilegal (que usa mercúrio, um metal tóxico), é a principal causa da crise sanitária que afeta os yanomami.

De 2016 a 2020, o garimpo em terras yanomami cresceu 3350%. E as consequências foram sentidas no ambiente: um laudo da Polícia Federal feito em meados de 2022 constatou que quatro rios da região tinham contaminação por mercúrio 8600% superior à concentração máxima para consumo.

Líquido à temperatura ambiente, o mercúrio é um metal cuja liberação indevida na natureza vem da atividade humana: usinas elétricas a carvão, processos industriais, incineradores de resíduos e, principalmente, na mineração de ouro.

O mercúrio é usado no garimpo para facilitar a separação. Ele se liga aos pequenos pedaços de ouro e forma uma amálgama, o que ajuda os garimpeiros a recolher o metal que interessa.

O processo tem um preço: para cada quilo de ouro extraído, são usados até oito de mercúrio, e a maior parte desse metal tóxico é jogado nos rios. Estima-se que esse descarte represente cerca de 38% das emissões de mercúrio no mundo. E a contaminação pela substância traz fortes efeitos negativos para o meio ambiente e para a saúde dos garimpeiros e das pessoas que vivem por perto.

Uma vez no ambiente, o mercúrio pode ser transformado por bactérias em metilmercúrio. Essa forma orgânica do metal é acumulada pelos organismos do rio – e a concentração aumenta conforme a cadeia alimentar avança.

Imagine que muitos plânctons contaminados por mercúrio virarão jantar de um único peixe. A carga de mercúrio, então, vai se acumular nesse animal. Na sequência, um grande predador que tenha esse peixe no cardápio vai se alimentar dele e de vários outros peixes que comeram plânctons contaminados. A dose de mercúrio vai ficando cada vez mais alta.

Essa é, justamente, uma das principais formas de exposição ao mercúrio. Cozinhar os peixes e mariscos não basta para se livrar do metal, e quem se alimenta desses animais torna-se mais um elo na cadeia de acúmulo da substância.

Diversas variáveis determinam se a contaminação vai ocasionar problemas de saúde e qual será a sua gravidade. Entre elas estão a dose de mercúrio, a idade da vítima, por quanto tempo ela ficou exposta e a via de exposição (inalação, ingestão ou contato com a pele).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), dois grupos são mais sensíveis aos efeitos do mercúrio. O primeiro são fetos que, geralmente, são expostos ao metilmercúrio no útero graças ao consumo de peixes e mariscos pela mãe. Eles podem ter o desenvolvimento neurológico prejudicado, afetando cognição, memória, atenção, linguagem e habilidades motoras da criança.

O segundo grupo são pessoas frequentemente expostas a altos níveis de mercúrio – por exemplo, populações que dependem da pesca de subsistência em regiões de garimpo. O metilmercúrio afeta os sistemas nervoso central e periférico, causando tremores, insônia, perda de memória, efeitos neuromusculares, dores de cabeça e disfunção cognitiva e motora.

Em doses elevadas, o envenenamento por mercúrio pode causar disfunção renal, insuficiência respiratória e até morte. No século 20, no que ficou conhecido como o Desastre de Minamata, uma indústria dessa cidade japonesa descartava materiais com mercúrio próximo a uma baía. 1.700 pessoas morreram por intoxicação ao consumir a pesca da região.

CAPARROZ, Leo. Intoxicação por mercúrio: entenda como o metal age no corpo. Disponível em: . Último acesso em 20 fev. 2023. (Adaptado)

“O Ministério da Saúde decretou situação de emergência na região da Terra Indígena Yanomami, a maior reserva indígena do Brasil, com 100 mil quilômetros quadrados distribuídos pela floresta amazônica entre os estados do Amazonas e de Roraima.”

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, as classes das palavras destacadas.

- a) Preposição, conjunção, conjunção.
- b) Conjunção, preposição, conjunção.
- c) Preposição, preposição, preposição.
- d) Conjunção, conjunção, preposição.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Técnico Administrativo / Questão: 7

40. [Q2802224]

Texto

O Ministério da Saúde decretou situação de emergência na região da Terra Indígena Yanomami, a maior reserva indígena do Brasil, com 100 mil quilômetros quadrados distribuídos pela floresta amazônica entre os estados do Amazonas e de Roraima. O motivo? A morte de crianças por desnutrição.

A área ocupada pelos yanomami conta com grandes reservas de ouro, o que é um atrativo enorme para a mineração. Nísia Trindade, ministra da saúde, afirmou que o garimpo ilegal (que usa mercúrio, um metal tóxico), é a principal causa da crise sanitária que afeta os yanomami.

De 2016 a 2020, o garimpo em terras yanomami cresceu 3350%. E as consequências foram sentidas no ambiente: um laudo da Polícia Federal feito em meados de 2022 constatou que quatro rios da região tinham contaminação por mercúrio 8600% superior à concentração máxima para consumo.

Líquido à temperatura ambiente, o mercúrio é um metal cuja liberação indevida na natureza vem da atividade humana: usinas elétricas a carvão, processos industriais, incineradores de resíduos e, principalmente, na mineração de ouro.

O mercúrio é usado no garimpo para facilitar a separação. Ele se liga aos pequenos pedaços de ouro e forma uma amálgama, o que ajuda os garimpeiros a recolher o metal que interessa.

O processo tem um preço: para cada quilo de ouro extraído, são usados até oito de mercúrio, e a maior parte desse metal tóxico é jogado nos rios. Estima-se que esse descarte represente cerca de 38% das emissões de mercúrio no mundo. E a contaminação pela substância traz fortes efeitos negativos para o meio ambiente e para a saúde dos garimpeiros e das pessoas que vivem por perto.

Uma vez no ambiente, o mercúrio pode ser transformado por bactérias em metilmercúrio. Essa forma orgânica do metal é acumulada pelos organismos do rio – e a concentração aumenta conforme a cadeia alimentar avança.

Imagine que muitos plânctons contaminados por mercúrio virarão jantar de um único peixe. A carga de mercúrio, então, vai se acumular nesse animal. Na sequência, um grande predador que tenha esse peixe no cardápio vai se alimentar dele e de vários outros peixes que comeram plânctons contaminados. A dose de mercúrio vai ficando cada vez mais alta.

Essa é, justamente, uma das principais formas de exposição ao mercúrio. Cozinhar os peixes e mariscos não basta para se livrar do metal, e quem se alimenta desses animais torna-se mais um elo na cadeia de acúmulo da substância.

Diversas variáveis determinam se a contaminação vai ocasionar problemas de saúde e qual será a sua gravidade. Entre elas estão a dose de mercúrio, a idade da vítima, por quanto tempo ela ficou exposta e a via de exposição (inalação, ingestão ou contato com a pele).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), dois grupos são mais sensíveis aos efeitos do mercúrio. O primeiro são fetos que, geralmente, são expostos ao metilmercúrio no útero graças ao consumo de peixes e mariscos pela mãe. Eles podem ter o desenvolvimento neurológico prejudicado, afetando cognição, memória, atenção, linguagem e habilidades motoras da criança.

O segundo grupo são pessoas frequentemente expostas a altos níveis de mercúrio – por exemplo, populações que dependem da pesca de subsistência em regiões de garimpo. O metilmercúrio afeta os sistemas nervoso central e periférico, causando tremores, insônia, perda de memória, efeitos neuromusculares, dores de cabeça e disfunção cognitiva e motora.

Em doses elevadas, o envenenamento por mercúrio pode causar disfunção renal, insuficiência respiratória e até morte. No século 20, no que ficou conhecido como o Desastre de Minamata, uma indústria dessa cidade japonesa descartava materiais com mercúrio próximo a uma baía. 1.700 pessoas morreram por intoxicação ao consumir a pesca da região.

CAPARROZ, Leo. Intoxicação por mercúrio: entenda como o metal age no corpo. Disponível em: . Último acesso em 20 fev. 2023. (Adaptado)

Em “um laudo da Polícia Federal feito em meados de 2022 constatou que quatro rios da região tinham contaminação por mercúrio”, a oração destacada se classifica como:

- a) Oração subordinada substantiva objetiva direta.
- b) Oração subordinada substantiva subjetiva.
- c) Oração subordinada adjetiva explicativa.
- d) Oração subordinada adverbial de causa.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Predicativo do sujeito

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Professor / Questão: 7

41. [Q2802144]

Texto

A Guiné Equatorial confirmou o seu primeiro surto de febre hemorrágica de Marburg, doença causada pelo vírus de Marburg. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), até aquela data foram contabilizadas nove mortes mais 16 casos suspeitos com sintomas como febre, fadiga e vômito com sangue e diarreia.

Autoridades de saúde do país enviaram amostras ao laboratório de referência do Instituto Pasteur no Senegal, com ajuda da OMS, para determinar a origem do surto. Das oito amostras testadas, uma deu positivo para o vírus.

Segundo a OMS, há várias investigações em andamento. Existem equipes nos distritos afetados para rastrear contatos, isolar e fornecer assistência médica às pessoas que apresentam sintomas da doença. A organização, em colaboração com forças nacionais da Guiné Equatorial, também colocou esforços para montar rapidamente uma resposta de emergência e controle do surto.

A doença causada pelo vírus de Marburg é rara, porém mortal. Ela tem taxa de letalidade de até 88%, mas com os cuidados adequados ao paciente, pode cair para até 24%. Em comparação, a taxa do Sars-CoV-2, o vírus da Covid-19, chegou a 14% no auge da pandemia. A do vírus do Ebola, que já variou de 25% a 90%, hoje tem média de 50%.

Isso torna o vírus de Marburg um dos mais letais do mundo. Capaz de atingir humanos e outros primatas, ele pertence à família Filoviridae, a mesma do vírus do Ebola – e causa sintomas similares: a doença começa abruptamente, com febre alta, dor de cabeça e mal-estar intensos. Dentro de sete dias, muitos pacientes já desenvolvem sintomas hemorrágicos graves.

O vírus é altamente infeccioso, e pode ser transmitido às pessoas por morcegos que se alimentam de frutas, ou se espalhar entre os humanos por meio do contato direto com fluidos corporais, superfícies e materiais infectados.

O intervalo da infecção até o início dos sintomas, chamado de período de incubação, varia de 2 a 21 dias. Além dos sintomas já citados, dores musculares também são uma característica comum. Diarreia intensa, dor abdominal e cólicas, náuseas e vômitos podem começar no terceiro dia.

Muitos pacientes desenvolvem quadros hemorrágicos graves entre o quinto e o sétimo dia – casos fatais costumam apresentar sangramento generalizado. O sangue fresco no vômito e nas fezes costuma ser acompanhado de sangramento nasal, gengival e vaginal.

Em casos fatais, a morte ocorre mais frequentemente entre 8 e 9 dias após o início dos sintomas, geralmente precedida por intensa perda de sangue.

O nome Marburg é em referência à cidade em que foi identificado um dos primeiros surtos da doença. Em 1967, grandes surtos simultâneos atingiram três cidade: Belgrado (Sérvia), Frankfurt (Alemanha) e, a pouco menos de 100 quilômetros ao norte dali, a também alemã Marburg.

O problema começou quando trabalhadores de laboratório foram expostos a macacos infectados trazidos de Uganda. Os pesquisadores passaram a doença para médicos e familiares, resultando em 31 pessoas infectadas e sete mortes.

Apesar do início na Europa, a maioria dos casos ao longo dos anos se restringiu à África. Há relatos de surtos e casos esporádicos em Angola, República Democrática do Congo, Quênia, África do Sul e em Uganda – neste último, em 2008, houve registro de dois casos independentes de viajantes que visitaram uma caverna habitada por colônias de morcegos.

O mais indicado é tomar cuidado com áreas de morcegos frugívoros. Durante pesquisas ou visitas turísticas em minas ou cavernas habitadas por morcegos do tipo, as pessoas devem usar luvas e outras roupas de proteção adequadas. Detalhe: a espécie de morcego atribuída à propagação do vírus, a *Rousettus aegyptiacus*, só é encontrada na África e em algumas partes da Ásia.

Outra medida importante é reduzir o risco de transmissão entre pessoas via fluidos corporais. É melhor evitar contato físico próximo com pacientes suspeitos, e luvas e equipamentos de proteção individual devem ser usados ao cuidar de doentes em casa. Além de, é claro, sempre lavar as mãos.

É pouco provável que o surto da Guiné Equatorial se torne uma pandemia tão disseminada quanto a da Covid-19. Os sintomas do vírus de Marburg aparecem em poucos dias e, rapidamente, levam o paciente a um quadro grave (e um possível óbito). Dessa forma, não dá tempo para que ele se espalhe e infecte muitas pessoas, como fez o SarsCoV-2 (e como faz o vírus da gripe, que tem uma taxa de letalidade baixa e se dissemina rapidinho).

Mesmo assim, é bom ficar alerta – afinal, viajantes podem levar o vírus para outros países – e acompanhar a resposta à doença, que, até agora, tem sido positiva.

“Graças à ação rápida e decisiva das autoridades da Guiné Equatorial na confirmação da doença, a resposta de emergência pôde atingir todo o vapor rapidamente para salvarmos vidas e determos o vírus o mais rápido possível”, afirma o Dr. Matshidiso Moeti, diretor regional da OMS na África.

CAPARROZ, Leo. O que é o Vírus de Marburg que teve surto confirmado pela OMS. Disponível em <<https://super.abril.com.br/saude/o-que-e-o-virus-de-marburg-que-teve-surto-confirmado-pela-oms/>>. Último acesso em 18 fev. 2023. (Adaptado)

Assinale a alternativa em que o termo destacado funciona sintaticamente como predicativo do sujeito.

- a) “O problema começou quando trabalhadores de laboratório foram expostos a macacos infectados trazidos de Uganda”.
- b) “Mesmo assim, é bom ficar alerta”.
- c) “O nome Marburg é em referência à cidade em que foi identificado um dos primeiros surtos da doença”.
- d) “A doença causada pelo vírus de Marburg é rara”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Orações subordinadas substantivas predicativas > Orações subordinadas adjetivas restritivas > Orações subordinadas substantivas subjetivas > Orações subordinadas adverbiais comparativas

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Professor / Questão: 8

A Guiné Equatorial confirmou o seu primeiro surto de febre hemorrágica de Marburg, doença causada pelo vírus de Marburg. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), até aquela data foram contabilizadas nove mortes mais 16 casos suspeitos com sintomas como febre, fadiga e vômito com sangue e diarreia.

Autoridades de saúde do país enviaram amostras ao laboratório de referência do Instituto Pasteur no Senegal, com ajuda da OMS, para determinar a origem do surto. Das oito amostras testadas, uma deu positivo para o vírus.

Segundo a OMS, há várias investigações em andamento. Existem equipes nos distritos afetados para rastrear contatos, isolar e fornecer assistência médica às pessoas que apresentam sintomas da doença. A organização, em colaboração com forças nacionais da Guiné Equatorial, também colocou esforços para montar rapidamente uma resposta de emergência e controle do surto.

A doença causada pelo vírus de Marburg é rara, porém mortal. Ela tem taxa de letalidade de até 88%, mas com os cuidados adequados ao paciente, pode cair para até 24%. Em comparação, a taxa do Sars-CoV-2, o vírus da Covid-19, chegou a 14% no auge da pandemia. A do vírus do Ebola, que já variou de 25% a 90%, hoje tem média de 50%.

Isso torna o vírus de Marburg um dos mais letais do mundo. Capaz de atingir humanos e outros primatas, ele pertence à família Filoviridae, a mesma do vírus do Ebola – e causa sintomas similares: a doença começa abruptamente, com febre alta, dor de cabeça e mal-estar intensos. Dentro de sete dias, muitos pacientes já desenvolvem sintomas hemorrágicos graves.

O vírus é altamente infeccioso, e pode ser transmitido às pessoas por morcegos que se alimentam de frutas, ou se espalhar entre os humanos por meio do contato direto com fluidos corporais, superfícies e materiais infectados.

O intervalo da infecção até o início dos sintomas, chamado de período de incubação, varia de 2 a 21 dias. Além dos sintomas já citados, dores musculares também são uma característica comum. Diarreia intensa, dor abdominal e cólicas, náuseas e vômitos podem começar no terceiro dia.

Muitos pacientes desenvolvem quadros hemorrágicos graves entre o quinto e o sétimo dia – casos fatais costumam apresentar sangramento generalizado. O sangue fresco no vômito e nas fezes costuma ser acompanhado de sangramento nasal, gengival e vaginal.

Em casos fatais, a morte ocorre mais frequentemente entre 8 e 9 dias após o início dos sintomas, geralmente precedida por intensa perda de sangue.

O nome Marburg é em referência à cidade em que foi identificado um dos primeiros surtos da doença. Em 1967, grandes surtos simultâneos atingiram três cidades: Belgrado (Sérvia), Frankfurt (Alemanha) e, a pouco menos de 100 quilômetros ao norte dali, a também alemã Marburg.

O problema começou quando trabalhadores de laboratório foram expostos a macacos infectados trazidos de Uganda. Os pesquisadores passaram a doença para médicos e familiares, resultando em 31 pessoas infectadas e sete mortes.

Apesar do início na Europa, a maioria dos casos ao longo dos anos se restringiu à África. Há relatos de surtos e casos esporádicos em Angola, República Democrática do Congo, Quênia, África do Sul e em Uganda – neste último, em 2008, houve registro de dois casos independentes de viajantes que visitaram uma caverna habitada por colônias de morcegos.

O mais indicado é tomar cuidado com áreas de morcegos frugívoros. Durante pesquisas ou visitas turísticas em minas ou cavernas habitadas por morcegos do tipo, as pessoas devem usar luvas e outras roupas de proteção adequadas. Detalhe: a espécie de morcego atribuída à propagação do vírus, a *Rousettus aegyptiacus*, só é encontrada na África e em algumas partes da Ásia.

Outra medida importante é reduzir o risco de transmissão entre pessoas via fluidos corporais. É melhor evitar contato físico próximo com pacientes suspeitos, e luvas e equipamentos de proteção individual devem ser usados ao cuidar de doentes em casa. Além de, é claro, sempre lavar as mãos.

É pouco provável que o surto da Guiné Equatorial se torne uma pandemia tão disseminada quanto a da Covid-19. Os sintomas do vírus de Marburg aparecem em poucos dias e, rapidamente, levam o paciente a um quadro grave (e um possível óbito). Dessa forma, não dá tempo para que ele se espalhe e infecte muitas pessoas, como fez o SarsCoV-2 (e como faz o vírus da gripe, que tem uma taxa de letalidade baixa e se dissemina rapidinho).

Mesmo assim, é bom ficar alerta – afinal, viajantes podem levar o vírus para outros países – e acompanhar a resposta à doença, que, até agora, tem sido positiva.

“Graças à ação rápida e decisiva das autoridades da Guiné Equatorial na confirmação da doença, a resposta de emergência pôde atingir todo o vapor rapidamente para salvarmos vidas e determos o vírus o mais rápido possível”, afirma o Dr. Matshidiso Moeti, diretor regional da OMS na África.

CAPARROZ, Leo. O que é o Vírus de Marburg que teve surto confirmado pela OMS. Disponível em <<https://super.abril.com.br/saude/o-que-e-o-virus-de-marburg-que-teve-surto-confirmado-pela-oms/>>. Último acesso em 18 fev. 2023. (Adaptado)

No período “É pouco provável que o surto da Guiné Equatorial se torne uma pandemia tão disseminada quanto a da Covid-19”, a oração em destaque é:

- a) Subordinada substantiva predicativa.
- b) Subordinada adjetiva restritiva.
- c) Subordinada substantiva subjetiva.
- d) Subordinada adverbial comparativa.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Pressupostos e subentendidos > Interpretação de Texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Serviço de Regulação de Saneamento de Jacareí SRJ SP - SP / Engenheiro Civil / Questão: 2

43. [Q2818874] TEXTO

SERPENTES

Serpentes são répteis que apresentam o corpo alongado, revestido por escamas, sem membros e sem pálpebras. As serpentes, como os demais répteis, necessitam de fontes externas de calor para regular a temperatura do seu corpo e, por isso, são chamadas de animais ectotérmicos.

Uma característica muito importante deste grupo são as modificações no crânio. Há uma tênue ligação entre os ossos da boca, que permite a abertura acentuada e a captura de presas até três vezes maiores que o diâmetro do corpo. Existem animais que se assemelham às serpentes, mas pertencem a outros grupos, como por exemplo, a cobra-de-vidro (lacertílio), a cobra-de-duas-cabeças (anfisbenídeo) ou a cobra-cega (anfíbio).

As serpentes podem ser encontradas em praticamente todos os ambientes. Algumas são arborícolas, ou seja, vivem em árvores; outras são terrícolas, vivem sobre o solo; também existem serpentes chamadas fossoriais, pois vivem em galerias no solo e buracos. Não podemos esquecer as que vivem em rios e lagoas, as aquáticas, e um pequeno grupo de espécies que vivem nos oceanos Índico e Pacífico – as serpentes marinhas.

Essa grande variedade de habitats possibilitou a ocupação de quase todo o globo terrestre, excetuando-se as regiões dos pólos e montanhas muito altas (pois são frias) e as fossas marinhas. Portanto, sempre devemos estar atentos ao encontro fortuito com esses animais, já que podemos nos deparar com eles em ambientes naturais, ou mesmo em áreas urbanas.

O olfato nas serpentes é realizado pela língua e pelo órgão vômero-nasal ou órgão de Jacobson. A língua bífida (com duas pontas) das serpentes é úmida e, quando exposta, capta várias partículas químicas presentes no ambiente. Quando a serpente retrai a língua, as pontas entram em contato com o órgão de Jacobson, localizado no céu da boca, responsável por analisar e enviar ao cérebro as informações captadas pela língua.

As serpentes não têm ouvido externo ou médio, mas possuem uma pequena estrutura óssea chamada de *columela*, que une a base da mandíbula à caixa craniana. Como a mandíbula da serpente está geralmente em contato com o solo ou sobre o seu próprio corpo, emissões sonoras (passos, quedas de objetos, sons graves etc.) podem fazer a columela vibrar. É dessa maneira que a serpente percebe o som.

Outro importante órgão para os sentidos de algumas espécies de serpentes é a fosseta loreal, uma abertura entre os olhos e narinas presente em todos os viperídeos americanos (jararacas, cascavéis e surucucu). As fossetas permitem a percepção de variações mínimas de temperaturas, da ordem de 0,003 °C. Esses sensores térmicos são importantes para detectar animais (presas, predadores).

As serpentes são animais carnívoros e ingerem seu alimento por inteiro. Podem ingerir presas bem maiores que seu próprio diâmetro, devido à grande abertura da sua boca. Alimentam-se de uma grande variedade de animais, desde invertebrados, como minhocas ou artrópodes, até peixes, anfíbios, lagartos, serpentes, aves e mamíferos. Algumas espécies, como as cobras-cipó e as caninanas, procuram por alimento enquanto se deslocam. Outras serpentes, como as jararacas e cascavéis, se posicionam em um local e esperam pela passagem da presa. Após a captura, o alimento pode ser ingerido vivo ou morto.

Quando o animal a ser ingerido representa perigo para a serpente, podendo mordê-la (roedores) ou bicá-la (aves), ela mata a presa antes de ingeri-la. Constrição e envenenamento são as duas formas utilizadas pelas serpentes para matar suas presas. Jiboias e sucuris são animais que se utilizam da constrição para se alimentar. Com forte musculatura, elas comprimem suas presas até a asfixia. Já as corais-verdadeiras, jararacas, cascavéis e surucucus utilizam a peçonha para capturar suas presas. Não podemos esquecer que outras serpentes, como as opistóglifas (parelheira, cobra-cipó, cobra verde, entre outras) também têm peçonha e utilizam este método para capturar e matar suas presas.

Quanto à reprodução, as serpentes podem ser divididas em dois grandes grupos: as ovíparas, que botam ovos, e as vivíparas, cujos filhotes já nascem formados. A surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis* sp.) e as corais-verdadeiras (*Micrurus* sp.), por exemplo, fazem parte do primeiro grupo. Já as jararacas (*Bothrops* sp.) e cascavéis (*Crotalus* sp.) pertencem ao segundo. Vale ressaltar que logo após o nascimento – ao sair do ovo ou do corpo da mãe – uma serpente peçonhenta já é capaz de inocular o veneno da mesma forma que um adulto. Este veneno é importante para que ela possa capturar suas presas e/ou se defender de predadores desde jovens, já que não há cuidado das mães com os filhotes.

(Adaptado de: Animais venenosos: serpentes, anfíbios, aranhas, escorpiões, insetos e lacraias/ Organizado por Luciana M. Monaco; Fabíola Crocco Meireles; Maria Teresa G. V. Abdullatif. – 2.ed.rev.ampl. – São Paulo: Instituto Butantan, 2017, p. 7 e 9).

Considerando apenas as informações presentes no texto, pode-se afirmar que:

- a) Não existem serpentes em locais onde a temperatura é inferior a zero.
- b) Existem serpentes em grandes depressões no fundo do mar.
- c) Pode haver serpentes no Monte Everest.
- d) Não existem serpentes em regiões quentes, como o Deserto do Saara.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Interpretação de Texto > Pressupostos e subentendidos > Sentidos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Serviço de Regulação de Saneamento de Jacareí SRJ SP - SP / Engenharia Civil / Questão: 4

44. [Q2818877] TEXTO

SERPENTES

Serpentes são répteis que apresentam o corpo alongado, revestido por escamas, sem membros e sem pálpebras. As serpentes, como os demais répteis, necessitam de fontes externas de calor para regular a temperatura do seu corpo e, por isso, são chamadas de animais ectotérmicos.

Uma característica muito importante deste grupo são as modificações no crânio. Há uma tênue ligação entre os ossos da boca, que permite a abertura acentuada e a captura de presas até três vezes maiores que o diâmetro do corpo. Existem animais que se assemelham às serpentes, mas pertencem a outros grupos, como por exemplo, a cobra-de-vidro (lacertílio), a cobra-de-duas-cabeças (anfisbenídeo) ou a cobra-cega (anfíbio).

As serpentes podem ser encontradas em praticamente todos os ambientes. Algumas são arborícolas, ou seja, vivem em árvores; outras são terrícolas, vivem sobre o solo; também existem serpentes chamadas fossoriais, pois vivem em galerias no solo e buracos. Não podemos esquecer as que vivem em rios e lagoas, as aquáticas, e um pequeno grupo de espécies que vivem nos oceanos Índico e Pacífico – as serpentes marinhas.

Essa grande variedade de habitats possibilitou a ocupação de quase todo o globo terrestre, excetuando-se as regiões dos pólos e montanhas muito altas (pois são frias) e as fossas marinhas. Portanto, sempre devemos estar atentos ao encontro fortuito com esses animais, já que podemos nos deparar com eles em

ambientes naturais, ou mesmo em áreas urbanas.

O olfato nas serpentes é realizado pela língua e pelo órgão vômero-nasal ou órgão de Jacobson. A língua bífida (com duas pontas) das serpentes é úmida e, quando exposta, capta várias partículas químicas presentes no ambiente. Quando a serpente retrai a língua, as pontas entram em contato com o órgão de Jacobson, localizado no céu da boca, responsável por analisar e enviar ao cérebro as informações captadas pela língua.

As serpentes não têm ouvido externo ou médio, mas possuem uma pequena estrutura óssea chamada de *columela*, que une a base da mandíbula à caixa craniana. Como a mandíbula da serpente está geralmente em contato com o solo ou sobre o seu próprio corpo, emissões sonoras (passos, quedas de objetos, sons graves etc.) podem fazer a columela vibrar. É dessa maneira que a serpente percebe o som.

Outro importante órgão para os sentidos de algumas espécies de serpentes é a fosseta loreal, uma abertura entre os olhos e narinas presente em todos os viperídeos americanos (jararacas, cascavéis e surucucu). As fossetas permitem a percepção de variações mínimas de temperaturas, da ordem de 0,003 °C. Esses sensores térmicos são importantes para detectar animais (presas, predadores).

As serpentes são animais carnívoros e ingerem seu alimento por inteiro. Podem ingerir presas bem maiores que seu próprio diâmetro, devido à grande abertura da sua boca. Alimentam-se de uma grande variedade de animais, desde invertebrados, como minhocas ou artrópodes, até peixes, anfíbios, lagartos, serpentes, aves e mamíferos. Algumas espécies, como as cobras-cipó e as caninanas, procuram por alimento enquanto se deslocam. Outras serpentes, como as jararacas e cascavéis, se posicionam em um local e esperam pela passagem da presa. Após a captura, o alimento pode ser ingerido vivo ou morto.

Quando o animal a ser ingerido representa perigo para a serpente, podendo mordê-la (roedores) ou bicá-la (aves), ela mata a presa antes de ingeri-la. Constrição e envenenamento são as duas formas utilizadas pelas serpentes para matar suas presas. Jiboias e sucuris são animais que se utilizam da constrição para se alimentar. Com forte musculatura, elas comprimem suas presas até a asfixia. Já as corais-verdadeiras, jararacas, cascavéis e surucucus utilizam a peçonha para capturar suas presas. Não podemos esquecer que outras serpentes, como as opistóglifas (parelheira, cobra-cipó, cobra verde, entre outras) também têm peçonha e utilizam este método para capturar e matar suas presas.

Quanto à reprodução, as serpentes podem ser divididas em dois grandes grupos: as ovíparas, que botam ovos, e as vivíparas, cujos filhotes já nascem formados. A surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis* sp.) e as corais-verdadeiras (*Micrurus* sp.), por exemplo, fazem parte do primeiro grupo. Já as jararacas (*Bothrops* sp.) e cascavéis (*Crotalus* sp.) pertencem ao segundo. Vale ressaltar que logo após o nascimento – ao sair do ovo ou do corpo da mãe – uma serpente peçonhenta já é capaz de inocular o veneno da mesma forma que um adulto. Este veneno é importante para que ela possa capturar suas presas e/ou se defender de predadores desde jovens, já que não há cuidado das mães com os filhotes.

(Adaptado de: Animais venenosos: serpentes, anfíbios, aranhas, escorpiões, insetos e lacraias/ Organizado por Luciana M. Monaco; Fabíola Crocco Meireles; Maria Teresa G. V. Abdullatif. – 2.ed.rev.ampl. – São Paulo: Instituto Butantan, 2017, p. 7 e 9).

Considerando as informações presentes no texto, assinale a alternativa CORRETA sobre a jararaca.

- a) É um viperídeo americano vivíparo que mata suas presas por constrição.
- b) É um viperídeo americano ovíparo que mata suas presas por constrição.
- c) É um viperídeo americano ovíparo que utiliza peçonha para matar suas presas.
- d) É um viperídeo americano vivíparo que utiliza peçonha para matar suas presas.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Orações subordinadas substantivas predicativas > Análise sintagmática (sintagmas) > Orações subordinadas substantivas subjetivas

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Serviço de Regulação de Saneamento de Jacaréi SRJ SP - SP / Engenheiro Civil / Questão: 6

45. [Q2818892] TEXTO

SERPENTES

Serpentes são répteis que apresentam o corpo alongado, revestido por escamas, sem membros e sem pálpebras. As serpentes, como os demais répteis, necessitam de fontes externas de calor para regular a temperatura do seu corpo e, por isso, são chamadas de animais ectotérmicos.

Uma característica muito importante deste grupo são as modificações no crânio. Há uma tênue ligação entre os ossos da boca, que permite a abertura acentuada e a captura de presas até três vezes maiores que o diâmetro do corpo. Existem animais que se assemelham às serpentes, mas pertencem a outros grupos, como por exemplo, a cobra-de-vidro (lacertílio), a cobra-de-duas-cabeças (anfíbenídeo) ou a cobra-cega (anfíbio).

As serpentes podem ser encontradas em praticamente todos os ambientes. Algumas são arborícolas, ou seja, vivem em árvores; outras são terrícolas, vivem sobre o solo; também existem serpentes chamadas fossoriais, pois vivem em galerias no solo e buracos. Não podemos esquecer as que vivem em rios e lagoas, as aquáticas, e um pequeno grupo de espécies que vivem nos oceanos Índico e Pacífico – as serpentes marinhas.

Essa grande variedade de habitats possibilitou a ocupação de quase todo o globo terrestre, excetuando-se as regiões dos pólos e montanhas muito altas (pois são frias) e as fossas marinhas. Portanto, sempre devemos estar atentos ao encontro fortuito com esses animais, já que podemos nos deparar com eles em ambientes naturais, ou mesmo em áreas urbanas.

O olfato nas serpentes é realizado pela língua e pelo órgão vômero-nasal ou órgão de Jacobson. A língua bífida (com duas pontas) das serpentes é úmida e, quando exposta, capta várias partículas químicas presentes no ambiente. Quando a serpente retrai a língua, as pontas entram em contato com o órgão de Jacobson, localizado no céu da boca, responsável por analisar e enviar ao cérebro as informações captadas pela língua.

As serpentes não têm ouvido externo ou médio, mas possuem uma pequena estrutura óssea chamada de *columela*, que une a base da mandíbula à caixa craniana. Como a mandíbula da serpente está geralmente em contato com o solo ou sobre o seu próprio corpo, emissões sonoras (passos, quedas de objetos, sons graves etc.) podem fazer a columela vibrar. É dessa maneira que a serpente percebe o som.

Outro importante órgão para os sentidos de algumas espécies de serpentes é a fosseta loreal, uma abertura entre os olhos e narinas presente em todos os viperídeos americanos (jararacas, cascavéis e surucucu). As fossetas permitem a percepção de variações mínimas de temperaturas, da ordem de 0,003 °C. Esses sensores térmicos são importantes para detectar animais (presas, predadores).

As serpentes são animais carnívoros e ingerem seu alimento por inteiro. Podem ingerir presas bem maiores que seu próprio diâmetro, devido à grande abertura da sua boca. Alimentam-se de uma grande variedade de animais, desde invertebrados, como minhocas ou artrópodes, até peixes, anfíbios, lagartos, serpentes, aves e mamíferos. Algumas espécies, como as cobras-cipó e as caninanas, procuram por alimento enquanto se deslocam. Outras serpentes, como as jararacas e cascavéis, se posicionam em um local e esperam pela passagem da presa. Após a captura, o alimento pode ser ingerido vivo ou morto.

Quando o animal a ser ingerido representa perigo para a serpente, podendo mordê-la (roedores) ou bicá-la (aves), ela mata a presa antes de ingeri-la. Constrição e envenenamento são as duas formas utilizadas pelas serpentes para matar suas presas. Jiboias e sucuris são animais que se utilizam da constrição para se alimentar. Com forte musculatura, elas comprimem suas presas até a asfixia. Já as corais-verdadeiras, jararacas, cascavéis e surucucus utilizam a peçonha para capturar suas presas. Não podemos esquecer que outras serpentes, como as opistóglifas (parelheira, cobra-cipó, cobra verde, entre outras) também têm peçonha e utilizam este método para capturar e matar suas presas.

Quanto à reprodução, as serpentes podem ser divididas em dois grandes grupos: as ovíparas, que botam ovos, e as vivíparas, cujos filhotes já nascem formados. A surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis* sp.) e as corais-verdadeiras (*Micrurus* sp.), por exemplo, fazem parte do primeiro grupo. Já as jararacas (*Bothrops* sp.) e cascavéis (*Crotalus* sp.) pertencem ao segundo. Vale ressaltar que logo após o nascimento – ao sair do ovo ou do corpo da mãe – uma serpente peçonhenta já é capaz de inocular o veneno da mesma forma que um adulto. Este veneno é importante para que ela possa capturar suas presas e/ou se defender de predadores desde jovens, já que não há cuidado das mães com os filhotes.

(Adaptado de: Animais venenosos: serpentes, anfíbios, aranhas, escorpiões, insetos e lacraias/ Organizado por Luciana M. Monaco; Fabíola Crocco Meireles; Maria Teresa G. V. Abdullatif. – 2.ed.rev.ampl. – São Paulo: Instituto Butantan, 2017, p. 7 e 9).

Uma característica muito importante deste grupo são as modificações no crânio.

Considerando as formas linguísticas presentes na sentença acima, pode-se afirmar que:

- a) O sintagma “uma característica muito importante deste grupo” é o termo que exerce a função de sujeito da sentença.
- b) O sintagma “as modificações no crânio” é o termo que exerce a função de sujeito da sentença.
- c) O sintagma “uma característica muito importante deste grupo” é o termo que exerce a função de predicativo do objeto da sentença.
- d) O sintagma “as modificações no crânio” é o termo que exerce a função de predicativo do sujeito da sentença.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Substantivo primitivo e derivado

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Serviço de Regulação de Saneamento de Jacaréí SRJ SP - SP / Engenheiro Civil / Questão: 7

46. [Q2818893] TEXTO

SERPENTES

Serpentes são répteis que apresentam o corpo alongado, revestido por escamas, sem membros e sem pálpebras. As serpentes, como os demais répteis, necessitam de fontes externas de calor para regular a temperatura do seu corpo e, por isso, são chamadas de animais ectotérmicos.

Uma característica muito importante deste grupo são as modificações no crânio. Há uma tênue ligação entre os ossos da boca, que permite a abertura acentuada e a captura de presas até três vezes maiores que o diâmetro do corpo. Existem animais que se assemelham às serpentes, mas pertencem a outros grupos, como por exemplo, a cobra-de-vidro (lacertílio), a cobra-de-duas-cabeças (anfíbenídeo) ou a cobra-cega (anfíbio).

As serpentes podem ser encontradas em praticamente todos os ambientes. Algumas são arborícolas, ou seja, vivem em árvores; outras são terrícolas, vivem sobre o solo; também existem serpentes chamadas fossoriais, pois vivem em galerias no solo e buracos. Não podemos esquecer as que vivem em rios e lagoas, as aquáticas, e um pequeno grupo de espécies que vivem nos oceanos Índico e Pacífico – as serpentes marinhas.

Essa grande variedade de habitats possibilitou a ocupação de quase todo o globo terrestre, excetuando-se as regiões dos pólos e montanhas muito altas (pois são frias) e as fossas marinhas. Portanto, sempre devemos estar atentos ao encontro fortuito com esses animais, já que podemos nos deparar com eles em ambientes naturais, ou mesmo em áreas urbanas.

O olfato nas serpentes é realizado pela língua e pelo órgão vômero-nasal ou órgão de Jacobson. A língua bífida (com duas pontas) das serpentes é úmida e, quando exposta, capta várias partículas químicas presentes no ambiente. Quando a serpente retrai a língua, as pontas entram em contato com o órgão de Jacobson, localizado no céu da boca, responsável por analisar e enviar ao cérebro as informações captadas pela língua.

As serpentes não têm ouvido externo ou médio, mas possuem uma pequena estrutura óssea chamada de *columela*, que une a base da mandíbula à caixa craniana. Como a mandíbula da serpente está geralmente em contato com o solo ou sobre o seu próprio corpo, emissões sonoras (passos, quedas de objetos, sons graves etc.) podem fazer a columela vibrar. É dessa maneira que a serpente percebe o som.

Outro importante órgão para os sentidos de algumas espécies de serpentes é a fosseta loreal, uma abertura entre os olhos e narinas presente em todos os viperídeos americanos (jararacas, cascavéis e surucucu). As fossetas permitem a percepção de variações mínimas de temperaturas, da ordem de 0,003 °C. Esses sensores térmicos são importantes para detectar animais (presas, predadores).

As serpentes são animais carnívoros e ingerem seu alimento por inteiro. Podem ingerir presas bem maiores que seu próprio diâmetro, devido à grande abertura da sua boca. Alimentam-se de uma grande variedade de animais, desde invertebrados, como minhocas ou artrópodes, até peixes, anfíbios, lagartos, serpentes, aves e mamíferos. Algumas espécies, como as cobras-cipó e as caninanas, procuram por alimento enquanto se deslocam. Outras serpentes, como as jararacas e cascavéis, se posicionam em um local e esperam pela passagem da presa. Após a captura, o alimento pode ser ingerido vivo ou morto.

Quando o animal a ser ingerido representa perigo para a serpente, podendo mordê-la (roedores) ou bicá-la (aves), ela mata a presa antes de ingeri-la. Constricção e envenenamento são as duas formas utilizadas pelas serpentes para matar suas presas. Jiboias e sucuris são animais que se utilizam da constricção para se alimentar. Com forte musculatura, elas comprimem suas presas até a asfixia. Já as corais-verdadeiras, jararacas, cascavéis e surucucus utilizam a peçonha para capturar suas presas. Não podemos esquecer que outras serpentes, como as opistóglifas (parelheira, cobra-cipó, cobra verde, entre outras) também têm peçonha e utilizam este método para capturar e matar suas presas.

Quanto à reprodução, as serpentes podem ser divididas em dois grandes grupos: as ovíparas, que botam ovos, e as vivíparas, cujos filhotes já nascem formados. A surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis* sp.) e as corais-verdadeiras (*Micrurus* sp.), por exemplo, fazem parte do primeiro grupo. Já as jararacas (*Bothrops* sp.) e cascavéis (*Crotalus* sp.) pertencem ao segundo. Vale ressaltar que logo após o nascimento – ao sair do ovo ou do corpo da mãe – uma serpente peçonhenta já é capaz de inocular o veneno da mesma forma que um adulto. Este veneno é importante para que ela possa capturar suas presas e/ou se defender de predadores desde jovens, já que não há cuidado das mães com os filhotes.

(Adaptado de: Animais venenosos: serpentes, anfíbios, aranhas, escorpiões, insetos e lacraias/ Organizado por Luciana M. Monaco; Fabíola Crocco Meireles; Maria Teresa G. V. Abdullatif. – 2.ed.rev.ampl. – São Paulo: Instituto Butantan, 2017, p. 7 e 9).

“Constrição” é um vocábulo derivado:

- a) Do verbo “constringir”.
- b) Do verbo “constranger”.
- c) Do adjetivo “constritivo”.
- d) Do adjetivo “contrito”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Paralelismo (figura fônica) > Zeugma > Figuras de linguagem > Hipérbole > Elipse

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Carnaubeira da Penha - PE / Agente de Combate a Endemias / Questão: 4

47. [Q3160068]

FEBRE MACULOSA BRASILEIRA

Doença transmitida pelo carrapato-estrela ou micuim, infectado pela bactéria *Rickettsia rickettsii*. O carrapato-estrela não é o carrapato comum, que encontramos geralmente em cachorros — a espécie *Amblyonima cajennense*, transmissora da doença, pode ser encontrada em animais de grande porte (bois, cavalos, etc.), cães, aves domésticas, gambás, coelhos e, especialmente, na capivara.

Para haver transmissão da doença, o carrapato infectado precisa ficar pelo menos quatro horas fixado na pele das pessoas. Os carrapatos mais jovens e de menor tamanho são os mais perigosos, porque são mais difíceis de serem vistos. Não existe transmissão da doença de uma pessoa para outra.

A doença começa de forma repentina com um conjunto de sintomas semelhantes aos de outras infecções: febre alta, dor no corpo, dor de cabeça, falta de apetite, desânimo. Depois, aparecem pequenas manchas avermelhadas que crescem e tornam-se salientes. Essas lesões, parecidas com uma picada de pulga, às vezes, apresentam pequenas hemorragias sob a pele; aparecem em todo o corpo e também na palma das mãos e na planta dos pés, o que em geral não acontece nas outras doenças como sarampo, rubéola, dengue hemorrágica, por exemplo. Por essa razão, o médico deve observar o histórico do paciente, principalmente, se ele esteve em regiões onde há cavalos ou animais silvestres ou em locais onde foram registrados casos de febre maculosa. Os sintomas levam em média de Sete a dez dias para se manifestar e, a partir daí, o tratamento deve ser iniciado dentro de, no máximo, cinco dias. Após este período, há sérios riscos de que os medicamentos não surtam mais o efeito desejado.

A febre maculosa brasileira tem cura desde que o tratamento com antibióticos seja introduzido nos primeiros dois ou três dias. O ideal é manter a medicação por dez a quatorze dias, mas logo nas primeiras doses o quadro começa a regredir e evolui para a cura total. Atraso no diagnóstico e, conseqüentemente, no início do tratamento pode provocar complicações graves, como o comprometimento do sistema nervoso central, dos rins, dos pulmões, das lesões vasculares e levar ao óbito.

Para se proteger e facilitar a visualização dos carrapatos e dos micuins é muito importante que as pessoas, quando entrarem em locais de mato, estejam de calça e camisa compridas e claras a preferencialmente, de botas. A parte inferior da calça deve ser posta dentro das botas e lacrada com fitas adesivas. Se possível, evite caminhar em áreas conhecidamente infestadas por carrapatos e, a cada duas horas, verifique se há algum deles preso ao seu corpo. Quanto mais depressa ele for retirado, menores os riscos de infecção. Ao retirar um carrapato, não o esmague com as unhas. Com o esmagamento, pode haver liberação das bactérias que têm capacidade de penetrar através de pequenas lesões na pele: também não force o carrapato a se soltar encostando agulha ou palito de fósforo quente. O estresse faz com que ele libere grande quantidade de saliva, o que aumenta às chances de transmissão das bactérias transmissoras da

doença. Os carrapatos devem ser retirados com cuidado, por meio de uma leve torção, para que sua boca solte a pele. Existem também repelentes com concentrações maiores do produto químico DEET (*N-N- dietil-meta-toluamida*), que são eficientes contra mosquitos e carrapatos.

Cada fêmea de carrapato infectada pode gerar até 16 mil filhotes aptos a transmitir *rickettsias*. Deste modo, se você tem o hábito de levar o seu cão para viajar com você para áreas rurais, tome cuidado para que ele não se torne reservatório da febre maculosa quando você retornar para a sua cidade. Os cães, muitas vezes, não apresentam nenhum sintoma da doença.

Para quem mora nas regiões rurais, é bom não deixar Os cães dentro de casa e procurar fazer com frequência a higiene dos animais, principalmente dos cavalos, com carrapaticidas. Uma medida eficaz, que também evita a proliferação dos carrapatos, é aparar o gramado rente ao solo uma vez por ano na época das águas, de preferência com roçadeira mecânica. Com o capim baixo, os ovos ficarão expostos ao sol e não vingarão, quebrando-se o ciclo do parasita;

A febre maculosa é mais comum entre os meses de junho e novembro período em que predominam as formas jovens do carrapato, conhecidas como micuins. Não se esqueça de que os sintomas iniciais da febre maculosa são semelhantes aos de outras infecções e requerem assistência médica imediata.

Esteja atento ao aparecimento dos sintomas e procure um médico para diagnóstico e tratamento.

(Adaptado de: <https://bvsm.sau.de.gov.br/febre-maculosa-brasileira/> Acesso em: 06/02/2023)

“Quanto mais depressa ele for retirado, menores os riscos de infecção.”

O período acima é composto por subordinação. Tendo em vista essa afirmação e os elementos linguísticos presentes nas orações que o compõem, pode-se afirmar que:

- a) Ocorre zeugma de um verbo em uma das orações.
- b) Ocorre hipérbole de um substantivo.
- c) Ocorre quebra de paralelismo sintático entre as duas orações.
- d) Ocorre elipse de um verbo na primeira oração.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Semântica (significação das palavras)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Carnaubeira da Penha - PE / Agente de Combate a Endemias / Questão: 9

48. [Q3160093]

FEBRE MACULOSA BRASILEIRA

Doença transmitida pelo carrapato-estrela ou micuim, infectado pela bactéria *Rickettsia rickettsii*. O carrapato-estrela não é o carrapato comum, que encontramos geralmente em cachorros — a espécie *Amblyonima cajennense*, transmissora da doença, pode ser encontrada em animais de grande porte (bois, cavalos, etc.), cães, aves domésticas, gambás, coelhos e, especialmente, na capivara.

Para haver transmissão da doença, o carrapato infectado precisa ficar pelo menos quatro horas fixado na pele das pessoas. Os carrapatos mais jovens e de menor tamanho são os mais perigosos, porque são mais difíceis de serem vistos. Não existe transmissão da doença de uma pessoa para outra.

A doença começa de forma repentina com um conjunto de sintomas semelhantes aos de outras infecções: febre alta, dor no corpo, dor de cabeça, falta de apetite, desânimo. Depois, aparecem pequenas manchas avermelhadas que crescem e tornam-se salientes. Essas lesões, parecidas com uma picada de pulga, às vezes, apresentam pequenas hemorragias sob a pele; aparecem em todo o corpo e também na palma das mãos e na planta dos pés, o que em geral não acontece nas outras doenças como sarampo, rubéola, dengue hemorrágica, por exemplo. Por essa razão, o médico deve observar o histórico do paciente, principalmente, se ele esteve em regiões onde há cavalos ou animais silvestres ou em locais onde foram registrados casos de febre maculosa. Os sintomas levam em média de Sete a dez dias para se manifestar e, a partir daí, o tratamento deve ser iniciado dentro de, no máximo, cinco dias. Após este período, há sérios riscos de que os medicamentos não surtam mais o efeito desejado.

A febre maculosa brasileira tem cura desde que o tratamento com antibióticos seja introduzido nos primeiros dois ou três dias. O ideal é manter a medicação por dez a quatorze dias, mas logo nas primeiras doses o quadro começa a regredir e evolui para a cura total. Atraso no diagnóstico e, conseqüentemente, no início do tratamento pode provocar complicações graves, como o comprometimento do sistema nervoso central, dos rins, dos pulmões, das lesões vasculares e levar ao óbito.

Para se proteger e facilitar a visualização dos carrapatos e dos micuins é muito importante que as pessoas, quando entrarem em locais de mato, estejam de calça e camisa compridas e claras e preferencialmente, de botas. A parte inferior da calça deve ser posta dentro das botas e lacrada com fitas adesivas. Se possível, evite caminhar em áreas conhecidamente infestadas por carrapatos e, a cada duas horas, verifique se há algum deles preso ao seu corpo. Quanto mais depressa ele for retirado, menores os riscos de infecção. Ao retirar um carrapato, não o esmague com as unhas. Com o esmagamento, pode haver liberação das bactérias que têm capacidade de penetrar através de pequenas lesões na pele: também não force o carrapato a se soltar encostando agulha ou palito de fósforo quente. O estresse faz com que ele libere grande quantidade de saliva, o que aumenta as chances de transmissão das bactérias transmissoras da doença. Os carrapatos devem ser retirados com cuidado, por meio de uma leve torção, para que sua boca solte a pele. Existem também repelentes com concentrações maiores do produto químico DEET (*N-N- dietil-meta-toluamida*), que são eficientes contra mosquitos e carrapatos.

Cada fêmea de carrapato infectada pode gerar até 16 mil filhotes aptos a transmitir *rickettsias*. Deste modo, se você tem o hábito de levar o seu cão para viajar com você para áreas rurais, tome cuidado para que ele não se torne reservatório da febre maculosa quando você retornar para a sua cidade. Os cães, muitas vezes, não apresentam nenhum sintoma da doença.

Para quem mora nas regiões rurais, é bom não deixar Os cães dentro de casa e procurar fazer com frequência a higiene dos animais, principalmente dos cavalos, com carrapaticidas. Uma medida eficaz, que também evita a proliferação dos carrapatos, é aparar o gramado rente ao solo uma vez por ano na época das águas, de preferência com roçadeira mecânica. Com o capim baixo, os ovos ficarão expostos ao sol e não vingarão, quebrando-se o ciclo do parasita;

A febre maculosa é mais comum entre os meses de junho e novembro período em que predominam as formas jovens do carrapato, conhecidas como micuins. Não se esqueça de que os sintomas iniciais da febre maculosa são semelhantes aos de outras infecções e requerem assistência médica imediata.

Esteja atento ao aparecimento dos sintomas e procure um médico para diagnóstico e tratamento.

(Adaptado de: <https://bvsm.s.saude.gov.br/febre-maculosa-brasileira/> Acesso em: 06/02/2023)

"Ser vivo que retira os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento de outro ser vivo"

O enunciado pode ser empregado para definir algumas palavras presentes no texto, EXCETO:

- a) Parasita.
- b) Carrapato.
- c) Capivara.
- d) Micuim.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Pacajus - CE / Agente de Trânsito / Questão: 4

49. [Q3160094] TEXTO I

TOADA

Vem, morena, ouvir comigo essa cantiga

Sair por essa vida aventureira.

Tanta toada eu trago na viola

Pra ver você mais feliz.

Escuta o trem de ferro alegre a cantar

Na reta da chegada pra descansar

No coração sereno da toada; bem querer.

Tanta saudade eu já senti, morena,

Mas foi coisa tão bonita,

Da vida nunca vou me arrepender.

(...)

(Compositores: Jose Renato Botelho Moschkovich / Claudio Jose Moore Nucci / Jose Lontra Fagundes Filho)

Um elemento vicário é uma unidade linguística que pode substituir uma palavra e até mesmo uma inteira oração, explícita ou implícita, atuando como um mecanismo de coesão textual, isto é, como um elemento responsável pela conexão entre as partes do texto, uma vez que o seu sentido está diretamente ligado ao sentido daquilo que substitui. O trecho abaixo, retirado do texto 1, apresenta um elemento vicário sublinhado:

Tanta saudade eu já senti, morena,

Mas foi coisa tão bonita,

Da vida nunca vou me arrepender."

Considerando os sentidos do texto, pode-se afirmar que oração que melhor expressa o sentido desse elemento vicário é:

- a) O arrependimento não é bonito.
- b) Foi bom sentir saudades.
- c) A morena era bonita.
- d) A vida é um arrependimento.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Oxítonas > Paroxítonas > Monossílabos > Proparoxítonas

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Motorista / Questão: 1

50. [Q2819790] Texto para as questões de 1 a 3.



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=tirinha+polui%C3%A7%C3%A3o>

Legenda:

- Socorro! Uma água-viva!

- Não é uma água-viva, Carol! É só um saco plástico!

- Socorro! Poluição!

A palavra “plástico” está classificada CORRETAMENTE, conforme a sílaba tônica, na seguinte alternativa:

- a) Oxítona.
- b) Paroxítona.
- c) Monossílabo.
- d) Proparoxítona.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Interpretação de Texto > Pressupostos e subentendidos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Motorista / Questão: 2

51. [Q2819793] Texto para as questões de 1 a 3.



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=tirinha+polui%C3%A7%C3%A3o>

Legenda:

- Socorro! Uma água-viva!

- Não é uma água-viva, Carol! É só um saco plástico!

- Socorro! Poluição!

Na tirinha, é possível afirmar CORRETAMENTE que o tema central é:

- a) Medo de animais marinhos.
- b) Poluição ao meio ambiente.
- c) Brincadeiras da infância.
- d) Medo do mar.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Conjunções

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Analista I / Questão: 1

52. [Q2802384] Texto

Projeções sobre o impacto do clima no fluxo de rios têm sido calculadas há décadas, a maioria com base em modelos físicos, como é o caso das projeções realizadas pelo IPCC (**Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas**). Entretanto, novas análises indicam que esses modelos subestimam a disponibilidade de água no cenário da atual emergência climática.

É o caso de uma pesquisa conduzida pelo professor Günter Blöschl, da Universidade Técnica de Viena, na Áustria, que se uniu a colegas da **China**, da Austrália, dos EUA e da Arábia Saudita para construir e **analisar um grande banco de dados de observações de fluxos d'água em todo o mundo**. A investigação incluiu mais de 9.500 bacias **hidrográficas** do planeta, com dados de diferentes décadas.

Os resultados foram publicados no periódico Nature Water e mostram que as consequências das mudanças climáticas ao criar crises **hídricas** locais têm uma extensão ainda maior do que o esperado. Isso porque, **segundo o novo estudo, a conexão entre precipitação e quantidade de água nos rios é mais sensível** do que se pensava.

"Na comunidade da climatologia, os efeitos das mudanças climáticas na atmosfera são muito bem compreendidos. No entanto, **suas consequências locais nos rios e na disponibilidade de água caem no campo da hidrologia**", explica Blöschl, em comunicado.

A crise climática altera a circulação atmosférica global, que por sua vez muda o regime de chuvas e a evaporação em boa parte do mundo. **Consequentemente, a quantidade de água dos rios para ser utilizada localmente também sofre mudanças.**

Daí porque, segundo os autores, os modelos de previsão dos efeitos das mudanças climáticas no abastecimento hídrico devem ser revisados, **pois eles não têm as medições de escoamento que o novo modelo proporciona.**

De acordo com a análise, o **fluxo** global de água esperado entre 2021 e 2050 pode ser menor do que o previsto pelos Modelos do Sistema Terrestre. Principalmente na África, na Austrália e na América do Norte, que têm um risco significativamente maior de crises de abastecimento de água nas próximas três décadas.

Redação Galileu. Crise global da água é mais severa do que se pensava, conclui estudo. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/um-soplaneta/noticia/2023/02/crise-global-da-agua-e-mais-severa-do-que-se-pensava-conclui-estudo.ghtml>>. Último acesso em 08 fev. 2023. (Adaptado)

"Entretanto, novas análises indicam que esses modelos subestimam a disponibilidade de água no cenário da atual emergência climática".

O termo destacado no trecho acima pode ser substituído sem prejuízo de significado por:

- a) Enquanto isso.
- b) Com base nisso.
- c) No entanto.
- d) Portanto.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Analista I / Questão: 2

53. [Q2802388] Texto

Projeções sobre o impacto do clima no fluxo de rios têm sido calculadas há décadas, a maioria com base em modelos físicos, como é o caso das projeções realizadas pelo IPCC (**Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas**). **Entretanto, novas análises indicam que esses modelos subestimam a disponibilidade de água no cenário da atual emergência climática.**

É o caso de uma pesquisa conduzida pelo professor Günter Blöschl, da Universidade Técnica de Viena, na Áustria, que se uniu a colegas da **China**, da Austrália, dos EUA e da Arábia Saudita para construir e **analisar um grande banco de dados de observações de fluxos d'água em todo o mundo**. A investigação incluiu mais de 9.500 bacias **hidrográficas** do planeta, com dados de diferentes décadas.

Os resultados foram publicados no periódico Nature Water e mostram que as consequências das mudanças climáticas ao criar crises **hídricas** locais têm uma extensão ainda maior do que o esperado. Isso porque, **segundo o novo estudo, a conexão entre precipitação e quantidade de água nos rios é mais sensível** do que se pensava.

"Na comunidade da climatologia, os efeitos das mudanças climáticas na atmosfera são muito bem compreendidos. No entanto, **suas consequências locais nos rios e na disponibilidade de água caem no campo da hidrologia**", explica Blöschl, em comunicado.

A crise climática altera a circulação atmosférica global, que por sua vez muda o regime de chuvas e a evaporação em boa parte do mundo. **Consequentemente, a quantidade de água dos rios para ser utilizada localmente também sofre mudanças.**

Daí porque, segundo os autores, os modelos de previsão dos efeitos das mudanças climáticas no abastecimento hídrico devem ser revisados, **pois eles não têm as medições de escoamento que o novo modelo proporciona.**

De acordo com a análise, o **fluxo** global de água esperado entre 2021 e 2050 pode ser menor do que o previsto pelos Modelos do Sistema Terrestre. Principalmente na África, na Austrália e na América do Norte, que têm um risco significativamente maior de crises de abastecimento de água nas próximas três décadas.

Redação Galileu. Crise global da água é mais severa do que se pensava, conclui estudo. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/um-soplaneta/noticia/2023/02/crise-global-da-agua-e-mais-severa-doque-se-pensava-conclui-estudo.ghtml>>. Último acesso em 08 fev. 2023. (Adaptado)

No trecho: "Projeções sobre o impacto do clima no fluxo de rios têm sido calculadas há décadas", os termos destacados exercem, respectivamente, a função sintática de:

- a) Sujeito, predicativo do sujeito.
- b) Agente da passiva, adjunto adnominal.
- c) Núcleo do sujeito, adjunto adverbial de tempo.
- d) Objeto direto, complemento nominal.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Regras de acentuação

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Analista I / Questão: 3

54. [Q2802391] Texto

Projeções sobre o impacto do clima no fluxo de rios têm sido calculadas há décadas, a maioria com base em modelos físicos, como é o caso das projeções realizadas pelo IPCC (**Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas**). **Entretanto, novas análises indicam que esses modelos subestimam a disponibilidade de água no cenário da atual emergência climática.**

É o caso de uma pesquisa conduzida pelo professor Günter Blöschl, da Universidade Técnica de Viena, na Áustria, que se uniu a colegas da **China**, da Austrália, dos EUA e da Arábia Saudita para construir e **analisar um grande banco de dados de observações de fluxos d'água em todo o mundo**. A investigação incluiu mais de 9.500 bacias **hidrográficas** do planeta, com dados de diferentes décadas.

Os resultados foram publicados no periódico Nature Water e mostram que as consequências das mudanças climáticas ao criar crises **hídricas** locais têm uma extensão ainda maior do que o esperado. Isso porque, **segundo o novo estudo, a conexão entre precipitação e quantidade de água nos rios é mais sensível** do que se pensava.

"Na comunidade da climatologia, os efeitos das mudanças climáticas na atmosfera são muito bem compreendidos. No entanto, **suas consequências locais nos rios e na disponibilidade de água caem no campo da hidrologia**", explica Blöschl, em comunicado.

A crise climática altera a circulação atmosférica global, que por sua vez muda o regime de chuvas e a evaporação em boa parte do mundo. **Consequentemente, a quantidade de água dos rios para ser utilizada localmente também sofre mudanças.**

Daí porque, segundo os autores, os modelos de previsão dos efeitos das mudanças climáticas no abastecimento hídrico devem ser revisados, **pois eles não têm as medições de escoamento que o novo modelo proporciona.**

De acordo com a análise, o **fluxo** global de água esperado entre 2021 e 2050 pode ser menor do que o previsto pelos Modelos do Sistema Terrestre. Principalmente na África, na Austrália e na América do Norte, que têm um risco significativamente maior de crises de abastecimento de água nas próximas três décadas.

Redação Galileu. Crise global da água é mais severa do que se pensava, conclui estudo. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/um-soplaneta/noticia/2023/02/crise-global-da-agua-e-mais-severa-do-que-se-pensava-conclui-estudo.ghtml>>. Último acesso em 08 fev. 2023. (Adaptado)

A palavra 'hidrográfica' recebe acento gráfico pela mesma regra que:

- a) Climática.
- b) Sensível.
- c) Água.
- d) Daí.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise Morfológica

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Analista I / Questão: 4

55. [Q2802397] Texto

Projeções sobre o impacto do clima no fluxo de rios têm sido calculadas há décadas, a maioria com base em modelos físicos, como é o caso das projeções realizadas pelo IPCC (**Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas**). **Entretanto, novas análises indicam que esses modelos subestimam a disponibilidade de água no cenário da atual emergência climática.**

É o caso de uma pesquisa conduzida pelo professor Günter Blöschl, da Universidade Técnica de Viena, na Áustria, que se uniu a colegas da **China**, da Austrália, dos EUA e da Arábia Saudita para construir e **analisar um grande banco de dados de observações de fluxos d'água em todo o mundo**. A investigação incluiu mais de 9.500 bacias **hidrográficas** do planeta, com dados de diferentes décadas.

Os resultados foram publicados no periódico Nature Water e mostram que as consequências das mudanças climáticas ao criar crises **hídricas** locais têm uma extensão ainda maior do que o esperado. Isso porque, **segundo o novo estudo, a conexão entre precipitação e quantidade de água nos rios é mais sensível** do que se pensava.

"Na comunidade da climatologia, os efeitos das mudanças climáticas na atmosfera são muito bem compreendidos. No entanto, **suas consequências locais nos rios e na disponibilidade de água caem no campo da hidrologia**", explica Blöschl, em comunicado.

A crise climática altera a circulação atmosférica global, que por sua vez muda o regime de chuvas e a evaporação em boa parte do mundo. **Consequentemente, a quantidade de água dos rios para ser utilizada localmente também sofre mudanças.**

Daí porque, segundo os autores, os modelos de previsão dos efeitos das mudanças climáticas no abastecimento hídrico devem ser revisados, **pois eles não têm as medições de escoamento que o novo modelo proporciona.**

De acordo com a análise, o **fluxo** global de água esperado entre 2021 e 2050 pode ser menor do que o previsto pelos Modelos do Sistema Terrestre. Principalmente na África, na Austrália e na América do Norte, que têm um risco significativamente maior de crises de abastecimento de água nas próximas três décadas.

Redação Galileu. Crise global da água é mais severa do que se pensava, conclui estudo. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/um-soplaneta/noticia/2023/02/crise-global-da-agua-e-mais-severa-doque-se-pensava-conclui-estudo.ghtml>>. Último acesso em 08 fev. 2023. (Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta CORRETAMENTE a classificação das palavras destacadas, respectivamente, em: "A crise climática altera a circulação atmosférica global, que por sua vez muda o regime de chuvas e a evaporação em boa parte do mundo".

- a) Adjetivo, conjunção integrante, preposição.
- b) Adjetivo, pronome relativo, preposição.
- c) Advérbio, preposição, preposição.
- d) Substantivo, conjunção, preposição.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Agrupamento fonológico

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Analista I / Questão: 8

56. [Q2802426] Texto

Projeções sobre o impacto do clima no fluxo de rios têm sido calculadas há décadas, a maioria com base em modelos físicos, como é o caso das projeções realizadas pelo IPCC (**Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas**). **Entretanto, novas análises indicam que esses modelos subestimam a disponibilidade de água no cenário da atual emergência climática.**

É o caso de uma pesquisa conduzida pelo professor Günter Blöschl, da Universidade Técnica de Viena, na Áustria, que se uniu a colegas da **China**, da Austrália, dos EUA e da Arábia Saudita para construir e **analisar um grande banco de dados de observações de fluxos d'água em todo o mundo**. A investigação incluiu mais de 9.500 bacias **hidrográficas** do planeta, com dados de diferentes décadas.

Os resultados foram publicados no periódico Nature Water e mostram que as consequências das mudanças climáticas ao criar crises **hídricas** locais têm uma extensão ainda maior do que o esperado. Isso porque, **segundo o novo estudo, a conexão entre precipitação e quantidade de água nos rios é mais sensível** do que se pensava.

"Na comunidade da climatologia, os efeitos das mudanças climáticas na atmosfera são muito bem compreendidos. No entanto, **suas consequências locais nos rios e na disponibilidade de água caem no campo da hidrologia**", explica Blöschl, em comunicado.

A crise climática altera a circulação atmosférica global, que por sua vez muda o regime de chuvas e a evaporação em boa parte do mundo. **Consequentemente, a quantidade de água dos rios para ser utilizada localmente também sofre mudanças.**

Daí porque, segundo os autores, os modelos de previsão dos efeitos das mudanças climáticas no abastecimento hídrico devem ser revisados, **pois eles não têm as medições de escoamento que o novo modelo proporciona.**

De acordo com a análise, o **fluxo** global de água esperado entre 2021 e 2050 pode ser menor do que o previsto pelos Modelos do Sistema Terrestre. Principalmente na África, na Austrália e na América do Norte, que têm um risco significativamente maior de crises de abastecimento de água nas próximas três décadas.

Redação Galileu. Crise global da água é mais severa do que se pensava, conclui estudo. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/um-soplaneta/noticia/2023/02/crise-global-da-agua-e-mais-severa-doque-se-pensava-conclui-estudo.ghtml>>. Último acesso em 08 fev. 2023. (Adaptado)

Assinale a alternativa em que se apresenta uma palavra que possui um dífono.

- a) 'China'.
- b) 'impacto'.
- c) 'hídricas'.
- d) 'fluxo'.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Analista I / Questão: 10

57. [Q2802434] Texto

Projeções sobre o impacto do clima no fluxo de rios têm sido calculadas há décadas, a maioria com base em modelos físicos, como é o caso das projeções realizadas pelo IPCC (**Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas**). **Entretanto, novas análises indicam que esses modelos subestimam a disponibilidade de água no cenário da atual emergência climática.**

É o caso de uma pesquisa conduzida pelo professor Günter Blöschl, da Universidade Técnica de Viena, na Áustria, que se uniu a colegas da **China**, da Austrália, dos EUA e da Arábia Saudita para construir e **analisar um grande banco de dados de observações de fluxos d'água em todo o mundo**. A investigação incluiu mais de 9.500 bacias **hidrográficas** do planeta, com dados de diferentes décadas.

Os resultados foram publicados no periódico Nature Water e mostram que as consequências das mudanças climáticas ao criar crises **hídricas** locais têm uma extensão ainda maior do que o esperado. Isso porque, **segundo o novo estudo, a conexão entre precipitação e quantidade de água nos rios é mais sensível** do que se pensava.

"Na comunidade da climatologia, os efeitos das mudanças climáticas na atmosfera são muito bem compreendidos. No entanto, **suas consequências locais nos rios e na disponibilidade de água caem no campo da hidrologia**", explica Blöschl, em comunicado.

A crise climática altera a circulação atmosférica global, que por sua vez muda o regime de chuvas e a evaporação em boa parte do mundo. **Consequentemente, a quantidade de água dos rios para ser utilizada localmente também sofre mudanças.**

Daí porque, segundo os autores, os modelos de previsão dos efeitos das mudanças climáticas no abastecimento hídrico devem ser revisados, **pois eles não têm as medições de escoamento que o novo modelo proporciona.**

De acordo com a análise, o **fluxo** global de água esperado entre 2021 e 2050 pode ser menor do que o previsto pelos Modelos do Sistema Terrestre. Principalmente na África, na Austrália e na América do Norte, que têm um risco significativamente maior de crises de abastecimento de água nas próximas três décadas.

Redação Galileu. Crise global da água é mais severa do que se pensava, conclui estudo. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/um-soplaneta/noticia/2023/02/crise-global-da-agua-e-mais-severa-do-que-se-pensava-conclui-estudo.ghtml>>. Último acesso em 08 fev. 2023. (Adaptado)

Classifique a oração iniciada pelo 'que' no período abaixo:

"pois eles não têm as medições de escoamento que o novo modelo proporciona".

- a) Oração subordinada substantiva objetiva direta.
- b) Oração subordinada adjetiva restritiva.
- c) Oração subordinada adverbial proporcional.
- d) Oração subordinada substantiva completiva nominal.

58. [Q2820134]

Texto

Um empecilho na neurociência era a falta de uma visão clara de como as células cerebrais de animais se comportam durante muito tempo. Agora, pesquisadores de Harvard desenvolveram um jeito de acompanhar o que um neurônio faz durante um ano.

Em seu estudo realizado com camundongos, os cientistas contam terem desenvolvido um implante eletrônico capaz de coletar informações detalhadas sobre a atividade de uma única célula pelo período de um ano – sem atrapalhar as funções que ela desempenhava.

Um neurônio é uma célula muito pequena – medindo de 10 a 100 micrômetros –, que é a milionésima parte de um milímetro. Além disso, o seu pico de atividade elétrica é muito curto, durando apenas cerca de dois milissegundos.

Pesquisadores desse campo estão sempre à procura de melhores ferramentas para estudar as células do cérebro. Algumas técnicas, por exemplo, permitem detectar a atividade de células específicas para experimentos rápidos em pequenas regiões cerebrais – tanto em tecido recentemente removido ou por meio de sondas.

Contudo, por serem limitadas, essas condições não representam a realidade com a fidelidade necessária. Restritas a períodos curtos, elas não são capazes de fornecer informações detalhadas o suficiente para entender como a atividade muda com a idade e outras experiências de vida.

Conforme os pesquisadores, grande parte da dificuldade em fazer medições do tipo era consequência da incompatibilidade entre as propriedades mecânicas do tecido cerebral vivo e dos dispositivos eletrônicos de gravação.

“O cérebro é muito macio, como a textura de tofu ou pudim. Em contraste, os eletrônicos são rígidos. Qualquer pequeno movimento do cérebro pode fazer com que os sensores convencionais se desloquem e se movam no tecido cerebral vivo”, conta Jia Liu, líder do estudo. “Essa incompatibilidade na estrutura pode fazer com que células ao redor do local de implantação se degradem.”

Então, como forma de contornar o problema, a equipe de Liu desenvolveu um dispositivo implantável e o introduziu com segurança no cérebro da forma menos invasiva possível.

A implantação dos sensores nos camundongos cobaias resultou em distúrbios mínimos no tecido cerebral. Escolhendo quais neurônios específicos seriam vigiados, estava tudo certo para o início dos registros da atividade elétrica dessas células, acompanhadas ao longo da vida adulta dos roedores.

“Mesmo depois de um ano, não vimos nenhuma degradação dos neurônios que estávamos estudando”, relata Liu. Como constatou Liu, “não há outra tecnologia que possa rastrear o potencial de ação individual de uma dessas células em animais vivos ao longo desse tempo.”

Pensando em futuros experimentos, Liu planeja desenvolver ainda mais a técnica para que a atividade cerebral possa ser transmitida em tempo real do cérebro para análise em uma rede artificial; além de explorar diferentes usos dos sensores nanoeletrônicos.

“Talvez um dia esteja frio e cinzento lá fora, e você se sinta infeliz e de mau humor. Outro dia, está ensolarado e você está na praia e de ótimo humor. Como essas representações mudam no cérebro é algo que não pode ser estudado pela tecnologia atual porque não conseguimos rastrear de forma estável a atividade do mesmo neurônio”, diz ele. “Esta pesquisa supera completamente essa limitação. É o começo de uma nova era da neurociência.”

CAPARROZ, Leo. Cientistas gravam a atividade de um neurônio ao longo de um ano. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/cientistas-gravam-a-atividade-de-um-neuronio-ao-longo-de-um-ano/>>. Último acesso em 23 fev. 2023. (adaptado)

No trecho “não há outra tecnologia que possa rastrear o potencial de ação individual de uma dessas células em animais vivos ao longo desse tempo”, o pronome destacado exerce a função de:

a) Objeto direto.

b) Sujeito.

c) Predicativo do sujeito.

d) Objeto indireto.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Assistente Social / Questão: 9

59. [Q2820156]

Texto

Um empecilho na neurociência era a falta de uma visão clara de como as células cerebrais de animais se comportam durante muito tempo. Agora, pesquisadores de Harvard desenvolveram um jeito de acompanhar o que um neurônio faz durante um ano.

Em seu estudo realizado com camundongos, os cientistas contam terem desenvolvido um implante eletrônico capaz de coletar informações detalhadas sobre a atividade de uma única célula pelo período de um ano – sem atrapalhar as funções que ela desempenhava.

Um neurônio é uma célula muito pequena – medindo de 10 a 100 micrômetros –, que é a milionésima parte de um milímetro. Além disso, o seu pico de atividade elétrica é muito curto, durando apenas cerca de dois milissegundos.

Pesquisadores desse campo estão sempre à procura de melhores ferramentas para estudar as células do cérebro. Algumas técnicas, por exemplo, permitem detectar a atividade de células específicas para experimentos rápidos em pequenas regiões cerebrais – tanto em tecido recentemente removido ou por meio de sondas.

Contudo, por serem limitadas, essas condições não representam a realidade com a fidelidade necessária. Restritas a períodos curtos, elas não são capazes de fornecer informações detalhadas o suficiente para entender como a atividade muda com a idade e outras experiências de vida.

Conforme os pesquisadores, grande parte da dificuldade em fazer medições do tipo era consequência da incompatibilidade entre as propriedades mecânicas do tecido cerebral vivo e dos dispositivos eletrônicos de gravação.

“O cérebro é muito macio, como a textura de tofu ou pudim. Em contraste, os eletrônicos são rígidos. Qualquer pequeno movimento do cérebro pode fazer com que os sensores convencionais se desloquem e se movam no tecido cerebral vivo”, conta Jia Liu, líder do estudo. “Essa incompatibilidade na estrutura pode fazer com que células ao redor do local de implantação se degradem.”

Então, como forma de contornar o problema, a equipe de Liu desenvolveu um dispositivo implantável e o introduziu com segurança no cérebro da forma menos invasiva possível.

A implantação dos sensores nos camundongos cobaias resultou em distúrbios mínimos no tecido cerebral. Escolhendo quais neurônios específicos seriam vigiados, estava tudo certo para o início dos registros da atividade elétrica dessas células, acompanhadas ao longo da vida adulta dos roedores.

“Mesmo depois de um ano, não vimos nenhuma degradação dos neurônios que estávamos estudando”, relata Liu. Como constatou Liu, “não há outra tecnologia que possa rastrear o potencial de ação individual de uma dessas células em animais vivos ao longo desse tempo.”

Pensando em futuros experimentos, Liu planeja desenvolver ainda mais a técnica para que a atividade cerebral possa ser transmitida em tempo real do cérebro para análise em uma rede artificial; além de explorar diferentes usos dos sensores nanoeletrônicos.

“Talvez um dia esteja frio e cinzento lá fora, e você se sinta infeliz e de mau humor. Outro dia, está ensolarado e você está na praia e de ótimo humor. Como essas representações mudam no cérebro é algo que não pode ser estudado pela tecnologia atual porque não conseguimos rastrear de forma estável a atividade do mesmo neurônio”, diz ele. “Esta pesquisa supera completamente essa limitação. É o começo de uma nova era da neurociência.”

CAPARROZ, Leo. Cientistas gravam a atividade de um neurônio ao longo de um ano. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/cientistas-gravam-a-atividade-de-um-neuronio-ao-longo-de-um-ano/>>. Último acesso em 23 fev. 2023. (adaptado)

Nos trechos a seguir, os termos destacados possuem o mesmo significado gramatical, EXCETO em:

- a) “não conseguimos rastrear de forma estável a atividade do mesmo neurônio”.
- b) “Liu planeja desenvolver ainda mais a técnica”.
- c) “O cérebro é muito macio, como a textura de tofu ou pudim”.
- d) “Restritas a períodos curtos, elas não são capazes de fornecer informações detalhadas”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Interpretação de Texto > Pressupostos e subentendidos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Motorista / Questão: 6

60. [Q2819817]

Texto para as questões 4 a 10.

Recomece

(Fragmento - Bráulio Bessa)

Quando a vida bater forte
e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir, lhe esmagar..
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar..
É hora do recomeço.
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for longa
e seu corpo fraquejar,
quando não houver caminho
nem um lugar pra chegar..
É hora do recomeço.
Recomece a CAMINHAR.

Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-braulio-bessa/>

O texto lido pode ser CORRETAMENTE entendido como uma mensagem de:

- a) Persistência e positividade para o dia a dia.
- b) Conforto para os momentos de luto após a pandemia.

c) Crítica à falta de fé na vida.

d) Orientação para encarar os relacionamentos amorosos com mais leveza.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Semântica (significação das palavras)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Motorista / Questão: 7

61. [Q2819819]

Texto para as questões 4 a 10.

Recomece

(Fragmento - Bráulio Bessa)

Quando a vida bater forte
e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir, lhe esmagar...
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar...
É hora do recomeço.
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for longa
e seu corpo fraquejar,
quando não houver caminho
nem um lugar pra chegar...
É hora do recomeço.
Recomece a CAMINHAR.

Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-braulio-bessa/>

Assinale a alternativa CORRETA, que apresenta um sentido comum ao significado do título do texto lido "Recomece".

a) Avançar.

b) Esperar.

c) Refazer.

d) Questionar.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Reorganização e reescrita de orações e períodos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Pacajus - CE / Agente Administrativo / Questão: 1

62. [Q3144520]

BELAS E PERIGOSAS: AS DIFERENTES

LENDAS EM TORNO DAS SEREIAS

Parcialmente humana e parcialmente peixe, a sereia é uma popular criatura fantástica que já apareceu nas lendas de diversas culturas através da História, seja como objeto de desejo devido à sua beleza e aura misteriosa, ou como um ser que inspira terror por enfeitiçar marinheiros com seu canto irresistível a fim de atraí-los para o fundo do mar, onde eles inevitavelmente se afogariam.

As civilizações do passado, é claro, imaginaram toda uma variedade de criaturas fictícias extravagantes, mas poucas se mantiveram tão vivas em nosso imaginário quanto as sereias, que ainda povoam diversos de nossos produtos artísticos. Um exemplo recente disso é justamente o filme live-action de "A Pequena Sereia", que chegou oficialmente aos cinemas brasileiros na última quinta-feira, 25 de maio, após uma longa espera.

A produção da Disney usa atores em carne e osso — incluindo a jovem Halle Bailey no papel da protagonista — para fazer uma releitura de sua bem-sucedida animação de 1989, que contava a história de Ariel, uma sereia que passou a desejar ser humana ao se apaixonar por um príncipe.

Na Grécia Antiga, essas mulheres com cauda de peixe teriam aparecido, por exemplo, na Odisseia, um clássico poema épico responsável por narrar as desventuras vividas pelo herói Ulisses e sua tripulação enquanto eles tentam voltar para casa após lutar na Guerra de Troia.

Um dos obstáculos vividos pelo general é justamente um perigoso encontro com um grupo de sereias que enlouquecem os homens através de sua voz. Para impedi-los de pular no oceano, é necessário encher os ouvidos dos marinheiros com pedaços de cera de abelha a fim de abafar os chamados hipnóticos das criaturas.

Já Ulisses, para saciar sua curiosidade de conhecer os poderosos cantos, é acorrentado ao mastro da embarcação — e, assim que começa a ouvi-los, implora para ser liberto, apenas voltando a si após o navio abandonar as águas infestadas de sereias.

Por outro lado, existia também na mitologia grega a figura do poderoso Tritão, filho de Poseidon (o deus do oceano), que era metade homem e metade peixe, sendo responsável por governar os mares. Nos filmes da Disney sobre Ariel, , aliás, ele aparece como o pai da jovem.

Conforme lembrado por Peter Goggin, professor associado de inglês na Universidade do Estado do Arizona (EUA), em artigo publicado no The Conversation, a civilização síria também possuía crenças sagradas que incluíam esses seres míticos. Sua deusa Atargátis, que era uma entidade de grande importância, possuía a forma de uma sereia, e, neste caso, era vista como uma força do bem, protegendo aqueles que a cultuavam.

Entre os povos celtas, as chamadas "merrows" possuíam um artefato mágico que lhes permitiam habitar tanto o oceano quanto a terra firme, com sua forma de metamorfoseando de acordo com o ambiente, segundo informou o portal Beach Combing. Caso alguém roubasse esse artefato, porém, elas ficavam presas em uma forma só.

Outro detalhe curioso é que existiam homens merrow, entretanto eles eram descritos como muito feios, e, por isso, rejeitados por suas contrapartes femininas, que possuíam uma beleza estonteante.

Mais para frente na trajetória da humanidade, existem também os mitos que eram nutridos no Japão feudal a respeito dessas criaturas, batizadas por eles de "ningyo"s. Diferente da maioria das representações, essas possuíam uma aparência mais próxima de um mostro marinho. Sua carne, no entanto, seria capaz de conceder a juventude eterna para aqueles que a consumissem.

Assim, seja quais forem os detalhes que envolvem os folclores acerca dessas figuras mitológicas, o que persiste é a continuidade do interesse humano nelas, de forma que o mito das sereias prossegue inspirando a criação de novas histórias.

(Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/belas-e-perigosas-as-diferentes-lendas-em-torno-das-sereias.phtml>>)

“As civilizações do passado, é claro, imaginaram toda uma variedade de criaturas fictícias extravagantes, mas poucas se mantiveram tão vivas em nosso imaginário quanto as sereias, que ainda povoam diversos de nossos produtos artísticos”.

Assinale a alternativa que contém uma reescrita confusa e ambígua para o trecho acima reportado.

- a) As civilizações do passado, é claro, imaginaram toda uma variedade de criaturas fictícias extravagantes, porquanto poucas se mantiveram tão vivas em nosso imaginário quanto as sereias, que ainda povoam diversos de nossos produtos artísticos.
- b) Embora poucas se mantiveram tão vivas em nosso imaginário quanto as sereias, que ainda povoam diversos de nossos produtos artísticos, as civilizações do passado, é claro, imaginaram toda uma variedade de criaturas fictícias extravagantes.
- c) As civilizações do passado, é claro, imaginaram toda uma variedade de criaturas fictícias extravagantes, apesar de poucas se mantiveram tão vivas em nosso imaginário quanto as sereias, que ainda povoam diversos de nossos produtos artísticos.
- d) Poucas se mantiveram tão vivas em nosso imaginário quanto as sereias, que ainda povoam diversos de nossos produtos artístico, contudo as civilizações do passado, é claro, imaginaram toda uma variedade de criaturas fictícias extravagantes.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Texto Narrativo > Texto descritivo > Tipo injuntivo ou instrucional

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Pacajus - CE / Arquiteto / Questão: 1

63. [Q3005148] TEXTO

DEMÔNIOS PARA ALGUNS, ANJOS PARA OUTROS: CURIOSIDADES SOBRE *HELLRAISER*

Dor, prazer, couro e sangue: *Hellraiser* é um marco dos filmes de terror. Clive Barker é um dos maiores autores de terror da contemporaneidade, sendo considerado por Stephen King ainda nos anos 1980 como "o futuro do terror". Uma de suas obras que ajudou a pavimentar esse título foi *Hellraiser*, filme de 1987 que adapta sua novela publicada em 1986. Fazendo as vezes de diretor e autor, Barker construiu uma história para lá de macabra.

No icônico filme, ao se mudarem para a casa da família de seu pai, Kirsty (Ashley Laurence) se vê envolvida em tuna teia de traição, prazeres e dores que vão além da imaginação humana. Julia (Claire Higgins), madrastra de Kirsty, está ajudando Frank (Sean Chapman), tio da jovem, a conseguir sacrifícios para aplacar os horrores causados pelos cenobitas, criaturas de outra dimensão que, ao serem invocadas pelo cubo Configuração do Lamento, liberam um verdadeiro inferno na vida daqueles que os chamaram.

Baseado no livro de Barker que, originalmente, se chama *The helibound heart*, a longa passou por uma jornada até chegar no título final de *Hellraiser*. Os produtores acharam que o título original, que pode ser traduzido como O coração infernal, poderia confundir as audiências por se parecer com o título de algum romance. Então, Barker sugeriu *Sadomasochists from beyond the grave*, que também foi negado. Após algumas outras sugestões, incluindo *What a woman will do for a goodfuck*, de uma colega da equipe, por fim chegaram a *Hellraiser*.

Em alguns países, o filme foi lançado com títulos diferentes. Na Croácia, o longa foi lançado como *Gospodari pakla*, que pode ser traduzido como *Senhores do Inferno*; já na França, o título escolhido foi *Le pacte (O pacto)* ou ainda *Le pacte du Diable (O pacto do Diabo)*; no México, o filme foi lançado como *Puerta al Infierno (Porta para o Inferno)*; e na Índia como *Shaitan Ka Beta (Filho Diabo)*. No Brasil, o título oficial ficou como *Hellraiser: renascido do Inferno*.

Se você acompanha os filmes baseados nas obras de Clive Barker, deve saber que nem sempre eles saem parecidos com a obra original, como aconteceu com *Rawhead Rex*. Na época, Barker ficou muito irritado com a forma como os produtores trataram seu material no filme de 1985, *Subterrâneos: a revolta dos mutantes*, dirigido por George Pavlou, e decidiu que ele mesmo trabalharia na direção de *Hellraiser*. Antes do longa, Barker só havia trabalhado em dois curtas. Barker afirmou depois que, apesar de sua inaptidão na direção, o elenco e a equipe de produção foram muito gentis com ele. Naquele momento, Barker conta que não saberia diferenciar uma lente de 10mm com uma de 35mm: "Se você colocasse um prato de espaguete na minha frente e dissesse que eram lentes, eu provavelmente teria acreditado". Uma pessoa que ficou

extremamente orgulhosa com a direção do filme por Barker foi sua mãe. O artista conta que, quando colocou o filme para ela assistir, ela chorou de alegria ao ver os créditos do filho como diretor, e ele teve que alertá-la que ela provavelmente ficaria bem menos feliz ao longo das próximas duas horas.

Interpretado originalmente por Doug Bradley, Pinhead se tomou um dos maiores e mais lembrados antagonistas da ficção de horror. Mas, no livro e no roteiro inicial, o personagem é um pouco diferente. Para começar, no livro, o antagonista principal é o cenobita reconhecido por Butterball, sendo Pinhead somente um ajudante. Além disso, Pinhead não era nem o nome do personagem. Bradley é creditado em *Hellraiser como Lead Cenobite*, ou seja, o cenobita líder. Mas a equipe do filme acabou batizando o personagem de Pinhead - o que Clive achou bastante deslegante -, e o nome pegou. Butterball tinha algumas falas no roteiro original, bem como o cenobita conhecido como Chatterer, mas as falas foram repassadas para a personagem conhecida como *Female Cenobite*, e para Pinhead.

Para criar o visual icônico dos cenobitas, Barker tirou inspiração de muitos lugares, principalmente da religião católica, do movimento punk rock e das roupas fetichistas que ele viu em clubes em Amsterdã e Nova York. Para o Pinhead, uma das inspirações mais fortes veio de símbolos fetichistas africanos. Barker, ao criar Pinhead, queria o enfoque em sua personalidade sombria e séria. Os produtores haviam sugerido que, sendo *Hellraiser* feito em um momento em que ícones do horror como Freddy e Jason estavam com tudo, que Pinhead poderia ter um senso de humor mais apurado. Barker negou a ideia, e deu instruções claras para Bradley: que ele interpretasse Pinhead como uma mistura entre um administrador e um cirurgião, um homem que é responsável por um hospital que, além de empunhar a faca, precisa manter o cronograma. Ao pensar no personagem de Pinhead, Barker gostaria que ele fosse mais próximo de alguém como o Drácula de Christopher Lee. Além disso, para ele, Pinhead é muito mais forte mentalmente que Michael Myers ou Jason Voorhees.

Originalmente, Barker queria que a banda Coil fosse a principal trilha sonora do filme, e eles chegaram a compor uma trilha sonora completa para *Hellraiser*. Mas o estúdio não levou a escolha em consideração, e acabou escolhendo o músico Christopher Young para compor a trilha que ficou conhecida no filme. Young já havia trabalhado com filmes de terror, em *A Hora do Pesadelo 2* e *Invasores de Marte*.

De início, os produtores estavam pensando em contratar dublês para o papel dos cenobitas, para poupar um pouco o orçamento da produção, mas Clive Barker foi irredutível em sua decisão de contratar atores para o trabalho - o que se mostrou uma decisão acertada, já que Doug Bradley foi um dos maiores sucessos entre as escolhas do elenco. Outra curiosidade é que o filme é, tecnicamente, uma produção inglesa. Mas o estúdio, New World, achou que seria mais fácil de comercializar se o filme se passasse nos Estados Unidos. Então, a maioria dos atores teve suas falas dubladas para tirar o sotaque da Inglaterra. A atriz Clare Higgins, que interpreta Julia, costuma dizer que odeia filmes de terror e diz nunca ter conseguido assistir *Hellraiser* completo. Já Doug Bradley se tornou tão prestativo e habilidoso nas aplicações das próteses de Pinhead que seu nome consta nos créditos como assistente de maquiagem. Ao todo, a prótese levava cerca de seis horas para ficar pronta.

(Adaptado de: <https://macabra.tv/demonios-para-alguns-anjos-para-outros-curiosidades-sobre-hellraiser/>. Acesso em: 10/02/2023).

Tendo em vista as marcas linguísticas presentes no conjunto de enunciados acima e os propósitos comunicativos do seu enunciador, pode-se classificá-lo como um texto predominantemente:

- a) Dissertativo-argumentativo.
- b) Descritivo-expositivo.
- c) Narrativo.
- d) Injuntivo.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Reescrita de frases e parágrafos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Enfermeiro / Questão: 3

64. [Q3013453]

TEXTO

Para compreender a questão da grilagem, é necessário conhecer as formas históricas de distribuição e aquisição de terras no Brasil. No período colonial, a divisão do território em sesmarias (imensos lotes de terras virgens distribuídos em nome do rei de Portugal para agricultura) criou problemas que estão na origem da

questão fundiária atual.

Um primeiro problema surge da dificuldade em se mapear um território tão extenso. Além disso, amplas áreas não eram utilizadas do ponto de vista produtivo. Outro problema vem da escassez de população, que limitava a ocupação do território e a disponibilidade de força de trabalho no campo. Estima-se que, até 1700, a população brasileira era de apenas 300 mil habitantes, em boa medida concentrados no litoral nordestino e nas regiões mineradoras, segundo aponta Celso Furtado em seu livro *Formação Econômica Brasileira*.

Por fim, somam-se a essas questões limitações políticas de domínio territorial, já que muitas regiões, principalmente no interior do país, não eram administradas na prática pela coroa portuguesa ou eram regiões em disputa com outros países. [...]

Com a independência do país em 1822 e a revogação do regime das sesmarias, instaurou-se um vazio jurídico que reforçou a ocupação espontânea. O território em construção e seus confins alimentavam os mais diversos anseios de apropriação e exploração, tanto para os atores mais vulneráveis do campo (camponeses, indígenas, caboclos, escravos libertos) quanto para os mais providos. [...]

A Lei de Terras, de 1850, que dispõe sobre as terras devolutas no Império, passa a ser um marco na regulação fundiária nacional ao estipular que o acesso à terra não mais se daria pela mera ocupação, e sim por meio da sua compra. Ao instituir a propriedade privada e o mercado de terras, a Lei de Terras estabeleceu, ao mesmo tempo, a definição de terra pública. Assim, todos os possuidores (sesmeiros e posseiros) tinham um prazo estabelecido para registrarem suas terras, sob pena de estas caírem em comisso, isto é, de voltarem ao domínio público e serem consideradas, portanto, terras devolutas. [...]

Ela é, ainda, interpretada como um texto conservador, cuja preocupação foi garantir a permanência de oferta de mão de obra barata ao setor agropecuário e consolidar as elites agrárias num momento em que o fim da escravatura estava se desenhando. De fato, ela exclui do mercado fundiário todos aqueles que não possuem recursos para adquirir terra. [...]

Esse processo consolidou dois perfis que ajudam a compreender a complexidade da posse de terras. O primeiro perfil remete a camponeses que, ainda que não possuíssem o título da terra, moravam e produziam nos locais já ocupados. São os chamados posseiros. A Lei de Terras garantiu a sua permanência como ocupantes legítimos; porém, novas ocupações não poderiam se dar da mesma forma. Daí em diante, as terras teriam que ser compradas do Estado. O outro perfil é o de grupos que também ocupavam as terras de maneira irregular, mas falsificavam documentos de concessão das antigas sesmarias ou documentos de transmissão de posse como forma de serem reconhecidos como os verdadeiros donos da terra. Esses são os chamados grileiros. [...]

Por tudo isso, é possível concluir que a Lei de Terras de 1850, longe de contribuir para discriminar as terras públicas das privadas, serviu, em grande medida, como mecanismo para incorporação ilegal de terras públicas e consolidação de áreas griladas.

A partir de então, a grilagem se consolidou como uma prática lucrativa de controle da terra. À medida que a ocupação do território se intensificou, conflitos se multiplicaram entre posseiros, grileiros e proprietários. O progressivo adensamento da estrutura fundiária nas áreas de agricultura consolidada contribuiu no avanço e na busca por novas terras nas áreas ainda pouco cobertas, com baixa ocupação populacional.

É nas áreas de fronteira agrícola, onde o mercado fundiário é ainda balbuciante e a delimitação das propriedades muito imprecisa, que a grilagem se expressa com maior força e continua liderando, como no passado, a apropriação de terras. Nelas, o Estado não consegue conter a grilagem, por não ter um registro cartográfico completo das terras públicas, nem cadastro da delimitação precisa das propriedades privadas. [...]

As fronteiras agrícolas do Cerrado e da Amazônia, por exemplo, são notoriamente marcadas por grilagem e conflitos fundiários, onde é comum ver uma mesma terra sendo reivindicada por duas, três ou quatro pessoas distintas. Não por coincidência, as fronteiras agrícolas das últimas décadas se destacam pelo grande tamanho dos estabelecimentos agrícolas e por concentrar muita terra em poucas mãos.

Por essas características e pela incapacidade do poder público em regulá-la, a grilagem tornou-se, também, um dos motores da concentração fundiária no país. [...]

Existem muitos mecanismos jurídicos de execução da grilagem. A origem do termo é ligada ao uso de grilos trancados em uma caixa com documentos forjados, a fim de envelhecer artificialmente o documento para parecer mais legítimo. Hoje, porém, os protocolos de falsificação de documentos se sofisticaram, inclusive com o uso de técnicas digitais, e são facilitados pela própria legislação agrária e ambiental.

Os cartórios são a espinha dorsal do sistema, já que aceitam abrir matrículas com uma documentação incompleta ou suspeita. Uma vez que o proprietário tem o ônus de provar o desmembramento do imóvel particular a partir do patrimônio público, esse momento da alienação para um agente privado é o que se escolhe com maior frequência para forjar documentos, abrindo-se uma matrícula sem indicar a origem do imóvel.

A partir disso, se constrói uma cadeia dominial sucessória, através da qual é reconstituída toda a genealogia das sucessivas compras, vendas e transmissões de um bem desde a sua forjada saída do patrimônio público. [...]

Outra modalidade são as ações judiciais que procuram reconhecer terras devolutas como sendo privadas para driblar a proibição constitucional de usucapião de terras públicas. [...] A mesma operação pode ser realizada com declarações de posse que, mediante ação de um cartório conivente, podem ser transcritas como sendo registros de propriedade. Existe ainda, a técnica de retificação de área no registro de propriedade, na qual solicita-se que os limites de uma propriedade sejam modificados em cartório. Nesse caso, a matrícula existe, mas o pretense proprietário alega um erro na área registrada e solicita a ampliação dos seus contornos. [...]

Paralelamente, as medidas de regularização ambiental implementadas pelo Código Florestal de 2012 instauraram o Cadastro Ambiental Rural (CAR), que vem sendo usado como um cadastro fundiário informal nas operações de grilagem, para comprovar a ocupação e propriedade de terra. [...]

Além de usurpar uma terra pública, os registros digitais conflitam muitas vezes com outros ocupantes dessas áreas que ainda não têm os seus direitos reconhecidos. As organizações de defesa das populações indígenas e tradicionais se mobilizam para denunciar essas práticas e alertam o poder público sobre a urgência de fazer o CAR de todas as terras de uso ou propriedade coletivos. [...]

Os estudos realizados sobre os usos do CAR e dos mecanismos simplificados de regularização fundiária apontam a existência de esquemas organizados de grilagem e denunciam, ainda, uma relação causal entre desmatamento ilegal e grilagem. [...]

Um estudo do Instituto Socioambiental na Amazônia avaliou em 11,6 milhões o número de hectares registrados no CAR em nome de terceiros e sobrepostos a Unidades de Conservação federais na Amazônia em 2020. Se acrescentar a isso as Unidades de Conservação estaduais, TI e as florestas públicas não destinadas, as sobreposições de CAR de terceiros sobre áreas protegidas na Amazônia Legal chegam a 29 milhões de hectares, dentre as quais 3,5 milhões em Terras Indígenas. [...]

BÜHLER, È. A; ZUCHERATO, B; IZECKSOHN, J. *As novas faces da grilagem no Brasil*. In: Revista Ciência Hoje [CH 395]. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/as-novas-faces-da-grilagem-no-brasil/>>. Último acesso em 15 de junho de 2023. (Adaptado)

“Ela é, ainda, interpretada como um texto conservador, cuja preocupação foi garantir a permanência de oferta de mão de obra barata ao setor agropecuário e consolidar as elites agrárias num momento em que o fim da escravatura estava se desenhando.”

Assinale a alternativa que reescreve CORRETAMENTE o trecho acima, respeitando a norma culta da língua portuguesa.

- a) Ela ainda é interpretada como um texto conservador, cuja preocupação foi tanto garantir a permanência de oferta de mão de obra barata ao setor agropecuário quanto consolidar as elites agrárias em um momento no qual o fim da escravatura estava se desenhando.
- b) Ela é, ainda, interpretada como um texto conservador, onde a preocupação foi garantir a permanência de oferta de mão de obra barata no setor agropecuário e consolidar as elites agrárias num momento onde o fim da escravatura estava se desenhando.
- c) Ela é ainda interpretada como um texto conservador cuja preocupação foi garantir a permanência de oferta de mão de obra barata ao setor agropecuário e consolidar as elites agrárias num momento que o fim da escravatura estava se desenhando.
- d) Ela é, ainda, interpretada como um texto conservador, que a preocupação foi garantir a permanência de oferta de mão de obra barata ao setor agropecuário e consolidar as elites agrárias num momento aonde o fim da escravatura estava se desenhando.
- e) Ela é, ainda, interpretada como um texto conservador, em que a preocupação foi garantir não menos a permanência de oferta de mão de obra barata ao setor agropecuário que consolidar as elites agrárias num momento que o fim da escravatura estava se desenhando.

A Guiné Equatorial confirmou o seu primeiro surto de febre hemorrágica de Marburg, doença causada pelo vírus de Marburg. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), até aquela data foram contabilizadas nove mortes mais 16 casos suspeitos com sintomas como febre, fadiga e vômito com sangue e diarreia.

Autoridades de saúde do país enviaram amostras ao laboratório de referência do Instituto Pasteur no Senegal, com ajuda da OMS, para determinar a origem do surto. Das oito amostras testadas, uma deu positivo para o vírus.

Segundo a OMS, há várias investigações em andamento. Existem equipes nos distritos afetados para rastrear contatos, isolar e fornecer assistência médica às pessoas que apresentam sintomas da doença. A organização, em colaboração com forças nacionais da Guiné Equatorial, também colocou esforços para montar rapidamente uma resposta de emergência e controle do surto.

A doença causada pelo vírus de Marburg é rara, porém mortal. Ela tem taxa de letalidade de até 88%, mas com os cuidados adequados ao paciente, pode cair para até 24%. Em comparação, a taxa do Sars-CoV-2, o vírus da Covid-19, chegou a 14% no auge da pandemia. A do vírus do Ebola, que já variou de 25% a 90%, hoje tem média de 50%.

Isso torna o vírus de Marburg um dos mais letais do mundo. Capaz de atingir humanos e outros primatas, ele pertence à família Filoviridae, a mesma do vírus do Ebola – e causa sintomas similares: a doença começa abruptamente, com febre alta, dor de cabeça e mal-estar intensos. Dentro de sete dias, muitos pacientes já desenvolvem sintomas hemorrágicos graves.

O vírus é altamente infeccioso, e pode ser transmitido às pessoas por morcegos que se alimentam de frutas, ou se espalhar entre os humanos por meio do contato direto com fluidos corporais, superfícies e materiais infectados.

O intervalo da infecção até o início dos sintomas, chamado de período de incubação, varia de 2 a 21 dias. Além dos sintomas já citados, dores musculares também são uma característica comum. Diarreia intensa, dor abdominal e cólicas, náuseas e vômitos podem começar no terceiro dia.

Muitos pacientes desenvolvem quadros hemorrágicos graves entre o quinto e o sétimo dia – casos fatais costumam apresentar sangramento generalizado. O sangue fresco no vômito e nas fezes costuma ser acompanhado de sangramento nasal, gengival e vaginal.

Em casos fatais, a morte ocorre mais frequentemente entre 8 e 9 dias após o início dos sintomas, geralmente precedida por intensa perda de sangue.

O nome Marburg é em referência à cidade em que foi identificado um dos primeiros surtos da doença. Em 1967, grandes surtos simultâneos atingiram três cidade: Belgrado (Sérvia), Frankfurt (Alemanha) e, a pouco menos de 100 quilômetros ao norte dali, a também alemã Marburg.

O problema começou quando trabalhadores de laboratório foram expostos a macacos infectados trazidos de Uganda. Os pesquisadores passaram a doença para médicos e familiares, resultando em 31 pessoas infectadas e sete mortes.

Apesar do início na Europa, a maioria dos casos ao longo dos anos se restringiu à África. Há relatos de surtos e casos esporádicos em Angola, República Democrática do Congo, Quênia, África do Sul e em Uganda – neste último, em 2008, houve registro de dois casos independentes de viajantes que visitaram uma caverna habitada por colônias de morcegos.

O mais indicado é tomar cuidado com áreas de morcegos frugívoros. Durante pesquisas ou visitas turísticas em minas ou cavernas habitadas por morcegos do tipo, as pessoas devem usar luvas e outras roupas de proteção adequadas. Detalhe: a espécie de morcego atribuída à propagação do vírus, a *Rousettus aegyptiacus*, só é encontrada na África e em algumas partes da Ásia.

Outra medida importante é reduzir o risco de transmissão entre pessoas via fluidos corporais. É melhor evitar contato físico próximo com pacientes suspeitos, e luvas e equipamentos de proteção individual devem ser usados ao cuidar de doentes em casa. Além de, é claro, sempre lavar as mãos.

É pouco provável que o surto da Guiné Equatorial se torne uma pandemia tão disseminada quanto a da Covid-19. Os sintomas do vírus de Malburg aparecem em poucos dias e, rapidamente, levam o paciente a um quadro grave (e um possível óbito). Dessa forma, não dá tempo para que ele se espalhe e infecte muitas pessoas, como fez o SarsCoV-2 (e como faz o vírus da gripe, que tem uma taxa de letalidade baixa e se dissemina rapidinho).

Mesmo assim, é bom ficar alerta – afinal, viajantes podem levar o vírus para outros países – e acompanhar a resposta à doença, que, até agora, tem sido positiva.

“Graças à ação rápida e decisiva das autoridades da Guiné Equatorial na confirmação da doença, a resposta de emergência pôde atingir todo o vapor rapidamente para salvarmos vidas e determos o vírus o mais rápido possível”, afirma o Dr. Matshidiso Moeti, diretor regional da OMS na África.

CAPARROZ, Leo. O que é o Vírus de Marburg que teve surto confirmado pela OMS. Disponível em <<https://super.abril.com.br/saude/o-que-e-o-virus-de-marburg-que-teve-surto-confirmado-pela-oms/>>. Último acesso em 18 fev. 2023. (Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta CORRETAMENTE o uso da crase.

- a) O governo chegou à comprar centenas de milhares de vacinas.
- b) É uma enfermidade igual à outra.
- c) Os pesquisadores chegaram à uma conclusão.
- d) A pesquisa à que o cientista se referiu é semelhante ao estudo da Covid-19.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Equivalência e substituição de palavras, locuções, expressões e trechos.

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jaguaribara Prefeitura de Jaguaribara - CE / Assistente Social / Questão: 1

66. [Q3202609]

TEXTO I

Nos últimos anos, o diagnóstico de depressão tem se tornado cada vez mais comum e, segundo pesquisas recentes, **o transtorno mental está relacionado a um envelhecimento mais rápido entre os pacientes**. Um estudo feito por pesquisadores brasileiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e por cientistas franceses do Instituto Pasteur identificou mecanismos responsáveis por esse envelhecimento avançado em quem tem depressão.

Publicada em fevereiro de 2023, no periódico Nature Aging, **a pesquisa utilizou a metodologia translacional, em que são feitos experimentos laboratoriais em animais e em humanos**.

Utilizando o método conhecido como Elisa, eles injetaram em camundongos a corticosterona, um hormônio associado ao estresse e que induz comportamento depressivo nos animais. **Essa metodologia é conhecida por se basear em reações antígeno-anticorpo detectáveis por meio de reações enzimáticas**.

Nos animais com comportamento depressivo, foi medido o índice de uma proteína rejuvenescedora chamada GDF11. A expectativa era que a taxa dessa proteína tivesse sido reduzida - e foi exatamente isso que os pesquisadores puderam observar. **A diminuição da GDF11 está relacionada com perda de concentração, memória e envelhecimento acelerado, sintomas que podem ser apresentados por quem convive com a depressão**.

Em seguida, a proteína foi reposta aos animais e **eles deixaram de apresentar comportamento depressivo**. O baixo índice de GDF11 também foi identificado em jovens diagnosticados com o transtorno mental e a pesquisa indica que acidentes possam lidar com o envelhecimento acelerado mesmo na juventude. A proteína não foi injetada em humanos, pois pode provocar alergias. **Mais estudos serão necessários para averiguar se a GDF11 poderá ser usada em tratamentos inovadores contra a depressão**.

Um dos maiores desafios da pesquisa, que foi realizada entre 2018 e 2023, foi mostrar o mecanismo que explica a redução da GDF11. Pois, **eles tinham que mostrar e catalogar que a proteína estava baixa na depressão e que, ao se ter a reposição, o paciente saia da depressão através da autofagia, algo que os autores nem cogitam**.

"Inicialmente tínhamos a ideia de que a proteína estaria baixa na depressão, e que dando a proteína melhoraria a depressão. Mas que era por meio da autofagia, isso a gente não sabia. **Tivemos que ir testando vários outros mecanismos** até isolar esse da autofagia", afirma o professor Flávio Kapczinski, do departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS, ao Jornal da Universidade.

Feita ao longo de cinco anos, outro desafio enfrentado durante a pesquisa foi a formatura e a consequente saída de pós-doutorandos que estavam participando do projeto. "Demorou tanto que foi desmotivando os pesquisadores. A gente teve que se manter firme, fazendo aos pouquinhos cada um dos experimentos", comenta Kapczinski, que também comemora a publicação do estudo.

REVISTA GALILEU. Redução de proteína explica envelhecimento acelerado associado à depressão. Disponível

em:

<<https://revistagalileu.globo.com/saude/noticia/2023/04/reducao-de-proteina-explica-envelhecimento-acelerado-associado-a-depressao>.
ghtml/>. Último acesso em 2 mai. 2023. (adaptado)

Em "eles tinham que mostrar e catalogar que a proteína estava baixa na depressão e que, ao se ter a reposição, o paciente saía da depressão através da autofagia, algo que os autores nem cogitam", o verbo destacado pode ser substituído sem prejuízo semântico por:

- a) Concordam.
- b) Duvidam.
- c) Publicam.
- d) Consideram.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Equivalência e substituição de palavras, locuções, expressões e trechos. > Adjunto Adverbial > Sujeito > Orações subordinadas substantivas

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jaguaribara Prefeitura de Jaguaribara - CE / Assistente Social / Questão: 3

67. [Q3202611]

TEXTO I

Nos últimos anos, o diagnóstico de depressão tem se tornado cada vez mais comum e, segundo pesquisas recentes, **o transtorno mental está relacionado a um envelhecimento mais rápido entre os pacientes**. Um estudo feito por pesquisadores brasileiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e por cientistas franceses do Instituto Pasteur identificou mecanismos responsáveis por esse envelhecimento avançado em quem tem depressão.

Publicada em fevereiro de 2023, no periódico Nature Aging, **a pesquisa utilizou a metodologia translacional, em que são feitos experimentos laboratoriais em animais e em humanos**.

Utilizando o método conhecido como Elisa, eles injetaram em camundongos a corticosterona, um hormônio associado ao estresse e que induz comportamento depressivo nos animais. **Essa metodologia é conhecida por se basear em reações antígeno-anticorpo detectáveis por meio de reações enzimáticas**.

Nos animais com comportamento depressivo, foi medido o índice de uma proteína rejuvenescedora chamada GDF11. A expectativa era que a taxa dessa proteína tivesse sido reduzida - e foi exatamente isso que os pesquisadores puderam observar. **A diminuição da GDF11 está relacionada com perda de concentração, memória e envelhecimento acelerado, sintomas que podem ser apresentados por quem convive com a depressão**.

Em seguida, a proteína foi repostada aos animais e **eles deixaram de apresentar comportamento depressivo**. O baixo índice de GDF11 também foi identificado em jovens diagnosticados com o transtorno mental e a pesquisa indica que acidentes possam lidar com o envelhecimento acelerado mesmo na juventude. A proteína não foi injetada em humanos, pois pode provocar alergias. **Mais estudos serão necessários para averiguar se a GDF11 poderá ser usada em tratamentos inovadores contra a depressão**.

Um dos maiores desafios da pesquisa, que foi realizada entre 2018 e 2023, foi mostrar o mecanismo que explica a redução da GDF11. Pois, **eles tinham que mostrar e catalogar que a proteína estava baixa na depressão e que, ao se ter a reposição, o paciente saía da depressão através da autofagia, algo que os**

autores nem cogitam.

"Inicialmente tínhamos a ideia de que a proteína estaria baixa na depressão, e que dando a proteína melhoraria a depressão. Mas que era por meio da autofagia, isso a gente não sabia. **Tivemos que ir testando vários outros mecanismos** até isolar esse da autofagia", afirma o professor Flávio Kapczinski, do departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS, ao Jornal da Universidade.

Feita ao longo de cinco anos, outro desafio enfrentado durante a pesquisa foi a formatura e a consequente saída de pós-doutorandos que estavam participando do projeto. "Demorou tanto que foi desmotivando os pesquisadores. A gente teve que se manter firme, fazendo aos pouquinhos cada um dos experimentos", comenta Kapczinski, que também comemora a publicação do estudo.

REVISTA GALILEU. Redução de proteína explica

envelhecimento acelerado associado à depressão. Disponível

em:

<<https://revistagalileu.globo.com/saude/noticia/2023/04/reducao-de-proteina-explica-envelhecimento-acelerado-associado-a-depressao>.

o-de-proteina-explica-envelhecimento-acelerado-associado-a-depressao.

ghtml/>. Último acesso em 2 mai. 2023. (adaptado)

Considere o trecho "a pesquisa utilizou a metodologia translacional, em que são feitos experimentos laboratoriais em animais e em humanos."

Analise as sentenças a seguir, tendo em vista a estrutura sintática do referido trecho:

I- Em "a pesquisa" é exercida a função sintática de sujeito da oração principal.

II- Em "a metodologia translacional" tem-se a função de adjunto adverbial de modo, pois modifica a ação de "utilizar".

III- A expressão "em que" pode ser substituída pelo conector "onde".

IV- Em "experimentos laboratoriais" é exercida a função de sujeito na oração subordinada.

V- A oração subordinada, introduzida por "em que", deve ser classificada como substantiva.

Estão CORRETAS as sentenças:

- a) I, II e V, apenas.
- b) I, II, III e IV apenas.
- c) II e IV, apenas.
- d) I e IV, apenas.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Interpretação de Texto > Sentidos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Carnaubeira da Penha - PE / Agente de Combate a Endemias / Questão: 20

68. [Q3165313]

A RESPOSTA DA CHINA APÓS EUA DERRUBAREM SUPOSTO BALÃO ESPÍÃO

Os Estados Unidos derrubaram neste fim de semana um balão chinês gigante que, segundo eles, estava espionando importantes locais militares. O Departamento de Defesa confirmou que seus caças derrubaram o balão sobre as águas territoriais dos EUA. Depois disso, o Ministério das Relações Exteriores da China expressou "forte insatisfação e protesto contra o uso da força pelos EUA para atacar aeronaves civis não

tripuladas". Oficiais de defesa disseram à imprensa dos EUA que os destroços caíram perto de Myrtle Beach, Carolina do Sul. Os militares agora estão tentando recuperar os destroços espalhados por 11 quilômetros. Dois navios de guerra, incluindo um com guindaste pesado para recuperação, estão na área.

Em uma declaração do Pentágono, um alto funcionário da defesa dos EUA disse que "embora tenhamos tomado todas as medidas necessárias para proteção contra a coleta de informações confidenciais do balão de vigilância da RPC [China], o sobrevoos do balão de vigilância do território dos EUA foi importante para nossa inteligência". "Podemos estudar e escrutinar o balão e seus equipamentos, o que foi valioso", acrescentou o oficial. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse: "Eles derrubaram com sucesso e quero elogiar nossos aviadores que o fizeram". Biden estava sob pressão para derrubar o balão desde que as autoridades de defesa anunciaram pela primeira vez que estavam rastreando o dispositivo, na quinta-feira (2/2).

Em um comunicado algumas horas depois, o Ministério das Relações Exteriores da China disse: "O lado chinês informou repetidamente o lado dos EUA após verificação de que o dirigível é para uso civil e entrou nos EUA devido a força maior - foi completamente um acidente".

A descoberta do balão desencadeou uma crise diplomática. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, cancelou imediatamente a viagem que faria à China este fim de semana devido ao que classificou como "ato irresponsável".

As autoridades chinesas negaram que se trate de uma aeronave de espionagem e, em vez disso, disseram que era um navio meteorológico que se extraviou. Antes da derrubada do balão, a China havia pedido que fosse tratada com "cabeça fria" a disputa sobre um balão chinês gigante que se dirige para o leste dos Estados Unidos. Em um comunicado no sábado (4), o Ministério das Relações Exteriores da China disse que Pequim "nunca violou o território e o espaço aéreo de qualquer país soberano".

Neste fim de semana, a Força Aérea da Colômbia confirmou o avistamento de um globo em seu espaço aéreo - após o anúncio do Pentágono sobre a existência de um segundo suposto dispositivo espião chinês que sobrevoava a América Latina. "O objeto entrou no espaço aéreo colombiano no setor norte do país, movendo-se a uma velocidade média de 25 nós, identificando características semelhantes às de um balão", diz o comunicado. A Força Aérea Colombiana informou que acompanhou o objeto até sua saída do espaço aéreo. E declararam que o objeto não representava uma ameaça à segurança e defesa nacional e que a partir de agora serão iniciadas as investigações pertinentes, com diferentes países e instituições, para estabelecer a origem do objeto.

Os recursos do balão neste caso em particular não estão claros, mas especialistas dizem que pode ser mais um "sinal" do governo de Pequim do que uma ameaça à segurança. "Pequim provavelmente está tentando enviar um sinal a Washington: 'Embora queiramos melhorar nossos laços, também estamos sempre prontos para uma competição sustentada, por qualquer meio necessário', sem inflamar severamente as tensões", disse o analista He Yuan Ming à BBC. "E que melhor ferramenta para isso do que um balão aparentemente inócuo", acrescentou.

Os balões são uma das formas mais antigas de tecnologia de vigilância. Os militares japoneses os usaram para bombardear os EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Eles também foram amplamente utilizados pelos EUA e pela União Soviética durante a Guerra Fria. Mais recentemente, os EUA têm considerado adicionar balões de alta altitude à rede de vigilância do Pentágono. Balões modernos normalmente flutuam entre 24 e 37 quilômetros acima da superfície da Terra. O Departamento de Defesa dos EUA disse na quinta-feira que o balão chinês estava "significativamente acima de onde passa o tráfego aéreo civil".

O especialista em China Benjamin Ho disse que Pequim tem disponível tecnologia de vigilância mais sofisticada que balões. "Eles têm outros meios para espionar a infraestrutura americana, ou qualquer informação que queiram obter. O balão era para enviar um sinal aos americanos e também para ver como os americanos reagiriam", disse Ho, coordenador do programa da China na Escola de Estudos Chineses na Escola de Estudos Internacionais S. Rajaratnam de Cingapura. Pode até ser que a China quisesse que os EUA detectassem o balão. "É possível que ser descoberto fosse o ponto principal. A China poderia estar usando o balão para demonstrar que tem uma capacidade tecnológica sofisticada para penetrar no espaço aéreo dos EUA sem arriscar uma escalada séria. Nesse sentido, um balão é uma escolha bastante ideal", disse Arthur Holland Michel, da instituição *Carnegie Council for Ethics in International Affairs*.

No entanto, alguns especialistas apontam que os balões podem ser equipados com tecnologia moderna, como câmeras espãs e sensores de radar, e seu uso para vigilância tem algumas vantagens, sendo a principal delas o fato de serem mais baratos e fáceis de usar do que os drones ou satélites. A velocidade mais lenta do balão também permite que ele demore mais e monitore a área-alvo por períodos mais longos. O movimento de um satélite, por outro lado, é restrito à velocidade de sua órbita.

(Adaptado de: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/05/a-resposta-da-china-apos-eua-derrubarem-suposto-balao-espio.ghml>. Acesso em: 08/02/2023)

A despeito do que pensam o governo norte-americano e o governo chinês, alguns especialistas:

- a) Acreditam que a China está associada à União Soviética.
- b) Acreditam que a China estava, de fato, espionando os Estados Unidos.
- c) Acreditam que a China não tem material suficiente para espionar os Estados Unidos.
- d) Acreditam que os Estados Unidos querem apenas insinuar uma ameaça externa.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise das estruturas linguísticas do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Carnaubeira da Penha - PE / Agente de Combate a Endemias / Questão: 11

69. [Q3160110]

A RESPOSTA DA CHINA APÓS EUA DERRUBAREM SUPOSTO BALÃO ESPÍÃO

Os Estados Unidos derrubaram neste fim de semana um balão chinês gigante que, segundo eles, estava espionando importantes locais militares. O Departamento de Defesa confirmou que seus caças derrubaram o balão sobre as águas territoriais dos EUA. Depois disso, o Ministério das Relações Exteriores da China expressou "forte insatisfação e protesto contra o uso da força pelos EUA para atacar aeronaves civis não tripuladas". Oficiais de defesa disseram à imprensa dos EUA que os destroços caíram perto de Myrtle Beach, Carolina do Sul. Os militares agora estão tentando recuperar os destroços espalhados por 11 quilômetros. Dois navios de guerra, incluindo um com guindaste pesado para recuperação, estão na área.

Em uma declaração do Pentágono, um alto funcionário da defesa dos EUA disse que "embora tenhamos tomado todas as medidas necessárias para proteção contra a coleta de informações confidenciais do balão de vigilância da RPC [China], o sobrevoo do balão de vigilância do território dos EUA foi importante para nossa inteligência". "Podemos estudar e escrutinar o balão e seus equipamentos, o que foi valioso", acrescentou o oficial. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse: "Eles derrubaram com sucesso e quero elogiar nossos aviadores que o fizeram". Biden estava sob pressão para derrubar o balão desde que as autoridades de defesa anunciaram pela primeira vez que estavam rastreando o dispositivo, na quinta-feira (2/2).

Em um comunicado algumas horas depois, o Ministério das Relações Exteriores da China disse: "O lado chinês informou repetidamente o lado dos EUA após verificação de que o dirigível é para uso civil e entrou nos EUA devido a força maior - foi completamente um acidente".

A descoberta do balão desencadeou uma crise diplomática. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, cancelou imediatamente a viagem que faria à China este fim de semana devido ao que classificou como "ato irresponsável".

As autoridades chinesas negaram que se trate de uma aeronave de espionagem e, em vez disso, disseram que era um navio meteorológico que se extraviou. Antes da derrubada do balão, a China havia pedido que fosse tratada com "cabeça fria" a disputa sobre um balão chinês gigante que se dirige para o leste dos Estados Unidos. Em um comunicado no sábado (4), o Ministério das Relações Exteriores da China disse que Pequim "nunca violou o território e o espaço aéreo de qualquer país soberano".

Neste fim de semana, a Força Aérea da Colômbia confirmou o avistamento de um globo em seu espaço aéreo - após o anúncio do Pentágono sobre a existência de um segundo suposto dispositivo espião chinês que sobrevoava a América Latina. "O objeto entrou no espaço aéreo colombiano no setor norte do país, movendo-se a uma velocidade média de 25 nós, identificando características semelhantes às de um balão", diz o comunicado. A Força Aérea Colombiana informou que acompanhou o objeto até sua saída do espaço aéreo. E declararam que o objeto não representava uma ameaça à segurança e defesa nacional e que a partir de agora serão iniciadas as investigações pertinentes, com diferentes países e instituições, para estabelecer a origem do objeto.

Os recursos do balão neste caso em particular não estão claros, mas especialistas dizem que pode ser mais um "sinal" do governo de Pequim do que uma ameaça à segurança. "Pequim provavelmente está tentando enviar um sinal a Washington: 'Embora queiramos melhorar nossos laços, também estamos sempre prontos para uma competição sustentada, por qualquer meio necessário', sem inflamar severamente as tensões", disse o analista He Yuan Ming à BBC. "E que melhor ferramenta para isso do que um balão aparentemente inócuo", acrescentou.

Os balões são uma das formas mais antigas de tecnologia de vigilância. Os militares japoneses os usaram para bombardear os EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Eles também foram amplamente utilizados pelos EUA e pela União Soviética durante a Guerra Fria. Mais recentemente, os EUA têm considerado adicionar

balões de alta altitude à rede de vigilância do Pentágono. Balões modernos normalmente flutuam entre 24 e 37 quilômetros acima da superfície da Terra. O Departamento de Defesa dos EUA disse na quinta-feira que o balão chinês estava "significativamente acima de onde passa o tráfego aéreo civil".

O especialista em China Benjamin Ho disse que Pequim tem disponível tecnologia de vigilância mais sofisticada que balões. "Eles têm outros meios para espionar a infraestrutura americana, ou qualquer informação que queiram obter. O balão era para enviar um sinal aos americanos e também para ver como os americanos reagiriam", disse Ho, coordenador do programa da China na a Escola de Estudos Chineses na Escola de Estudos Internacionais S. Rajaratnam de Cingapura. Pode até ser que a China quisesse que os EUA detectassem o balão. "É possível que ser descoberto fosse o ponto principal. A China poderia estar usando o balão para demonstrar que tem uma capacidade tecnológica sofisticada para penetrar no espaço aéreo dos EUA sem arriscar uma escalada séria. Nesse sentido, um balão é uma escolha bastante ideal", disse Arthur Holland Michel, da instituição *Carnegie Council for Ethics in International Affairs*.

No entanto, alguns especialistas apontam que os balões podem ser equipados com tecnologia moderna, como câmeras espãs e sensores de radar, e seu uso para vigilância tem algumas vantagens, sendo a principal delas o fato de serem mais baratos e fáceis de usar do que os drones ou satélites. A velocidade mais lenta do balão também permite que ele demore mais e monitore a área-alvo por períodos mais longos. O movimento de um satélite, por outro lado, é restrito à velocidade de sua órbita.

(Adaptado de: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/05/a-resposta-da-china-apos-eua-derrubarem-suposto-balao-espiao.ghtml>. Acesso em: 08/02/2023)

Considere o enunciado e as asserções abaixo e depois assinale a alternativa CORRETA.

O texto acima apresenta características que se encontram também em textos do mesmo gênero. Algumas dessas características são:

I- Apresentação de um fato real, exposto de uma forma clara e objetiva.

II- Emprego de formas verbais e expressões modalizadoras que atenuam a força da asserção sobre eventos duvidosos e/ou incertos.

III- Opiniões do enunciador sobre os fatos apresentados.

- a) Apenas as asserções I e II estão corretas.
- b) Apenas as asserções II e III estão corretas.
- c) Apenas a asserção I está correta.
- d) As asserções I, II e III estão corretas.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise das estruturas linguísticas do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Carnaubeira da Penha - PE / Agente de Combate a Endemias / Questão: 1

70. [Q3160059]

FEBRE MACULOSA BRASILEIRA

Doença transmitida pelo carrapato-estrela ou micuim, infectado pela bactéria *Rickettsia rickettsii*. O carrapato-estrela não é o carrapato comum, que encontramos geralmente em cachorros — a espécie *Amblyonima cajennense*, transmissora da doença, pode ser encontrada em animais de grande porte (bois, cavalos, etc.), cães, aves domésticas, gambás, coelhos e, especialmente, na capivara.

Para haver transmissão da doença, o carrapato infectado precisa ficar pelo menos quatro horas fixado na pele das pessoas. Os carrapatos mais jovens e de menor tamanho são os mais perigosos, porque são mais difíceis de serem vistos. Não existe transmissão da doença de uma pessoa para outra.

A doença começa de forma repentina com um conjunto de sintomas semelhantes aos de outras infecções: febre alta, dor no corpo, dor de cabeça, falta de apetite, desânimo. Depois, aparecem pequenas manchas avermelhadas que crescem e tornam-se salientes. Essas lesões, parecidas com uma picada de pulga, às vezes, apresentam pequenas hemorragias sob a pele; aparecem em todo o corpo e também na palma das mãos e na planta dos pés, o que em geral não acontece nas outras doenças como sarampo, rubéola, dengue hemorrágica, por exemplo. Por essa razão, o médico deve observar o histórico do paciente, principalmente, se ele esteve em regiões onde há cavalos ou animais silvestres ou em locais onde foram registrados casos de febre maculosa. Os sintomas levam em média de Sete a dez dias para se manifestar e, a partir daí, o tratamento deve ser iniciado dentro de, no máximo, cinco dias. Após este período, há sérios riscos de que os medicamentos não surtam mais o efeito desejado.

A febre maculosa brasileira tem cura desde que o tratamento com antibióticos seja introduzido nos primeiros dois ou três dias. O ideal é manter a medicação por dez a quatorze dias, mas logo nas primeiras doses o quadro começa a regredir e evolui para a cura total. Atraso no diagnóstico e, conseqüentemente, no início do tratamento pode provocar complicações graves, como o comprometimento do sistema nervoso central, dos rins, dos pulmões, das lesões vasculares e levar ao óbito.

Para se proteger e facilitar a visualização dos carrapatos e dos micuins é muito importante que as pessoas, quando entrarem em locais de mato, estejam de calça e camisa compridas e claras a preferencialmente, de botas. A parte inferior da calça deve ser posta dentro das botas e lacrada com fitas adesivas. Se possível, evite caminhar em áreas conhecidamente infestadas por carrapatos e, a cada duas horas, verifique se há algum deles preso ao seu corpo. Quanto mais depressa ele for retirado, menores os riscos de infecção. Ao retirar um carrapato, não o esmague com as unhas. Com o esmagamento, pode haver liberação das bactérias que têm capacidade de penetrar através de pequenas lesões na pele: também não force o carrapato a se soltar encostando agulha ou palito de fósforo quente. O estresse faz com que ele libere grande quantidade de saliva, o que aumenta às chances de transmissão das bactérias transmissoras da doença. Os carrapatos devem ser retirados com cuidado, por meio de uma leve torção, para que sua boca solte a pele. Existem também repelentes com concentrações maiores do produto químico DEET (*N-N- dietil-meta-toluamida*), que são eficientes contra mosquitos e carrapatos.

Cada fêmea de carrapato infectada pode gerar até 16 mil filhotes aptos a transmitir *rickettsias*. Deste modo, se você tem o hábito de levar o seu cão para viajar com você para áreas rurais, tome cuidado para que ele não se torne reservatório da febre maculosa quando você retornar para a sua cidade. Os cães, muitas vezes, não apresentam nenhum sintoma da doença.

Para quem mora nas regiões rurais, é bom não deixar Os cães dentro de casa e procurar fazer com frequência a higiene dos animais, principalmente dos cavalos, com carrapaticidas. Uma medida eficaz, que também evita a proliferação dos carrapatos, é aparar o gramado rente ao solo uma vez por ano na época das águas, de preferência com roçadeira mecânica. Com o capim baixo, os ovos ficarão expostos ao sol e não vingarão, quebrando-se o ciclo do parasita;

A febre maculosa é mais comum entre os meses de junho e novembro período em que predominam as formas jovens do carrapato, conhecidas como micuins. Não se esqueça de que os sintomas iniciais da febre maculosa são semelhantes aos de outras infecções e requerem assistência médica imediata.

Esteja atento ao aparecimento dos sintomas e procure um médico para diagnóstico e tratamento.

(Adaptado de: <https://bvsm.s.saude.gov.br/febre-maculosa-brasileira/> Acesso em: 06/02/2023)

É uma característica do texto:

- a) Predominância de expressões linguísticas típicas de uma variedade popular.
- b) Escassa descrição do referente principal apresentado.
- c) Ausência de dados empregados como argumentos para a confirmação de uma hipótese estabelecida.
- d) Exposição de fatos médicos clínicos que se contrapõem a asserções científicas.

Doença transmitida pelo carrapato-estrela ou micuim, infectado pela bactéria *Rickettsia rickettsii*. O carrapato-estrela não é o carrapato comum, que encontramos geralmente em cachorros — a espécie *Amblyonima cajennense*, transmissora da doença, pode ser encontrada em animais de grande porte (bois, cavalos, etc.), cães, aves domésticas, gambás, coelhos e, especialmente, na capivara.

Para haver transmissão da doença, o carrapato infectado precisa ficar pelo menos quatro horas fixado na pele das pessoas. Os carrapatos mais jovens e de menor tamanho são os mais perigosos, porque são mais difíceis de serem vistos. Não existe transmissão da doença de uma pessoa para outra.

A doença começa de forma repentina com um conjunto de sintomas semelhantes aos de outras infecções: febre alta, dor no corpo, dor de cabeça, falta de apetite, desânimo. Depois, aparecem pequenas manchas avermelhadas que crescem e tornam-se salientes. Essas lesões, parecidas com uma picada de pulga, às vezes, apresentam pequenas hemorragias sob a pele; aparecem em todo o corpo e também na palma das mãos e na planta dos pés, o que em geral não acontece nas outras doenças como sarampo, rubéola, dengue hemorrágica, por exemplo. Por essa razão, o médico deve observar o histórico do paciente, principalmente, se ele esteve em regiões onde há cavalos ou animais silvestres ou em locais onde foram registrados casos de febre maculosa. Os sintomas levam em média de sete a dez dias para se manifestar e, a partir daí, o tratamento deve ser iniciado dentro de, no máximo, cinco dias. Após este período, há sérios riscos de que os medicamentos não surtam mais o efeito desejado.

A febre maculosa brasileira tem cura desde que o tratamento com antibióticos seja introduzido nos primeiros dois ou três dias. O ideal é manter a medicação por dez a quatorze dias, mas logo nas primeiras doses o quadro começa a regredir e evolui para a cura total. Atraso no diagnóstico e, conseqüentemente, no início do tratamento pode provocar complicações graves, como o comprometimento do sistema nervoso central, dos rins, dos pulmões, das lesões vasculares e levar ao óbito.

Para se proteger e facilitar a visualização dos carrapatos e dos micuins é muito importante que as pessoas, quando entrarem em locais de mato, estejam de calça e camisa compridas e claras e preferencialmente, de botas. A parte inferior da calça deve ser posta dentro das botas e lacrada com fitas adesivas. Se possível, evite caminhar em áreas conhecidamente infestadas por carrapatos e, a cada duas horas, verifique se há algum deles preso ao seu corpo. Quanto mais depressa ele for retirado, menores os riscos de infecção. Ao retirar um carrapato, não o esmague com as unhas. Com o esmagamento, pode haver liberação das bactérias que têm capacidade de penetrar através de pequenas lesões na pele: também não force o carrapato a se soltar encostando agulha ou palito de fósforo quente. O estresse faz com que ele libere grande quantidade de saliva, o que aumenta as chances de transmissão das bactérias transmissoras da doença. Os carrapatos devem ser retirados com cuidado, por meio de uma leve torção, para que sua boca solte a pele. Existem também repelentes com concentrações maiores do produto químico DEET (*N-N-diethyl-meta-toluamida*), que são eficientes contra mosquitos e carrapatos.

Cada fêmea de carrapato infectada pode gerar até 16 mil filhotes aptos a transmitir *rickettsias*. Deste modo, se você tem o hábito de levar o seu cão para viajar com você para áreas rurais, tome cuidado para que ele não se torne reservatório da febre maculosa quando você retornar para a sua cidade. Os cães, muitas vezes, não apresentam nenhum sintoma da doença.

Para quem mora nas regiões rurais, é bom não deixar os cães dentro de casa e procurar fazer com frequência a higiene dos animais, principalmente dos cavalos, com carrapaticidas. Uma medida eficaz, que também evita a proliferação dos carrapatos, é aparar o gramado rente ao solo uma vez por ano na época das águas, de preferência com roçadeira mecânica. Com o capim baixo, os ovos ficarão expostos ao sol e não vingarão, quebrando-se o ciclo do parasita;

A febre maculosa é mais comum entre os meses de junho e novembro período em que predominam as formas jovens do carrapato, conhecidas como micuins. Não se esqueça de que os sintomas iniciais da febre maculosa são semelhantes aos de outras infecções e requerem assistência médica imediata.

Esteja atento ao aparecimento dos sintomas e procure um médico para diagnóstico e tratamento.

(Adaptado de: <https://bvsms.saude.gov.br/febre-maculosa-brasileira/> Acesso em: 06/02/2023)

De acordo com o texto, a bactéria que provoca a febre maculosa entra no corpo humano por meio:

- a) Da saliva do carrapato *Rickettsia rickettsii*.
- b) Dos dentes do carrapato-estrela.
- c) Da saliva do carrapato-estrela.

72. [Q3144888]

TEXTO

Consegue imaginar uma superfície bidimensional com apenas um lado? Esse estranho objeto que desafia o senso comum existe e é a fita de Möbius. Pode parecer absurdo, mas, se uma formiga caminhasse ao longo dessa fita, percorreria tanto a parte interna quanto a externa sem precisar saltar de um lado para outro. Não acredita? Siga o passo a passo em algum tutorial para montar a fita de Möbius, passe o dedo pela superfície dela e vai perceber que seu dedo vai voltar ao lugar de partida sem que seja preciso levantá-lo da fita.

Esse objeto surpreendente foi descrito, de forma independente, porém no mesmo ano de 1858, por dois matemáticos alemães, August Ferdinand Möbius e Johann Benedict Listing. De fato, Listing descreveu a fita alguns meses antes de Möbius, mas sua pesquisa foi publicada apenas em 1861. Além disso, Möbius era um cientista de maior prestígio naquela época, e seu nome prevaleceu na história.

Möbius e Listing foram pioneiros do campo da topologia, uma disciplina que estuda as propriedades dos objetos geométricos e suas características frente a forças que causam deformações, ou seja, como esses objetos podem ser torcidos, esticados, amassados e dobrados. O grande matemático Leonhard Euler foi o fundador da topologia, mas o estudo da fita de Möbius e suas curiosas características promoveu grandes avanços nessa área. As fitas de Möbius recebem uma classificação exclusiva na topologia, elas são objetos não-orientáveis. Explicando de forma simples, isso quer dizer que se desenharmos uma seta sobre ela, não podemos concluir se a seta está apontando para cima ou para baixo.

Möbius era filho de um professor de dança, que faleceu quando o menino tinha apenas 3 anos. Sua mãe era descendente direta de Martinho Lutero e educou o futuro matemático em casa até os 13 anos. A partir daí, Möbius começou a frequentar a escola no famoso monastério de Pforta, na Saxônia. Desde cedo, demonstrou afinidade pela matemática, mas, como sua família o pressionava para que seguisse uma carreira no Direito, iniciou seus estudos nessa área na prestigiosa Universidade de Leipzig. Foi lá que conheceu o matemático e astrônomo Karl Mollweide, e não teve dúvidas: trocou seu curso de estudos para astronomia e matemática. Mollweide era um cientista brilhante e foi grande influência na carreira de Möbius. Após se formar, ainda teve a fortuna de trabalhar na Universidade de Göttingen com ninguém menos que Carl Friedrich Gauss, o “Príncipe da Matemática”.

A carreira acadêmica de Möbius teve altos e baixos, em grande parte devido a sua timidez. Apesar de receber ofertas de instituições menos prestigiosas, ele almejava uma posição de professor titular na Universidade de Leipzig, mas as coisas não aconteceram como planejava. Ele não era visto como um orador talentoso, e suas palestras e cursos não atraíam muitos alunos. Apesar de trabalhar na Universidade de Leipzig desde 1816, ele foi nomeado professor titular apenas em 1844. Möbius também era astrônomo do Observatório de Leipzig, onde fez inúmeras contribuições para a astronomia, no ramo que estuda os movimentos dos corpos celestes. Por isso, o cientista tem seu nome associado a diversas contribuições na matemática, como a Fórmula de Inversão de Möbius e a Função de Möbius, mas sua mais famosa descoberta, a fita de Möbius foi feita enquanto trabalhava em um outro desafio proposto pela “Académie des Sciences” da França: sobre a teoria geométrica dos poliedros.

Apesar de ser um matemático brilhante, a coincidência acerca da descoberta da fita ter sido feita por Möbius e Listing com apenas alguns meses de diferença pode não ter sido fruto do acaso. Os dois cientistas haviam sido alunos de Gauss, que por sua vez tinha o hábito de não publicar ou desenvolver todas as suas ideias. Em relação aos seus resultados, seu lema era *Pauca sed matura* (Poucos, mas maduros), ou seja, ele só publicava quando estava inteiramente satisfeito. Assim, uma grande parte dos seus trabalhos só foi descoberta após a sua morte. Muitos autores e historiadores atuais acreditam que a ideia original da fita veio de Gauss, e os dois cientistas desenvolveram o conceito.

Hoje em dia as aplicações da fita de Möbius vão muito além do que Möbius e Listing poderiam ter imaginado. Esse conceito pode ser usado não só em esteiras de aeroportos mas também em escadas rolantes de shoppings, para garantir que o desgaste aconteça de maneira uniforme e aumente a vida útil do equipamento; em fitas magnéticas que permitem a gravação e reprodução contínua de áudio; fitas de impressora ou de máquinas de datilografar; em resistores que não geram interferência magnética; na pesquisa de supercondutores; em estruturas de grafeno para componentes de nanoeletrônica, etc. A topologia também já esteve presente em pesquisas agraciadas com o prêmio Nobel, sendo o mais recente o Nobel da Física em 2016, que descreveu novos estados da matéria, com implicações importantes para o desenvolvimento de supercondutores e superfluidos.

Além das aplicações tecnológicas, essa estranha fita tem servido de inspiração para artistas, como o artista gráfico holandês M.C. Escher, com suas obras que desafiam nossa percepção. E para casais apaixonados, que veem a fita de Möbius como um símbolo do amor eterno, um caminho sem fim, que aparenta ter dois lados, mas só tem um.

LOBO, L. *Como a fita de Möbius desafia o senso comum*. In: Revista Ciência Hoje [CH 395]. Último acesso: 13 de junho de 2023. (Adaptado). Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/como-a-fita-de-mobius-desafia-o-senso-comum/>>.

No trecho “Sua mãe era descendente direta de Martinho Lutero (1483-1546) e educou o futuro matemático em casa até os 13 anos”, a preposição destacada significa:

- a) Inclusão.
- b) Limite.
- c) Idade.
- d) Partida.
- e) Tempo.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Emprego dos elementos de referência (coesão referencial) > Sentidos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Consórcio Intermunicipal de Saúde Costa Oeste do Paraná CISCOPAR - PR / Técnico em Segurança do Trabalho / Questão: 3

73. [Q3120721]

Texto 1

QUEM É ARSÈNE LUPIN, O LADRÃO DE CASACA QUE INSPIROU ASSANE NA SÉRIE DA NETFLIX

Difícil terminar os episódios de *Lupin* e não ficar interessado em saber mais sobre Arsène Lupin. Na série, o ladrão de casaca é uma espécie de modelo para o protagonista vivido por Omar Sy, inspirando todos os seus planos, desde os pseudônimos que usa até os numerosos disfarces. A influência é tanta que o detetive Guedira (Soufiane Guerrab), como bom fã do personagem, reconhece o padrão nas atividades ilícitas de Assane Diop. Isso porque, embora Lupin não seja um nome tão familiar para o público brasileiro, ele é basicamente o Sherlock Holmes dos franceses – quer dizer, isso se o herói de Arthur Conan Doyle não investigasse crimes, mas sim os cometesse.

Ainda assim, essa comparação está longe de ser infundada. Holmes, de fato, foi uma das inspirações do autor Maurice Leblanc para criar Arsène Lupin no início do século XX, mas não foi a única. Especulase que o personagem seja uma mistura de cinco figuras, entre pessoas reais e fictícias. Uma delas foi Marius Jacob. Adepto de uma vertente do anarquismo, o ilegalismo, Jacob era um ladrão conhecido pelo seu senso de humor e pela generosidade com suas vítimas, traços bastante reconhecíveis em Lupin – inclusive os valores anarquistas. O nome do ladrão de casaca, por sua vez, parece ser inspirado em Arsène Lopin, um conselheiro municipal de Paris. Além dessas personalidades históricas, estudiosos ainda apontam elementos de personagens criados pelo inglês E. W. Hornung e pelo francês Octave Mirbeau, todos criminosos conhecidos pela elegância.

A partir dessa amálgama de referências, Leblanc atendeu o pedido do editor da revista *Je Sais Tout* e escreveu *A Detenção de Arsène Lupin* em 1905. No texto, o autor apresentou seu sofisticado protagonista que, apesar de sempre usar uma cartola e um monóculo, era irreconhecível. Afinal, esperto como poucos, ele era muito habilidoso e um verdadeiro mestre dos disfarces. Por isso, sempre escapava, por mais improvável que fosse a situação.

A história foi um sucesso tão notável que Leblanc continuou produzindo tramas centradas em Lupin por quase 40 anos. No total, foram 38 contos, 15 romances, quatro peças de teatro e três novelas, dentre as quais um embate contra o famoso detetive de Conan Doyle, nela parodiado como Herlock Sholmes.

Tratando-se de um personagem tão popular na primeira metade do século XX, era inevitável que Arsène Lupin fosse estrelar outras obras além das literárias. Mas se engana quem pensa que ele ficou restrito à Europa. O ladrão de casaca apareceu sim em produções dos cinemas francês, alemão e inglês, mas também

marcou presença em Hollywood e na TV argentina.

Nos anos 1930, percebendo a relevância do personagem, a MGM decidiu lançar sua própria adaptação cinematográfica da obra de Leblanc. Estrelado por John e Lionel Barrymore, o filme acompanhava a história de um detetive encarregado de capturar o misterioso Arsène Lupin, que dava título à obra. No entanto, a produção chamou mais atenção por uma polêmica envolvendo uma cena sensual com a atriz Karen Morley do que pela história. Décadas depois, foi a vez do ator argentino Narciso Ibáñez Menta tentar a sorte com o personagem, mas a produção também acabou dividindo as críticas.

Ainda que não faltem exemplos no cinema e em séries live-action, talvez as obras mais bem-sucedidas de Arsène Lupin – fora os livros e, agora, a produção da *Netflix* – sejam o mangá *Lupin III* e o anime que mais tarde ele originou. Mais uma releitura do que propriamente uma adaptação – como é também *Lupin* –, ambas as obras acompanham o neto do ladrão de casaca que, seguindo os passos do avô, lidera um grupo de criminosos.

Além delas, não se pode esquecer que Lupin também foi personagem de jogos, a exemplo de *Sherlock Holmes: Némesis*, que brincava com a rivalidade entre detetive e ladrão, e *Persona 5*, em que era um dos protagonistas.

Fato é que quer você o conheça pelos livros ou pelas numerosas adaptações, Arsène Lupin é um personagem memorável, cujas façanhas sempre deixam seu público com vontade de mais. Por isso, enquanto a *Netflix* não anuncia a data de estreia da terceira temporada de *Lupin*, que já foi confirmada por Omar Sy, não faltam opções para seus espectadores matarem as saudades.

Adaptado de: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/arsene-lupin-quem-e-adaptacoes>. Acesso em: 22/09/2023.

Assinale a alternativa cujo par de expressões são correferenciais, isto é, apontam para o mesmo objeto de discurso no Texto 1.

- a) Arsène Lopin – O ladrão de casaca.
- b) O protagonista vivido por Omar Sy – Assane Diop.
- c) Persona 5 – Lupin.
- d) Mário Jacob – anarquismo.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Inferência Textual

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Consórcio Intermunicipal de Saúde Costa Oeste do Paraná CISCOPAR - PR / Técnico em Segurança do Trabalho / Questão: 7

74. [Q3120725]

Texto 1

QUEM É ARSÈNE LUPIN, O LADRÃO DE CASACA QUE INSPIROU ASSANE NA SÉRIE DA NETFLIX

Difícil terminar os episódios de *Lupin* e não ficar interessado em saber mais sobre Arsène Lupin. Na série, o ladrão de casaca é uma espécie de modelo para o protagonista vivido por Omar Sy, inspirando todos os seus planos, desde os pseudônimos que usa até os numerosos disfarces. A influência é tanta que o detetive Guedira (Soufiane Guerrab), como bom fã do personagem, reconhece o padrão nas atividades ilícitas de Assane Diop. Isso porque, embora Lupin não seja um nome tão familiar para o público brasileiro, ele é basicamente o Sherlock Holmes dos franceses – quer dizer, isso se o herói de Arthur Conan Doyle não investigasse crimes, mas sim os cometesse.

Ainda assim, essa comparação está longe de ser infundada. Holmes, de fato, foi uma das inspirações do autor Maurice Leblanc para criar Arsène Lupin no início do século XX, mas não foi a única. Especulase que o personagem seja uma mistura de cinco figuras, entre pessoas reais e ficcionais. Uma delas foi Marius Jacob. Adepto de uma vertente do anarquismo, o ilegalismo, Jacob era um ladrão conhecido pelo seu senso de humor e pela generosidade com suas vítimas, traços bastante reconhecíveis em Lupin – inclusive os valores anarquistas. O nome do ladrão de casaca, por sua vez, parece ser inspirado em Arsène Lopin, um conselheiro

municipal de Paris. Além dessas personalidades históricas, estudiosos ainda apontam elementos de personagens criados pelo inglês E. W. Hornung e pelo francês Octave Mirbeau, todos criminosos conhecidos pela elegância.

A partir dessa amálgama de referências, Leblanc atendeu o pedido do editor da revista *Je Sais Tout* e escreveu *A Detenção de Arsène Lupin* em 1905. No texto, o autor apresentou seu sofisticado protagonista que, apesar de sempre usar uma cartola e um monóculo, era irreconhecível. Afinal, esperto como poucos, ele era muito habilidoso e um verdadeiro mestre dos disfarces. Por isso, sempre escapava, por mais improvável que fosse a situação.

A história foi um sucesso tão notável que Leblanc continuou produzindo tramas centradas em Lupin por quase 40 anos. No total, foram 38 contos, 15 romances, quatro peças de teatro e três novelas, dentre as quais um embate contra o famoso detetive de Conan Doyle, nela parodiado como Herlock Sholmes.

Tratando-se de um personagem tão popular na primeira metade do século XX, era inevitável que Arsène Lupin fosse estrelar outras obras além das literárias. Mas se engana quem pensa que ele ficou restrito à Europa. O ladrão de casaca apareceu sim em produções dos cinemas francês, alemão e inglês, mas também marcou presença em Hollywood e na TV argentina.

Nos anos 1930, percebendo a relevância do personagem, a MGM decidiu lançar sua própria adaptação cinematográfica da obra de Leblanc. Estrelado por John e Lionel Barrymore, o filme acompanhava a história de um detetive encarregado de capturar o misterioso Arsène Lupin, que dava título à obra. No entanto, a produção chamou mais atenção por uma polêmica envolvendo uma cena sensual com a atriz Karen Morley do que pela história. Décadas depois, foi a vez do ator argentino Narciso Ibáñez Menta tentar a sorte com o personagem, mas a produção também acabou dividindo as críticas.

Ainda que não falem exemplos no cinema e em séries live-action, talvez as obras mais bem-sucedidas de Arsène Lupin – fora os livros e, agora, a produção da *Netflix* – sejam o mangá *Lupin III* e o anime que mais tarde ele originou. Mais uma releitura do que propriamente uma adaptação – como é também *Lupin* –, ambas as obras acompanham o neto do ladrão de casaca que, seguindo os passos do avô, lidera um grupo de criminosos.

Além delas, não se pode esquecer que Lupin também foi personagem de jogos, a exemplo de *Sherlock Holmes: Némesis*, que brincava com a rivalidade entre detetive e ladrão, e *Persona 5*, em que era um dos protagonistas.

Fato é que quer você o conheça pelos livros ou pelas numerosas adaptações, Arsène Lupin é um personagem memorável, cujas façanhas sempre deixam seu público com vontade de mais. Por isso, enquanto a *Netflix* não anuncia a data de estreia da terceira temporada de *Lupin*, que já foi confirmada por Omar Sy, não faltam opções para seus espectadores matarem as saudades.

Adaptado de: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/arsene-lupin-quem-e-adaptacoes>. Acesso em: 22/09/2023.

Dos conteúdos explícitos no Texto 1, é possível inferir CORRETAMENTE que:

- a) Sherlock Holmes é um inimigo de Arsène Lupin.
- b) Artur Conan Doyle investigava crimes.
- c) Arsène Lupin cometia crimes.
- d) Assane é um apelido de Arsène.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Classes morfológicas da palavra "que"

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Inspetor - Área: Serviços Públicos / Questão: 2

75. [Q3111885] TEXTO

O QUE É UM CAFÉ ARÁBICA? CONHEÇA SUAS CARACTERÍSTICAS E COMO É CLASSIFICADO

Você que ama tomar aquele cafezinho já sabe que a bebida é feita com os grãos torrados da fruta do cafeeiro, certo? No entanto, também é importante saber que nem toda fruta é igual.

Assim como existem diferentes espécies de uvas – como *pinot noir*, *malbec* e *cabernet sauvignon* – que dão características distintas aos variados tipos de vinhos, o café também possui variadas espécies de frutas de diferentes aspectos, influenciando diretamente no sabor e na qualidade do café que tomamos.

No Brasil, as espécies mais usadas para a produção do café são robusta – também conhecido como **conilon** – e arábica, de que falaremos.

O **café arábica** foi catalogado por volta de 1750 e é originário da Etiópia. A espécie corresponde a aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos grãos produzidos em todo o mundo e é tida como a mais nobre da família dos cafés devido à sua complexidade de sabor e aroma.

O cultivo de seus grãos é feito entre 600 e 2 mil metros de altitude. A escolha de altitude impacta diretamente nas características do café, pois, quanto mais alto, maior a concentração de minerais nos grãos e mais ameno é o clima para o seu desenvolvimento, o que ajuda na acentuação de sabor, acidez e aroma do café.

O café arábica possui um sabor suave, ligeiramente ácido e naturalmente adocicado. Isso porque seus grãos possuem uma concentração de açúcares muito maior do que a do robusta. Além disso, o café arábica também possui um aroma mais suave e frutado e a concentração de cafeína em seus grãos é bem menor do que a de outras espécies de café.

Os *blends* são misturas entre diferentes espécies e variedades de grãos. Devido aos aspectos distintos encontrados no café robusta e no café arábica – e em suas variedades –, é muito comum que os produtores façam *blends* entre grãos tanto para combinar propriedades quanto para baratear os custos de produção, já que o café arábica tem um custo mais elevado devido aos cuidados que precisa ter no cultivo.

Um café 100% arábica é produzido unicamente com variedades de grãos da espécie arábica. Esses cafés recebem a classificação de *gourmets* ou especiais pela **ABIC (Associação Brasileira de Indústria do Café)**, que atesta o nível de pureza e qualidade dos cafés.

(Adaptado de: <https://blog.grancoffee.com.br/o-que-e-cafe-arabica/>. Acesso em: 26/07/2023.)

Na sentença “também é importante saber que nem toda fruta é igual”, o vocábulo “que” é:

- a) Uma preposição.
- b) Uma conjunção integrante.
- c) Um pronome relativo.
- d) Uma conjunção causal.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Interpretação de Texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Consórcio Intermunicipal de Saúde Costa Oeste do Paraná CISCOPAR - PR / Médico Pediatra / Questão: 1

76. [Q3111589]

Texto 1

MULTILINGUISMO

Os povos indígenas sempre conviveram com situações de multilinguismo. Isso quer dizer que o número de línguas usadas por um indivíduo pode ser bastante variado. Há aqueles que falam e entendem mais de uma língua ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas.

Assim, não é raro encontrar sociedades ou indivíduos indígenas em situação de bilinguismo, trilinguismo ou mesmo multilinguismo.

É possível nos depararmos, numa mesma aldeia, com indivíduos que só falam a língua indígena, com outros que só falam a língua portuguesa e outros ainda que são bilíngues ou multilíngues. A diferença linguística não é, geralmente, impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aulas juntos. Um bom exemplo disso se encontra entre os índios da família linguística tukano, localizados em grande parte ao longo do rio Uaupés, um dos grandes formadores do rio Negro, numa extensão que vai da Colômbia ao Brasil.

Entre esses povos habitantes do rio Negro, os homens costumam falar de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo políglotas que dominam de oito a dez idiomas. Além disso, as línguas representam, para eles, elementos para a constituição da identidade pessoal. Um homem, por exemplo, deve falar a mesma língua que seu pai, ou seja, partilhar com ele o mesmo grupo linguístico. No entanto, deve se casar com uma mulher que fale uma língua diferente, ou seja, que pertença a um outro grupo linguístico.

Os povos tukano são, assim, tipicamente multilíngues. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo.

O multilinguismo dos índios do Uaupés não inclui somente línguas da família tukano. Envolve também, em muitos casos, idiomas das famílias aruak e maku, assim como a língua geral amazônica ou nheengatu, o português e o espanhol.

Às vezes, nesses contextos, uma das línguas torna-se o meio de comunicação mais usado (o que os especialistas chamam de língua-franca), passando a ser utilizada por todos, quando estão juntos, para superar as barreiras da compreensão. Por exemplo, a língua tukano, que pertence à família tukano, tem uma posição social privilegiada entre as demais línguas orientais dessa família, visto que se converteu em língua geral ou língua franca da área do Uaupés, servindo de veículo de comunicação entre falantes de línguas diferentes. Ela suplantou algumas outras línguas (completamente, no caso arapaço, ou quase completamente, no caso tariana).

Há casos em que é o português que funciona como língua franca. Em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, há situações em que diferentes povos indígenas e a população ribeirinha falam o nheengatu, língua geral amazônica, quando conversam entre si.

Nos primeiros tempos da colonização portuguesa no Brasil, a língua dos índios tupinambá (tronco tupi) era falada em uma enorme extensão ao longo da costa atlântica. Já no século XVI, ela passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início eram minoria diante da população indígena. Aos poucos, o uso dessa língua, chamada de *brasílica*, intensificou-se e generalizou-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro.

Grande parte dos colonos vinha da Europa sem mulheres e acabavam tendo filhos com índias, de modo que essa era a língua materna dos seus filhos. Além disso, as missões jesuítas incorporaram essa língua como instrumento de catequização indígena. O padre José de Anchieta publicou uma gramática, em 1595, intitulada *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. Em 1618, publicou-se o primeiro catecismo na língua *brasílica*. Um manuscrito de 1621 contém o dicionário dos jesuítas, *Vocabulário na Língua Brasílica*.

A partir da segunda metade do século XVII, essa língua, já bastante modificada pelo uso corrente de índios missionados e não-índios, passou a ser conhecida pelo nome *língua geral*. Mas é preciso distinguir duas línguas gerais no Brasil-Colônia: a paulista e a amazônica. Foi a primeira delas que deixou fortes marcas no vocabulário popular brasileiro ainda hoje usado (nomes de coisas, lugares, animais, alimentos etc.) e que leva muita gente a imaginar que “a língua dos índios é (apenas) o tupi”.

A língua geral paulista teve sua origem na língua dos índios tupi de São Vicente e do alto rio Tietê, a qual diferia um pouco da dos tupinambá. No século XVII, era falada pelos exploradores dos sertões conhecidos como bandeirantes. Por intermédio deles, a língua geral paulista penetrou em áreas jamais alcançadas pelos índios tupi-guarani, influenciando a linguagem corriqueira de brasileiros.

Essa segunda língua geral desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, a partir do tupinambá, nos séculos XVII e XVIII. Até o século XIX, ela foi veículo da catequese e da ação social e política portuguesa e luso-brasileira. Desde o final do século XIX, a língua geral amazônica passou a ser conhecida, também, pelo nome nheengatu (ie'engatú = língua boa).

Apesar de suas muitas transformações, o nheengatu continua sendo falado nos dias de hoje, especialmente na bacia do rio Negro (rios Uaupés e Içana). Além de ser a língua materna da população cabocla, mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não-índios, ou entre índios de diferentes línguas. Constitui, ainda, um instrumento de afirmação étnica dos povos que perderam suas línguas, como os baré, os arapaço e outros.

Assinale a alternativa que apresenta um dos objetivos do enunciador do Texto 1 acima.

- a) Avaliar o desempenho linguístico de indígenas que falam duas ou mais línguas.
- b) Caracterizar a etnia do povo nheengatu.
- c) Tecer comentário críticos acerca da colonização portuguesa.
- d) Apresentar fatos sobre o desenvolvimento da língua nheengatu.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Consórcio Intermunicipal de Saúde Costa Oeste do Paraná CISCOPAR - PR / Médico Pediatra / Questão: 4

77. [Q3111593]

Texto 1

MULTILINGUISMO

Os povos indígenas sempre conviveram com situações de multilinguismo. Isso quer dizer que o número de línguas usadas por um indivíduo pode ser bastante variado. Há aqueles que falam e entendem mais de uma língua ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas.

Assim, não é raro encontrar sociedades ou indivíduos indígenas em situação de bilinguismo, trilinguismo ou mesmo multilinguismo.

É possível nos depararmos, numa mesma aldeia, com indivíduos que só falam a língua indígena, com outros que só falam a língua portuguesa e outros ainda que são bilíngues ou multilíngues. A diferença linguística não é, geralmente, impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aulas juntos. Um bom exemplo disso se encontra entre os índios da família linguística tukano, localizados em grande parte ao longo do rio Uaupés, um dos grandes formadores do rio Negro, numa extensão que vai da Colômbia ao Brasil.

Entre esses povos habitantes do rio Negro, os homens costumam falar de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo políglotas que dominam de oito a dez idiomas. Além disso, as línguas representam, para eles, elementos para a constituição da identidade pessoal. Um homem, por exemplo, deve falar a mesma língua que seu pai, ou seja, partilhar com ele o mesmo grupo linguístico. No entanto, deve se casar com uma mulher que fale uma língua diferente, ou seja, que pertença a um outro grupo linguístico.

Os povos tukano são, assim, tipicamente multilíngues. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo.

O multilinguismo dos índios do Uaupés não inclui somente línguas da família tukano. Envolve também, em muitos casos, idiomas das famílias aruak e maku, assim como a língua geral amazônica ou nheengatu, o português e o espanhol.

Às vezes, nesses contextos, uma das línguas torna-se o meio de comunicação mais usado (o que os especialistas chamam de língua-franca), passando a ser utilizada por todos, quando estão juntos, para superar as barreiras da compreensão. Por exemplo, a língua tukano, que pertence à família tukano, tem uma posição social privilegiada entre as demais línguas orientais dessa família, visto que se converteu em língua geral ou língua franca da área do Uaupés, servindo de veículo de comunicação entre falantes de línguas diferentes. Ela suplantou algumas outras línguas (completamente, no caso arapaço, ou quase completamente, no caso tariana).

Há casos em que é o português que funciona como língua franca. Em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, há situações em que diferentes povos indígenas e a população ribeirinha falam o nheengatu, língua geral amazônica, quando conversam entre si.

Nos primeiros tempos da colonização portuguesa no Brasil, a língua dos índios tupinambá (tronco tupi) era falada em uma enorme extensão ao longo da costa atlântica. Já no século XVI, ela passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início eram minoria diante da população indígena. Aos poucos, o uso dessa língua, chamada de brasílica, intensificou-se e generalizou-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro.

Grande parte dos colonos vinha da Europa sem mulheres e acabavam tendo filhos com índias, de modo que essa era a língua materna dos seus filhos. Além disso, as missões jesuítas incorporaram essa língua como instrumento de catequização indígena. O padre José de Anchieta publicou uma gramática, em 1595, intitulada *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. Em 1618, publicou-se o primeiro catecismo na língua brasílica. Um manuscrito de 1621 contém o dicionário dos jesuítas, *Vocabulário na Língua Brasílica*.

A partir da segunda metade do século XVII, essa língua, já bastante modificada pelo uso corrente de índios missionados e não-índios, passou a ser conhecida pelo nome *língua geral*. Mas é preciso distinguir duas línguas gerais no Brasil-Colônia: a paulista e a amazônica. Foi a primeira delas que deixou fortes marcas no vocabulário popular brasileiro ainda hoje usado (nomes de coisas, lugares, animais, alimentos etc.) e que leva muita gente a imaginar que “a língua dos índios é (apenas) o tupi”.

A língua geral paulista teve sua origem na língua dos índios tupi de São Vicente e do alto rio Tietê, a qual diferia um pouco da dos tupinambá. No século XVII, era falada pelos exploradores dos sertões conhecidos como bandeirantes. Por intermédio deles, a língua geral paulista penetrou em áreas jamais alcançadas pelos índios tupi-guarani, influenciando a linguagem corriqueira de brasileiros.

Essa segunda língua geral desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, a partir do tupinambá, nos séculos XVII e XVIII. Até o século XIX, ela foi veículo da catequese e da ação social e política portuguesa e luso-brasileira. Desde o final do século XIX, a língua geral amazônica passou a ser conhecida, também, pelo nome *nheengatu* (ie'engatú = língua boa).

Apesar de suas muitas transformações, o *nheengatu* continua sendo falado nos dias de hoje, especialmente na bacia do rio Negro (rios Uaupés e Içana). Além de ser a língua materna da população cabocla, mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não-índios, ou entre índios de diferentes línguas. Constitui, ainda, um instrumento de afirmação étnica dos povos que perderam suas línguas, como os baré, os arapaço e outros.

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Adaptado conforme o acordo ortográfico vigente. Acesso em: 09/09/2023.

Aos poucos, o uso dessa língua, chamada de brasílica, intensificou-se e generalizou-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro.

O trecho sublinhado no período acima se classifica como:

- a) Aposto.
- b) Vocativo.
- c) Interjeição.
- d) Sujeito.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Equivalência e substituição de palavras, locuções, expressões e trechos.

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Consórcio Intermunicipal de Saúde Costa Oeste do Paraná CISCOPAR - PR / Médico Pediatra / Questão: 5

78. [Q3111595]

Texto 1

MULTILINGUISMO

Os povos indígenas sempre conviveram com situações de multilinguismo. Isso quer dizer que o número de línguas usadas por um indivíduo pode ser bastante variado. Há aqueles que falam e entendem mais de uma língua ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas.

Assim, não é raro encontrar sociedades ou indivíduos indígenas em situação de bilinguismo, trilinguismo ou mesmo multilinguismo.

É possível nos depararmos, numa mesma aldeia, com indivíduos que só falam a língua indígena, com outros que só falam a língua portuguesa e outros ainda que são bilíngues ou multilíngues. A diferença linguística não é, geralmente, impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aulas juntos. Um bom exemplo disso se encontra entre os índios da família linguística tukano, localizados em grande parte ao longo do rio Uaupés, um dos grandes formadores do rio Negro, numa extensão que vai da Colômbia ao Brasil.

Entre esses povos habitantes do rio Negro, os homens costumam falar de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo políglotas que dominam de oito a dez idiomas. Além disso, as línguas representam, para eles, elementos para a constituição da identidade pessoal. Um homem, por exemplo, deve falar a mesma língua que seu pai, ou seja, partilhar com ele o mesmo grupo linguístico. No entanto, deve se casar com uma mulher que fale uma língua diferente, ou seja, que pertença a um outro grupo linguístico.

Os povos tukano são, assim, tipicamente multilíngues. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo.

O multilinguismo dos índios do Uaupés não inclui somente línguas da família tukano. Envolve também, em muitos casos, idiomas das famílias aruak e maku, assim como a língua geral amazônica ou nheengatu, o português e o espanhol.

Às vezes, nesses contextos, uma das línguas torna-se o meio de comunicação mais usado (o que os especialistas chamam de língua-franca), passando a ser utilizada por todos, quando estão juntos, para superar as barreiras da compreensão. Por exemplo, a língua tukano, que pertence à família tukano, tem uma posição social privilegiada entre as demais línguas orientais dessa família, visto que se converteu em língua geral ou língua franca da área do Uaupés, servindo de veículo de comunicação entre falantes de línguas diferentes. Ela suplantou algumas outras línguas (completamente, no caso arapaço, ou quase completamente, no caso tariana).

Há casos em que é o português que funciona como língua franca. Em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, há situações em que diferentes povos indígenas e a população ribeirinha falam o nheengatu, língua geral amazônica, quando conversam entre si.

Nos primeiros tempos da colonização portuguesa no Brasil, a língua dos índios tupinambá (tronco tupi) era falada em uma enorme extensão ao longo da costa atlântica. Já no século XVI, ela passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início eram minoria diante da população indígena. Aos poucos, o uso dessa língua, chamada de *brasílica*, intensificou-se e generalizou-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro.

Grande parte dos colonos vinha da Europa sem mulheres e acabavam tendo filhos com índias, de modo que essa era a língua materna dos seus filhos. Além disso, as missões jesuítas incorporaram essa língua como instrumento de catequização indígena. O padre José de Anchieta publicou uma gramática, em 1595, intitulada *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. Em 1618, publicou-se o primeiro catecismo na língua *brasílica*. Um manuscrito de 1621 contém o dicionário dos jesuítas, *Vocabulário na Língua Brasílica*.

A partir da segunda metade do século XVII, essa língua, já bastante modificada pelo uso corrente de índios missionados e não-índios, passou a ser conhecida pelo nome *língua geral*. Mas é preciso distinguir duas línguas gerais no Brasil-Colônia: a paulista e a amazônica. Foi a primeira delas que deixou fortes marcas no vocabulário popular brasileiro ainda hoje usado (nomes de coisas, lugares, animais, alimentos etc.) e que leva muita gente a imaginar que “a língua dos índios é (apenas) o tupi”.

A língua geral paulista teve sua origem na língua dos índios tupi de São Vicente e do alto rio Tietê, a qual diferia um pouco da dos tupinambá. No século XVII, era falada pelos exploradores dos sertões conhecidos como bandeirantes. Por intermédio deles, a língua geral paulista penetrou em áreas jamais alcançadas pelos índios tupi-guarani, influenciando a linguagem corriqueira de brasileiros.

Essa segunda língua geral desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, a partir do tupinambá, nos séculos XVII e XVIII. Até o século XIX, ela foi veículo da catequese e da ação social e política portuguesa e luso-brasileira. Desde o final do século XIX, a língua geral amazônica passou a ser conhecida, também, pelo nome nheengatu (ie'engatú = língua boa).

Apesar de suas muitas transformações, o nheengatu continua sendo falado nos dias de hoje, especialmente na bacia do rio Negro (rios Uaupés e Içana). Além de ser a língua materna da população cabocla, mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não-índios, ou entre índios de diferentes línguas. Constitui, ainda, um instrumento de afirmação étnica dos povos que perderam suas línguas, como os baré, os arapaço e outros.

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Adaptado conforme o acordo ortográfico vigente. Acesso em: 09/09/2023.

Além disso, as missões jesuítas incorporaram essa língua como instrumento de catequização indígena.

Considerando a progressão temática do Texto 1, a expressão sublinhada no trecho acima pode ser substituída, sem prejuízo para os sentidos gerais do texto, por:

- a) O tukano.
- b) O espanhol.
- c) A língua franca.
- d) A língua dos índios tupinambá.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Interpretação de Texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 39

79. [Q3111063]

TEXTO II

Como contribuir com a formação de leitores nos Anos Finais do Fundamental?

É importante ouvir os interesses dos alunos, abrir espaço para debates e reflexões e colocar as obras em diálogo com a realidade dos estudantes

[...]

Michelli, atualmente com 36 anos, se formou em Letras e se especializou em Gestão de Bibliotecas Escolares pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Hoje, atua como docente de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental na EBM Paulina Wagner, em Blumenau, e na EEF Clara Donner, em Timbó, ambas no interior de Santa Catarina. Em 2020, ela foi uma das 50 finalistas do Prêmio Educador Nota 10 com o projeto *O podcast na sala de aula: oralidade, escrita e tecnologia*.

Mas, mesmo apreciando muito os livros e suas histórias, Michelli tinha dificuldade de inserir o trabalho com a leitura literária nas suas aulas. “Eu incentivava [*a leitura*] e conversava com os alunos, mas era difícil trabalhar um livro inteiro, especialmente por serem textos mais longos e pela questão do acesso às obras. Por mais que a gente tivesse biblioteca, não contávamos ainda com o PNLD [*Programa Nacional do Livro Didático*] Literário, que garantiria obras a todos os alunos. Isso era um entrave”, diz.

Contextualização, discussões e reflexões

Essa realidade começou a mudar em 2019, quando ela fazia mestrado em Letras na UFSC e teve a ideia de desenvolver um projeto literário a partir do livro *O menino do dedo verde*, clássico infanto-juvenil do escritor francês Maurice Druon. “Em uma das disciplinas do mestrado, nós estudamos alguns critérios de qualidade de uma obra infantojuvenil. Achei esse livro uma ótima escolha por ter também capítulos curtos e algumas ilustrações, adequado para turmas de 6º ano, com as quais trabalhei”, explica. Com isso, a professora partiu para a prática em sala de aula: primeiro, fez a apresentação do autor, contextualizando a época em que a obra foi escrita. Depois, para motivar a leitura, relacionou o livro com outros textos que dialogam com a história. Como o enredo aborda a temática da guerra, Michelli decidiu mostrar o trailer do filme *O menino do pijama listrado* — inspirado no livro homônimo, de John Boyne — a fim de ampliar o olhar dos alunos para um dos assuntos tratados. Os primeiros capítulos foram lidos em sala, e depois a professora combinou prazos para que os estudantes lessem e pudessem discutir alguns temas em grupo.

Para ela, a prática de sempre contextualizar algum assunto que aparecia na história e recorrer a materiais complementares foi essencial para engajar a turma, que se envolveu com a trama. Em um trecho da obra, o garoto visita uma cadeia, e esse foi o gancho para falar com os alunos sobre o sistema prisional brasileiro. Com o auxílio de um infográfico, a conversa rendeu um bom debate sobre direitos humanos. Em outra parte da história, o menino conhece uma favela e usa o poder de seu dedo para florir o lugar. Com isso, Michelli propôs uma discussão que partiu de uma reportagem sobre artistas plásticos que fizeram diversas pinturas nas casas de uma comunidade no México, ação que colaborou para melhorar a segurança das pessoas.

“São discussões que acontecem a partir da história, e não cobranças com questionários e fichas de leitura. A proposta é sempre ter conversas sobre algo que surgiu na narrativa, mas que vai mais a fundo em questões que nos fazem refletir, que é uma das coisas que a literatura provoca na gente”, comenta. Para encerrar o trabalho com *O menino do dedo verde*, as crianças plantaram mudinhas de flores em um vaso e o entregaram para alguém que estava precisando de um gesto de gentileza. Depois, escreveram um depoimento sobre esse momento.

[...]

(Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21390/como-contribuir-com-a-formacao-de-leitores-nos-anos-finais-do-fundamental>)

Com base na leitura realizada, é possível considerar como propósito comunicativo do Texto II o livre comentário a seguir:

- a) A professora Michelli encontrou desafios, ao tentar inserir práticas de leitura em sala de aula, por conta da indisciplina dos estudantes; trazendo à tona o objetivo de discutir círculos de leitura como estratégias pedagógicas.
- b) A partilha de práticas exitosas de incentivo à leitura destinada a estudantes da educação básica, sobretudo, o público do Ensino Fundamental II. As evidências relatadas pela experiência da professora em foco correspondem positivamente a atividades que reforçam o acesso à leitura em sala de aula.
- c) A exemplificação de práticas exitosas e o contato espontâneo com a leitura contextualizada, de modo que, embora existam dificuldades nos acervos das bibliotecas escolares, o uso de equipamentos tecnológicos e metodologias ativas promovem de forma assertiva as vivências de leituras em sala de aula.
- d) O destino da leitura em sala de aula e os primeiros contatos com as estéticas literárias estão associados a práticas de letramento literário incentivadas pelos professores de português, a exemplo da docente Michelli. Afinal, a leitura tem como centro a área de linguagens e deve ser ancorada exclusivamente pelos professores de língua portuguesa.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Base nacional comum curricular (BNCC)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 49

80. [Q3111084]

TEXTO II

Como contribuir com a formação de leitores nos Anos Finais do Fundamental?

É importante ouvir os interesses dos alunos, abrir espaço para debates e reflexões e colocar as obras em diálogo com a realidade dos estudantes

[...]

Michelli, atualmente com 36 anos, se formou em Letras e se especializou em Gestão de Bibliotecas Escolares pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Hoje, atua como docente de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental na EBM Paulina Wagner, em Blumenau, e na EEF Clara Donner, em Timbó, ambas no interior de Santa Catarina. Em 2020, ela foi uma das 50 finalistas do Prêmio Educador Nota 10 com o projeto *O podcast na sala de aula: oralidade, escrita e tecnologia*.

Mas, mesmo apreciando muito os livros e suas histórias, Michelli tinha dificuldade de inserir o trabalho com a leitura literária nas suas aulas. “Eu incentivava [*a leitura*] e conversava com os alunos, mas era difícil trabalhar um livro inteiro, especialmente por serem textos mais longos e pela questão do acesso às obras. Por mais que a gente tivesse biblioteca, não contávamos ainda com o PNLD [*Programa Nacional do Livro Didático*] Literário, que garantiria obras a todos os alunos. Isso era um entrave”, diz.

Contextualização, discussões e reflexões

Essa realidade começou a mudar em 2019, quando ela fazia mestrado em Letras na UFSC e teve a ideia de desenvolver um projeto literário a partir do livro *O menino do dedo verde*, clássico infanto-juvenil do escritor francês Maurice Druon. “Em uma das disciplinas do mestrado, nós estudamos alguns critérios de qualidade de uma obra infantojuvenil. Achei esse livro uma ótima escolha por ter também capítulos curtos e algumas ilustrações, adequado para turmas de 6º ano, com as quais trabalhei”, explica. Com isso, a professora partiu para a prática em sala de aula: primeiro, fez a apresentação do autor, contextualizando a época em que a obra foi escrita. Depois, para motivar a leitura, relacionou o livro com outros textos que dialogam com a história. Como o enredo aborda a temática da guerra, Michelli decidiu mostrar o trailer do filme *O menino do pijama listrado* — inspirado no livro homônimo, de John Boyne — a fim de ampliar o olhar dos alunos para um dos assuntos tratados. Os primeiros capítulos foram lidos em sala, e depois a professora combinou prazos para que os estudantes lessem e pudessem discutir alguns temas em grupo.

Para ela, a prática de sempre contextualizar algum assunto que aparecia na história e recorrer a materiais complementares foi essencial para engajar a turma, que se envolveu com a trama. Em um trecho da obra, o garoto visita uma cadeia, e esse foi o gancho para falar com os alunos sobre o sistema prisional brasileiro. Com o auxílio de um infográfico, a conversa rendeu um bom debate sobre direitos humanos. Em outra parte da história, o menino conhece uma favela e usa o poder de seu dedo para florir o lugar. Com isso, Michelli propôs uma discussão que partiu de uma reportagem sobre artistas plásticos que fizeram diversas pinturas nas casas de uma comunidade no México, ação que colaborou para melhorar a segurança das pessoas.

“São discussões que acontecem a partir da história, e não cobranças com questionários e fichas de leitura. A proposta é sempre ter conversas sobre algo que surgiu na narrativa, mas que vai mais a fundo em questões que nos fazem refletir, que é uma das coisas que a literatura provoca na gente”, comenta. Para encerrar o trabalho com *O menino do dedo verde*, as crianças plantaram mudinhas de flores em um vaso e o entregaram para alguém que estava precisando de um gesto de gentileza. Depois, escreveram um depoimento sobre esse momento.

[...]

(Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21390/como-contribuir-com-a-formacao-de-leitores-nos-anos-finais-do-fundamental>)

Em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais, na abordagem da variação linguística, é CORRETO o que se afirma como proposta de atividade junto aos estudantes:

- a) Transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala, permitindo apenas o uso de modalidade formal da língua falada.
- b) Edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita, preconizando sempre a modalidade formal como homogênea entre os falantes.
- c) Análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas.
- d) Elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos, preconizando o português falado no sudeste do Brasil, configurando-se como um padrão mais próximo da formalidade escrita.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Reorganização e reescrita de orações e períodos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 21

81. [Q3111025]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista *Science* em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infortunadas não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas

mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

“Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje.”

Assinale a alternativa que apresenta o fragmento que reescreve o trecho acima, retirando APENAS termos acessórios.

- a) Temos bastante certeza de que elas estariam a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje.
- b) Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero, temos certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente.
- c) Mesmo não podendo fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje.
- d) Por óbvias razões éticas, temos certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Mecanismos de coesão textual

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 22

82. [Q3111028]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista Science em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infelizes não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse

sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

SZCZESNIAK, K. *Nascimento de uma língua*. In: Revista Ciência Hoje [CH 210]. Último acesso: 09 de junho de 2023. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/nascimento-de-uma-lingua/>> (Adaptado).

Assinale a alternativa que explica CORRETAMENTE o uso do termo destacado nos fragmentos.

- a) Em “[...] as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas”, o termo destacado é um pronome pessoal oblíquo átono usado para fazer referência anafórica ao sintagma nominal “o sistema”.
- b) Em “Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua?”, o termo destacado é um pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa do plural que está sendo usado para se referir ao sintagma nominal “pais”.
- c) Em “[...] como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos?”, o termo destacado é um pronome oblíquo átono que está sendo usado na voz passiva.
- d) Em “Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores”, o termo destacado é um pronome oblíquo átono usado para se referir anaforicamente ao sintagma “a versão inicial do ISN”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Interpretação de Texto > Sentidos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 24

83. [Q3111033]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades

inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista Science em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infelizmente não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

SZCZESNIAK, K. *Nascimento de uma língua*. In: Revista Ciência Hoje [CH 210]. Último acesso: 09 de junho de 2023. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/nascimento-de-uma-lingua/>> (Adaptado).

“Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero [...]”. Assinale a alternativa que apresenta um fragmento com o mesmo valor semântico estabelecido pelo trecho destacado acima.

- a) “Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua [...]”.
- b) “Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural”.
- c) “Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infelizes não falariam língua alguma”.
- d) “Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 26

84. [Q3111036]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista Science em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infelizes não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse

sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

SZCZESNIAK, K. *Nascimento de uma língua*. In: Revista Ciência Hoje [CH 210]. Último acesso: 09 de junho de 2023. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/nascimento-de-uma-lingua/>> (Adaptado).

Considerando o período “Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais”, assinale a alternativa CORRETA.

- a) O sintagma nominal “uma língua completa” exerce a função de sujeito da oração.
- b) O verbo “surgir” nesse contexto deve ser classificado como verbo impessoal.
- c) O sintagma nominal “uma língua completa” exerce na oração a função de objeto direto.
- d) O verbo “surgir” é transitivo indireto, pois exige complemento preposicional.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Travessão > Emprego dos sinais de pontuação

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Araraquara - SP / Professor - Área: Português / Questão: 27

85. [Q3111037]

TEXTO I

Ao estudar uma nova linguagem de sinais desenvolvida por crianças surdas da Nicarágua, linguistas afirmam ter confirmado a existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Os resultados somam-se a várias outras evidências de que crianças possuem habilidades inatas capazes de dar à linguagem sua estrutura fundamental. O artigo foi publicado na revista Science em 17 de setembro de 2004.

Como falariam crianças naufragadas em uma ilha deserta que cresceram sem pais que lhes pudessem ensinar uma língua? Considerando-se a linguagem como uma invenção cultural passada de geração em geração, a resposta seria que essas crianças infelizes não falariam língua alguma. As tábulas rasas de suas

mentes não poderiam ser preenchidas com uma língua. Talvez, conseguissem comunicar-se com berros e grunhidos, mas nunca chegariam a utilizar algo tão sofisticado como uma língua natural, correto? Resposta: não. E vejamos por quê.

Primeiramente, vale perguntar: como saberíamos que nossas crianças não se degradariam ao nível de babuínos? Mesmo não podendo, por óbvias razões éticas, fazer um experimento desse gênero em alguma ilha do Pacífico, temos bastante certeza de que elas estariam aptas a inventar uma língua tão expressiva como qualquer outra existente hoje. Uma forte evidência nesse sentido vem de uma comunidade que, em circunstâncias semelhantes, sem ouvir palavras, elaborou uma língua natural própria, começando do nada.

Surgiu na Nicarágua uma língua completa, o Idioma Nicaraguense de Sinais – ou ISN, do espanhol, Idioma de Signos Nicaraguense –, inventado por crianças surdas daquele país. Essa invenção foi descrita por Ann Senghas, da Universidade Colúmbia (Estados Unidos), Sotaro Kita, da Universidade de Bristol (Reino Unido), e Asli Özyürek, da Universidade de Nijmegen (Holanda). Esse grupo de linguistas estudou essa comunidade nicaraguense e observou como os surdos exprimiam informações sobre objetos em movimento.

Crianças surdas da Nicarágua mostraram uma habilidade inata quando inventaram uma língua de sinais rica e complexa.

O ISN é uma língua que apareceu no início da década de 1980, quando surdos nicaraguenses – após longos anos de tentativas fracassadas de ensinar a eles o espanhol utilizando para isso instrutores sem deficiência auditiva – foram finalmente juntados com outros surdos. Uma vez reunidos em grupos, eles começaram a utilizar algo que, no início, se parecia com um sistema pantomímico imperfeito que usamos quando queremos nos comunicar sem palavras. Mas esse sistema cru logo se transformou em uma verdadeira língua: as crianças surdas que chegavam àquelas comunidades aprendiam o sistema e acabavam aperfeiçoando-o com regras linguísticas.

É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas. Os sinais não são meros gestos mímicos que podem ser decifrados por observadores não familiarizados com essas línguas. Embora a versão inicial do ISN utilizasse gestos gráficos que simplesmente imitavam a forma de objetos ou movimentos, as crianças expostas a esse sistema mudaram-no, decompondo os gestos em elementos menores que já não tinham esse valor imitativo. Esses sinais, bem como as regras que os combinam em longas frases, são exatamente tão obscuros para não iniciados como seria, por exemplo, o finlandês para quem nunca o tenha aprendido.

No estudo de Senghas e colegas, os participantes viam um filme animado cujo enredo eles tinham depois que contar com o uso de sinais. O filme mostrava um gato que engole uma bola de boliche e cai tombando por uma ruela íngreme. Os surdos que utilizavam a primeira versão do sistema mostravam a queda do gato com a mão literalmente traçando um percurso espiral para baixo. Já as crianças que usavam a versão aperfeiçoada do ISN exprimiam a mensagem com dois sinais separados, um com o sentido ‘para baixo’ e outro que significava ‘rolando’.

Os autores do estudo sugerem que essa divisão da mensagem em modo e direção pode ser uma das características universais da linguagem humana. A maioria das línguas aproveita essa divisão e exprime esses dois fragmentos de mensagem com duas palavras separadas (‘O gato desce rolando’). O interessante é que as crianças, ao aprenderem o ISN, não foram ‘ensinadas’ sobre esse fato. Foram elas mesmas que desenvolveram essa e outras características para o ISN, enriquecendo, assim, o sistema que receberam e que ainda não era uma língua completa.

Linguistas acreditam que a divisão direção-modo é um dos elementos que compõem o conhecimento inato que facilita a aquisição de uma língua, seja ela falada, seja de sinais. Há quem sugira que, sem esse conhecimento, nem mesmo seria possível adquirir qualquer língua. Segundo o linguista norte-americano Noam Chomsky, essa capacidade inata para a aprendizagem de uma língua reside no chamado dispositivo de aquisição de linguagem, parte do cérebro que se atrofia com a idade. Não podendo contar com o apoio desse dispositivo, pessoas adultas que aprendem línguas estrangeiras têm dificuldades em assimilar os detalhes da gramática. Assim, aprendizes estrangeiros com pouca competência na gramática portuguesa podem não ver muita diferença entre as frases ‘O bispo voltou a se divertir’ e ‘O bispo voltou sem se divertir’.

Analogamente, os pais que aprendem ISN para poder conversar com seus filhos surdos nunca chegam ao nível de falante materno e, aos olhos dos surdos, cometem erros semelhantes àqueles que estrangeiros costumam cometer ao tentar falar, por exemplo, o português.

O excelente trabalho de Senghas e colegas não só mostra algo que pode ser um ingrediente básico de nossa linguagem, mas também capta um momento no qual ele é acrescentado à sopa primordial no nascimento espontâneo de uma língua humana.

“É preciso enfatizar aqui que é falsa – apesar de disseminada – a noção de que línguas de sinais sejam sistemas primitivos, inferiores às línguas faladas”. Assinale a alternativa que apresenta a explicação CORRETA sobre o uso do travessão no fragmento acima.

- a) O emprego do travessão indica, nesse contexto, uma mudança de interlocutor no discurso.
- b) O travessão está sendo usado para isolar uma nota explicativa intercalada no período.
- c) O uso do travessão é justificado, nesse contexto, pelo isolamento de uma oração adjetiva.
- d) O travessão está sendo usado, nesse contexto, para isolar o emprego de uma expressão em seu sentido não habitual.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Olinda - PE / Guarda Civil Municipal / Questão: 1

86. [Q3121886]

TEXTO

ORGANIZAÇÕES DE PROSTITUTAS*

Desde meados da década de 1970, o trabalho sexual tem se mostrado como um fator de organização de base para mulheres, homens e transgêneros em diferentes partes do mundo. Mas é nas décadas de 1980 e 1990 que emergem os principais grupos e organizações dos direitos das prostitutas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, como um movimento verdadeiramente autoidentitário destas mulheres. Não obstante, as trabalhadoras sexuais do Terceiro Mundo e de outros países não-ocidentais já estavam também ocupadas, agindo e se manifestando contra injustiças, demandando direitos humanos, civis, políticos e sociais – como no Equador em 1982; no Brasil em 1987 e no Uruguai em 1988.

No Brasil, as organizações e associações de prostitutas espalhadas pelo país se encontram, em sua grande maioria, articuladas em redes, como a Rede Brasileira de Prostitutas, de ação no âmbito nacional; e a Federação Nacional das Trabalhadoras do Sexo, cuja atuação tende a concentrar-se na região nordeste do país. Cabe mencionar que esse movimento social não tem um caráter homogêneo. As ações dos grupos organizados de prostitutas se desenvolvem em um contexto marcado por diferentes posições frente à problemática da prostituição e, no que se refere a esses grupos, eles assumem posturas diferentes em termos dos principais pontos a serem reivindicados.

As posições divergentes aparecem principalmente em relação à discussão sobre regulação/legalização da atividade. A Rede Brasileira de Prostitutas defende a regulamentação da prostituição, ou seja, aposta no reconhecimento da prostituição como profissão, em que a descriminalização em torno da atividade possa fornecer instrumentos legais capazes de combater a exploração que sofre a prostituta. A Federação Nacional das Trabalhadoras do Sexo assume uma postura de ressalva em relação à legalização, alegando que ela concederia ainda mais poder aos empresários da indústria do sexo, aumentando a vulnerabilidade das prostitutas.

Quanto à questão do tráfico, nas (poucas) ocasiões em que representantes dessas organizações participaram dos grandes debates públicos, as intervenções provocaram tensões. O motivo é que a Rede Brasileira de Prostitutas percebe a discussão sobre tráfico de pessoas como mais uma maneira, referendada pela opinião pública, de combater a prostituição. Nesse sentido, o fato de que algumas organizações de prostitutas se insiram no movimento de combate ao tráfico, estimuladas pelo apoio de agências transnacionais de financiamento, aparece como um ponto de tensão entre as trabalhadoras do sexo.

Evidencia-se que no contexto da prostituição feminina há relações marcadas por diferentes momentos de ruptura e continuidade, simultâneas, que têm impactos diversos. Por um lado, permite a criação de um sujeito coletivo com capacidade de vocalizar suas demandas, como é o caso na questão da epidemia da AIDS; e de outro continuam sendo desconsideradas, quando o assunto é a legalização da prostituição, ou tráfico de pessoas, por exemplo. O que se percebe, então, é o clima de tolerância que existe sobre a prostituição, que passa a ser melhor incluída no cenário nacional, mas não as prostitutas, alvo permanente de violência e preconceitos.

A dificuldade de dissociar tráfico e prostituição não apenas se tornou um interessante fato histórico a ser registrado, como aponta para questões mais abrangentes e pertinentes que precisam ser ainda mais exploradas, uma vez que atingem cenários e atores que são, frequentemente, ignorados, ou quando

abordados, são mal interpretados. O fato é que o fenômeno do tráfico para a prostituição tem recebido muito mais atenção nas pesquisas realizadas sobre o tema do que o tráfico em outros setores. Pode-se afirmar que esse fato tampouco é novidade quando se pensa nas pesquisas realizadas no século passado.

Contudo, aponta para a dificuldade de se sustentar empiricamente a afirmação de que o tráfico é mais intimamente ligado à prostituição ou à indústria do sexo do que para qualquer outro setor econômico; pois a falta de pesquisas mais extensas sobre o tráfico para a agricultura, indústria, comércio, construção, trabalho doméstico, entre outros, além de não gerar nenhum parâmetro comparativo, só fortalece a ideia de que prostituição e tráfico são (e sempre foram) analiticamente e empiricamente associados.

Neste sentido, a (íntima) relação entre tráfico e prostituição permite e justifica um trabalho de pesquisa mais extenso que aborde a perspectiva do coletivo de prostitutas com relação a um fenômeno que se insere, de certa forma, no seu modo de vida. E que inclua na discussão a interlocução entre o tráfico para o comércio sexual com outras formas de tráfico, como o doméstico, na medida em que ambas envolvem a participação de mulheres oriundas da América Latina.

(Extraído [e atualizado conforme o Acordo Ortográfico vigente] de: Andreia Skackauskas Vaz de Mello (2009). As organizações de prostitutas no Brasil e o tráfico internacional de pessoas. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, páginas: 8-10).

* Este título é o mesmo da seção do artigo do qual o texto aqui exposto foi extraído.

Considerando os sentidos negociados no texto acima, pode-se afirmar que:

- a) A autora do texto é favorável à realização de outras pesquisas que repliquem o que ela já apresentou no artigo.
- b) A autora do texto conclui que são necessárias outras pesquisas sobre tráfico e prostituição, mas que não relacione fatores externos, como sexo biológico e nacionalidade.
- c) A autora do texto conclui que outras pesquisas devem ser feitas para que se possa entender melhor a relação entre o tráfico de pessoas e o comércio sexual, levando em conta também outros fatores, como os objetivos do tráfico e as características dos sujeitos traficados.
- d) A autora do texto discorda dos resultados das pesquisas sobre tráfico de pessoas e aponta inúmeros argumentos que os invalidam.
- e) O tráfico doméstico tem sido investigado com mais intensidade do que o tráfico de mulheres oriundas da América Latina, por exemplo.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Sentidos do texto > Emprego dos elementos de referência (coesão referencial)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Olinda - PE / Guarda Civil Municipal / Questão: 7

87. [Q3121901]

TEXTO

ORGANIZAÇÕES DE PROSTITUTAS*

Desde meados da década de 1970, o trabalho sexual tem se mostrado como um fator de organização de base para mulheres, homens e transgêneros em diferentes partes do mundo. Mas é nas décadas de 1980 e 1990 que emergem os principais grupos e organizações dos direitos das prostitutas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, como um movimento verdadeiramente autoidentitário destas mulheres. Não obstante, as trabalhadoras sexuais do Terceiro Mundo e de outros países não-ocidentais já estavam também ocupadas, agindo e se manifestando contra injustiças, demandando direitos humanos, civis, políticos e sociais – como no Equador em 1982; no Brasil em 1987 e no Uruguai em 1988.

No Brasil, as organizações e associações de prostitutas espalhadas pelo país se encontram, em sua grande maioria, articuladas em redes, como a Rede Brasileira de Prostitutas, de ação no âmbito nacional; e a Federação Nacional das Trabalhadoras do Sexo, cuja atuação tende a concentrar-se na região nordeste do país. Cabe mencionar que esse movimento social não tem um caráter homogêneo. As ações dos grupos

organizados de prostitutas se desenvolvem em um contexto marcado por diferentes posições frente à problemática da prostituição e, no que se refere a esses grupos, eles assumem posturas diferentes em termos dos principais pontos a serem reivindicados.

As posições divergentes aparecem principalmente em relação à discussão sobre regulação/legalização da atividade. A Rede Brasileira de Prostitutas defende a regulamentação da prostituição, ou seja, aposta no reconhecimento da prostituição como profissão, em que a descriminalização em torno da atividade possa fornecer instrumentos legais capazes de combater a exploração que sofre a prostituta. A Federação Nacional das Trabalhadoras do Sexo assume uma postura de ressalva em relação à legalização, alegando que ela concederia ainda mais poder aos empresários da indústria do sexo, aumentando a vulnerabilidade das prostitutas.

Quanto à questão do tráfico, nas (poucas) ocasiões em que representantes dessas organizações participaram dos grandes debates públicos, as intervenções provocaram tensões. O motivo é que a Rede Brasileira de Prostitutas percebe a discussão sobre tráfico de pessoas como mais uma maneira, referendada pela opinião pública, de combater a prostituição. Nesse sentido, o fato de que algumas organizações de prostitutas se insiram no movimento de combate ao tráfico, estimuladas pelo apoio de agências transnacionais de financiamento, aparece como um ponto de tensão entre as trabalhadoras do sexo.

Evidencia-se que no contexto da prostituição feminina há relações marcadas por diferentes momentos de ruptura e continuidade, simultâneas, que têm impactos diversos. Por um lado, permite a criação de um sujeito coletivo com capacidade de vocalizar suas demandas, como é o caso na questão da epidemia da AIDS; e de outro continuam sendo desconsideradas, quando o assunto é a legalização da prostituição, ou tráfico de pessoas, por exemplo. O que se percebe, então, é o clima de tolerância que existe sobre a prostituição, que passa a ser melhor incluída no cenário nacional, mas não as prostitutas, alvo permanente de violência e preconceitos.

A dificuldade de dissociar tráfico e prostituição não apenas se tornou um interessante fato histórico a ser registrado, como aponta para questões mais abrangentes e pertinentes que precisam ser ainda mais exploradas, uma vez que atingem cenários e atores que são, frequentemente, ignorados, ou quando abordados, são mal interpretados. O fato é que o fenômeno do tráfico para a prostituição tem recebido muito mais atenção nas pesquisas realizadas sobre o tema do que o tráfico em outros setores. Pode-se afirmar que esse fato tampouco é novidade quando se pensa nas pesquisas realizadas no século passado.

Contudo, aponta para a dificuldade de se sustentar empiricamente a afirmação de que o tráfico é mais intimamente ligado à prostituição ou à indústria do sexo do que para qualquer outro setor econômico; pois a falta de pesquisas mais extensas sobre o tráfico para a agricultura, indústria, comércio, construção, trabalho doméstico, entre outros, além de não gerar nenhum parâmetro comparativo, só fortalece a ideia de que prostituição e tráfico são (e sempre foram) analiticamente e empiricamente associados.

Neste sentido, a (íntima) relação entre tráfico e prostituição permite e justifica um trabalho de pesquisa mais extenso que aborde a perspectiva do coletivo de prostitutas com relação a um fenômeno que se insere, de certa forma, no seu modo de vida. E que inclua na discussão a interlocução entre o tráfico para o comércio sexual com outras formas de tráfico, como o doméstico, na medida em que ambas envolvem a participação de mulheres oriundas da América Latina.

(Extraído [e atualizado conforme o Acordo Ortográfico vigente] de: Andreia Skackauskas Vaz de Mello (2009). As organizações de prostitutas no Brasil e o tráfico internacional de pessoas. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, páginas: 8-10).

* Este título é o mesmo da seção do artigo do qual o texto aqui exposto foi extraído.

Considerando os sentidos do texto e os objetivos do enunciador, assinale a alternativa cujo par de unidades linguísticas NÃO configuram elementos correferentes.

- a) As prostitutas – as trabalhadoras do sexo.
- b) O comércio sexual – a prostituição.
- c) O tráfico de pessoas – a prostituição.
- d) A descriminalização – a legalização.
- e) A atividade – a prostituição.

88. [Q3136238] “Por essas características e pela incapacidade do poder público em regulá-la, a grilagem tornou-se, também, um dos motores da concentração fundiária no país.”

Considerando o trecho acima, é CORRETO afirmar que:

- a) A palavra “grilagem” é formada por derivação regressiva.
- b) O termo “concentração” exige um complemento nominal.
- c) O verbo “regular” está na sua forma infinitiva.
- d) O verbo “tornar-se” é transitivo direto.
- e) “em regulá-la” exerce a função de adjunto adnominal.

89. [Q3014614] Sobre o conceito de semiótica, está CORRETO o que se afirma em:

- a) A semiótica é uma ciência que estuda os signos e a significação, dividida em sintaxe, semântica e pragmática.
- b) A semiótica é uma ciência que estuda os signos e a significação, dividida em ortografia, semântica e análise do discurso.
- c) A semiótica é uma ciência que estuda os signos e a significação, dividida em sintaxe, semântica e morfossintaxe.
- d) A semiótica é uma ciência que estuda os signos e a significação, dividida em análise do discurso, semântica e pragmática.
- e) A semiótica é uma ciência que estuda os signos e a significação, dividida em semiologia, semiose e semantema.

90. [Q3014569] **Leia o texto a seguir e responda as questões subsequentes.**

TEXTO

Sem enfeite nenhum – Adaptado (Adélia Prado)

A mãe era desse jeito: só ia em missa das cinco, por causa de os gatos no escuro serem pardos. Cinema, só uma vez, quando passou os Milagres do padre Antônio em Urucânia. Desde aí, falava sempre, excitada nos olhos, apressada no cacoete dela de enrolar um cacho de cabelo: se eu fosse lá, quem sabe?

Sofria palpitação e tonteira, lembro dela caindo na beira do tanque, o vulto dobrado em arco, gente afobada em volta, cheiro de alcanfor.

Quando comecei a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, o pai chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom', danado de bom pra do Carmo. Ela foi logo emendando: tristeza, relógio de pulso e vestido de bolér. Nem bolero ela falou direito de tanta antipatia. Foi água na fervura minha e do pai.

Vivia repetindo que era graça de Deus se a gente fosse tudo pra um convento e várias vezes por dia era isto: meu Jesus, misericórdia! A senhora tá triste, mãe? eu falava. Não, tou só pedindo a Deus pra ter dó de nós.

Tinha muito medo da morte repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. De defunto não tinha medo, só de gente viva, conforme dizia. Agora, da perdição eterna, tinha horror, pra ela e pros outros.

Quando a Ricardina começou a morrer, no Beco atrás da nossa casa, ela me chamou com a voz alterada: vai lá, a Ricardina tá morrendo, coitada, que Deus perdoe ela, corre lá, quem sabe ainda dá tempo de chamar o padre, falava de arranco, querendo chorar, apavorada: que Deus perdoe ela, ficou falando sem coragem de aluir do lugar.

[...]

Era a mulher mais difícil a mãe. Difícil, assim, de ser agradada. Gostava que eu tirasse só dez e primeiro lugar. Pra essas coisas não poupava, era pasta de primeira, caixa com doze lápis e uniforme mandado plissar. Acho mesmo que meia razão ela teve no caso do relógio, luxo bobo, pra quem só tinha um vestido de sair.

Rodeava a gente estudar e um dia falou abrupto, por causa do esforço de vencer a vergonha: me dá seus lápis de cor. Foi falando e colorindo laranjado, uma rosa geométrica: cê põe muita força no lápis, se eu tivesse seu tempo, ninguém na escola me passava, inteligência não é estudar, por exemplo falar você em vez de cê, é tão mais bonito, é só acostumar. Quando o coração da gente dispara e a gente fala cortado, era desse jeito que tava a voz da mãe.

Achava estudo a coisa mais fina e inteligente era mesmo, demais até, pensava com a maior rapidez. Gostava de ler de noite, em voz alta, com tia Santa, os livros da Pia Biblioteca, e de um não esqueci, pois ela insistia com gosto no título dele, em latim: Máguina peccatris. Falava era antusiasmo e nunca tive coragem de corrigir, porque toda vez que tava muito alegre, feito naquela hora, desenhando, feito no dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou: coitado, até essa hora no serviço pesado.

Não estava gostando nem um pouquinho do desenho, mas nem que eu falava. Com tanta satisfação ela passava o lápis, que eu fiquei foi aflita, como sempre que uma coisa boa acontecia.

[...]

Dia ruim foi quando o pai entestou de dar um par de sapato pra ela. Foi três vezes na loja e ela botando defeito, achando o modelo jeca, a cor regalada, achando aquilo uma desgraça e que o pai tinha era umas bobagens. Foi até ele enfezar e arrebentar com o trem, de tanta raiva e mágoa.

Mas sapato é sapato, pior foi com o crucifixo. O pai, voltando de cumprir promessa em Congonhas do Campo, trouxe de presente pra ela um crucifixo torneadinho, o cordão de pendurar, com bambolim nas pontas, a maior gracinha. Ela desembulhou e falou assim: bonito, mas eu preferia mais se fosse uma cruz simples, sem enfeite nenhum.

Morreu sem fazer trinta e cinco anos, da morte mais agoniada, encomendando com a maior coragem: a oração dos agonizantes, reza aí pra mim, gente.

Fiquei hipnotizada, olhando a mãe. Já no caixão, tinha a cara severa de quem sente dor forte, igualzinho no dia que o João Antônio nasceu. Entrei no quarto querendo festejar e falei sem graça: a cara da senhora, parece que tá com raiva, mãe.

O Senhor te abençoe e te guarde, Volva a ti o Seu Rosto e se compadeça de ti, O Senhor te dê a Paz.

Esta é a bênção de São Francisco, que foi abrandando o rosto dela, descansando, descansando, até como ficou, quase entusiasmado.

Era raiva não. Era marca de dor.

(Texto publicado em Prosa Reunida, Editora Siciliano: São Paulo, 1999, incluído por Ítalo Moriconi no livro "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século", Editora Objetiva, RJ. Fonte: <http://contobrasileiro.com.br/sem-enfeitenenhum-conto-de-adelia-prado-2/>)

Pelos elementos textuais, estética literária e inferências possíveis, com base na leitura feita, está CORRETO o livre comentário acerca do conto lido.

- a) A figura da mãe pode representar, dentro de uma família simples, posturas mais próximas das mulheres donas de casa que não tiveram o privilégio de estudar ou construir uma carreira, ficando limitadas ao papel social coadjuvante dos cuidados da família.

- b) O conto apresenta uma família de origem simples e que tem, na mãe, uma figura potente, com ideias de liberdade e sonhos de um futuro melhor aos filhos, mesmo sem estudos e desprendida dos medos.
- c) A figura da mulher que sofre violência doméstica é nitidamente inferida ao longo da leitura, fato que contribui para o desfecho com a morte da mãe, personagem central da narrativa.
- d) O cenário familiar e o modelo de relacionamento apresentado no conto lido denunciam o abandono parental por parte da mãe para com os filhos, em diversos discursos e posturas, o que justifica o título do texto.
- e) O texto aborda temas como o papel do ser humano na sociedade, a interferência humana no contexto cultural e religioso no interior nordestino, os dramas vividos e pensados pelas personagens que sobrevivem em meio à miséria.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Texto Narrativo

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Professor Anos Finais - Área: Língua Portuguesa / Questão: 27

91. [Q3014583] Leia o texto a seguir e responda as questões subsequentes.

TEXTO

Sem enfeite nenhum – Adaptado (Adélia Prado)

A mãe era desse jeito: só ia em missa das cinco, por causa de os gatos no escuro serem pardos. Cinema, só uma vez, quando passou os Milagres do padre Antônio em Urucânia. Desde aí, falava sempre, excitada nos olhos, apressada no cacoete dela de enrolar um cacho de cabelo: se eu fosse lá, quem sabe?

Sofria palpitação e tonteira, lembro dela caindo na beira do tanque, o vulto dobrado em arco, gente afobada em volta, cheiro de alcanfor.

Quando comecei a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, o pai chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom', danado de bom pra do Carmo. Ela foi logo emendando: tristeza, relógio de pulso e vestido de bolér. Nem bolero ela falou direito de tanta antipatia. Foi água na fervura minha e do pai.

Vivia repetindo que era graça de Deus se a gente fosse tudo pra um convento e várias vezes por dia era isto: meu Jesus, misericórdia! A senhora tá triste, mãe? eu falava. Não, tou só pedindo a Deus pra ter dó de nós.

Tinha muito medo da morte repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. De defunto não tinha medo, só de gente viva, conforme dizia. Agora, da perdição eterna, tinha horror, pra ela e pros outros.

Quando a Ricardina começou a morrer, no Beco atrás da nossa casa, ela me chamou com a voz alterada: vai lá, a Ricardina tá morrendo, coitada, que Deus perdoe ela, corre lá, quem sabe ainda dá tempo de chamar o padre, falava de arranco, querendo chorar, apavorada: que Deus perdoe ela, ficou falando sem coragem de aluir do lugar.

[...]

Era a mulher mais difícil a mãe. Difícil, assim, de ser agradada. Gostava que eu tirasse só dez e primeiro lugar. Pra essas coisas não poupava, era pasta de primeira, caixa com doze lápis e uniforme mandado plissar. Acho mesmo que meia razão ela teve no caso do relógio, luxo bobo, pra quem só tinha um vestido de sair.

Rodeava a gente estudar e um dia falou abrupto, por causa do esforço de vencer a vergonha: me dá seus lápis de cor. Foi falando e colorindo laranja, uma rosa geométrica: cê põe muita força no lápis, se eu tivesse seu tempo, ninguém na escola me passava, inteligência não é estudar, por exemplo falar você em vez de cê, é tão mais bonito, é só acostumar. Quando o coração da gente dispara e a gente fala cortado, era desse jeito que tava a voz da mãe.

Achava estudo a coisa mais fina e inteligente era mesmo, demais até, pensava com a maior rapidez. Gostava de ler de noite, em voz alta, com tia Santa, os livros da Pia Biblioteca, e de um não esqueci, pois ela insistia com gosto no título dele, em latim: Máguina peccatris. Falava era antusiasmo e nunca tive coragem de corrigir, porque toda vez que tava muito alegre, feito naquela hora, desenhando, feito no dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou: coitado, até essa hora no serviço pesado.

Não estava gostando nem um pouquinho do desenho, mas nem que eu falava. Com tanta satisfação ela passava o lápis, que eu fiquei foi aflita, como sempre que uma coisa boa acontecia.

[...]

Dia ruim foi quando o pai entestou de dar um par de sapato pra ela. Foi três vezes na loja e ela botando defeito, achando o modelo jeca, a cor regalada, achando aquilo uma desgraça e que o pai tinha era umas bobagens. Foi até ele enfezar e arrebrantar com o trem, de tanta raiva e mágoa.

Mas sapato é sapato, pior foi com o crucifixo. O pai, voltando de cumprir promessa em Congonhas do Campo, trouxe de presente pra ela um crucifixo torneadinho, o cordão de pendurar, com bambolim nas pontas, a maior gracinha. Ela desembrulhou e falou assim: bonito, mas eu preferia mais se fosse uma cruz simples, sem enfeite nenhum.

Morreu sem fazer trinta e cinco anos, da morte mais agoniada, encomendando com a maior coragem: a oração dos agonizantes, reza aí pra mim, gente.

Fiquei hipnotizada, olhando a mãe. Já no caixão, tinha a cara severa de quem sente dor forte, igualzinho no dia que o João Antônio nasceu. Entrei no quarto querendo festejar e falei sem graça: a cara da senhora, parece que tá com raiva, mãe.

O Senhor te abençoe e te guarde, Volva a ti o Seu Rosto e se compadeça de ti, O Senhor te dê a Paz.

Esta é a bênção de São Francisco, que foi abrandando o rosto dela, descansando, descansando, até como ficou, quase entusiasmado.

Era raiva não. Era marca de dor.

(Texto publicado em Prosa Reunida, Editora Siciliano: São Paulo, 1999, incluído por Ítalo Moriconi no livro “Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século”, Editora Objetiva, RJ. Fonte: <http://contobrasileiro.com.br/sem-enfeitenenhum-conto-de-adelia-prado-2/>)

Ainda sobre o conto lido e os elementos da narrativa, está CORRETA a seguinte alternativa:

- a) O tempo é psicológico e o narrador é observador.
- b) O tempo é cronológico e o narrador é observador.
- c) O tempo é psicológico e o narrador é personagem.
- d) O tempo é cronológico e o narrador é onisciente.
- e) O tempo é cronológico e o narrador é personagem.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Uso de sinônimos

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Visitador / Questão: 1

92. [Q3014170]

TEXTO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 15 milhões de brasileiros que moram em áreas urbanas e 2,3 milhões de moradores rurais não têm acesso a fontes seguras de água para suas necessidades domésticas e pessoais. A má higienização causada pela falta de água potável é um fator de maior vulnerabilidade para doenças adquiridas através do consumo de alimentos e água contaminados. Esse é o caso da toxoplasmose, prevalente em todo Brasil.

Embora as autoridades não a reconheçam como doença negligenciada, o país ocupa o topo da lista de surtos e casos de toxoplasmose no mundo. Entre 2010 e 2018, foram registrados 14 surtos no Brasil, correspondendo a 56% dos 25 notificados nos últimos 50 anos.

Além de ser transmitido por via oral, o parasita *Toxoplasma gondii* é capaz de ultrapassar barreiras importantes do nosso organismo, como a placenta. [...] Nos bebês, a toxoplasmose congênita pode ser assintomática, além de provocar sintomas graves, como atraso no desenvolvimento, cegueira, hidrocefalia. Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado. [...]

Embora a maioria dos recém-nascidos com toxoplasmose congênita sejam assintomáticos, os sinais da tríade clássica da doença – retinocoroidite, calcificação intracraniana e hidrocefalia – ocorrem em mais de 10% dos indivíduos desse grupo. Há outros casos também em que a doença se manifesta com sinais não específicos de infecção aguda, como convulsões, aumento do baço e fígado, febre, anemia, entre outros.

Alguns dos recém-nascidos desse grupo podem desenvolver sintomas clínicos e deficiências na vida adulta, afetando, sobretudo, a visão. [...]

Mas não é apenas por causa do risco de infecção em bebês e pessoas imunossuprimidas que devemos ficar atentos a essa doença. A incidência de pessoas com problemas de visão no nosso território, tanto naquelas saudáveis quanto nas que têm algum tipo de comprometimento no sistema imunológico é alta.

No Sul, diversos grupos de pesquisadores e médicos da região mostraram que a alta incidência de quadros oculares no Brasil tem relação com a circulação de genótipos atípicos de *Toxoplasma gondii*, sendo que nenhum deles é mais dominante do que os outros. [...]

Os problemas de visão ocorrem pela infecção do *Toxoplasma gondii* na região mais interna do olho conhecida como úvea posterior; especificamente, nos tecidos coróide e retina. A coróide é bastante vascularizada, importante para a nutrição dos fotorreceptores localizados na parte mais externa da retina. A retina é responsável pela captação de luz que irá formar as imagens enviadas para interpretação no cérebro. Uma vez que a lesão alcança áreas da retina com maior número de fotorreceptores, como a mácula e a fóvea, o paciente pode apresentar baixa visão ou até desenvolver a cegueira. [...]

Um estudo publicado, em 2022, mostrou a importância da atenção à toxoplasmose ocular nos diagnósticos de uveítes posteriores. Após avaliar mais de 3 mil pacientes, os autores relataram que, atualmente, a toxoplasmose é a principal causa de retinocoroidite (inflamação da retina e da coróide), atingindo principalmente a população em idade mais produtiva, ou seja, inserida no mercado de trabalho. Essa constatação revela que o impacto da toxoplasmose ocular não se restringe apenas à qualidade de vida do paciente, inclui também perdas econômicas e sociais para o país.

Popularmente, a toxoplasmose é conhecida como a ‘doença do gato’. De forma equivocada, acredita-se que a transmissão da doença ocorra apenas através do contato da boca com as mãos contendo restos de fezes de gatos domésticos. A infecção ocorreria durante a limpeza das caixas de areia, onde se encontram as fezes contaminadas com o *Toxoplasma gondii*, na forma de oocistos. [...]

Estudo realizado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) mostrou que o consumo de água não-tratada adequadamente pode aumentar em até três vezes o risco de contrair essa infecção. [...]

A OMS classifica a toxoplasmose como “doença transmitida por alimentos contaminados”, uma vez que a via oral é a principal rota de transmissão. Nesse caso, a infecção ocorre pelo consumo de água, frutas e verduras contaminadas com oocistos ou de carnes cruas ou mal passadas (sobretudo, porcos, ovinos e bovinos) também contaminadas com cistos. [...]

Por conta da pressão do sistema imune para combater a infecção, o *Toxoplasma gondii* inicia o processo de ‘encistamento’ para se proteger. Durante esse processo, o parasita diminui o seu ritmo de replicação e permanece em estado ‘adormecido’ nos músculos, cérebro, coração e outros órgãos do hospedeiro, até ter condições de retornar à fase de multiplicação rápida e continuar sua disseminação pelo organismo, ou passar para outro animal que tenha ingerido partes do seu corpo contaminado. [...]

A transfusão de sangue, o transplante de órgãos e o compartilhamento de agulhas também são formas de transmissão dessa parasitose. Por isso, o controle de qualidade e da presença de *T. gondii*, principalmente em concentrado de linfócitos para determinadas transfusões, é fundamental. Esse parasito não infecta hemácias, mas pode infectar e ‘pegar carona’ em outras células do sangue.

Apesar de existir tratamento para a toxoplasmose, as medicações utilizadas são as mesmas descobertas na década de 1950, que têm ação apenas durante a fase aguda da doença, quando o parasito ainda não se transformou em cisto. O tratamento da toxoplasmose humana ainda conta com a combinação de dois medicamentos: sulfonamidas e derivados diaminopirimidínicos. Estes medicamentos são em sinergia à soma das ações de cada medicamento para inibir a síntese de folato.

Para evitar que apareçam efeitos adversos decorrentes do bloqueio da produção de folato, recomenda-se que o paciente tome suplementos de ácido fólico. Entre os efeitos adversos, estão a anemia megaloblástica [...], reações de hipersensibilidade às sulfonamidas e necrose hepática. Por causa disso e do tratamento ser longo, ao menos 30% das pessoas deixam de se tratar. [...]

“Embora as autoridades não a reconheçam como doença negligenciada, o país ocupa o topo da lista de surtos e casos de toxoplasmose no mundo”.

Assinale a alternativa que apresenta CORRETAMENTE a expressão que substitui, sem prejuízo semântico, o termo destacado no trecho acima.

- a) Nociva.
- b) Esquecida.
- c) Grave.
- d) Erradicada.
- e) Debelada.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Reescrita de frases e parágrafos do texto

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Visitador / Questão: 4

93. [Q3014173]

TEXTO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 15 milhões de brasileiros que moram em áreas urbanas e 2,3 milhões de moradores rurais não têm acesso a fontes seguras de água para suas necessidades domésticas e pessoais. A má higienização causada pela falta de água potável é um fator de maior vulnerabilidade para doenças adquiridas através do consumo de alimentos e água contaminados. Esse é o caso da toxoplasmose, prevalente em todo Brasil.

Embora as autoridades não a reconheçam como doença negligenciada, o país ocupa o topo da lista de surtos e casos de toxoplasmose no mundo. Entre 2010 e 2018, foram registrados 14 surtos no Brasil, correspondendo a 56% dos 25 notificados nos últimos 50 anos.

Além de ser transmitido por via oral, o parasita *Toxoplasma gondii* é capaz de ultrapassar barreiras importantes do nosso organismo, como a placenta. [...] Nos bebês, a toxoplasmose congênita pode ser assintomática, além de provocar sintomas graves, como atraso no desenvolvimento, cegueira, hidrocefalia. Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado. [...]

Embora a maioria dos recém-nascidos com toxoplasmose congênita sejam assintomáticos, os sinais da tríade clássica da doença – retinocoroidite, calcificação intracraniana e hidrocefalia – ocorrem em mais de 10% dos indivíduos desse grupo. Há outros casos também em que a doença se manifesta com sinais não específicos de infecção aguda, como convulsões, aumento do baço e fígado, febre, anemia, entre outros.

Alguns dos recém-nascidos desse grupo podem desenvolver sintomas clínicos e deficiências na vida adulta, afetando, sobretudo, a visão. [...]

Mas não é apenas por causa do risco de infecção em bebês e pessoas imunossuprimidas que devemos ficar atentos a essa doença. A incidência de pessoas com problemas de visão no nosso território, tanto naquelas saudáveis quanto nas que têm algum tipo de comprometimento no sistema imunológico é alta.

No Sul, diversos grupos de pesquisadores e médicos da região mostraram que a alta incidência de quadros oculares no Brasil tem relação com a circulação de genótipos atípicos de *Toxoplasma gondii*, sendo que nenhum deles é mais dominante do que os outros. [...]

Os problemas de visão ocorrem pela infecção do *Toxoplasma gondii* na região mais interna do olho conhecida como úvea posterior; especificamente, nos tecidos coróide e retina. A coróide é bastante vascularizada, importante para a nutrição dos fotorreceptores localizados na parte mais externa da retina. A retina é responsável pela captação de luz que irá formar as imagens enviadas para interpretação no cérebro. Uma vez que a lesão alcança áreas da retina com maior número de fotorreceptores, como a mácula e a fóvea, o paciente pode apresentar baixa visão ou até desenvolver a cegueira. [...]

Um estudo publicado, em 2022, mostrou a importância da atenção à toxoplasmose ocular nos diagnósticos de uveítes posteriores. Após avaliar mais de 3 mil pacientes, os autores relataram que, atualmente, a toxoplasmose é a principal causa de retinocoroidite (inflamação da retina e da coróide), atingindo principalmente a população em idade mais produtiva, ou seja, inserida no mercado de trabalho. Essa constatação revela que o impacto da toxoplasmose ocular não se restringe apenas à qualidade de vida do paciente, inclui também perdas econômicas e sociais para o país.

Popularmente, a toxoplasmose é conhecida como a ‘doença do gato’. De forma equivocada, acredita-se que a transmissão da doença ocorra apenas através do contato da boca com as mãos contendo restos de fezes de gatos domésticos. A infecção ocorreria durante a limpeza das caixas de areia, onde se encontram as fezes contaminadas com o *Toxoplasma gondii*, na forma de oocistos. [...]

Estudo realizado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) mostrou que o consumo de água não-tratada adequadamente pode aumentar em até três vezes o risco de contrair essa infecção. [...]

A OMS classifica a toxoplasmose como “doença transmitida por alimentos contaminados”, uma vez que a via oral é a principal rota de transmissão. Nesse caso, a infecção ocorre pelo consumo de água, frutas e verduras contaminadas com oocistos ou de carnes cruas ou mal passadas (sobretudo, porcos, ovinos e bovinos) também contaminadas com cistos. [...]

Por conta da pressão do sistema imune para combater a infecção, o *Toxoplasma gondii* inicia o processo de ‘encistamento’ para se proteger. Durante esse processo, o parasita diminui o seu ritmo de replicação e permanece em estado ‘adormecido’ nos músculos, cérebro, coração e outros órgãos do hospedeiro, até ter condições de retornar à fase de multiplicação rápida e continuar sua disseminação pelo organismo, ou passar para outro animal que tenha ingerido partes do seu corpo contaminado. [...]

A transfusão de sangue, o transplante de órgãos e o compartilhamento de agulhas também são formas de transmissão dessa parasitose. Por isso, o controle de qualidade e da presença de *T. gondii*, principalmente em concentrado de linfócitos para determinadas transfusões, é fundamental. Esse parasito não infecta hemácias, mas pode infectar e ‘pegar carona’ em outras células do sangue.

Apesar de existir tratamento para a toxoplasmose, as medicações utilizadas são as mesmas descobertas na década de 1950, que têm ação apenas durante a fase aguda da doença, quando o parasito ainda não se transformou em cisto. O tratamento da toxoplasmose humana ainda conta com a combinação de dois medicamentos: sulfonamidas e derivados diaminopirimidínicos. Estes medicamentos são em sinergia à soma das ações de cada medicamento para inibir a síntese de folato.

Para evitar que apareçam efeitos adversos decorrentes do bloqueio da produção de folato, recomenda-se que o paciente tome suplementos de ácido fólico. Entre os efeitos adversos, estão a anemia megaloblástica [...], reações de hipersensibilidade às sulfonamidas e necrose hepática. Por causa disso e do tratamento ser longo, ao menos 30% das pessoas deixam de se tratar. [...]

ARAÚJO, M. R. P. de; VOMMARO, R. C. *Toda a atenção para a toxoplasmose*. In: Revista Ciência Hoje [CH 397]. Disponível

em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/toda-a-atencao-para-a-toxoplasmose/>>. Último acesso em 12 de junho de 2023.

(Adaptado)

“Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado.”

Assinale a alternativa que reescreve CORRETAMENTE o trecho acima de acordo com a norma culta e as relações sintático-semânticas do período.

- a) Dentre os fatores pelos quais contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação no qual o feto foi infectado.
- b) Dentre os fatores os quais contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação no qual o feto foi infectado.
- c) Dentre os fatores que contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação que o feto foi infectado.

- d) Dentre os fatores os quais contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação onde o feto foi infectado.
- e) Dentre os fatores nos quais contribuem para a gravidade das consequências da infecção, está o período da gestação em que o feto foi infectado.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Emprego dos elementos de referência (coesão referencial)

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Enfermeiro / Questão: 5

94. [Q3013456]

TEXTO

Para compreender a questão da grilagem, é necessário conhecer as formas históricas de distribuição e aquisição de terras no Brasil. No período colonial, a divisão do território em sesmarias (imensos lotes de terras virgens distribuídos em nome do rei de Portugal para agricultura) criou problemas que estão na origem da questão fundiária atual.

Um primeiro problema surge da dificuldade em se mapear um território tão extenso. Além disso, amplas áreas não eram utilizadas do ponto de vista produtivo. Outro problema vem da escassez de população, que limitava a ocupação do território e a disponibilidade de força de trabalho no campo. Estima-se que, até 1700, a população brasileira era de apenas 300 mil habitantes, em boa medida concentrados no litoral nordestino e nas regiões mineradoras, segundo aponta Celso Furtado em seu livro *Formação Econômica Brasileira*.

Por fim, somam-se a essas questões limitações políticas de domínio territorial, já que muitas regiões, principalmente no interior do país, não eram administradas na prática pela coroa portuguesa ou eram regiões em disputa com outros países. [...]

Com a independência do país em 1822 e a revogação do regime das sesmarias, instaurou-se um vazio jurídico que reforçou a ocupação espontânea. O território em construção e seus confins alimentavam os mais diversos anseios de apropriação e exploração, tanto para os atores mais vulneráveis do campo (camponeses, indígenas, caboclos, escravos libertos) quanto para os mais providos. [...]

A Lei de Terras, de 1850, que dispõe sobre as terras devolutas no Império, passa a ser um marco na regulação fundiária nacional ao estipular que o acesso à terra não mais se daria pela mera ocupação, e sim por meio da sua compra. Ao instituir a propriedade privada e o mercado de terras, a Lei de Terras estabeleceu, ao mesmo tempo, a definição de terra pública. Assim, todos os possuidores (sesmeiros e posseiros) tinham um prazo estabelecido para registrarem suas terras, sob pena de estas caírem em comisso, isto é, de voltarem ao domínio público e serem consideradas, portanto, terras devolutas. [...]

Ela é, ainda, interpretada como um texto conservador, cuja preocupação foi garantir a permanência de oferta de mão de obra barata ao setor agropecuário e consolidar as elites agrárias num momento em que o fim da escravatura estava se desenhando. De fato, ela exclui do mercado fundiário todos aqueles que não possuem recursos para adquirir terra. [...]

Esse processo consolidou dois perfis que ajudam a compreender a complexidade da posse de terras. O primeiro perfil remete a camponeses que, ainda que não possuíssem o título da terra, moravam e produziam nos locais já ocupados. São os chamados posseiros. A Lei de Terras garantiu a sua permanência como ocupantes legítimos; porém, novas ocupações não poderiam se dar da mesma forma. Daí em diante, as terras teriam que ser compradas do Estado. O outro perfil é o de grupos que também ocupavam as terras de maneira irregular, mas falsificavam documentos de concessão das antigas sesmarias ou documentos de transmissão de posse como forma de serem reconhecidos como os verdadeiros donos da terra. Esses são os chamados grileiros. [...]

Por tudo isso, é possível concluir que a Lei de Terras de 1850, longe de contribuir para discriminar as terras públicas das privadas, serviu, em grande medida, como mecanismo para incorporação ilegal de terras públicas e consolidação de áreas griladas.

A partir de então, a grilagem se consolidou como uma prática lucrativa de controle da terra. À medida que a ocupação do território se intensificou, conflitos se multiplicaram entre posseiros, grileiros e proprietários. O progressivo adensamento da estrutura fundiária nas áreas de agricultura consolidada contribuiu no avanço e na busca por novas terras nas áreas ainda pouco cobertas, com baixa ocupação populacional.

É nas áreas de fronteira agrícola, onde o mercado fundiário é ainda balbuciante e a delimitação das propriedades muito imprecisa, que a grilagem se expressa com maior força e continua liderando, como no passado, a apropriação de terras. Nelas, o Estado não consegue conter a grilagem, por não ter um registro cartográfico completo das terras públicas, nem cadastro da delimitação precisa das propriedades privadas. [...]

As fronteiras agrícolas do Cerrado e da Amazônia, por exemplo, são notoriamente marcadas por grilagem e conflitos fundiários, onde é comum ver uma mesma terra sendo reivindicada por duas, três ou quatro pessoas distintas. Não por coincidência, as fronteiras agrícolas das últimas décadas se destacam pelo grande tamanho dos estabelecimentos agrícolas e por concentrar muita terra em poucas mãos.

Por essas características e pela incapacidade do poder público em regulá-la, a grilagem tornou-se, também, um dos motores da concentração fundiária no país. [...]

Existem muitos mecanismos jurídicos de execução da grilagem. A origem do termo é ligada ao uso de grilos trancados em uma caixa com documentos forjados, a fim de envelhecer artificialmente o documento para parecer mais legítimo. Hoje, porém, os protocolos de falsificação de documentos se sofisticaram, inclusive com o uso de técnicas digitais, e são facilitados pela própria legislação agrária e ambiental.

Os cartórios são a espinha dorsal do sistema, já que aceitam abrir matrículas com uma documentação incompleta ou suspeita. Uma vez que o proprietário tem o ônus de provar o desmembramento do imóvel particular a partir do patrimônio público, esse momento da alienação para um agente privado é o que se escolhe com maior frequência para forjar documentos, abrindo-se uma matrícula sem indicar a origem do imóvel.

A partir disso, se constrói uma cadeia dominial sucessória, através da qual é reconstituída toda a genealogia das sucessivas compras, vendas e transmissões de um bem desde a sua forjada saída do patrimônio público. [...]

Outra modalidade são as ações judiciais que procuram reconhecer terras devolutas como sendo privadas para driblar a proibição constitucional de usucapião de terras públicas. [...] A mesma operação pode ser realizada com declarações de posse que, mediante ação de um cartório conivente, podem ser transcritas como sendo registros de propriedade. Existe ainda, a técnica de retificação de área no registro de propriedade, na qual solicita-se que os limites de uma propriedade sejam modificados em cartório. Nesse caso, a matrícula existe, mas o pretense proprietário alega um erro na área registrada e solicita a ampliação dos seus contornos. [...]

Paralelamente, as medidas de regularização ambiental implementadas pelo Código Florestal de 2012 instauraram o Cadastro Ambiental Rural (CAR), que vem sendo usado como um cadastro fundiário informal nas operações de grilagem, para comprovar a ocupação e propriedade de terra. [...]

Além de usurpar uma terra pública, os registros digitais conflitam muitas vezes com outros ocupantes dessas áreas que ainda não têm os seus direitos reconhecidos. As organizações de defesa das populações indígenas e tradicionais se mobilizam para denunciar essas práticas e alertam o poder público sobre a urgência de fazer o CAR de todas as terras de uso ou propriedade coletivos. [...]

Os estudos realizados sobre os usos do CAR e dos mecanismos simplificados de regularização fundiária apontam a existência de esquemas organizados de grilagem e denunciam, ainda, uma relação causal entre desmatamento ilegal e grilagem. [...]

Um estudo do Instituto Socioambiental na Amazônia avaliou em 11,6 milhões o número de hectares registrados no CAR em nome de terceiros e sobrepostos a Unidades de Conservação federais na Amazônia em 2020. Se acrescentar a isso as Unidades de Conservação estaduais, TI e as florestas públicas não destinadas, as sobreposições de CAR de terceiros sobre áreas protegidas na Amazônia Legal chegam a 29 milhões de hectares, dentre as quais 3,5 milhões em Terras Indígenas. [...]

BÜHLER, Ê. A; ZUCHERATO, B; IZECKSOHN, J. *As novas faces da grilagem no Brasil*. In: Revista Ciência Hoje [CH 395]. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/as-novas-faces-da-grilagem-no-brasil/>>. Último acesso em 15 de junho de 2023. (Adaptado)

No trecho “A partir disso, se constrói uma cadeia dominial sucessória, através da qual é reconstituída toda a genealogia das sucessivas compras, vendas e transmissões de um bem”, o termo destacado se refere, CORRETAMENTE, a(à):

- a) Domicílio.
- b) Família.
- c) Domínio.
- d) Território.
- e) Âmbito.

95. [Q2905829]

TEXTO

NOVA PLANTA COMESTÍVEL DA FAMÍLIA DAS CEBOLAS É DESCOBERTA POR INDIANOS

Cebola, alho, cebolinha e alho-poró. O que esses vegetais têm em comum além de serem temperos deliciosos na culinária de diversos países (principalmente do Brasil)? Simples: todos eles são espécies de plantas pertencentes à mesma família (*Liliaceae*) e ao mesmo gênero (*Allium*).

Agora, a família cresceu (para alegria dos paladares apaixonados por um bom tempero). Pesquisadores da Índia descobriram no Himalaia uma nova espécie do gênero (*Allium*).

De acordo com um estudo publicado na revista científica *PhytoKeys* e conduzido por cientistas do *National Bureau of Plant Genetic Resources* (ICAR – Escritório Nacional de Recursos Genéticos de Plantas, em tradução livre) em Nova Déli, a nova planta, chamada *Allium negianum*, foi descoberta na área de fronteira indo-tibetana da Vila de Malari, que fica no Vale Niti, em Chamoli, no estado indiano de Uttarakhand.

A planta cresce de 3 mil a 4 mil metros acima do nível do mar e pode ser encontrada em solos arenosos ao longo de rios e riachos que se formam em pastagens de neve em prados alpinos (conhecidos localmente como “*bugyal*” ou “*bugial*”). Nesses locais, o degelo da neve ajuda a transportar as sementes de *negianum* para áreas mais favoráveis.

Com uma distribuição bastante limitada, essa espécie recém-descrita está restrita à região oeste do Himalaia e ainda não foi relatada em nenhum outro lugar do mundo. O nome científico homenageia Kuldeep Singh Negi, um eminente explorador e colecionador de *Allium* da Índia.

Embora nova para a ciência, a espécie é conhecida há muito tempo sob cultivo doméstico pelas comunidades locais. Enquanto trabalhava na pesquisa, a equipe ouviu falar de *phran*, *jambu* (não confundir com a planta comum na culinária paraense), *sakua*, *sungdung* e *kacho* – diferentes nomes locais para essa planta.

Até agora conhecida apenas na região do Himalaia ocidental, ela pode estar sob pressão de pessoas que desejam prová-la, e, por isso, os pesquisadores temem que a colheita indiscriminada de suas folhas e bulbos para tempero possa representar uma ameaça para a espécie na natureza.

Adaptado (<https://olhardigital.com.br/2021/10/18/ciencia-e-espaco/nova-planta-comestivel-da-familia-das-cebolas-e-descoberta-por-indianos/>)

"O Himalaia é a mais alta cadeia montanhosa do mundo; localizada entre a planície indo-gangética, ao sul, e o planalto tibetano, ao norte".

(Fonte:<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=1011&evento=7>)

Assinale a alternativa cuja palavra expressa corretamente o significado de "cadeia montanhosa".

- a) Serração.
- b) Vale.
- c) Cordilheira.
- d) Chapada.

96. [Q2905835]

TEXTO

NOVA PLANTA COMESTÍVEL DA FAMÍLIA DAS CEBOLAS É DESCOBERTA POR INDIANOS

Cebola, alho, cebolinha e alho-poró. O que esses vegetais têm em comum além de serem temperos deliciosos na culinária de diversos países (principalmente do Brasil)? Simples: todos eles são espécies de plantas pertencentes à mesma família (*Liliaceae*) e ao mesmo gênero (*Allium*).

Agora, a família cresceu (para alegria dos paladares apaixonados por um bom tempero). Pesquisadores da Índia descobriram no Himalaia uma nova espécie do gênero (*Allium*).

De acordo com um estudo publicado na revista científica *PhytoKeys* e conduzido por cientistas do *National Bureau of Plant Genetic Resources* (ICAR – Escritório Nacional de Recursos Genéticos de Plantas, em tradução livre) em Nova Délhi, a nova planta, chamada *Allium negianum*, foi descoberta na área de fronteira indo-tibetana da Vila de Malari, que fica no Vale Niti, em Chamoli, no estado indiano de Uttarakhand.

A planta cresce de 3 mil a 4 mil metros acima do nível do mar e pode ser encontrada em solos arenosos ao longo de rios e riachos que se formam em pastagens de neve em prados alpinos (conhecidos localmente como “*bugyal*” ou “*bugial*”). Nesses locais, o degelo da neve ajuda a transportar as sementes de *negianum* para áreas mais favoráveis.

Com uma distribuição bastante limitada, essa espécie recém-descrita está restrita à região oeste do Himalaia e ainda não foi relatada em nenhum outro lugar do mundo. O nome científico homenageia Kuldeep Singh Negi, um eminente explorador e colecionador de *Allium* da Índia.

Embora nova para a ciência, a espécie é conhecida há muito tempo sob cultivo doméstico pelas comunidades locais. Enquanto trabalhava na pesquisa, a equipe ouviu falar de *phran*, *jambu* (não confundir com a planta comum na culinária paraense), *sakua*, *sungdung* e *kacho* – diferentes nomes locais para essa planta.

Até agora conhecida apenas na região do Himalaia ocidental, ela pode estar sob pressão de pessoas que desejam prová-la, e, por isso, os pesquisadores temem que a colheita indiscriminada de suas folhas e bulbos para tempero possa representar uma ameaça para a espécie na natureza.

Adaptado (<https://olhardigital.com.br/2021/10/18/ciencia-e-espaco/nova-planta-comestivel-da-familia-das-cebolas-e-descoberta-por-indianos/>)

"Foi descoberta na área de fronteira indo-tibetana da Vila de Malari."

A palavra sublinhada no trecho acima foi formada pelo seguinte processo de criação de palavras:

- a) Derivação.
- b) Abreviação.
- c) Composição.
- d) Reduplicação.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Advérbios > Pronomes > Conjunções > Preposição

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Ocara - CE / Enfermeiro / Questão: 2

97. [Q2892444] **TEXTO 1**

O IMAGINÁRIO EUROPEU, AS VISÕES SOBRE O "NOVO MUNDO" E SUAS GENTES

Nos séculos XV e XVI, quando ocorreram as grandes viagens marítimas, os europeus se depararam com realidades que eram bastante estranhas para eles. O oceano era um lugar onde reinava o imprevisível, ou seja, os navegadores não tinham certeza do que poderia acontecer, nem do que poderiam encontrar pelo caminho. **As informações que eles tinham haviam sido retiradas, em sua maioria, de livros de outros navegadores,**

como por exemplo Niccoló Matteo, Marco Polo. Mas tais informações eram povoadas de mitos e superstições. Assim, ao partirem para as grandes viagens pelo oceano, os navegadores tinham em mente as informações de livros sobre viagens e também suas próprias crenças e mitos, que desde a Antiguidade povoavam seus pensamentos.

Essas informações míticas e supersticiosas pertenciam quase todas à tradição grega: Ctésias de Cnido, em 398 antes de Cristo, já escrevia sobre a existência de raças fantásticas como os ciápodas que possuíam um único e grande pé, os homens peludos, sem cabeça, e que tinham os olhos nos ombros, Plínio, em 77 depois de Cristo, também escrevia sobre os monstros e maravilhas que foram avistadas na Índia, como seres antropófagos (que comiam carne humana), seres andrógenos (que possuíam os dois sexos), etc.

E tais informações foram sendo adaptadas ao longo do tempo. Porém, em geral, mantiveram-se quase sem alterações até o século XVI. Dessa forma pode-se entender o fato de os navegadores europeus terem visto sereias, antípodas (criaturas com os pés virados para trás), cinocéfalos (criaturas com corpo humano e cabeça de cachorro que comiam carne humana), ciclopes (monstro caracterizado por ter um único olho no meio da testa), e outras tantas criaturas monstruosas e maravilhosas, quando viajaram por regiões desconhecidas.

O imaginário, ou seja, o conjunto das ideias e imagens que faziam parte da mentalidade dos europeus, foi projetado sobre aquilo que eles viram de diferente durante as viagens pelo mar, e também ao entrarem em contato com terras desconhecidas. Dessa forma, quando eles chegaram às terras que mais tarde chamaram de Continente Americano, tudo aquilo que havia de exuberante ou de estranho foi identificado com as imagens que já lhes eram familiares. Aquilo que já fazia parte do pensamento cotidiano dos europeus projetou-se sobre a realidade que estava diante deles e, dessa forma, eles puderam entendê-la. Foi por causa desse tipo de identificação que os europeus viram no “Novo Mundo” vários monstros e criaturas fantásticas e maravilhosas.

Foi também por causa dessa identificação que os europeus acreditaram ter chegado ao Paraíso Terrestre (que era o lugar onde se encontrava o estado original do mundo, ou seja, onde se encontravam a ausência do pecado original, a pureza e a liberdade). A natureza exuberante e os bons ares eram características que contribuíam para que o “Novo Mundo” fosse associado ao Paraíso. Comparando-se as características das novas terras com as paradisíacas e encontrando semelhanças entre elas, os europeus logo fizeram uma associação. Dessa forma, ficava mais fácil entender a existência dessas novas terras. Mas o Paraíso nem sempre foi identificado com o Novo Mundo. Ele migrava de uma região para outra, conforme os europeus iam descobrindo e conhecendo lugares novos: ele esteve no oriente, no meio do oceano, no Novo mundo etc.

Se existia a ideia de Paraíso, existia também a ideia de inferno entre os europeus contemporâneos ao período das grandes viagens marítimas. Eles eram homens profundamente religiosos e seus pensamentos eram marcados por uma constante luta entre o bem e o mal. Dessa forma, no Novo Continente não foram identificadas apenas características paradisíacas, como a vegetação exuberante, por exemplo, mas também demoníacas, os inúmeros insetos e animais peçonhentos, o forte calor e, principalmente, os costumes das gentes da terra, ou seja, dos indígenas.

Os indígenas foram também relacionados com seres que estavam presentes no imaginário dos europeus: suas características assemelhavam-se às dos “homens selvagens” que habitavam livremente os bosques, gozando de liberdade e vivendo com base em seus instintos. Todas essas características eram contrárias ao ser humano cavalheiro e cristão que os europeus tinham como modelo. Os rituais dos indígenas, suas danças, sua nudez, suas práticas sexuais, sua preguiça, seus deuses, suas práticas religiosas, foram vistos pelos europeus como ações demoníacas, sobretudo o ritual antropofágico, no qual se comia a carne humana.

Contudo, deve-se ter em mente que essas características que se atribuíam aos indígenas têm uma razão de ser, pois aqueles que escreviam sobre o modo de viver dos índios tinham uma visão centrada na religiosidade e nos padrões de vida europeus. Além disso, a identificação do que existia no imaginário europeu com a realidade contribuiu para que o diferente não fosse visto realmente como era, mas sim filtrado por algo que já era conhecido e comum.

Dessa forma, pode-se perceber que os europeus não viram os indígenas como seres humanos com um modo de vida diferenciado, mas identificaram-nos com os “homens selvagens”, desclassificando seus costumes e hábitos. E, do ponto de vista espiritual, os europeus consideraram as práticas indígenas demoníacas, identificando suas ações religiosas com bruxaria, feitiçaria e outros tantos rituais anti-cristãos, que já faziam parte de sua mentalidade. **Assim, eles conseguiram dar sentido à existência de seres humanos em uma região que, com base nas informações que tinham, só podia ser habitada por monstros e criaturas maravilhosas.**

Pode-se, por fim, concluir que a visão que os europeus tiveram do Novo Mundo e das gentes que o habitavam estava fundamentada no imaginário europeu que era marcado pela religiosidade e pela crença em uma série de mitos e superstições. Todas as imagens que permeavam o pensamento dos europeus, entre os séculos XV e XVI, acabaram sendo associadas à realidade do Novo mundo, de forma que ele pudesse ser entendido. Assim, as ideias de bem e mal, de Paraíso e Inferno, conduziram a visão que foi lançada sobre as novas terras e aqueles que a habitavam, ora edenizando-os, ora detratando-os.

(Adaptado de: SOUZA, Wanessa de. **O imaginário europeu, as visões sobre o "Novo Mundo" e suas gentes.** Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/oimaginarioeuropeuasvisoesobreonovomundoesuaasgentes.pdf>. Acesso em: 17/04/2023)

"As informações que eles tinham haviam sido retiradas, em sua maioria, de livros de outros navegadores, como por exemplo, Nicolló Matteo, Marco Polo."

Assinale a alternativa que apresenta a classe de palavras qual pertence o vocábulo sublinhado no trecho acima.

- a) Advérbio.
- b) Conjunção.
- c) Preposição.
- d) Pronome.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Verbos de ligação

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Jacareí - SP / Assistente Social / Questão: 5

98. [Q2820139]

Texto

Um empecilho na neurociência era a falta de uma visão clara de como as células cerebrais de animais se comportam durante muito tempo. Agora, pesquisadores de Harvard desenvolveram um jeito de acompanhar o que um neurônio faz durante um ano.

Em seu estudo realizado com camundongos, os cientistas contam terem desenvolvido um implante eletrônico capaz de coletar informações detalhadas sobre a atividade de uma única célula pelo período de um ano – sem atrapalhar as funções que ela desempenhava.

Um neurônio é uma célula muito pequena – medindo de 10 a 100 micrômetros –, que é a milionésima parte de um milímetro. Além disso, o seu pico de atividade elétrica é muito curto, durando apenas cerca de dois milissegundos.

Pesquisadores desse campo estão sempre à procura de melhores ferramentas para estudar as células do cérebro. Algumas técnicas, por exemplo, permitem detectar a atividade de células específicas para experimentos rápidos em pequenas regiões cerebrais – tanto em tecido recentemente removido ou por meio de sondas.

Contudo, por serem limitadas, essas condições não representam a realidade com a fidelidade necessária. Restritas a períodos curtos, elas não são capazes de fornecer informações detalhadas o suficiente para entender como a atividade muda com a idade e outras experiências de vida.

Conforme os pesquisadores, grande parte da dificuldade em fazer medições do tipo era consequência da incompatibilidade entre as propriedades mecânicas do tecido cerebral vivo e dos dispositivos eletrônicos de gravação.

“O cérebro é muito macio, como a textura de tofu ou pudim. Em contraste, os eletrônicos são rígidos. Qualquer pequeno movimento do cérebro pode fazer com que os sensores convencionais se desloquem e se movam no tecido cerebral vivo”, conta Jia Liu, líder do estudo. “Essa incompatibilidade na estrutura pode fazer com que células ao redor do local de implantação se degradem.”

Então, como forma de contornar o problema, a equipe de Liu desenvolveu um dispositivo implantável e o introduziu com segurança no cérebro da forma menos invasiva possível.

A implantação dos sensores nos camundongos cobaias resultou em distúrbios mínimos no tecido cerebral. Escolhendo quais neurônios específicos seriam vigiados, estava tudo certo para o início dos registros da atividade elétrica dessas células, acompanhadas ao longo da vida adulta dos roedores.

“Mesmo depois de um ano, não vimos nenhuma degradação dos neurônios que estávamos estudando”, relata Liu. Como constatou Liu, “não há outra tecnologia que possa rastrear o potencial de ação individual de uma dessas células em animais vivos ao longo desse tempo.”

Pensando em futuros experimentos, Liu planeja desenvolver ainda mais a técnica para que a atividade cerebral possa ser transmitida em tempo real do cérebro para análise em uma rede artificial; além de explorar diferentes usos dos sensores nanoeletrônicos.

“Talvez um dia esteja frio e cinzento lá fora, e você se sinta infeliz e de mau humor. Outro dia, está ensolarado e você está na praia e de ótimo humor. Como essas representações mudam no cérebro é algo que não pode ser estudado pela tecnologia atual porque não conseguimos rastrear de forma estável a atividade do mesmo neurônio”, diz ele. “Esta pesquisa supera completamente essa limitação. É o começo de uma nova era da neurociência.”

CAPARROZ, Leo. Cientistas gravam a atividade de um neurônio ao longo de um ano. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/cientistas-gravam-a-atividade-de-um-neuronio-ao-longo-de-um-ano/>>. Último acesso em 23 fev. 2023. (adaptado)

Considerando o trecho “Um empecilho na neurociência era a falta de uma visão clara de como as células cerebrais de animais se comportam durante muito tempo”, assinale a alternativa que apresenta um verbo com a mesma transitividade do vocábulo destacado.

- a) “Algumas técnicas, por exemplo, permitem detectar a atividade de células específicas”.
- b) “A equipe de Liu desenvolveu um dispositivo implantável”.
- c) “Talvez um dia esteja frio e cinzento lá fora”.
- d) “Essas condições não representam a realidade”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Mecanismos de coesão textual

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Prefeitura de Teutônia - RS / Pedreiro / Questão: 3

99. [Q3125968]

TEXTO

Consegue imaginar uma superfície bidimensional com apenas um lado? Esse estranho objeto que desafia o senso comum existe e é a fita de Möbius. Pode parecer absurdo, mas, se uma formiga caminhasse ao longo dessa fita, percorreria tanto a parte interna quanto a externa sem precisar saltar de um lado para outro. Não acredita? Siga o passo a passo em algum tutorial para montar a fita de Möbius, passe o dedo pela superfície dela e vai perceber que seu dedo vai voltar ao lugar de partida sem que seja preciso levantá-lo da fita.

Esse objeto surpreendente foi descrito, de forma independente, porém no mesmo ano de 1858, por dois matemáticos alemães, August Ferdinand Möbius e Johann Benedict Listing. De fato, Listing descreveu a fita alguns meses antes de Möbius, mas sua pesquisa foi publicada apenas em 1861. Além disso, Möbius era um cientista de maior prestígio naquela época, e seu nome prevaleceu na história.

Möbius e Listing foram pioneiros do campo da topologia, uma disciplina que estuda as propriedades dos objetos geométricos e suas características frente a forças que causam deformações, ou seja, como esses objetos podem ser torcidos, esticados, amassados e dobrados. O grande matemático Leonhard Euler foi o fundador da topologia, mas o estudo da fita de Möbius e suas curiosas características promoveu grandes avanços nessa área. As fitas de Möbius recebem uma classificação exclusiva na topologia, elas são objetos não-orientáveis. Explicando de forma simples, isso quer dizer que se desenharmos uma seta sobre ela, não podemos concluir se a seta está apontando para cima ou para baixo.

Möbius era filho de um professor de dança, que faleceu quando o menino tinha apenas 3 anos. Sua mãe era descendente direta de Martinho Lutero e educou o futuro matemático em casa até os 13 anos. A partir daí, Möbius começou a frequentar a escola no famoso monastério de Pforta, na Saxônia. Desde cedo, demonstrou afinidade pela matemática, mas, como sua família o pressionava para que seguisse uma carreira no Direito, iniciou seus estudos nessa área na prestigiosa Universidade de Leipzig. Foi lá que conheceu o matemático e astrônomo Karl Mollweide, e não teve dúvidas: trocou seu curso de estudos para astronomia e matemática. Mollweide era um cientista brilhante e foi grande influência na carreira de Möbius. Após se formar, ainda teve a fortuna de trabalhar na Universidade de Göttingen com ninguém menos que Carl Friedrich Gauss, o “Príncipe da Matemática”.

A carreira acadêmica de Möbius teve altos e baixos, em grande parte devido a sua timidez. Apesar de receber ofertas de instituições menos prestigiosas, ele almejava uma posição de professor titular na Universidade de Leipzig, mas as coisas não aconteceram como planejava. Ele não era visto como um orador

talentoso, e suas palestras e cursos não atraíam muitos alunos. Apesar de trabalhar na Universidade de Leipzig desde 1816, ele foi nomeado professor titular apenas em 1844. Möbius também era astrônomo do Observatório de Leipzig, onde fez inúmeras contribuições para a astronomia, no ramo que estuda os movimentos dos corpos celestes. Por isso, o cientista tem seu nome associado a diversas contribuições na matemática, como a Fórmula de Inversão de Möbius e a Função de Möbius, mas sua mais famosa descoberta, a fita de Möbius foi feita enquanto trabalhava em um outro desafio proposto pela “Académie des Sciences” da França: sobre a teoria geométrica dos poliedros.

Apesar de ser um matemático brilhante, a coincidência acerca da descoberta da fita ter sido feita por Möbius e Listing com apenas alguns meses de diferença pode não ter sido fruto do acaso. Os dois cientistas haviam sido alunos de Gauss, que por sua vez tinha o hábito de não publicar ou desenvolver todas as suas ideias. Em relação aos seus resultados, seu lema era *Pauca sed matura* (Poucos, mas maduros), ou seja, ele só publicava quando estava inteiramente satisfeito. Assim, uma grande parte dos seus trabalhos só foi descoberta após a sua morte. Muitos autores e historiadores atuais acreditam que a ideia original da fita veio de Gauss, e os dois cientistas desenvolveram o conceito.

Hoje em dia as aplicações da fita de Möbius vão muito além do que Möbius e Listing poderiam ter imaginado. Esse conceito pode ser usado não só em esteiras de aeroportos mas também em escadas rolantes de shoppings, para garantir que o desgaste aconteça de maneira uniforme e aumente a vida útil do equipamento; em fitas magnéticas que permitem a gravação e reprodução contínua de áudio; fitas de impressora ou de máquinas de datilografar; em resistores que não geram interferência magnética; na pesquisa de supercondutores; em estruturas de grafeno para componentes de nanoeletrônica, etc. A topologia também já esteve presente em pesquisas agraciadas com o prêmio Nobel, sendo o mais recente o Nobel da Física em 2016, que descreveu novos estados da matéria, com implicações importantes para o desenvolvimento de supercondutores e superfluidos.

Além das aplicações tecnológicas, essa estranha fita tem servido de inspiração para artistas, como o artista gráfico holandês M.C. Escher, com suas obras que desafiam nossa percepção. E para casais apaixonados, que veem a fita de Möbius como um símbolo do amor eterno, um caminho sem fim, que aparenta ter dois lados, mas só tem um.

LOBO, L. Como a fita de Möbius desafia o senso comum. In: Revista Ciência Hoje [CH 395]. Último acesso: 13 de junho de 2023. (Adaptado). Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/como-a-fita-de-mobius-desafia-o-senso-comum/>>.

“Möbius era filho de um professor de dança, que faleceu quando o menino tinha apenas 3 anos”. Assinale a alternativa que apresenta CORRETAMENTE os termos respectivamente referidos pelos termos destacados no trecho.

- a) “filho de um professor de dança”, “filho”.
- b) “um professor de dança”, “Möbius”.
- c) “um professor”, “Möbius”.
- d) “professor”, “filho”.
- e) “Möbius”, “um professor”.

Disciplinas/Assuntos vinculados: Língua Portuguesa > Análise sintática

Fonte: Consultoria Público-Privada - Instituto CONSULPAM 2023 / Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá ICTIM - RJ / Técnico Administrativo / Questão: 9

100. [Q2802237]

Texto

O Ministério da Saúde decretou situação de emergência na região da Terra Indígena Yanomami, a maior reserva indígena do Brasil, com 100 mil quilômetros quadrados distribuídos pela floresta amazônica entre os estados do Amazonas e de Roraima. O motivo? A morte de crianças por desnutrição.

A área ocupada pelos yanomami conta com grandes reservas de ouro, o que é um atrativo enorme para a mineração. Nísia Trindade, ministra da saúde, afirmou que o garimpo ilegal (que usa mercúrio, um metal tóxico), é a principal causa da crise sanitária que afeta os yanomami.

De 2016 a 2020, o garimpo em terras yanomami cresceu 3350%. E as consequências foram sentidas no ambiente: um laudo da Polícia Federal feito em meados de 2022 constatou que quatro rios da região tinham contaminação por mercúrio 8600% superior à concentração máxima para consumo.

Líquido à temperatura ambiente, o mercúrio é um metal cuja liberação indevida na natureza vem da atividade humana: usinas elétricas a carvão, processos industriais, incineradores de resíduos e, principalmente, na mineração de ouro.

O mercúrio é usado no garimpo para facilitar a separação. Ele se liga aos pequenos pedaços de ouro e forma uma amálgama, o que ajuda os garimpeiros a recolher o metal que interessa.

O processo tem um preço: para cada quilo de ouro extraído, são usados até oito de mercúrio, e a maior parte desse metal tóxico é jogado nos rios. Estima-se que esse descarte represente cerca de 38% das emissões de mercúrio no mundo. E a contaminação pela substância traz fortes efeitos negativos para o meio ambiente e para a saúde dos garimpeiros e das pessoas que vivem por perto.

Uma vez no ambiente, o mercúrio pode ser transformado por bactérias em metilmercúrio. Essa forma orgânica do metal é acumulada pelos organismos do rio – e a concentração aumenta conforme a cadeia alimentar avança.

Imagine que muitos plânctons contaminados por mercúrio virarão jantar de um único peixe. A carga de mercúrio, então, vai se acumular nesse animal. Na sequência, um grande predador que tenha esse peixe no cardápio vai se alimentar dele e de vários outros peixes que comeram plânctons contaminados. A dose de mercúrio vai ficando cada vez mais alta.

Essa é, justamente, uma das principais formas de exposição ao mercúrio. Cozinhar os peixes e mariscos não basta para se livrar do metal, e quem se alimenta desses animais torna-se mais um elo na cadeia de acúmulo da substância.

Diversas variáveis determinam se a contaminação vai ocasionar problemas de saúde e qual será a sua gravidade. Entre elas estão a dose de mercúrio, a idade da vítima, por quanto tempo ela ficou exposta e a via de exposição (inalação, ingestão ou contato com a pele).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), dois grupos são mais sensíveis aos efeitos do mercúrio. O primeiro são fetos que, geralmente, são expostos ao metilmercúrio no útero graças ao consumo de peixes e mariscos pela mãe. Eles podem ter o desenvolvimento neurológico prejudicado, afetando cognição, memória, atenção, linguagem e habilidades motoras da criança.

O segundo grupo são pessoas frequentemente expostas a altos níveis de mercúrio – por exemplo, populações que dependem da pesca de subsistência em regiões de garimpo. O metilmercúrio afeta os sistemas nervoso central e periférico, causando tremores, insônia, perda de memória, efeitos neuromusculares, dores de cabeça e disfunção cognitiva e motora.

Em doses elevadas, o envenenamento por mercúrio pode causar disfunção renal, insuficiência respiratória e até morte. No século 20, no que ficou conhecido como o Desastre de Minamata, uma indústria dessa cidade japonesa descartava materiais com mercúrio próximo a uma baía. 1.700 pessoas morreram por intoxicação ao consumir a pesca da região.

CAPARROZ, Leo. Intoxicação por mercúrio: entenda como o metal age no corpo. Disponível em: . Último acesso em 20 fev. 2023. (Adaptado)

No fragmento “o segundo grupo são pessoas frequentemente expostas a altos níveis de mercúrio”, o termo destacado exerce a função sintática de:

- a) Adjunto adnominal.
- b) Complemento nominal.
- c) Predicativo do sujeito.
- d) Predicativo do objeto.

Gabarito

Criado em: 22/10/2024 às 11:10:34

(1 = b) (2 = c) (3 = a) (4 = d) (5 = a) (6 = b) (7 = b) (8 = b) (9 = c) (10 = c) (11 = c) (12 = b) (13 = c) (14 = c) (15 = c) (16 = a) (17 = d) (18 = b) (19 = b) (20 = d) (21 = a) (22 = b) (23 = c) (24 = d) (25 = c) (26 = e) (27 = b) (28 = e) (29 = a) (30 = c) (31 = b) (32 = d) (33 = d) (34 = d) (35 = c) (36 = d) (37 = b) (38 = d) (39 = c) (40 = a) (41 = d) (42 = c) (43 = a) (44 = d) (45 =

b) (46 = a) (47 = a) (48 = c) (49 = b) (50 = d) (51 = b) (52 = c) (53 = c) (54 = a) (55 = b) (56 = d) (57 = b) (58 = b) (59 = d) (60 = a) (61 = c) (62 = a) (63 = b) (64 = a) (65 = b) (66 = d) (67 = d) (68 = b) (69 = d) (70 = c) (71 = c) (72 = b) (73 = b) (74 = c) (75 = b) (76 = d) (77 = a) (78 = d) (79 = b) (80 = c) (81 = b) (82 = a) (83 = c) (84 = a) (85 = b) (86 = c) (87 = c) (88 = c) (89 = a) (90 = a) (91 = e) (92 = b) (93 = b) (94 = c) (95 = c) (96 = c) (97 = d) (98 = c) (99 = b) (100 = b)